



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

CAMILA HOLANDA MARINHO

**AFETOS DE RUA:
CULTURAS JUVENIS E AFETIVIDADES NOS BASTIDORES DA CIDADE.**

FORTALEZA
2012

CAMILA HOLANDA MARINHO

AFETOS DE RUA:
CULTURAS JUVENIS E AFETIVIDADES NOS BASTIDORES DA CIDADE.

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glória Maria dos Santos Diógenes

FORTALEZA
2012

CAMILA HOLANDA MARINHO

AFETOS DE RUA:
CULTURAS JUVENIS E AFETIVIDADES NOS BASTIDORES DA CIDADE.

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Glória Maria dos Santos Diógenes (UFC)
Orientadora

Prof. Dr. Paulo César Rodriguês Carrano (UFF)

Prof^a. Dr^a. Rosemary de Oliveira Almeida (UECE)

Prof. Dr. César Barreira (UFC)

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva (UFC)

Para minha tia *Geísa*,
Que mesmo quando faz deserto
tem cores verdes,
Que diante do silêncio
entoa canções,
Que mesmo quando apaga a luz
resplandece na lembrança.
Grata por permanecer (viva).

AGRADECIMENTOS

À Glória Diógenes, minha orientadora de tantas lições, que trilhou ao meu lado um percurso guiado por cumplicidades, afetividades e valiosos ensinamentos, orientando-me como mulher e como pesquisadora das coisas da vida social.

Ao meu querido César Barreira, com quem iniciei meus primeiros caminhos nas ciências sociais e desde lá sempre esteve presente de modo zeloso e cuidador, direcionando-me a realizar diferentes e estimulantes aventuras sociológicas.

Ao Machado Pais, que se tornou, ao longo dessa travessia, um amigo gentil e atencioso. Sou grata por ter me presenteado com seus afetos, pela sua generosidade e entusiasmo com os meus devaneios de pesquisa.

Ao Cristian Paiva, interlocutor especial, com quem tive um grande e afetoso encontro durante o curso de doutorado. Cristian apresentou-me uma vasta literatura que foi imprescindível para a realização desse trabalho.

À Rosemary Almeida, presente em diferentes momentos de minha trajetória, tecendo valiosas considerações em todas as etapas, pesquisadora por quem tenho uma enorme admiração e estima.

Ao Paulo Carrano, pela leitura e considerações tecidas sobre o meu trabalho, que proporcionaram importantes reflexões e estímulos sobre os modos de vida juvenil.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC, especialmente Irllys Barreira, Andréa Borges Leão e George Paulino, mestres que fazem das ciências sociais da nossa universidade um lugar raro e especial.

À minha queridíssima Alba Carvalho, esta grande mestre e amiga por quem nutro muito amor, que me guia e me acolhe numa rede de afetividades tecida ao longo de toda a minha trajetória de vida, especialmente desde minha chegada em Fortaleza.

À amiga Jânia Aquino, por quem tenho muita admiração, por sua cumplicidade nas trilhas caminhadas juntas ao longo dos anos, por sua bravura como pesquisadora, algo raro e inspirador, por sua amizade sincera.

Aos integrantes do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), Kalina, Markos, Larissa, Letícia e Élcio, e especialmente a Leonardo Sá, por, em diferentes e inusitadas vias de reflexão, me entusiasma com suas formas de engajamento.

Aos meus colegas de turma, Maurício, Daniele, Evânia, Fernanda, Marcelo e Gledson, por tornar o percurso e as aulas do doutorado mais saborosas e regadas por debates fecundos e solidários.

A Luis Fábio Paiva, amigo de muitos (per)curso e parceiro de vida. Ao Igor Monteiro, por tornar doces os momentos áridos. Agradeço a esses a amigos o calor de seus afetos e o frescor das tardes boêmias em cantos acadêmicos.

Às amigas Isaurora Martins, Leila Passos e Analúcia Bezerra, pela inspiração e por, em diferentes momentos, tornarem-se imprescindíveis em minha vida como pessoa e pesquisadora. Nutro uma grande admiração por seus percursos profissionais e pessoais.

À Flavinha e ao Lindomar, amigos queridos com quem vivi bonitos, animados e produtivos momentos em Lisboa. Pelos encontros no café do ICS, pelos almoços e jantares, pelas imperiais, pelas viagens, pelas lições, por partilharem comigo um momento muito especial de minha vida.

À Roselane Bezerra, por proporcionar um pedacinho de Fortaleza em Lisboa; ao Paulo Alcobia, por me ensinar sobre vinhos e Portugal; e ao pequeno Antônio, que peguei no colo assim que chegou à vida.

Aos amigos com quem compartilhei o percurso português, tornando-o sublime: Inês Carreira, uma portuguesa de alma brasileira, que foi cúmplice sempre; Jander Nogueira, um brasileiro de alma portuguesa; e aos amigos pesquisadores que tornaram a vida em Lisboa muito mais feliz e com quem partilhei momentos que, para todos, tinham o mesmo significado afetivo: Jú, Pri, Paulinho, Marcelo, Zé, Sabrina e Marcela. Agradeço também à Lídia e à Susana, por me apresentarem Lisboa, tornado-a um lugar de referência afetiva.

À minha família brasileira em Portugal: Vanessa, Mateus e Dona Maria, que possibilitaram um contexto afável e familiar, recheado por quitutes brasileiros; e Vinicius e Marco, por tornar o afável contexto contornado por uma rara, fecunda e primorosa boemia.

Especialmente, agradeço aos amigos com quem partilho a vida cotidiana, que a palavra amor, por si só, não consegue expressar tanto sentimento. Por colos e afagos, por estímulos e trajetos, pela presença constante em minha vida: Gigio, Mac, Ju, Renato, Paulinho e Aline. Amigos de toda uma vida.

À Clarissa, por me ensinar sobre o verdadeiro sentido da palavra amizade. À Edma, pelas partilhas, por só ela saber. À Viviane, pela amorosidade. Com essas amigas, sinto-me fortalecida e entusiasmada a trilhar os caminhos da vida e inspirada a reinventá-los.

À minha comadre, Paula Fabricia Mesquita, antes de tudo, pelo Enrico, meu afilhado querido, que tornou a vida mais terna, e por Charles Mesquita, zeloso amigo cuidador.

À Norah Monteiro, por ser uma boa fazedora de momentos e pessoas, por ter sido parceira no momento mais delicado da escrita, pelo cuidado e carinho.

Aos amigos Paula Vieira, por sua doçura e carinho; Adriano Caetano, pelas dicas e orientações; Tiago Araújo, pela interlocução; e Juliana Justa, pelo entusiasmo e revisão impecável.

Aos meus colegas professores Elivânia Moraes, Edna Leite, Áurea Montenegro, Deborah Farias, Patrick Walsh, pela compreensão e partilha do árduo momento final da escrita e, especialmente, ao amigo Irapuan Peixoto, parceiro de muitos tempos e lugares, por quem nutro uma grande admiração.

À Neide Alves e Dione Marques, pelo carinho, por facilitar encontros e pelo cuidado com a vida de Glória e César, pessoas preciosas e imprescindíveis.

Ao Aimberê e à Socorro, exímios profissionais, zelosos ao secretariar a Pós-Graduação em Sociologia da UFC, pessoas sempre disponíveis a ajudar.

A Capes, por ter me agraciado com bolsas de estudos para a realização do doutorado no Brasil e pela minha inserção no Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE).

Aos amigos Nei, Rafael, Paulinha, Marcilene, Zuila, Rodrigo, Franklin, Brigitte e Ana Paula, os heróis das instituições, as pessoas que tornaram os caminhos metodológicos possíveis, por serem raros e aguerridos na “luta/aventura” que traçaram para suas trajetórias de vida em defesa dos direitos de crianças e adolescentes de Fortaleza.

Aos narradores, que me emprestaram suas histórias e compartilharam seus afetos comigo e por mim. Agradeço pelos caminhos cruzados, pelos ensinamentos e sentimentos. Certamente, nossas trocas de confidências tornaram-me uma pessoa mais sensível e comprometida.

À minha família, por tudo que sou, por tudo que tenho, por tudo que busco. À Minha mãe, Hebe, agradeço o maior amor do mundo, por me ensinar que a alegria é essencial, por ter presenteado minha vida com a presença tão zelosa de seu companheiro Silvio. Sou grata ao Thiago, por uma história de cumplicidades e trajetos afetivos, por trazer Mirela e a sua beleza para as nossas vidas, e porque eles são os pais de Benjamim, o filho da felicidade, o neto do Alejandro, tão querido, que torna tudo mais especial. Ao Rodrigo, por me ensinar sobre levezas, e por Diana, pelo anúncio dos belos dias que estão por vir. Com eles, teço os fios de afetividades e das fortalezas vitais. Para eles, dedico minhas felicidades.

ALBERTO CAEIRO.

“O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar
mais depressa,
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar
bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa que
está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a
desejar.

Se a não vejo, imagino-a e sou forte como
as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito
do que sinto na ausência dela.
Todo eu sou qualquer força que me
abandona.
Toda a realidade olha para mim como um
girassol com a cara dela no meio”.

RESUMO

Essa pesquisa busca compreender como são constituídas as narrativas amorosas de jovens com experiência de moradia de rua, considerando que a rua é um palco das performances de culturas juvenis, assim como um lugar de encontros de afetos. Portanto, os discursos amorosos desse grupo são reveladores de suas trajetórias de vida. Do mesmo modo, sinalizam signos de vínculos à rua, considerando que esses jovens são constantemente atravessados por experiências de vinculações emotivas, quer seja com pessoas ou com lugares, em seus trajetos cotidianos. Diante disso, designo a rua como o *locus* dessa pesquisa, pois ela representa um caleidoscópio de emoções, formada por pequenos, porém múltiplos, fragmentos de sentimentos estáveis e inconstantes que se movimentam, assim como os corpos dos indivíduos que a compreendem como uma referência de moradia. Os narradores dessa pesquisa são os jovens, indivíduos que experimentam essas múltiplas emoções, percebidos, em geral, por instabilidades emocionais, mas que, por movimentarem-se no terreno do acaso, das circunstâncias, das contingências, traçam mapas culturais e afetivos singulares a suas experiências de vida. Com esse cenário, proponho uma reflexão sobre os afetos de rua através de expressões narrativas, performáticas e gestuais produzidas por essa cultura juvenil. Através da observação participante, inseri-me em campo, constituído por uma metodologia de análise fundamentada na ideia de uma “narrativa das narrativas”, portanto, privilegiando os relatos dos jovens e da pesquisadora sobre a polifonia de um campo de pesquisa.

Palavras-chave: Culturas juvenis. Afetividades. Experiência. Nomadismo. Cidade.

ABSTRACT

This research seeks to understand how love narratives are constituted by young people with experience of housing street, considering the street as a stage for performances of youth cultures, as well as a meeting place of affection. Therefore, the love discourses in this group are revealing their life trajectories. Similarly, it indicates signs of ties towards the street, considering that these young people are constantly traversed by the experiences of emotional ties, whether with people or places, in their daily paths. Therefore, I designate the street as the locus of this research, because it represents a kaleidoscope of emotions, consisting of small but multiple fragments of stable and unstable feelings that move, as well as the bodies of the individuals who understand the street as a housing reference. The narrators of this research are young individuals who experience these emotions, perceived, in general, by emotional instability, but, due to the fact that they move into the realm of chance, circumstances, and contingency, they draw cultural and affective maps that are unique to their life experiences. Within this scenario, I propose a reflection about the street affections through the narrative, performative and gestural expressions produced by the youth culture. Through participant observation, I entered the field, which was composed of an analysis methodology based on the idea of a 'narrative of narratives', thus emphasizing the young and the researcher stories about the polyphony on a search field.

Keywords: Youth cultures. Affectivity. Experience. Nomadism. City.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – TRAÇADOS AFETIVOS: UM RELATO DE CAMPOS EM PESQUISA	33
1.1. Singularidades inquietantes: a pesquisadora e as armadilhas de um método.....	33
1.2. Trilhas e caminhos metodológicos: disposições, decepções e invenções em uma pesquisa de campo.....	48
1.3. Perambulações: a socióloga, a instituição e as redes afetivas.....	55
CAPÍTULO 2 – CULTURAS JUVENIS E AFETIVIDADE: DELINEANDO AS FRONTEIRAS AFETIVAS NA CIDADE	64
2.1. Nos rastros de corpos que circulam pela cidade.....	67
2.2. Juventude, experiência e nomadismo.....	78
2.3. Sobre os afetos de rua.....	101
CAPÍTULO 3 – HISTÓRIAS DE AMOR SEM FIM	120
3.1. Pedro, um capitão do asfalto.....	122
3.2. Quando ele é o romântico da história.....	127
3.3. Fugindo do destino.....	134
3.4. Possibilidades redesenhadas, amores desejados: a história de Mariana.....	138
3.5. Corpos Nômades.....	143
3.6. Deslocamentos, ilegalismos e afetividades.....	146
3.7. Cumplicidades de Juliana.....	153
3.8. Sobre as (in)verdades (re)inventadas.....	157
3.9. Caminhos, trilhas e encruzilhadas.....	162

3.10. Últimos (ou não) capítulos dessa história.....	168
CAPÍTULO 4 – CARTOGRAFANDO SENTIMENTOS: O DIÁRIO DE PAULA.....	173
4.1. Traços de vida.....	175
4.2 Os escritos de Paula: intensidades, ambiguidades e transgressões.....	180
4.3. Grafias biográficas e narrativas amorosas.....	218
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	221
REFERÊNCIAS.....	227

INTRODUÇÃO

*É fácil trocar as palavras,
Difícil é interpretar os silêncios.
É fácil caminhar lado a lado,
Difícil é saber como se
encontrar.
É fácil beijar o rosto,
Difícil é chegar ao coração.
É fácil apertar as mãos,
Difícil é reter o calor.
É fácil sentir o amor,
Difícil é conter sua torrente.*

Fernando Pessoa.

Esse trabalho é cercado por afetividades: Interlocutores, aproximações, tempos, experiências. As linhas seguintes expressam um afeto que tomou conta de minha trajetória nos últimos anos e que, certamente, não cessará após o processo de conclusão dessa tese. Tudo iniciou-se sem que eu tivesse percebido, estruturando ritos iniciatórios de uma significativa experiência de pesquisa. Estava simplesmente escutando histórias de amor sentada em um banco de uma praça em Fortaleza. Paulatinamente, fui percebendo que essas histórias revelavam um interessante universo sobre os modos de vida juvenis. Parei com tudo, mudei de lugar, observei por um outro ângulo e retornei a um campo que há muito tempo me chamava de volta: os bancos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Já havia uma movimentação em mim que mobilizava um sentimento nômade, como se já tivesse chegado a hora de uma transgressão não só de lugares, como de desejos e de formas de interação social. César Barreira, meu iniciador em pesquisas sobre a vida social, incansavelmente me chamava de volta. Glória Diógenes, minha cúmplice em diferentes aventuras sociológicas e antropológicas, mostrou-me que um “achado de pesquisa” tinha me encontrado. Abanquei-me novamente nas cadeiras do Benfica, o bairro de tantos devaneios acadêmicos, seja com os colegas de turma nas salas de aula (reconheço que tive um seleto grupo de colegas de curso); nos seminários, através das falas dos “mestres” ou dos convidados que por aqui desembarcaram em viagens epistemológicas; ou com os grandes amigos de uma vida toda nas Ciências Sociais da UFC, que tornaram a boemia no Benfica um cenário de grandes encontros e debates socioantropológicos.

A minha relação com a temática da juventude sempre representou um marco afetivo em minha trajetória de pesquisa. Tudo começou quando realizei um estudo sobre as viúvas dos jovens envolvidos em gangues na cidade de Fortaleza por ocasião de minha dissertação de mestrado¹. Nesse trabalho, fiz uma análise do modo de vida dessas jovens garotas que tiveram filhos com jovens que foram mortos devido aos seus envolvimento em situações de violência em meados dos anos 2000. Produzi reflexões sobre o significado da maternidade, da morte e da violência nas trajetórias de vida dessas jovens garotas. Desde então, as trilhas que percorro para entender a juventude contemporânea sempre foram marcadas por narrativas recheadas de afetividades, de emoções à flor da pele, de desabafos e confidências e de muitas declarações de amor. Assim, meus encontros de pesquisa também são encontros de sentimentos em incessante movimento. Confesso que os anos de escuta das narrativas sobre os afetos dos jovens mobilizou em mim desejos que produzem vontades de intervenção que ultrapassam muros institucionais. Minha trajetória sempre aliou reflexão e ação, costurada por um certo idealismo de transformação, capaz interferir nas trajetórias de jovens com vidas marcadas por situações de violência e desigualdade social.

Não acredito em ciência que não seja capaz de derrubar os muros institucionais e instituir novas formas de olhar, agir e sentir, entrelaçando esferas da vida pessoal com esferas da vida social, como afirma Wright Mills (2009) na primeira lição do artesanato intelectual. Para Mills (2009), o artesanato está no centro da prática do pesquisador, é algo vivido cotidianamente e registrado em diários que compõem um arquivo pessoal de anotações que podem acontecer sem que seja uma demanda de pesquisa, mas sim por ser algo experienciado. Na tessitura desse artesanato, a experiência se destaca, como afirma o autor:

Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar essa ação recíproca bastante complexa, apreender o que experiência e classificá-lo; somente dessa maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão, e nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual (MILLS, 2009, p. 22).

¹ Ver MARINHO, Camila Holanda. **Jovens Viúvas:** o universo interdito da violência urbana juvenil. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

Portanto, fui afetada, tomada, acometida pelas histórias de amor dos jovens com experiência de moradia de rua que conheci através de uma experiência institucional vivida no âmbito de políticas públicas para a infância e juventude, sendo fundamental para a elaboração do projeto de pesquisa que originou essa tese de doutorado. Portanto, a condição juvenil sempre foi um tema que se destacou em minhas inquietações e reflexões nas ciências sociais, que com o tempo fez com que eu pudesse vivenciar outras atuações profissionais, não só em pesquisa, como também na gestão pública e na participação em movimentos sociais. Essas preocupações analíticas surgiram devido à minha inserção em um lugar demasiado afetivo para mim: o Laboratório de Estudos da Violência da UFC. Foi lá que vivi minhas primeiras experiências com pesquisas iniciadas através de uma atividade que, na época, eu considerava cansativa e pouco prazerosa: a organização de um acervo hemerográfico.

Desde aquela época, os bolsistas de iniciação científica tinham como tarefa organizar um arquivo com matérias sobre os fenômenos da violência, recortando as notícias, tipificando e arquivando nas gavetas dos armários de ferro. Até hoje, esses armários estão no Laboratório e guardam as pastas com esse material, que eu e minha amiga Jânia Perla de Aquino levamos meses para organizar. Hoje, essa atividade ainda acontece no LEV, mas as tesouras e colas foram substituídas pelos computadores, que possibilitam, por meio de outras formas de “cortar” e “colar”, a atualização desse extenso e significativo material de pesquisa. Até hoje brincamos dizendo que “cortar e colar” é o ritual de iniciação dos levianos (é assim que chamamos os pesquisadores do Laboratório). Entre esses recortes, deparei-me com uma notícia sobre as viúvas das gangues, e, assim, fui ao encontro de suas histórias de vida, iniciando meu percurso em temas sobre a juventude. César Barreira, nosso coordenador e mentor das aventuras de pesquisa, acredita que esse trabalho é uma forma interessante para acessarmos algumas informações preliminares que são importantes sobre os fenômenos da violência e, na verdade, ele foi fundamental para eu encontrar uma temática de estudo, podendo, dessa forma, traçar as trilhas e roteiros de investigação no início da minha trajetória nas ciências sociais, que me acompanham até os dias atuais.

Em virtude dessa sensibilidade e experiência temática, recebi um convite para gerenciar os programas sociais de um órgão da Prefeitura de Fortaleza

responsável pelas políticas para a infância e adolescência. Dentre os programas, havia um, em especial, que me chamou logo a atenção: a “Equipe de Rua”, portanto, o grupo formado pelos educadores sociais que realizam a abordagem de rua na cidade. Logo tive uma simpatia especial por esse grupo e percebi como era desafiador o cotidiano de trabalho de pessoas que estavam envolvidas com questões relacionadas aos jovens que viviam nas ruas. Posso dizer que esse programa logo se tornou, para mim, a “menina dos olhos”. Integrei, juntamente com uma equipe formada por outros profissionais da instituição, um grupo de trabalho que teve como objetivo criar novas diretrizes de atendimento às crianças e jovens moradores de rua, subsidiados pela promoção dos direitos humanos, da arte-educação e da redução de danos no trabalho de abordagem de rua. Utilizamos a “observação participante” como uma orientação nesse trabalho de campo. Como nas ciências sociais sempre privilegiei, em minha trajetória de pesquisa, o uso dessa metodologia, não fiz diferente na gestão pública. Portanto, organizava parte do meu tempo de trabalho para estar com os jovens e as crianças atendidas, ouvindo e anotando suas histórias, quando eles estavam nas ruas ou nas instituições de atendimentos vinculadas ao meu gerenciamento na época. Isso me rendeu laços afetivos bastante intensos com jovens que conheci no ano de 2005 e com quem até hoje mantenho contato.

Afetada pelos modos de vida juvenil nas ruas, deparei-me, certa vez, com uma narrativa muito reveladora sobre o onirismo (e o realismo) que circunda o cotidiano desse grupo de jovens através do filme “As ruas de Casablanca”, de Nabil Ayouch (2000). O autor fez uma “etnografia fílmica”, ao construir uma obra de ficção sobre a vida de meninos moradores de rua no Marrocos, convidando eles próprios para protagonizarem suas próprias histórias de vida. A narrativa se constitui como uma fábula da vida cotidiana, que encena e cartografa diversos sentimentos que a vida na rua desperta, portanto, a solidariedade, o amor, a rixa, a alegria, a dor, mobilizando no autor o desejo de construir um filme que afetasse as pessoas:

As Ruas de Casablanca não é somente um manifesto em favor das crianças de rua - é acima de tudo um conto de fadas. Um conto de fadas urbano unindo os destinos de três crianças que querem enterrar seu melhor amigo. Essas crianças poderiam morar em qualquer país. Poderiam ser nossos filhos. Mas são meninos de rua... e moram muito perto, em Marrocos (Nabil Ayouch, contracapa do referido DVD).

Um dos destaques do filme é a ressalva ao mundo onírico, característica essa muito presente nas narrativas dos jovens moradores de rua². A leitura de seus discursos são leituras de “interpretações das interpretações” que eles elaboram sobre suas trajetórias de vida, e, dessa forma, o real e o imaginário se confundem, se entrelaçam, se fundem com muita frequência. Essas construções narrativas colocam os pesquisadores em confronto com desafios, inseguranças e incertezas, ao mesmo tempo em que propiciam disposições inventivas para a elaboração de métodos que possibilitem sua “entrada” no mundo da rua, em busca das interpretações e construções simbólicas, portanto, de “verdades inventadas” narradas pelos jovens com experiência de vida na rua. Como uma das estratégias de inserção em campo, busquei me aproximar dos interlocutores em diferentes lugares e situações, tornando-me íntima, apegando-me a eles e às suas histórias, o que certamente desenvolveu um outro desafio para a pesquisadora: o estranhamento com o familiar. A relação entre pesquisador e pesquisado é um “encontro de afinidades”, como designa Gilberto Velho (1999, p. 129), isso demonstra a “necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa”.

Irene Rizzini (2003) destaca, em *Vida nas Ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis*, que desde a década de 90 do século XX pesquisas de cunho qualitativo apontam que muitas crianças e adolescentes que vivem nas ruas das cidades brasileiras possuem família e que também estão nas ruas em busca de retornos financeiros que possam garantir um dinheiro a mais na renda familiar. Pesquisas realizadas nos primeiros anos do século XXI reafirmam o diagnóstico de que crianças e adolescentes que perambulam pelas ruas das cidades brasileiras possuem famílias, mas que vivem algum tipo de conflito familiar ou comunitário que impossibilita o retorno a esses lugares. Segundo dados da pesquisa “O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil”, realizada em 2004 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Conselho Nacional dos Direitos de Crianças e Adolescentes (CONANDA), realizada com os abrigos que possuem financiamento do governo federal, 87% do universo pesquisado são crianças e adolescentes que possuem família e 11,3% são pessoas que não possuem nenhum tipo de vínculo familiar.

² As expressões “moradores de rua” e jovens que “vivem nas ruas” são categorias nativas que serão utilizadas nesse trabalho para designar o referido grupo juvenil.

Esse mesmo estudo aponta que a violência doméstica é um dos elementos que impulsiona a saída dos meninos e das meninas de suas casas e comunidades.

É importante contextualizarmos o tempo e o lugar para refletirmos sobre as crianças e jovens moradores de rua³. Cada cidade e época apresentam especificidades sobre esse fenômeno social que também estão entrecruzadas com questões mais gerais. Pesquisas mais recentes, além de continuarem destacando a violência doméstica como impulsionadora, passam a destacar questões relacionadas aos conflitos comunitários, geradores de ameaças de morte, e muitas vezes ligadas ao tráfico de drogas, como elementos que causam, dificultam e muitas vezes impossibilitam que crianças e jovens vivam com suas famílias em suas comunidades. Portanto, são situações que os expulsam dessas redes sociais. É comum ouvir dos jovens que muitos não voltam para casa porque são ameaçados de morte em suas comunidades. Portanto, o motivo das saídas não é justificado somente pela violência doméstica, mas por fatores externos à convivência familiar. É importante destacar que parte dessas intimidações está relacionada ao consumo de crack⁴, que passa a desenhar um novo perfil de crianças, jovens e adultos que vivem nas ruas de diversas cidades brasileiras.

Não devemos desconsiderar a compreensão de que a rua é um lugar que produz situações de violência. Durante suas travessias por diferentes lugares na cidade, os jovens, em determinados momentos, “saem das ruas” e abrigam-se em casas de familiares e amigos, assim como em instituições de acolhimento institucional (os abrigos). Eles reconhecem que até completarem 18 anos de idade há um leque diverso de opções que facilita a permanência nas ruas e que, após a maioridade, essas possibilidades diminuem. É nesse momento que o tempo de permanência contínua na rua aumenta. Eles saem temporariamente das ruas por

³ Ver trabalhos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) sobre o tema realizados por Andréia Borges Leão, “Uma casa de meninos e meninas no Coração de Jesus”, dissertação de mestrado defendida em 1993; Diocleide Lima Ferreira, “O dia é da Rua, a noite do Albergue: condições e contradições de um abrigo de regime aberto para adolescentes em situação de rua na cidade de Fortaleza”, dissertação de mestrado em 2000 e Lídia Valesca Bonfim Pimentel, “Vida nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade”, tese de doutorado defendida em 2005.

⁴ Droga produzida a partir da mistura de pasta de cocaína com bicarbonato de sódio, que é fumada e rapidamente atinge o sistema nervoso central dos indivíduos. Sua comercialização acontece com a droga em formato de pedra, o que leva muitas pessoas a chamá-la apenas de “pedra”. Possui um alto poder alucinógeno e de dependência química e um preço mais barato do que a cocaína. Em Fortaleza, é a droga mais consumida pelos moradores de rua, delineando percursos mais degradantes e violentos a esses sujeitos sociais.

diferentes motivos: cansaço, doença, gravidez, medo, ameaças, conflitos, enfim, motivações concatenadas com as situações vivenciadas na rua. Grande parte está relacionada com as práticas ilegais realizadas em decorrência do envolvimento com o tráfico de drogas, dívidas com traficantes, ameaças de policiais ou outros inimigos, roubos e assaltos praticados, comércio do sexo (que pode envolver algum tipo de golpe), entre outros casos ligados a atos criminosos. Diante disso, prefiro tratar os lugares e as pessoas citadas nesse estudo através de representações fictícias, ocultando identidades que possam causar algum tipo de constrangimento aos interlocutores e à pesquisadora.

Uma dimensão importante que mobiliza crianças e jovens a viver nas ruas está relacionada à esfera subjetiva, ao mundo dos desejos, ao campo das escolhas, pois sabemos que nem todos que possuem conflitos familiares e comunitários vivem nas ruas. Os indivíduos são mobilizados por escolhas e desejos que os fazem tomar a atitude de viver nas ruas. A idealização do encontro com a liberdade que a rua proporciona é um discurso fácil de ouvir através das narrativas das crianças e jovens. O sentimento de liberdade é uma força impulsionadora, mas a vida nas ruas demonstra que essa liberdade é regulada, pois existem territórios de conflitos e disputas que fazem com que determinados lugares não sejam de livre acesso a todos. Sabemos que cada lugar, considerando similitudes e diferenças, possui suas características singulares de produção de um fenômeno social. Por ser uma cidade marcada por graves índices de desigualdade social⁵, não devemos nos restringir à pobreza e à desigualdade como fatores determinantes para que meninos e meninas vivam nas ruas de Fortaleza. Observa-se nos discursos das crianças e jovens que muitos estão vivendo hoje nas ruas porque fizeram essa escolha motivados por sentimentos de liberdade, de prazer, de felicidade, assim como muitos afirmam que foram em busca de diversão, apesar de considerarem os riscos que a vida nas ruas produz. A complexidade de entendimento desse fenômeno se dá quando analisamos dimensões relacionadas às expectativas e aos modos de vida que são produzidos pelos jovens a partir de suas experiências de vida na casa e na rua, além das formas de atração que a rua proporciona.

⁵ De acordo com o documento produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU), "O Estado das Cidades do Mundo 2010/2011: unindo o urbano dividido", Fortaleza está na lista das 20 cidades mais desiguais do mundo, ocupando a 13ª posição. Com cinco cidades integrando a lista – Goiânia (10ª), Belo Horizonte (13ª), Fortaleza (13ª), Brasília (16ª) e Curitiba (17ª) –, a ONU constata que o Brasil é o país com maior distância social na América Latina.

Em Fortaleza, atualmente, as crianças e os jovens ocupam pontos na cidade de forma transitória, estabelecendo uma não fixação mais permanente, como faziam em outras épocas. Anteriormente, existia uma concentração mais regular em diferentes lugares, como nas praças do centro da cidade, na Avenida Beira-Mar, no entorno dos terminais da Lagoa e da Parangaba e no cruzamentos da Avenida dos Expedicionários com a Avenida Presidente Costa e Silva. Como geralmente estavam em grupo, a presença das crianças e dos jovens nesses lugares se destacava e chamava a atenção dos transeuntes e dos profissionais que realizavam a abordagem de rua. Atualmente, a Avenida Beira-Mar ainda é um lugar onde podemos observar a presença desse grupo de forma mais frequente. Por ser um lugar de circulação permanente de pessoas, pode produzir bons retornos financeiros através de atitudes ilegais ou de pedidos de dinheiro (“os trocados”) e de restos de comidas dos restaurantes e lanchonetes localizados nessa região. Por fazer parte da zona de turismo da cidade, essa avenida possui uma rigorosa vigilância, especialmente por parte dos agentes de segurança (públicos ou privados) que controlam a presença de sujeitos “indesejáveis” e, dessa forma, como designam os jovens, a Avenida Beira-Mar é um “lugar sujeira”.

O entorno de Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado na Praia de Iracema, possui as mesmas características citadas anteriormente sobre a Avenida Beira-Mar. O que esse lugar tem de peculiar está relacionado ao consumo do crack. Algumas ruas mais escuras são utilizadas para o consumo da droga, que é comprada em lugares próximos e, em decorrência disso, o lugar está sendo denominado como uma das “cracolândias⁶” da cidade. Tanto na Avenida Beira-Mar como no Dragão do Mar, não podemos dizer que há uma fixação de crianças e jovens de forma mais frequente, como foi explicado anteriormente, pois são lugares de circulação dos grupos de moradores de rua que, em decorrência disso, reafirmam ainda mais sua característica nômade. De todo modo, são dois lugares utilizados para a “viração” e “perambulação”. Nesse sentido, são lugares onde encontramos, em diversos tempos e com mais frequência, a população de rua de Fortaleza, que para o senso comum está ali “incomodando” os frequentadores, está “drogada”,

⁶ Referência a uma região da cidade de São Paulo, localizada no bairro da Luz, que concentra um número expressivo de consumidores da droga. Em decorrência disso, muitas cidades brasileiras denominam determinadas regiões de comércio e consumo do crack de “cracolândias”.

pedindo “trocados” ou “capotada” pelo chão “enfeando” os cartões postais da cidade.

Através de minhas observações em campo e dos relatos realizados pelos profissionais que realizam a abordagem de rua, percebe-se, atualmente, em Fortaleza, que as crianças e jovens com experiência de moradia de rua intensificaram seu movimento, sua circulação, seu nomadismo pela cidade, não se fixando a um lugar por muito tempo. Portanto, em um passado recente, sabia-se onde encontrar as crianças e jovens, especialmente nos casos da atividade de abordagem de rua realizadas por agentes institucionais. Hoje, seus corpos estão em trânsito, mais inquietos e excitados, buscando saciar “desejos proibidos”, especialmente por causa do consumo e dos efeitos do uso do crack. A maneira como a droga é consumida pelos indivíduos que moram nas ruas em Fortaleza destaca-se por acontecer de forma não muito visível, longe dos olhos dos demais transeuntes, portanto, na maior parte dos casos, de forma escondida. É uma forma de uso discreta, que acontece em lugares escuros, sem muito movimento ou durante à noite. Diferente de outras cidades brasileiras, é raro ver um grupo de moradores de rua em público consumindo a droga quando estão juntos. O que se observa é que, em geral, eles se afastam para fazer o uso do crack.

Lúcio Kowarick (2000, p. 28) sinaliza que os problemas relacionados à pobreza têm se deslocado de responsabilização, pois, segundo o autor, atualmente há um “processo de desresponsabilização do Estado em relação aos direitos de cidadania, dando lugar a ações de cunho humanitário que tendem a equacionar as questões da pobreza em termos de atendimento particularizado e local”. Além disso, o Estado mostra-se ineficiente, inoperante e ineficaz em enfrentar as várias situações de marginalização social e econômica – desde os tempos em que os navios portugueses desembarcavam em terras brasileiras lotados de crianças que perderam os pais na travessia em virtude das formas insalubres das instalações que ocupavam nos navios, assim como dos conflitos desencadeados entre a tripulação e dos confrontos com “piratas”. Dessa forma, passaram a perambular pelas ruas, sozinhas, famintas e sem rumo (RIZZINI, 2007). Dessa forma, segundo Kowarick (2000), iniciativas marcadas por um espírito assistencial voltadas a resolver problemas emergenciais, desconsiderando a capacidade de proposição de ações focadas na promoção da autonomia individual em enfrentar suas marginalizações

sociais e econômicas, se configuram como as formas de resolução e enfrentamento das questões relacionadas à pobreza no Brasil. Assim, segundo o autor, essas vulnerabilidades deixam de ser reconhecidas como processos coletivos de negação de direitos. As questões relacionadas à vida social deixaram de ser propriamente políticas, públicas, nacionais, que dizem respeito aos direitos reguladores de uma sociedade, para serem tratadas como um problema a ser administrado tecnicamente ou como um problema humanitário que interpela a consciência moral de cada um. Para Kowarick (2000), atualmente o discurso da cidadania e dos direitos no cenário público foi substituído pelo discurso da filantropia.

No caso da população moradora de rua, nota-se com facilidade como grande parte das iniciativas de minimização desse problema social é coordenada por organizações da sociedade civil, das quais muitas estão vinculadas a um viés religioso. Em Fortaleza, a abordagem de rua acontece por iniciativas dos órgãos públicos, mas as retaguardas do atendimento, portanto, os abrigos e as comunidades terapêuticas para usuários de drogas, em sua maioria, são vinculadas a alguma perspectiva e abordagem religiosa, dessa forma, regidas por uma moral que visa a “redenção” tanto por parte dos que atendem como pelos que são atendidos. Existem atividades de distribuição de “sopões”, de remédios, de roupas organizadas por essas instituições como uma forma de abordá-los na rua, oferecendo o que “se pode” e não o que “se deve”, pois essa seria uma responsabilidade dos agentes institucionais dos governos. Posto isso, a circulação da população de rua e sua intervenção na geografia da cidade evidenciam as vulnerabilidades e situações de pobreza que a sociedade brasileira, historicamente, tem dificuldades de enfrentar. A esses grupos, o imaginário social destina diversas formas do que Kowarick (2000) definiu como “naturalização dos acontecimentos” e “neutralização”, determinando modelos de “acomodação social”, ou seja, são fenômenos inevitáveis, “é assim porque assim sempre foi”, além da produção de mecanismos de apartação e evitação por parte da sociedade, que prefere enxergá-los como borrões da paisagem urbana das cidades.

Posto isso, é necessário destacar algumas indagações. Quem são os jovens moradores de rua da cidade de Fortaleza? Quais as motivações que fazem com que eles permaneçam nas ruas? O que produz seus movimentos nômades pela cidade? Como são constituídas as suas redes de afetividade? O que os discursos

amorosos desse grupo de jovens revelam sobre suas trajetórias na rua? Como esses discursos são produzidos? Essas são algumas indagações que irão nortear a reflexão proposta nesse estudo. Esse grupo situa-se em um cenário de violência e de violações, regido por uma lógica dualista que entrelaça e confunde esferas como o legal e o ilegal, o real e o imaginário, o amor e o ódio, entre tantas dimensões experimentadas quando a rua torna-se uma referência de moradia. Dessa forma, proponho uma discussão a partir do entendimento de que a rua é um lugar de exposição de performances das culturas juvenis, então, ela também pode ser compreendida como um lugar de encontro de afetos. Os jovens são os produtores dos significados e sentidos que compõem suas trajetórias e experiências de vida, assim como (re)elaboram os usos dos lugares e do papel das instituições sociais, reinventando e recriando diferentes modos de viver. Entendo as juventudes como um conceito no plural, pois as multiplicidades e diferenças que integram esses grupos devem ser destacadas para evitar classificações homogêneas e estigmatizadoras. Desse modo, compreendo os jovens como indivíduos que estão localizados em mapas culturais e afetivos singulares às suas temporalidades e experiências de vida.

No caso das culturas juvenis em questão nesse estudo, ou seja, jovens com experiência de moradia de rua, categorias como “experiência” e “nomadismo” são conceitos centrais para o entendimento dessa condição juvenil, bem como para a análise da produção de suas formas de sociabilidade, de interação social, de suas narrativas e sentimentos sobre seus modos de viver. Eles são indivíduos que nomadizam, transgridem e inovam não só trajetos, como também modos de agir e sentir, assim como Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1997) percebem o conceito de nomadismo. Esses jovens habitam as ruas de formas diferentes, convertem a estética e a moralidade dos lugares, criam roteiros inimagináveis e, algumas vezes, imperceptíveis para aqueles que olham a cidade superficialmente, desconsiderando as transgressões de uso de uma determinada paisagem. Utilizo, também, o conceito de experiência, entendido a partir de um debate entre Walter Benjamin (1987), Joan Scott (1999) e Jorge Larrosa Bondia (2002), para definir os jovens moradores de rua. Com esse diálogo percebo que, por serem os indivíduos constituídos discursivamente, a experiência é uma partilha, uma revelação, uma transmissão de uma vivência que revela o sentido de sua própria existência. É algo particular,

relativo e subjetivo, pois duas pessoas, por mais que tenham compartilhado o mesmo acontecimento, não possuem a mesma experiência.

Posto isso, reconheço como jovens com experiência de moradia de rua os indivíduos que, em um determinado tempo de suas trajetórias de vida, designaram a rua como uma referência de moradia. Desta forma, ficam por algum tempo afastados de suas casas, utilizam os serviços de atendimento institucionais e reinventam a vida privada em espaços públicos, tecendo, assim, novas e diferentes redes de afetividade. De todo modo, considero essencial perceber as redes que entrelaçam o cotidiano desse grupo social, reconhecendo que são relações fluidas e contingentes, e desconsidero um determinismo temporal (com relação ao tempo de permanência nas ruas) e etário (desvinculados de marcos legais) que os amarre a definições inflexíveis e inexoráveis. A “viração”, conforme define Maria Filomena Gregori (2000), é uma importante expressão dos modos de vida nas ruas para entender a definição desse grupo social. Os jovens, como pontua a autora, manipulam recursos simbólicos e identificatórios para dialogar e se posicionar na rua, implicando a adoção de várias posições conforme interesses estabelecidos, portanto, comportam-se de acordo com situações que os colocam como “vítimas” ou “culpados”, sendo frequentemente percebidos como “mirins⁷”, “trombadinhas”, “avião⁸”, “menor carente”, “excluídos” ou “sobreviventes”.

Percebo como a definição dos sujeitos dessa pesquisa encontra-se numa tensão entre dois mundos: o das instituições de atendimento e o mundo acadêmico. Este primeiro mundo, o institucional, em decorrência das tipologias classificadas para a execução de políticas públicas, utiliza demarcações temporais (relativas ao tempo de permanência nas ruas) e etárias (orientadas pelo ECA, que define a infância e a adolescência a partir da idade). Já o mundo acadêmico considera dimensões relacionadas às experiências subjetivas e às formas de interações sociais, na perspectiva de constituir uma definição ou um conceito. Em virtude de sua singularidade, deparo-me com uma tarefa desafiadora, que pode fragilizar a contemplação desses dois mundos, pois percebo que, de tempos em tempos, novas e peculiares situações atravessam os cotidianos de jovens com experiência de

⁷ Termo coloquial utilizado no Estado do Ceará para definir as crianças com atitudes criminosas e marginalizadas que transitam pela cidade, sejam eles moradores de rua ou não.

⁸ Revendedor de drogas.

moradia de rua, estabelecendo diferentes dimensões e conexões que devem ser consideradas na sua denominação. De todo modo, existem diferentes trabalhos acadêmicos, realizados em diversas cidades brasileiras, que enunciam a complexidade de elaboração conceitual desses sujeitos. É importante destacar que a maior parte dos estudos foi realizada em um diálogo permanente com as instituições de atendimento ao público morador de rua, portanto, faz com que o pesquisador sinta-se comprometido em contemplar a perspectiva conceitual desses dois lugares.

Hélio Silva e Claudia Milito, no grandioso trabalho etnográfico sobre crianças e jovens moradores de rua do Rio de Janeiro, denominado “Vozes do Meio Fio” (1995), destacam as tensões do mundo institucional com o mundo acadêmico. Além disso, os autores, nesse estudo pioneiro, sublinham como é inevitável desconsiderar esses sujeitos fora de um contexto marcado por fracasso e indiferença social. Dessa forma, eles apresentam episódios e fragmentos instantâneos da cidade, e dos meninos que se expandem, e dos adultos que se retraem frente a eles, destacando a seguinte análise:

Os meninos na rua são a regra ao mesmo tempo trágica e monótona. Não são vítimas de si mesmos nem de um fado perverso. Trazem em si as marcas de um fracasso coletivo, um fracasso social, um fracasso político. Não falam de nós mesmos porque nós nos salvamos em nossos apartamentos refrigerados. São múltiplos, coletivamente organizados, não trazem como coletividade marcas psicológicas especiais. São comuns, humanos, mas diferentes. Não delimitam nossa condição. Ameaçam nossa condição, ao exibirem de forma inquestionável uma outra fase da sociedade e a questionam pela sua presença coletiva, qual a verdadeira, qual a excepcional? (SILVA; MILITO, 1995, p. 30).

A literatura também produziu obras substanciais para o entendimento desse grupo de jovens. “Os meninos da Rua Paulo”, de Ferenc Molnar, publicado em 1907, revela como um grupo de meninos de Budapeste, na Hungria – que não viviam nas ruas, mas que têm um lugar na rua de grande estima –, estabelecem sentimentos de solidariedade, afinidade e afetividade não só ao grupo do qual faziam parte, como também, e na mesma intensidade, a um terreno baldio, uma estepe, um *grund*, identificado por eles como “a sua planície, a sua terra, o seu reino; é o infinito, é a liberdade” (MOLNAR, 1952, p. 26). Esse *grund*, palco de

atuação das performances grupais, é disputado por duas turmas, sendo, dessa forma, o enredo que permeia toda a obra. Destacam-se os conflitos infanto-juvenis relacionados às amizades, às perdas, às traições, às rivalidades, “da qual todos somos os soldados e os servidores, ora tristes, ora alegres” (p. 07). Na narrativa de Molnar, há analogias com relação aos grupos que vivem nas ruas, no que diz respeito aos sentimentos estimulados nas redes que integram. Há formas de solidariedade e cumplicidade entre os jovens que vivem nas ruas essenciais para a sobrevivência e permanência. Eles criam identificações a grupos e lugares na cidade que os definem. Dessa forma, por mais que haja o movimento e a não fixação permanente, os indivíduos nomeiam-se como: “da Beira-Mar”, “do Centro”, “da Acal⁹”, “do Dragão”, assim como os meninos da “Rua Paulo” se classificavam.

Jorge Amado (2008, p. 29) narra a vida dos “Capitães da Areia” de Salvador, no Brasil, obra publicada a primeira vez em 1922, situando-os como os “donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas”. O autor destaca o dualismo lírico que circundam a vida nas ruas, embalado por situações reais e imaginárias, seguras e perigosas, clandestinas e visíveis, afetivas e violentas. No capítulo “As luzes do carrossel”, Jorge Amado descreve-os despídos da marginalidade e vestidos pela fantasia da inocência, pois, nesse momento, eles “se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da música do carrossel” (p. 68). Na Colômbia, “Os moleques de Bogotá”, narrados por Jacques Meunier, publicado em 1978, também destaca o mundo onírico sagaz e inocente desse grupo e sinaliza que ele expõe signos da sociedade contemporânea. Para o autor, eles são os “hippies da infância”, os “pequenos guerrilheiros urbanos” que correm pelas ruas da cidade rindo, fumando, mendigando, roubando, desafiando, e, portanto:

Em tudo e por tudo, os gaminos são contemporâneos de sua sociedade, de seu povo, de sua época. O fato de constituir as almas danadas e a pulsão para a liberdade com relação a isso tudo não os exime da tarefa cotidiana de viver, de estar presentes (MEUNIER, 1978, p. 86).

⁹ Loja de materiais de construção localizada no centro da cidade que atualmente acolhi em suas calçadas, especialmente durante a noite, um número expressivo de jovens e adultos que vivem e dormem nas ruas.

Os jovens que vivem nas ruas da cidade também contemporizam formas diferentes de construir e viver as relações afetivas. Como assinala Le Breton (2009, p. 111), “O homem está afetivamente presente no mundo”. Para o autor, a afetividade simboliza um clima moral que envolve uma relação do indivíduo com o mundo, ressoando a intimidade com os acontecimentos da vida cotidiana numa trama descontínua, ambivalente, inatingível. Ela representa um repertório cultural no qual relações e valores são ativados pelos sentidos orquestrados pelos indivíduos, assim, “exprime uma série de mímicas e gestos, em comportamentos e em discursos cultural e socialmente marcados, sobre os quais também exercem influência os recursos interpretativos e a sensibilidade individual” (LE BRETON, 2009, p. 114). Portanto, os mapas afetivos constituídos pelos jovens moradores de rua designam trajetos e comportamentos que delineiam os contornos de suas trajetórias de vida e produzem elementos indispensáveis para o entendimento dessa cultura juvenil. Dessa forma, fiz a escolha de construir uma análise sobre as narrativas e trajetórias amorosas que consolidam formas de atração e fixação à rua, fazendo dela um lugar de referência de moradia para esse grupo juvenil, assim como um lugar de encontro de afetos.

Observo que as relações afetivas vividas nas ruas designam modos de fixação a esses espaços públicos. Portanto, sejam essas relações duráveis ou vulneráveis às contingências da vida (e dos afetos), elas produzem alianças que fazem com que os jovens não retornem, quando essa convivência é possível, a viver em suas casas juntos a suas famílias e comunidades durante o momento em que vivem essas relações. Na rua, são criados relacionamentos marcados pela durabilidade ou pela fluidez, portanto, expressam os signos afetivos da contemporaneidade e ressoam os discursos que embaralham e reinventam sentimentos de cumplicidade, união, traição, desapego, erotismo, amor, entre tantos outros, numa polifonia de sentimentos em trânsito. Segundo Eva Illouz (2011), o afeto é o lado da ação “carregado de energia”, que implica cognição, avaliação, motivação e corpo. As experiências afetivas e sexuais vividas pelos jovens moradores de rua designam sentidos que podem ser compreendidos através do conceito de “amor confluyente”, assim como assinala Giddens (1999), portanto, numa negociação que dilui hierarquias entre os parceiros, especialmente quando os casais estabelecem que os programas sexuais, realizados por ambos, são tomados como

uma forma de arrecadação e sobrevivência financeira ao invés de serem entendidos como atividades relacionadas à traição e à deslealdade. Logo, nesse campo afetivo, também é possível dialogar com Bauman (2004) quando o autor destaca que, em um mundo que ele identifica como “líquido”, as relações se estabelecem com extraordinária fluidez, se movem e escorrem sem muitos obstáculos e são marcadas pela ausência de peso, em um constante e frenético movimento de reinvenção.

De toda forma, em meio à liquidez e confluência dos relacionamentos afetivos observados nesse campo de pesquisa, há a presença de discursos sobre o amor romântico que se destacaram como uma possibilidade de viver a entrega e a vinculação de duas vidas em uma só, como designa o imperativo do amor romântico. Em Simmel (2004, p. 80), o amor é uma expressão sentimental marcada por um movimento que leva um sujeito ao outro, desligando-se de tudo na vida, e que permanece dentro do sujeito como sentimento absolutamente individual, pois:

[...] o amor está, antes do mais, absolutamente imbricado no seu objecto, e não apenas associado a ele: objecto do amor em todo seu significado categorial antes do amor, mas tão só por intermédio dele. O que mostra de maneira bem clara que o amor – e, em sentido lato, todo comportamento do amante enquanto tal – é algo absolutamente unitário, que não pode compor-se a partir de elementos preexistentes.

Portanto, o amor, nesse estudo, será compreendido como uma expressão da subjetividade dos indivíduos que designa formas de interações sociais, destacando o amor romântico como a expressão idealizada nas narrativas dos interlocutores dessa pesquisa. Sendo assim, o amor romântico deve ser entendido conforme destaca Sérgio Costa (2005), através de um recorte histórico-cultural. O autor considera cinco dimensões de análise: o campo das emoções, a idealização, o modelo de relação, as práticas culturais e as interações sociais. Para o autor, o “campo das emoções” está relacionado à interface entre corpo e cultura, refletindo, assim, legados culturais, personalidades individuais e os determinantes de um contexto social específico que interferem na construção das experiências amorosas. A “idealização” é compreendida como a forma com que o amor romântico designa sua singularidade e todas as suas dimensões particulares e idiossincráticas aos indivíduos. Os “modelos de relação” são maneiras de analisar como esse sentimento condensa a paixão sexual e a afeição emocional e, também, a unidade matrimonial

com a constituição de uma prole. Como “prática cultural”, o amor romântico nomeia um repertório de discursos, ações e rituais mediados por diferenças culturais e, por fim, o autor considera que o entendimento do amor romântico deve considerar as “interações sociais”, propondo um diálogo com Niklas Luhmann (1991), entendendo que esse tipo de interação se destaca por produzir uma “interpenetração interpessoal”, que leva os amantes a formular modelos de significações e interpretações de símbolos comunicativos que, por serem diferenciados, muitas vezes encontram-se herméticos a quem esteja fora da relação.

Posto isso, o amor romântico é uma expressão sentimental idealizada e objetivada nas experiências afetivas e sexuais que são vividas pelos jovens que moram nas ruas. Como já foi dito, ele não é o único modelo de amor reconhecido nessas culturas juvenis, mas ele produz sentimentos de fixação a um determinado contexto social onde se encontra a pessoa amada, portanto, quando esse encontro acontece na rua. Se o conflito é repulsão, o amor é fixação na trajetória de vida dos jovens com experiência de moradia de rua. É através de vinculações afetivas que eles constituem não só os relacionamentos amorosos com outras pessoas, como também as ligações aos grupos que integram nas ruas, os modos de fixação a lugares na cidade que orientam suas identificações geográficas, além de tecerem redes com agentes institucionais que auxiliam em demandas cotidianas da vida nas ruas através dos serviços que são oferecidos pelas instituições públicas ou da sociedade civil. A rua é constituída por uma paisagem de afetos caleidoscópicos que estão em movimento, que se consolidam e se diluem, assim como os corpos dos que nela habitam. Essa rede afetiva é invisível para aqueles que só os enxergam através de suas expressões marginais, mas é reluzente para os olhares mais curiosos e melindrosos que enxergam diferentes práticas culturais nesse cenário público. Portanto, a rua é um lugar de encontro de afetos.

Norbert Elias (1993), ao esboçar uma “sociologia dos afetos”, destaca como as emoções implicam no modo como as relações sociais são estabelecidas pelos indivíduos. Nesse sentido, demonstra que muitos arranjos sociais são também arranjos emotivos, sentimentais e afetivos. E é nessa perspectiva sociológica que eu pretendo tecer um entendimento e uma reflexão sobre os afetos de rua como uma modalidade de interação social entre jovens com experiência de moradia de rua reveladora das formas como são sentidas e elaboradas as culturas afetivas e

sexuais desse grupo social, desvendando implicações e desafios enfrentados no seu cotidiano.

Elias (1993) compreende o social, portanto, o conjunto das relações, a partir da imbricação da dimensão econômica com a organização política, que são indissociáveis do domínio individual dos afetos (autocontrole). Com a passagem do controle social (marca da sociedade feudal) para o autocontrole (com a consolidação dos Estados modernos), uma nova rede de configurações é produzida, exercendo um controle social mais intenso e com um aumento da interdependência das pessoas. As relações entre os indivíduos tornam-se mais complexas e integradas, modificando, dessa forma, os comportamentos sociais, que passam a ser governados pelo controle das emoções, produzindo, portanto, novas necessidades sociais, tais como o autocontrole, a sujeição a ideias de outros e a moderação dos desejos. Segundo o autor, a interdependência entre os indivíduos levou a um “fortalecimento do autocontrole e à permanência das compulsões – a inibição de paixões e controle de pulsões – impostas pela vida no centro dessas redes” (ELIAS, 1993, p. 207). Elias destaca a importância do controle das pulsões e paixões para a vida em sociedade que, concomitantemente, produziu mudanças na psicologia dos mesmos.

Os indivíduos passam a se adaptar a uma sociedade onde o monopólio da força física e o controle da violência estavam garantidos, com isso, a satisfação de alguns desejos poderia ser adiada ou reprimida. Portanto, novas configurações psíquicas serão “criadas” a partir da necessidade daquele momento histórico. A constituição desse “processo civilizador”, como designa Elias (1993), está em curso e configura-se pela imprevisibilidade, dessa forma, é um processo inacabado e que não se exauriu. O autor destaca que existe uma relação entre as mudanças na organização das sociedades e na personalidade dos indivíduos, gerando formas específicas de comportamento em diferentes momentos históricos, portanto:

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas antepõem limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo. Não devemos nos enganar: as constantes produção e reprodução de medos pela pessoa são inevitáveis e indispensáveis onde quer que seres humanos vivam em

sociedade, em todos os casos em que os desejos e atos de certo número de indivíduos se influenciem mutuamente, seja no trabalho, no ócio ou no ato do amor (ELIAS, 1993, p. 270).

Deste modo, esse estudo situa-se no campo de uma sociologia dos afetos que busca mapear subjetividades e, dessa forma, caminha em meio a desordens sentimentais, espaciais e temporais. Por se tratar de narrativas amorosas, sentimentos como amor e ódio, felicidade e alegria, prazer e dor estarão misturados constantemente nessa “narrativa de narrativas”. Por estarem transitando em mundos diferentes: a rua, a casa, as instituições, as definições conceituais desse grupo social podem apresentar uma configuração confusa ou imbricada. Por não ter tido um começo oficial e por ter um fim inacabado, o campo de pesquisa e observação dos afetos de rua construiu-se a partir do movimento que foi apresentado pelo próprio movimento do campo, portanto, pela rua e seu fluxo descontínuo, controverso e cambaleante. Talvez o leitor sinta-se confuso em determinados momentos, mas essa sensação é algo que a própria dinâmica da rua produz, logo, minha intenção é retratar os sentimentos singulares de uma experiência de pesquisa que dá movimento a ela e que se deixa levar pelo seu movimento ao fazer a tessitura de um processo de investigação científica.

Para finalizar essas considerações iniciais, ressalto a forma como essa tese foi construída, reportando-me ao tempo da escrita. Lembro-me de conversas que tive sobre e durante algumas “viagens sociológicas” com um amigo sociólogo por quem tenho grande estima e admiração, Lindomar Albuquerque. Na pesquisa realizada na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, publicada na obra “A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai”, ele menciona os caminhos possíveis e as encruzilhadas aos quais estamos sujeitos não só nas atividades de campo como também no momento de sistematização dos dados no processo de organização da escrita da tese. Segundo ele, “o período de redação final é um momento de muitas escolhas, incertezas e tentativas de ‘por ordem ao caos’ de tantas informações e ideias fragmentadas” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 30). Assim, após cruzar fronteiras, realizar travessias e propor caminhos analíticos em uma viagem de pesquisa, foi escrevendo que os contornos da organização dos dados coletados pelo “pesquisador-viajante” foram delineados. Partilhei da mesma experiência desse querido amigo, o tempo da escrita foi também o tempo de decidir

como a organização dos dados, em forma de capítulos, seria apresentada e, assim, formulei quatro capítulos para o desenvolvimento dessa tese.

No primeiro capítulo, proponho uma reflexão metodológica destacando as ferramentas que foram utilizadas no desenvolvimento dessa pesquisa. Situo a observação participante como o recurso empregado, discutindo seus desafios e suas viabilidades ao traçar as disposições, as invenções e as decepções no campo de pesquisa formulado. Com base em minha experiência, destaco o processo de escolha de um método analítico como algo que se constrói, que está em processo, em virtude da forma como um determinado fenômeno social está sendo produzido e observado. Considero importante o relato do percurso do pesquisador como uma forma de sinalização das “singularidades inquietantes”, portanto, das especificidades de um objeto e de método em um campo de pesquisa.

No segundo capítulo, apresento uma discussão, um diálogo pautado nas principais categorias e conceitos que utilizo para analisar os afetos de rua, dando destaque para os conceitos de juventude, experiência, nomadismo e afetividade. Percebo que eles são fundantes para o entendimento e problematização desse grupo social, assim como para a compreensão dos sujeitos dessa pesquisa. Nesse sentido, abordo questões relacionadas ao cotidiano no qual eles estão situados, apresentando dados e relatos de campo que estão contextualizados com o modo de vida nas ruas, com a construção das narrativas e trajetórias amorosas e com as formas como eles vivem as experiências afetivas quando a rua é a sua referência de moradia e o palco das performances dessa cultura juvenil.

No terceiro capítulo, apresento uma narrativa sobre uma história de amor vivida por três jovens que acompanhei durante o tempo em que eles viveram nas ruas do centro da cidade de Fortaleza. Esse capítulo, construído em formato de novela, baseado em uma narrativa da pesquisadora sobre as narrativas dos interlocutores, tem o objetivo de apresentar uma história que estabelece como enredo principal o percurso sentimental produzido em suas experiências de vida na rua, que faz dela um lugar de fixação e de encontro de afetos. No desenrolar da trajetória de três jovens, destaco situações, desafios, aventuras e contingências relacionadas às culturas juvenis que estabelecem a rua como uma referência de

moradia, designando formas de (re)interpretar e (re)desenhar a geografia afetiva da cidade.

O quarto capítulo configura-se como uma cartografia de sentimentos mapeados a partir da trajetória afetiva e sexual de um jovem com experiência de moradia de rua. Durante o tempo em que viveu em um abrigo, ele produziu um diário íntimo e pessoal no qual descreveu seu cotidiano e as emoções mobilizadas em diferentes situações vividas, dando destaque aos relacionamentos amorosos e sexuais que aconteceram em sua trajetória de vida durante o tempo em que esteve nessa instituição. Portanto, sua narrativa biográfica sinaliza modos de viver que carregam em si as experiências de vida nas ruas, que são capazes de atravessar tempos, lugares, pessoas e sentimentos, delineando subjetividades e expressividades de um grupo específico que sinaliza questões relacionadas às culturas juvenis e afetivas na contemporaneidade.

CAPÍTULO 1

TRAÇADOS AFETIVOS: UM RELATO DE CAMPOS EM PESQUISA.

1.1 Singularidades inquietantes: a pesquisadora e as armadilhas de um método.

O caminhante devaneia sobre a estrada e a travessia, o que vê e o que não vê, o que aprende e o que imagina que sabe, a aparência e a essência, o ser e o devir. Pode descobrir que na parte ressoa o todo, que o singular carrega o halo do universal. Esse é o percurso em que se perde e encontra, forma e transforma. E pode até mesmo reencontrar-se, transfigurando em outro de si mesmo.

Octavio Ianni (2000).

Uma pesquisa com a população de rua requer uma disposição para a perambulação em diferentes espaços. Por isso, lancei-me no frenesi das ruas, praças, parques, bairros, esquinas, instituições, observando os usos dos lugares e as interações sociais entre os jovens que vivem nas ruas. São os trajetos desenhados por eles que descrevem como a cidade é experimentada e significada de maneira específica, sendo, portanto, impossível de ser vivenciada de uma forma só. Lembro-me de uma palestra proferida pela Professora Irllys Barreira¹⁰, na qual ela mencionou a existência de “narradores insólitos” de uma cidade, ou seja, aqueles que apresentam um roteiro urbano, singular e próprio que ninguém conhece. Penso que os moradores de rua também são signos desse grupo, pois, ao contar suas trajetórias cotidianas, eles

compartilham signos afetivos, contando histórias sobre os lugares, as pessoas, as experiências e sentimentos desconhecidos da vida cotidiana da cidade para grande parte de seus habitantes.

¹⁰ Colóquio Internacional França-Brasil: olhares cruzados sobre o imaginário e práticas culturais. Realizado no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, nos dias 23 a 26 de novembro de 2009.

Meu primeiro contato com os jovens moradores de rua aconteceu através de uma “aproximação afetiva” estabelecida com um garoto de 18 anos. Ele era um contador de histórias que aguçava minha curiosidade em compreender como era a vida nas ruas. Estava sentada em um banco de praça quando ele revelou-me um segredo relacionado ao motivo que ocasionou sua ida às ruas e que, até então, segundo ele, não tinha compartilhado com ninguém. Isso aconteceu depois de alguns meses de contato com o garoto e de sua percepção de que poderia confiar em mim. Parecia que tinha se constituído um pacto, fruto de uma consideração, que possibilitou o desabafo. Percebi como eram complexos os desafios enfrentados na vida daquele jovem e que, inevitavelmente, as experiências vividas em sua comunidade, de uma forma ou de outra, o levariam às ruas. Por ter o reconhecimento daquele garoto, que exercia uma liderança frente aos demais jovens, eu fui tornando-me uma pessoa próxima do primeiro grupo com o qual estabeleci contato para o desenvolvimento de meu percurso em campo. Durante um tempo, pude acompanhar a trajetória de vida desse grupo, que tinha um núcleo central formado por quatro jovens (três meninos e uma menina), mas que interagiu com outros jovens moradores do centro da cidade de Fortaleza em um movimento constante de integração e separação.

Uma questão central para a minha inserção em campo foi a consideração, uma estratégia importante para a realização da pesquisa. Por ser um conceito escorregadio, Leonardo Sá (2009) ressalta que a consideração deve ser percebida de uma maneira multidimensional, como um fato social total, que além de relações de poder, envolve amizade, cumplicidade, intimidade e respeito. O trabalho de campo, segundo o autor, deve ser compreendido como uma micropolítica (estética, ética, epistêmica e afetiva) na qual a forma de inserção em campo, as possibilidades de informações colhidas, os lugares acessados e os convites recebidos estarão mediados por essa micropolítica. Em minha experiência, percebo que a consideração partiu das portas institucionais que me foram abertas (sem elas, certamente a pesquisa seria inviável), assim como, da afetividade e cumplicidade estabelecida com os interlocutores em campo. Recebi convites para estar com eles em diferentes lugares, seja na rua ou fora dela, o que me proporcionou uma observação multidimensional de suas performances. Dessa forma, observei-os em diferentes momentos, tempos e lugares de interação social. Também fui

surpreendida em campo com as “entregas” feitas pelos interlocutores, portanto, com o repasse de informações privilegiadas e pouco reveladas para outras pessoas. Refiro-me não só às revelações, aos segredos, às confidências, que possibilitaram uma imersão em seus mundos, mas também a um material para análise, ou seja, um diário íntimo e pessoal¹¹, que me foi emprestado e que serviu como uma fonte para cartografar sentimentos (ROLNIK, 2006).

A mediação de instituições de atendimento à população de rua também foi uma estratégia adotada por outros pesquisadores que investigaram esse grupo, como Adad (2011), Escorel (2000), Frangella (2009), Graciani (2005), Gregori (2000), Silva e Milito (1995) e Walty (2005). Um fato desafiador quando realizamos pesquisas com moradores de rua é que eles podem não estar nos mesmos lugares em que os encontramos em momentos anteriores. Enfim, são narradores nômades que circulam pela cidade, podendo ficar tempos sem retornar a um destino anterior. Sabia dessa característica, e por isso, me “desencontrei” de alguns contatos ao longo do processo de observação em campo. Não poderia realizar uma entrevista ou abordá-los a qualquer custo, atropelando o processo de construção de intimidade e confiança, com receio de que não os encontraria novamente. Dessa forma, decidi utilizar a observação participante como o principal recurso em campo. Percebi que deveria focar mais a atenção naqueles que encontrava com mais frequência nos atendimentos institucionais. Os jovens possuem vínculos afetivos com lugares e com pessoas e, portanto, poderia estabelecer uma rotina de observações e diálogos.

A primeira estratégia que estabeleci foi acionar uma rede de interlocutores institucionais que compõem minha trajetória profissional (e de vida), formada por profissionais de instituições que atendem crianças e jovens que vivem nas ruas. Devido à minha experiência profissional na gestão pública, guardava amizades capazes de proporcionar um êxito nesse artesanato metodológico e afetivo. Assim sendo, logo identifiquei os grupos de educadores sociais que realizavam a abordagem de rua para eu acompanhar. É importante destacar que, ao contactar esses profissionais, eu me encontrava na condição de acompanhante, portanto, não era acompanhada por eles. Isso não tornou a minha presença constrangedora, do

¹¹ Durante a realização de uma entrevista com um interlocutor, ele me emprestou seu diário pessoal com narrativas sobre suas histórias de amor. Considerei o material extremamente rico e destinei a ele um capítulo dessa tese.

mesmo modo que eu não atrapalharia seus roteiros cotidianos de trabalho. Essa estratégia possibilitou a realização da pesquisa de campo sem muitos atravancos e contratempos no que diz respeito à parceria estabelecida com alguns profissionais. Mas é importante ressaltar que em algumas situações os educadores sociais alteravam seus cronogramas diários em decorrência de um pedido meu como, por exemplo, ir até um ponto não previsto, visitar a família ou comunidade de um dos jovens ou, quando estavam abrigados em alguma instituição, ir encontrá-los. Contudo, essa cumplicidade fez com que eu pudesse participar de situações e encontros distintos relativos ao acompanhamento e atendimento de crianças e jovens com experiência de moradia de rua.

É importante destacar que aconteceram idas a campo onde não me encontrei com os jovens. Essas situações aconteceram porque eles não estavam nos lugares costumeiros¹² (eles circulam pela cidade, portanto, a imprevisibilidade dos encontros fazia parte do processo) ou o dia de trabalho dos educadores estava destinado a visitas em outras instituições, às famílias dos atendidos ou à realização de demandas de outras formas de atendimento. Nesses momentos, aproveitava para perceber a tessitura das redes nas quais os jovens estavam inseridos, seja através das instituições de atendimento ou nas redes familiares e comunitárias que compõem a trajetória de vida de tantos meninos e meninas que vivem perambulando pelas ruas. Aproveitava, também, para conversar, tanto com os profissionais das instituições interlocutoras como com os outros profissionais da rede de atendimento, sobre os desafios que enfrentavam cotidianamente. Era quase uma unanimidade ouvir que os principais problemas estavam relacionados à dependência do crack e seu uso abusivo, que atualmente permeia a trajetória na rua de muitos jovens. Segundo os profissionais, são poucos os serviços de atendimento que poderiam complementar a abordagem de rua em Fortaleza, ao mesmo tempo em que poucos jovens expressam o desejo de deixar de fazer o uso desenfreado da droga.

Da mesma maneira que estabeleci uma articulação com uma instituição que realiza a abordagem de rua, contactei uma organização não-governamental que

¹² Certa vez, quando acompanhei os educadores sociais em uma abordagem de rua, não encontramos nenhum dos jovens de um grande grupo que ocupava uma certa região da cidade. Na ocasião, tinha ocorrido um roubo durante à noite em um mercadinho e o proprietário acusou os jovens do delito. Durante algumas semanas eles não retornaram a esse lugar, portanto, “desapareceram” e esse “campo” de pesquisa ficou temporariamente desativado.

realiza um serviço de acolhimento institucional, portanto, um abrigo destinado ao público masculino. A escolha desse *lôcus* de pesquisa foi feita por considerar que essa instituição realizava um trabalho diferenciado dos demais, pois era mais tolerante às diversidades (especialmente de gênero e religiosidade), focava suas atividades na arte-educação e adotava regras de convivência mais flexíveis em seu cotidiano. Nessa instituição, entrevistei quatro jovens que estavam abrigados, assim como realizei a exibição de quatro filmes¹³ que continham como enredo central da trama a vida nas ruas ou uma história de amor.

Nessa projeção fílmica, percebi como os jovens reagem através de seus comportamentos e comentários durante a exibição dos filmes. Deste modo, observava-os ao longo da atividade, indagando-os a respeito das cenas e situações apresentadas durante a exibição. Adotei esse método, em decorrência de suas inquietações, pois eles não ficavam na sala com o término da sessão¹⁴, além de esboçarem comentários na medida em que as cenas eram apresentadas. Eles percebiam identificações de suas vidas com as histórias narradas. Observei isso através das autorreferências que faziam e das que destinavam aos colegas do abrigo quando os identificavam nas cenas, dizendo: “Olha aí!” ou “Vixe, foi pra ti!” e mencionavam a si ou outro garoto do grupo. Logo no primeiro filme, que tinha como enredo uma história de amor “a lá Romeu e Julieta”, um fato que me chamou a atenção. Após o término da sessão, eles esboçaram uma indignação com o final e saíram todos reclamando do desfecho. Fiquei surpresa com a atitude dos nove jovens que participaram dessa atividade e tive muito trabalho em trazê-los de volta até a sala e, assim, conversar acerca das questões abordadas. Logo perguntei pra eles, o porquê da saída indignada. Um dos jovens disse que não gostou do filme porque o final foi muito triste (a morte dos amantes) e como a vida já é triste demais, ele gostaria de ter visto uma história com um final feliz. Perguntei o que os outros acharam e eles seguiram a mesma opinião. Um outro jovem mencionou que era por isso que ele não se apaixonava, pois o amor fazia sofrer e ele já tinha uma vida muito difícil para ter mais problemas.

¹³ As ruas de Casablanca (2000), de Nabil Ayouch; Querô (2007), de Carlos Cortez; Era uma vez (2008), de Breno Silveira; e O contador de histórias (2009), de Luís Villaça.

¹⁴ Esse fato ocorria porque a atividade acontecia no período da manhã e próxima ao horário do almoço, o que aguçava uma impaciência. Da mesma forma que os jovens não gostavam de ser inquiridos, certamente por causa de suas trajetórias com atividades ilegais, e, assim, preferiam não emitir opiniões.

As estratégias metodológicas dessa pesquisa foram constituídas ao longo dos movimentos efetuados no campo dessa investigação. Por se tratar de pessoas que possuem experiência de moradia de rua, portanto, de jovens que circulam pela cidade, a metodologia de trabalho, antes de se firmar, também lançou-se num movimento nômade. Arrebatada pelo frenesi que a observação participante proporciona, adotei um olhar “de perto e de dentro”, como designa Magnani (2002), para, dessa forma, observar as interações sociais estabelecidas pelos jovens com experiência de moradia de rua na cidade de Fortaleza. Magnani (2002), quando buscar desvendar os desafios da pesquisa de campo nas metrópoles, adota um olhar mais atento, capaz de captar arranjos, práticas, formas e experiências de vida dos atores sociais na cidade não visíveis a uma visão que fica de fora, que vê de longe. Segundo o autor:

Para identificar essas práticas e seus agentes, foi proposta uma estratégia que recebeu a denominação de um olhar *de perto e de dentro*, em contraste com visões que foram classificadas como *de fora e de longe*. Ao partir dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e de uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar vai além da fragmentação que, a primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõe recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica (MAGNANI, 2002, p. 25).

A etnografia urbana resgata outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade a partir da incorporação dos atores sociais e de suas práticas à paisagem da cidade, conforme assinala o autor. Mesmo sendo identificados como aqueles que “enfeiam” a cidade, que revelam o lado mais obscuro do descaso com determinadas vidas e da desigualdade e exclusão social, os moradores de rua são personagens que possuem papel de destaque nas tramas urbanas. Magnani (2002) coloca que um dos grandes desafios do pesquisador que toma a cidade como o cenário de sua análise é não reproduzir a fragmentação. Por isso, o autor postula que devemos partir dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos arranjos coletivos, enfocando na observação de seus comportamentos na paisagem na cidade e dos padrões que se estabelecem em parte desses movimentos. É uma antropologia *na* cidade, onde as análises enunciadas são constituídas pelos diferentes usos, e não

pela cidade como uma totalidade. É dessa forma que a metrópole, em sua diversidade e com seus conflitos, se torna inteligível, pois este olhar parte da observação de um núcleo central da vida cotidiana.

Para Magnani (2002), o primeiro passo que deve ser dado pelo pesquisador ao ir a campo é exercitar a escuta, entrar em contato com as representações e com o imaginário dos indivíduos e reconhecê-los como interlocutores. Portanto, a convivência regular com os interlocutores é primordial para que o pesquisador se transmute em parte integrante da paisagem em observação. Dessa forma, estabeleci a regularidade de idas ao campo acompanhando as abordagens dos educadores sociais ou o cotidiano da instituição de acolhimento. Ser reconhecida como “amiga” desses profissionais permitiu que eu pudesse acessá-los, entrar em seus mundos, construindo aproximações que possibilitavam conversas e indagações acerca de suas experiências de vida nas ruas da cidade de Fortaleza. Quando a intimidade estava estabelecida, recebia a permissão de falar sobre assuntos referentes à esfera privadas, portanto, sobre os itinerários afetivos e sexuais que se desenrolavam nas ruas.

O percurso do observador em campo, sua presença e as descrições que produz sobre o contexto percorrido são expressos, como orienta Hélio Silva (2009), através do sincronismo de três atividades: andar, ver e escrever. Essas modalidades de investigação misturam-se e sinalizam reciprocidades, interdependências e (inter)fluências em um contexto marcado por ambivalências. Essas atividades, segundo o autor, são convertidas em outras três fases: situar-se, observar e descrever, que possibilitam compreender a etnografia como um “relato de um percurso” em campo, como um “inventário de particularidades”. Portanto, o ato de situar-se está relacionado à localização do observador no espaço social que estuda, “pensada em sua relação com os atores sociais que observa e em seus deslocamentos nos territórios onde tais atores se localizam e transitam” (SILVA, 2009, p. 172). Andar é um movimento próprio do pesquisador, animado por incertezas, dúvidas e interrogações relativas ao que ele não sabe e não conhece, em um campo demarcado territorialmente por múltiplos significados, por percursos possíveis, por fronteiras e zonas de transições e ambivalências. Ver é a organização do que foi olhado, espionado, entrevistado, reparado, implicando “um olhar que se

organiza, um olhar organizado e reorganizado; que vai organizando; que organiza e reorganiza; que vai revendo; que revê e dá por visto” (Silva, 2009, p.181). Com isso, Silva (2009) assegura que, enquanto o pesquisador anda e olha um determinado espaço social, ele está teologicamente movido por uma escrita, dessa forma:

A matéria de escrever, isto é, o que a escrita modela, é a matéria da visão, da audição, do olfato, do tato, do paladar, mas sobretudo as sensações compósitas, as percepções produzidas por múltiplos canais, pelos cruzamentos audio-táteis, plato-visuais, as sensações produzidas pela mistura ‘daquela música’ com ‘aquele cheiro’. Todos os cinco sentidos estão a modelar os estímulos do campo, alguns deles modelam em operações combinadas (p. 182).

Roberto Cardoso de Oliveira (2006), no seu conhecido texto “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever”, destaca que o olhar e o ouvir constituem a percepção da realidade empírica evidenciada pela presença em campo do observador. Dessa forma, os atos de olhar e ouvir são, a rigor, funções da “observação participante” por meio da qual o pesquisador busca interpretar e compreender a sociedade e a cultura do outro, dentro de sua verdadeira interioridade. O escrever, preferencialmente na primeira pessoa do singular, por ser essa a forma de despir “a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente” (p. 30), é o reconhecimento da pluralidade de vozes que compõem a cena de pesquisa. O autor ainda incita a seguinte orientação:

Costumo dizer aos meus alunos que os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador; o que equivale a dizer que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma um massa de dados cuja significação é melhor alcançável quando o pesquisador traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever. Seria uma espécie de presentificação do passado, com tudo que isso possa implicar do ponto de vista hermenêutico, ou, em outras palavras, com toda a influência que o “estando aqui” pode trazer para a compreensão – *Versehen* – e interpretação dos dados então obtidos no campo (OLIVEIRA, 2006, p. 34).

Portanto, o percurso metodológico construído para a realização dessa pesquisa deu-se a partir da observação participante que, em virtude de minha

trajetória profissional e de inserção em campo, possibilitou que ela fosse redesenhada como uma “observação vivencial”. Nesse sentido, baseada em uma experiência despretensiosamente iniciada a partir de vivências ocorridas com um grupo de jovens moradores de rua e da curiosidade despertada em mim sobre a tessitura de suas redes afetivas. Dessa forma, lembro-me de Walter Benjamin (1994) quando o autor reflete sobre a experiência, compreendendo-a como uma vivência que não é nada se não for transformada em alguma narrativa compartilhável ao grupo do qual pertença. Portanto, a experiência é a arte de narrar algo que nos aconteceu, que nos afetou e, para Benjamin (1994), é a transmissão da narrativa dessa vivência que a transforma em experiência. Com isso, fiz uso de anotações anteriormente realizadas quando o campo de trabalho¹⁵ ainda não era oficialmente um campo de pesquisa¹⁶ e passei a incrementar essas anotações com os encontros sistemáticos com jovens com experiência de moradia de rua. Sendo assim, realizei uma composição das “narrativas das narrativas” da pesquisadora associadas as dos interlocutores.

Diante disso, designo a rua como o *locus* dessa pesquisa, pois ela representa um caleidoscópio de emoções, formada por pequenos, porém múltiplos, fragmentos de sentimentos estáveis e inconstantes que se movimentam, assim como os corpos dos indivíduos que a compreendem como uma referência de moradia. Os narradores dessa pesquisa são os jovens, indivíduos que experimentam essas múltiplas emoções, percebidos, em geral, por instabilidades emocionais, mas que por movimentarem-se no terreno do acaso, das circunstâncias, das contingências, traçam mapas culturais e afetivos singulares à sua experiência de vida. É com esse cenário que proponho uma reflexão sobre os afetos de rua através de expressões narrativas, performáticas e gestuais produzidas pelos jovens que possuem experiência de moradia de rua. Atrevo-me a construir uma metodologia de análise fundamentada na ideia de uma “narrativa das narrativas”, portanto, privilegiando os relatos dos jovens e da pesquisadora sobre a polifonia de um campo de pesquisa.

¹⁵ Refiro-me às anotações e observações realizadas sobre a vida dos jovens com experiência de moradia de rua durante o período de 2005 a 2007, quando atuava na gestão pública.

¹⁶ Designo que meu campo de pesquisa começou antes mesmo de minha entrada em um programa de pós-graduação, pois possuo experiências vividas, observações realizadas e anotações registradas anteriores ao período de 2008 a 2011, que são essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Jânia Perla de Aquino (2010) chama a atenção sobre as mediações de gênero no trabalho de campo ao realizar uma etnografia em um universo formado por interlocutores do sexo masculino. Segunda a autora, os contratempos que a condição de gênero pode causar devem ser contornados para não impossibilitar o trabalho de pesquisa. No caso de uma pesquisa sobre afetos, a priori, pareceu-me ser mais fácil a aproximação com as meninas para conversar sobre temas de cunho sentimental, tendo em vista que são assuntos com os quais elas se sentem mais estimuladas a conversar do que os meninos. O uso da frase: “Me conta sobre seus namoros?” era recebido com entusiasmo pelas meninas e elas facilmente aceitavam o meu pedido – a não ser quando estavam chateadas com seus amores e preferiam não falar sobre esse assunto. Portanto, quando identificava um casal de namorados, as meninas comportavam-se como “portas de entradas” da intimidade do casal. Na maior parte das vezes, só após conversar com as meninas, os meninos concordavam em falar comigo. Certa vez uma delas disse para o namorado que a conversa era sobre “besteiras”, sobre “coisa de mulher”, que eles podiam conversar comigo que eu não estava perguntando nada demais¹⁷.

Em nenhum momento me passou pela cabeça excluir os meninos como interlocutores dessa pesquisa, tendo em vista os possíveis contratempos. Especialmente porque eles representam a maioria no universo da rua. Então, decidi ficar observando a forma como os meninos se relacionavam com suas namoradas, suas expressões gestuais e corporais, os comentários relativo às questões afetivas e sexuais. Dessa forma, tive a oportunidade de indagá-los sobre questões concernentes ao objetivo da pesquisa. Algumas vezes, os comentários ocorriam de forma jocosa, especialmente quando falavam sobre seus relacionamentos na frente de outros jovens. Eles faziam comentários em tom de brincadeira e zombaria sobre as mulheres como se não levassem o assunto a sério. Outras vezes, tanto os meninos como as meninas estavam sob o efeito de alguma substância entorpecente e, dessa forma, pareciam indispostos a conversas. Toda ida a campo era marcada pela imprevisibilidade. Eu poderia “cruzar” ou não com eles, encontros marcados eram inviáveis, tanto comigo como com os educadores sociais.

¹⁷ É importante destacar que as práticas ilegais das quais os jovens são autores muitas vezes impossibilitam a aproximação de “pessoas estranhas”, que podem, de alguma forma, censurá-los ou investigá-los. Assim, eles desconfiam de pessoas que fazem perguntas demais.

Desafiada pelas dificuldades que ocorreram com os meninos, fiz uso de uma modalidade de coleta de dados, que de certa maneira, já era recorrente no cotidiano dos jovens moradores de rua. Elaborei um questionário contendo 60 questões com informações sobre suas histórias de vida em casa e na rua e sobre as relações afetivas e sexuais que compõem sua trajetórias. Considero essa modalidade familiar para os jovens, pois eles costumam responder aos questionários institucionais ao acessarem os serviços dos programas e projetos nos quais recebem atendimento. Com o auxílio dos educadores sociais, apliquei 52 questionários com jovens localizados em diversos lugares da cidade, considerando os pontos que os educadores sociais realizavam suas abordagens. Durante a aplicação dos questionários, que aconteceram “no meio da rua”, tinha que considerar que os jovens os respondiam ao mesmo tempo em que estavam entretidos com outros acontecimentos ao seu redor, portanto, com os múltiplos movimentos dos amigos, da droga, do perigo, dos desejos e frustrações. De todo modo, eu aproveitava essa atividade para conversar com os meninos, aprofundando temas de entendimento, e, assim, chegando aos seus meandros afetivos. Os dados dos questionários não serão traduzidos por meio de designações numéricas, mas sim pontuados no texto para reforçar as problematizações apresentadas através das observações vivenciais ocorridas nos campos de pesquisa.

Machado Pais (2006a) chama a atenção para o fato de que o olhar sociológico deve reinventar outro modo de ver. Dessa forma, abre-se caminho para a possibilidade de enxergar o que se vê e, assim, adotar a “passeiologia¹⁸” como uma ferramenta para os pesquisadores em campo. O olhar do cientista social, onde quer que ele esteja, é um “olhar intrometido”, como anuncia Machado Pais. O autor chama a atenção para o fato de que o olhar sociológico deve reinventar um outro modo de ver. Para ele, não há compreensão sem se “olhar de frente”, pois geralmente costumamos “olhar de lado”. É isso que ele define como um “olhar intrometido” que deve ser adotado como um método sociológico, ou seja:

¹⁸ Machado Pais utiliza essa expressão influenciada pela expressão *Promenadologie* do sociólogo e economista suíço Lucius Burckhardt. Ao produzir um diálogo entre a sociologia e o urbanismo, o autor adotou a caminhada pela cidade como uma ferramenta capaz de produzir uma percepção concentrada e consciente do nosso meio ambiente e da vida cotidiana na cidade.

Mas não há compreensão sem se olhar de frente o que normalmente se olha de lado. O que se reclama é um olhar *intrometido*, como método sociológico. Olhar metido no que normalmente se desolhar, mas também *comprometido*, isto é, envolvendo um compromisso, uma obrigação de denúncia, de desocultação, de desvendamento (PAIS, 2006a, p. 34).

Essa forma de observar é a mais cúmplice das tramas subjetivas dos indivíduos. Ao observar o que muitas vezes se apresenta como naturalizado para o nosso olhar no transcorrer dos lugares da cidade, devemos adotar outros modos de olhar. Portanto, vou seguindo os percursos sugeridos e trilhados por esse pesquisador andarilho, que diz:

O etnógrafo urbano é um participante natural da realidade que observa, ao permanecer oculto ante os olhares de quem observa. É um transeunte que se confunde com os demais. Ao participar num meio de estranhos, ser um estranho constitui-se em garantia máxima de discriminação. Desde modo, o etnógrafo urbano está em condições de registrar, no terreno, uma realidade social fragmentada, cenário de transeuntes em trânsito que se encerram em sociabilidades anônimas, próprias de um estado de 'indiferenças flutuante (PAIS, 2006a, p. 21).

O detalhismo enunciado em estudos de cunho etnográficos, processo de inserção em campo similar ao que utilizei nessa pesquisa, está relacionado a uma descrição densa que distingue as diferentes estruturas significativas de uma ação social, portanto, nada superficial e influenciada pela experiência comparativa com outras culturas. Para Geertz (1989), é dessa forma que o pesquisador entra em contato com outras formas de viver produzidas por um grupo social, mas ele não vai nem reproduzir os discursos, nem se tornar um deles para entender suas dinâmicas culturais. Segundo o autor, o etnógrafo compartilha representações estabelecendo, então, uma relação de troca na busca de produzir um novo modelo de entendimento sobre a vida do grupo observado, com pistas novas, não previstas anteriormente. Para Geertz (1989, p. 19):

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o "dito" no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana.

É o olhar que capta as primeiras mensagens sobre um indivíduo em um processo de troca de impressões, de significados, de desejos e sentimentos, podendo constatar, solidarizar, reprimir ou constranger. O olhar é a primeira linguagem corporal utilizada pelo cientista social. Algumas vezes, o primeiro olhar pode ser tímido, pode não enxergar profundamente e deixar passar desatentamente elementos-chave de observação. Em outras vezes, ele nos afeta imediatamente. O olhar de um pesquisador ou de uma pesquisadora é um olhar afetado, quer seja à primeira vista ou não. É afetado porque mobiliza não só conceitos e métodos, como também atitudes e gestos. No transcorrer de uma pesquisa de campo, é esse olhar afetado que possibilita a construção de uma metodologia específica para cada forma de investigação científica que, muitas vezes, pode transgredir outras formas já tão estabelecidas ou tão recorrentemente reproduzidas. Nos casos de estudos sobre as culturas juvenis, é importante um olhar afetado que perceba os diversos sentidos de produção de suas subjetividades. Esse olhar afetado também é um olhar descentralizado, em movimento, como considera Glória Diógenes (1998), capaz de nomadizar um esforço de investigação. Para a autora:

Assumir assim essa perspectiva excêntrica, delineada pelos grupos juvenis, talvez ainda não seja suficiente para possibilitar a compreensão da dinâmica peculiar de suas práticas. É necessário se exercitar um olhar nômade em relação a dinâmica juvenil, qual seja um olhar aberto à percepção da construção de uma racionalidade recortada pela dimensão de trabalho, de família, de cidade, de violência, dentre outras. Como poder apreender, como “morador do lado de cá da cidade”, as visões acerca da violência e das dinâmicas de suas práticas? (DIÓGENES, 1998, p. 56).

As formas de olhar para um determinado grupo social, o qual um pesquisador toma como um objeto de análise, são importantes para a forma como o recorte analítico e as estratégias em campo serão delineadas. No caso de jovens com experiência de moradia de rua, a observação participante foi o recurso que utilizei para perceber o modo de vida nas ruas, a constituição das redes afetivas e as diversas formas de interações sociais desse grupo. Ao longo da observação em campo, pude perceber a movimentação desses corpos nômades pela cidade e a construção de suas relações afetivas. Acompanhei namoros desfeitos, conflitos deflagrados, crianças nascendo, jovens retornando para casa, jovens que permaneceram vivendo nas ruas, jovens que desapareceram, que foram presos, que

morreram, que se apaixonaram novamente. Muitas vezes ficava angustiada pelo fato de não encontrar mais com um dos jovens com quem conversava. Alguns deles sumiram e de outros nunca mais tive notícias.

Além de mobilizar os contatos com os profissionais que trabalhavam nas instituições de atendimento, contei com o auxílio de uma jovem moradora de rua, que era uma antiga conhecida minha, para a promoção das articulações em campo junto aos jovens moradores de rua. Essa garota foi essencial para indicar interlocutores, além de me credenciar junto a eles. Conheci a jovem quando ela se encontrava abrigada em uma das instituições de acolhimento na época em que eu trabalhava na gestão pública. Estabelecemos uma relação de cumplicidade e de afetividade. Eu gostava de conversar com ela e esse sentimento era recíproco. Portanto, quando iniciei a pesquisa de campo procurei imediatamente por ela e soube com facilidade o lugar em que poderia encontrá-la, pois ela estava vivendo há muitos anos em uma praça conhecida e movimentada da cidade.

Assim que nos reencontramos perguntei se ela poderia me ajudar na minha nova empreitada profissional e ela logo aceitou meu pedido. Essa garota era uma espécie de “Doc”, o primeiro informante chave e “padrinho” de William Foote White (2005), que na obra “Sociedade de Esquinas” ressalta que com o passar do tempo, e em decorrência de seu envolvimento com a pesquisa realizada pelo autor, esse jovem tornou-se um colaborador de pesquisa que, além de sua história narrada no estudo, foi essencial para a produção das interpretações sobre os modos de vida dos jovens em “Cornerville”. Com a jovem de Fortaleza não foi diferente, pois ela sempre foi disponível, a não ser quando se envolvia em alguma situação que colocava sua permanência em risco e ela desaparecia. A história e trajetória afetiva desse interlocutor será narrada no terceiro capítulo, pois ela é reveladora de compreensões e problematizações sobre a vida nas ruas. Ela teve um papel central no desenvolvimento dessa pesquisa e, dessa forma, foi inevitável não dar um destaque especial à sua trajetória.

Devido a práticas de observações vivenciais realizadas e marcadas por cumplicidades e afetividades com os jovens com experiência de moradia de rua, escolhi quatro trajetórias afetivas que serão narradas nesse trabalho. As escolhas foram feitas em virtude das informações obtidas, aproximações realizadas e por

cada uma delas apresentar “singularidades inquietantes”, fecundas para a compreensão da constituição das redes afetivas e das narrativas amorosas que entrelaçam os percursos de jovens que vivem nas ruas. O uso de métodos biográficos, como ressalta Machado Pais (2005), coloca em jogo a recuperação de memórias narrativas evocadas por quem viveu determinadas experiências, memórias essas seletivas e afetivas, que possibilitam tornar visível o que nem sempre é empiricamente detectável. Para o autor:

As potencialidades do método biográfico radicam, sobretudo, num valor de subjectividade que permite que a história de vida exista e circule: a via da subjectividade, como Ferraroti reconhece, é a que possibilita reconstruir o alcance objectivo de uma consciência individual, de grupo ou de época. São os indivíduos, através de seus relatos, que nos permitem a reconstrução dos conteúdos de vida, ao considerarem-na do presente, revisitando-a, filtrando-a por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa que procura dotar de sentido o que se conta. (PAIS, 2005, p. 87).

Esses relatos produzidos são singulares e, portanto, são casos que possuem a intenção de representar um mundo juvenil através do qual outros casos são analisados a partir da reflexividade (PAIS, 2005). Desse modo, o capítulo referente à trajetória afetiva de três jovens moradores de rua será trabalhado como uma “narrativa das narrativas” dos jovens. A escolha desse formato se deu pelo fato de serem as emoções e os sentimentos códigos de conduta que não devem ser unicamente compreendidos pelo discurso, mas considerando, em especial, as práticas e manifestações de comportamento que são manifestadas pelos indivíduos. No caso dos jovens com experiência de moradia nas ruas, deve-se considerar o onirismo que norteia suas histórias, ou seja, compreensões quiméricas que formulam sobre as suas experiências de vida, que são misturadas a descrições verídicas de experiências vividas. Nesse sentido, somente uma metodologia que destaca a observação participante e vivencial em campo conseguirá acessar fios de afetividades que conectam a vida de jovens que circulam pelas ruas da cidade.

1.2. Trilhas e os caminhos metodológicos: disposições, decepções e invenções em uma pesquisa de campo.

Carlos Rodrigues Brandão (2005) diz que o encontro do pesquisador com o seu narrador é um encontro de gestos, pois é neste momento que há a passagem da experiência para o encontro e do contato para a relação. Como negligenciar, então, as emoções que se mobilizam e são latentes em qualquer relação humana estabelecida? A postura científica mobilizada pelo pesquisador em campo tem como premissa fundamental o fato de que ele acabou de sair do universo onde os dados eram basicamente representados quantitativamente, por números, índices, estatísticas, e mergulhou em uma esfera onde há faces, corpos, gestos e emoções expressados, pois agora ele está frente a frente com os sujeitos que pretende pesquisar. Portanto, o pesquisador também formula uma extensa rede afetiva que possibilita sua inserção em campo. Seja selecionando os interlocutores, seja quando recebe a simpatia de intermediadores em campo, seja quando define o aporte teórico para desvendar as tramas sociais e as sociabilidades de determinados sujeitos e grupos sociais. Sem fazer escolhas ou sem ser escolhidos, pesquisadores de campo podem, muitas vezes, se enrolar em redes mal tecidas.

O pesquisador, desse modo, é desafiado por contratempos que podem desestimulá-lo a continuar, ocasionados, especialmente, por desencontros ou pela desistência dos interlocutores ou qualquer outro entrave que sucumbe à empatia entre o pesquisador e o pesquisado, impossibilitando, assim, os contatos necessários para a realização de seu trabalho. E, desse modo, a vontade de desistir ou de mudar de rumo eclode. No entanto, é importante estarmos afetados ou “enfeitiçados” pela temática de estudo estipulada para que esse devaneio não nos afete. Cristian Paiva (2007) destaca que em determinadas temáticas de pesquisa é preciso ser mais do que um pesquisador, é preciso vivê-la e ser atingido e modificado por ela, flanando por uma “outra cidade”, em um deslocamento espacial que coloca em “trânsito afetos de velocidades diferentes”. Para ele, um pesquisador em campo deve ter um compromisso afetivo com o sujeito da pesquisa, pois:

Compromisso afetivo que impõe, como consequência, ir além daqueles procedimentos-padrão de pesquisa social e implica criar uma abertura ao campo da palavra, à circulação de afetos, à criação de um campo de interlocução intensa (PAIVA, 2007, p. 96).

Segundo o autor, essas aproximações afetivas em campo atingem a escrita e são possíveis de serem verificadas através de uma “escrita proximal”, que significa mais do que uma mera exposição de ideias. Portanto, o que sempre esteve em destaque nas minhas observações sobre os modos de vida dos jovens moradores de rua foi a extensa e diversa rede de afetividade que eles teciam. Seus discursos eram cercados de temas relacionados à cumplicidade, honra, afeto, que por diversas vezes misturavam-se aos discursos sobre a violência, as transgressões e os ilegalismos, portanto, experiências inscritas na vida e nas palavras dos jovens moradores de rua. Há um entrelaçamento entre as emoções vivenciadas pelos jovens e seus percursos na cidade. Dessa forma, para compreender essa cultura juvenil, opto por narrar suas trajetórias afetivas dando destaque às suas histórias de amor. Creio que esse é um caminho singular a seguir, pois é subverter o senso comum, já tão habituado a dar destaque às suas trajetórias no campo da violência e a classificá-los através de seus percursos nas ruas, destacando suas redes e comportamentos “marginalizados” e criminosos. Assim, muitas pessoas preferem não enxergar que esses indivíduos possuem redes entrelaçadas por fios de afetos.

Devemos considerar que o fluxo desses percursos juvenis são circunscritos e embaralhados por afetividades e violências, aceitações e negações, presenças e ausências, veracidades e ilusões. Suas narrativas são as expressões dos acontecimentos vividos e das representações sobre essas experiências. Decifrá-las é um grande desafio. Portanto, preferi escutá-los ao indagá-los sobre uma determinada situação vivenciada ou sentimentos despertados. Com o tempo, fui percebendo que os jovens moradores de rua são grandes contadores de histórias. Eles narram as suas histórias com um recorte temporal estabelecido pela suas vivências nas ruas. Como se a vida na casa não existisse ou fosse menos interessante de ser contada. As histórias sobre suas famílias e comunidades eram censuradas por eles, narradas com rapidez, com pouca profundidade de detalhes e até mesmo com descaso. Muitas informações sobre seus passados eu consegui a partir dos documentos oficiais das instituições de atendimento das quais eles

estiveram e estão ligados. Esse material foi importante para compreender alguns percursos não mencionados pelos jovens, especialmente sobre suas “vidas na casa”, com suas famílias, e em suas comunidades.

Já as histórias da vida na rua possuem um tom aventureiro, enunciados com entusiasmo e com os contornos dos dualismos mencionados. Quando a aproximação e a confiança são adquiridas, os jovens contam suas histórias entrelaçando cenas dramáticas com cenas de aventuras e realizando confidências que muitas vezes são ditas de forma clara, mas em outros momentos aparecem nas entrelinhas de suas narrativas. Portanto, compreendo as narrativas dos jovens moradores de rua como “verdades inventadas”, parafraseando Clarice Lispector (1998). As narrativas desse grupo de jovens são entremeadas pelo real e pelo imaginário, pelo legal e ilegal, pela esperteza e inocência, que se misturam quando eles falam de si e de suas histórias. Portanto, a dúvida e a incerteza são revelações que um campo de pesquisa pode produzir. Nesse sentido, são dados que devem ser considerados e compreendidos dentro dos seus contextos de elaboração. César Barreira (1998, p. 33), refletindo sobre as “armadilhas simbólicas da pesquisa”, ao se deparar com as armadilhas e subterfúgios observados nos discursos dos pistoleiros, os interlocutores de suas pesquisas, ressalta:

Esta consciência me colocou numa posição muito instigante, metodologicamente, que era a de dúvida e incerteza. Neste sentido, os passos tomados foram mais comedidos e cautelosos. Isto pode ter prejudicado, impedindo ou limitando grandes vôos. Por outro lado, a reflexividade, o pensar pesquisando, me trouxe com toda nitidez os limites da neutralidade e do distanciamento nas pesquisas sociológicas. As verdades ficaram cada vez mais no campo do relativismo e o ato de pesquisar mais estimulante e com menor quantidade de cânones.

Percebo que um estudo sobre afetos não deve ser analisado exclusivamente através dos discursos proferidos pelos interlocutores, mas sim associá-los às práticas e performances que são apresentadas em suas interações com outras pessoas, nesse caso, com aqueles a quem o sentimento é direcionado. Assim, como é importante relacionar a análise a diferentes fontes de expressão de sentimentos, refiro-me a fotografias, escritos, objetos, lugares que são referidos pelos interlocutores como elementos que designam referências afetivas. Durante

minha experiência de campo, gravei três entrevistas com jovens que estavam vivendo nas ruas (duas meninas e um menino) e quatro com jovens que viviam em abrigos (três meninos e uma travesti). No caso daqueles que estavam fora de alguma instituição, portanto, de um lugar isolado e íntimo para a realização de uma entrevista, deparei-me com um grande desafio, pois teria que disputar a atenção com o movimento que a rua produz. Observei que eles ficavam dispersos em virtude dos movimentos da rua enquanto eu gravava as entrevistas. Entre uma resposta e outra a uma colocação que fazia, eles se levantavam, iam fazer outras coisas ou iam ao encontro de outras pessoas e depois voltavam até o lugar que eu estava e, assim, diversas vezes, nem eu, nem eles sabíamos onde tínhamos parados. Percebia que eles ficavam pouco interessados, e algumas vezes constrangidos, com a situação proposta. Com isso, descartei a gravação de entrevistas e passei a registrar seus discursos em minhas anotações de campo, estabelecendo a observação participante, conforme já mencionei anteriormente, como a metodologia de trabalho.

Durante a realização de entrevistas com jovens que estavam em um abrigo, percebi que, apesar delas terem sido realizadas em um lugar mais propício do que “no meio da rua”, portanto, na sala de atendimento da instituição, constatei que as dificuldades em utilização desse recurso aconteciam por serem os afetos expressões sentimentais cuja designação de seus significados ultrapassa os limites da oralidade mediada no ato de realização de uma entrevista. De frente desse desafio, percebi, assim como designa Bourdieu (2007), que deveria, diante das “sutilezas plurais” de um objeto de pesquisa, construir mecanismos que atingissem os “discursos explícitos”, portanto, o desenvolvimento de uma “escuta ativa e metódica” que revelasse aos próprios pesquisados e ao “pesquisador reflexivo” o “discurso extraordinário”, expressado por proposições e não por imposições. Para Bourdieu (2007), a objetividade da pesquisa em ciências sociais é uma objetivação, pois não se tem um “dado nu”, mas sim um dado construído, recortado e problematizado por um pesquisador. Nesse sentido, a observação vivencial, em campo, em diversos lugares e situações, mediadas por afetividades e cumplicidades com os interlocutores, proporcionou diferentes acessos aos dados de análise dessa pesquisa e configurou-se como a forma profícua de inserção em campo. De toda forma, considerei essas entrevistas importantes para serem analisadas, dentro de

um contexto mais geral, no que diz respeito aos modos de vida juvenil nas ruas, que foram problematizados ao longo das reflexões suscitadas na realização dessa pesquisa e na elaboração do texto final. Contudo, usarei citações de uma entrevista realizada com um jovem que estava no abrigo, pelo fato dela dialogar com outro material recebido em campo: um diário íntimo e pessoal de um jovem com experiência de moradia de rua que foi um de meus interlocutores.

Portanto, os discursos extraordinários e espontâneos são essenciais na análise dos discursos afetivos, pois eles produzem significados dados a uma determinada emoção, através das manifestações de opinião, de gestos, de atitudes em decorrência de situações cotidianas vividas pelo indivíduo, logo, sem se constituírem como uma resposta elaborada a uma pergunta. Os comportamentos expressam as formas como os indivíduos concebem determinados sentimentos. Le Breton (2009) ressalta que não é possível compreender as emoções sem misturá-las à trama social e à cultura afetiva própria de um grupo, pois, para o autor:

A causa das emoções, seus efeitos sobre o indivíduo ou sua modalidade de expressão não se concebem fora do sistema de significados e de valores que regem as interações do grupo. Cada cultura afetiva dispõe particularmente de seu vocabulário, de sua sintaxe, de suas expressões mímicas e gestuais, assim como de suas posturas e modalidades de deslocamentos (LE BRETON, 2009, p. 152).

Le Breton ainda destaca que a emoção é a propagação de acontecimentos experimentados no presente, no passado e vislumbrados para o futuro, com contornos reais e imaginários que estão associados à relação do indivíduo com o mundo. É um acontecimento provisório, mas originado de uma causa precisa, onde o sentimento se cristaliza com uma intensidade particular expressada pela alegria, pelo desejo, pela raiva, pela surpresa, pelo medo, dentre tantas outras emoções.

Howard Becker (2007) insinua, na obra “Segredos e Truques da Pesquisa”, que em um processo de análise narrativa o “como?” é melhor do que o “por quê?”, pois, ao serem inquiridos sobre as causas ou motivos de um determinado comportamento, os indivíduos produzem respostas defensivas. De

acordo com o autor, quando ele perguntava, em suas experiências de pesquisa, “como alguma coisa tinha acontecido”, ele recebia respostas mais longas, as pessoas contavam histórias cheias de detalhes, fornecendo explicações que incluíam não só as razões para o que fizeram, assim como relatavam as ações de outras pessoas envolvida no mesmo evento. Dessa forma, se dá mais liberdade às respostas dos interlocutores, convidando-os a responder da maneira que melhor lhes conviesse, possibilitando que eles se tornassem de fato narradores. Para Becker (2007), esse modo de perguntar não produz uma resposta “certa”, não atribui responsabilidades por más ações ou resultados. Esse “truque de pesquisa” condiz com o trato que destinei às formas de conversar com os jovens moradores de rua, pois sabia que alguns eventos são inconfessáveis ou intocáveis, ao menos por ora, sobre situações demarcadas tanto por atitudes desviantes como por expressões de sentimentos.

Um dos grandes desafios que vivi em campo foi a dificuldade de construção do distanciamento de uma temática que é muito próxima de minha vida profissional, política e afetiva. Minha trajetória de pesquisa sempre se situou no coração dos modos de vida juvenis e suas redes afetivas e amorosas como uma temática central de minhas inquietações. A partir desse envolvimento, tenho participado, em tempos diversos, de diferentes instâncias relativas à condição infanto-juvenil em Fortaleza e no Brasil, seja em instituições públicas, organizações da sociedade civil e espaços de articulação e participação social. Esses lugares são fundamentais para um entendimento mais completo sobre a infância e juventude, bem como para aprender, trocar e questionar determinadas circunstâncias e situações nas quais estão eles inseridos. Portanto, assumo meu lado militante e o desafio de promover o estranhamento de algo familiar como própria condição de possibilidade desse objeto de pesquisa.

Marília Amorim (2001) ressalta que a atividade de pesquisa é uma espécie de “exílio deliberado” no qual o pesquisador é ao mesmo tempo anfitrião e convidado, pois ao mesmo tempo em que recebe, também acolhe os indivíduos que atuarão como interlocutores da pesquisa. É o pesquisador quem se desloca para, dessa forma, traduzir e transmitir uma determinada escuta da alteridade. Assim, segundo a autora, “atribuímos à alteridade uma dimensão de estranheza porque não

se trata do simples reconhecimento de uma diferença, mas de um verdadeiro distanciamento” (AMORIM, 2001, p. 26). O processo de pesquisa é uma atividade de encontros e desencontros, pois, segundo a autora, quem eu quero alcançar é, ao mesmo tempo, aquele cuja impossibilidade desse alcance integra um dos princípios da pesquisa e, diante disso, ressalta:

Sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa e isto faz com que toda tentativa de compreensão e de diálogo se construa sempre na referência aos limites dessa tentativa. É exatamente ali onde a impossibilidade de diálogo é reconhecida, ali onde se admite que haverá sempre uma perda de sentido na comunicação que se constrói um objeto e que um conhecimento sobre o humano pode se dar (AMORIM, 2001, p. 29).

Sendo assim, uma pesquisa sobre os afetos dos jovens moradores de rua apresenta desafios metodológicos que mobilizam a construção de “invenções” em campo. Por invenções, entendo a possibilidade de utilizar métodos de análise diferenciados, mas que estejam em consonância com o movimento do campo de pesquisa, dando conta de compreender e interpretar a construção dos sentidos através das diversas manifestações (orais, gestuais, corporais) produzidas pelos indivíduos. Devemos considerar, conforme disse anteriormente, que todo objeto de pesquisa é um objeto construído e não um objeto dado, portanto, circunscrito por idiosincrasias, ambivalências e suspeitas. Nesse sentido, o percurso metodológico pode sofrer alterações quando posto em prática, assim como estará sujeito a invenções e confluências com outros métodos para que, dessa forma, consiga ser um caminho rumo ao encontro com o objeto investigado.

Para a realização dessa pesquisa, foi necessário me equipar com disposições afetivas, dessa forma, acionei diferentes redes de afetividades, seja com os jovens interlocutores, com profissionais de instituições de atendimento, com tempos e anotações que compõem meus arquivos pessoais. Perambular pelas ruas da cidade de Fortaleza e observar as culturas juvenis são atitudes que fazem parte do meu cotidiano e, em decorrência desse estudo, apenas me dispus a prescrever o rigor metodológico como norteador do tempo da tessitura de um processo de pesquisa. Quando aos desafios que um trabalho de campo produz, me cerquei de possibilidades que oferecessem a observação dos afetos juvenis através dos

comportamentos e das narrativas dos jovens, inventando formas de fazer com que a minha presença fizessem parte do cenário dos jovens. Dessa forma, ouvi histórias, descrevi percursos e desenhei cartografias em um processo similar à montagem de um quebra cabeças das culturas afetivas juvenis daqueles que vivem nas ruas da cidade. Para tanto, essa pesquisa possui o tempo multiforme da rua, portanto, descontínuo, atravessado, fragmentado e híbrido, iniciado em 2005, desenrolado durante os anos de 2008 e 2011, e que certamente não cessará após a escrita das considerações finais dessa tese.

1.3. Do lado de lá: a socióloga, a instituição e as redes afetivas.

Conforme já mencionei, em 2006 conheci um jovem morador de rua que se portou como um “objeto de pesquisa” que foi de encontro à pesquisadora, portanto, subvertendo o convencional. Sua história de vida nas ruas e a forma como constituía suas redes afetivas me chamaram a atenção. Não estava, naquele momento, como uma pesquisadora em campo observando as práticas e modos de vida das culturas juvenis, mas sim atuando como uma agente institucional de um órgão da gestão pública municipal que tinha como objetivo “promover políticas públicas que garantissem os direitos de crianças e adolescentes”, segundo os dizeres da instituição. Portanto, uma possibilidade de pesquisa despretensiosamente veio ao meu encontro e fez com que eu conhecesse diversas crianças e jovens moradores de rua entre os anos de 2005 a 2007. Nessa época, eu era Gerente de Programas Sociais do órgão da Prefeitura Municipal de Fortaleza que executava as políticas públicas para a infância e adolescência: a Fundação de Criança e da Família Cidadã, mas conhecida como Funci. Lá eu estava responsável pelos projetos na área da população infanto-juvenil de rua, dentre eles: um abrigo masculino e outro feminino, a abordagem de rua, um projeto que atendia jovens usuários de drogas, um projeto que a realizava atendimentos psicossociais e sete projetos que trabalhavam com arte-educação e esporte.

Nessa época, por diversas vezes, me deparava com desabafos angustiados dos profissionais de várias áreas, como: educadores sociais,

assistentes sociais, psicólogos e pedagogos, pois eles lamentavam o fato de atravessarem muitas dificuldades para fazer com que os jovens permanecessem em suas casas e não retornassem a viver nas ruas. O que eles definiam como “o regresso” ou “a conclusão de um atendimento”. Eles argumentavam que mesmo sem ter algum tipo de conflito na comunidade, mesmo a família querendo recebê-lo em suas casas, mesmo estando os jovens vinculados aos programas sociais que tinham bolsas¹⁹, eles acabavam voltando para as ruas. Junto à angústia dos profissionais da Funci, existia a minha própria angústia. Nesse momento, eu já me sentia de mãos atadas e presa a pouco criativa rotina institucional da gestão pública. Comecei a perceber que aquele lugar já não era mais o meu. Estava tomada pela curiosidade sociológica que me instigava cada vez mais a pesquisar sobre os modos de vida dos jovens moradores de rua. Na gestão pública, tinha que oferecer soluções imediatas, em curto prazo, para situações demasiado complexas, tendo em vista que a lógica institucional não permitia esperar, e isso começou a me deixar aflita.

Eu queria escapar das reuniões, sair de trás da mesa, fugir dos gabinetes e ir para o meio da rua ouvir as histórias de amor dos jovens. Considerava que era através de seus discursos que nós – os profissionais da rede de atendimento – conseguiríamos encontrar as saídas tão almeçadas por todos. E assim o fiz. Sentia-me segura nessa “rebeldia”, pois sempre tive o apoio da minha “chefe”, que ouvia, com curiosidade e entusiasmo o que ela definia como “os meus achados de pesquisa” e compreendia que eu estava vivendo uma experiência etnográfica (SILVA, 2009), portanto, era parte de minha atuação de trabalho. Do outro lado, percebi que essa atitude não era compreendida por alguns profissionais, que acabavam considerando essas minhas atitudes como formas de “escapulir” das tarefas das quais tinha a responsabilidade de gerenciar. Quando submeti “os afetos de rua”, em forma de projeto, para a banca de seleção do doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em 2008, a minha chefe passou a ser a minha orientadora. Lembro muito bem do dia em que ela olhou para mim, no meio dos

¹⁹ Programas denominados como “transferência de renda”, que designa algum tipo de apoio financeiro através de bolsas, tornaram-se, atualmente, uma iniciativa em destaque nas políticas públicas brasileiras. Existem uma série dessas modalidades, em âmbito municipal, estadual e federal, que são polêmicas no que diz respeito à sua eficiência.

meus relatos sobre os jovens, e disse que o meu “objeto de pesquisa” tinha acabado de me encontrar.

Em virtude dessa experiência profissional, minhas observações sobre o modo de vida dos jovens com experiência de vida nas ruas começaram nas visitas que fazia em dois abrigos de acolhimento que gerenciava, sendo um para meninos e o outro para meninas. Costumava marcar as reuniões de trabalho nas sedes desses equipamentos sociais. Essa estratégia possibilitou que a minha presença se tornasse algo rotineiro nas instituições e, com o tempo, fui me aproximando dos jovens que estavam morando nos abrigos. Com relação à equipe de abordagem de rua, agendava algumas idas a campo para acompanhar o trabalho dos profissionais e, diante das observações que fazia em campo, questionava e refletia sobre o modo de vida dos jovens, aprendendo muito com os educadores sociais e partilhando a preocupação de criar estratégias que possibilitassem o retorno dos jovens para a vida em família nas suas comunidades, enfim, isso era o objetivo das políticas públicas de atendimento.

Portanto, era uma cientista social atuando em uma instituição que executa políticas públicas para o público infanto-juvenil, dessa forma, posso dizer que sem ela eu não conseguiria ter elaborado ou ter realizado uma pesquisa sobre jovens moradores de rua da forma como fiz. E foi a partir dessa experiência de vida que eu desenvolvi uma nova inserção profissional – e de pesquisa – em minha trajetória como pesquisadora cativada pelos modos de vida das culturas juvenis, logo, uma socióloga dos afetos. Posso dizer que esse capítulo de minha história de vida consolidou-se quando fui afetada pelo trabalho desenvolvido na esfera das políticas públicas de promoção de direitos humanos, que em minha trajetória foi algo circunstancial, mas extremamente enriquecedora para a minha formação e para a sensibilização de um olhar mais complexo em minha trajetória como cientista social.

Antes de construir um projeto de pesquisa, tinha que formular novas estratégias para a política de atendimento à população infanto-juvenil moradora de rua na função de gerente de programas sociais. Dessa forma, eu e Glória nos reunimos com uma equipe seleta de profissionais experientes que compunha o quadro de funcionários da Funci e construímos ações que privilegiassem a arte-

educação e a redução de danos²⁰ como novas estratégias de atendimento. Dessa forma, buscávamos privilegiar iniciativas de aproximação com as crianças e os jovens, construindo relações de confiança para entendermos a partir de suas trajetórias de vida os sentidos que atribuíam às experiências vividas. Começamos a atuar no sentido de entender a constituição das redes afetivas tecidas pelos jovens, sejam elas formadas na casa ou na rua. Na rua, existia uma rede afetiva que mobilizava nos jovens o desejo de ficar. Por diversas vezes ouvíamos definições feitas pelos jovens sobre o seu “grupo”, a sua “galera”, a “menina do nosso grupo”, o “menino do outro grupo”, portanto, expressões semânticas que apontavam as redes. A cidade é desenhada pelos jovens moradores de rua através de uma geografia territorial afetiva que os define e os insere em um grupo e em um lugar.

Em decorrência do cargo exercido na Funci, tive a oportunidade de participar, durante três anos, das reuniões da Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua. Este grupo de trabalho, ainda em exercício em Fortaleza, reúne as entidades que realizavam atendimento a esse grupo, seja através da abordagem de rua ou dos serviços de acolhimento institucional: os abrigos. Natália Pinheiro Xavier (2009), em sua dissertação de mestrado intitulada: *Entre consensos e dissensos – a tessitura do atendimento a crianças e adolescentes em situação de moradia nas ruas de Fortaleza*, situa a Equipe Interinstitucional da seguinte forma:

A Equipe Interinstitucional foi criada em 1995 pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) do município de Fortaleza. No início da década de 1990, verificava-se uma realidade na Capital do Ceará em que as organizações governamentais e não governamentais trabalhavam desarticuladas. Havia diversas entidades trabalhando na rua com as crianças e adolescentes em situação de moradia que sequer se conheciam entre si. Ademais, era comum entre os meninos e as meninas a “demarcação” de um local no espaço público do qual se apropriavam como seus. Isso acontecia de tal forma que tinha os meninos da Praça do Carmo, outros da Praça da Sé, outros da Praça José de Alencar. Eles não podiam transitar de forma livre pelas praças que não faziam parte de seus ‘territórios’. Em virtude de tais conflitos, um adolescente de apelido Pinguelinho foi morto a pedrada por outros adolescentes por ter transitado em “território proibido” (XAVIER, 2009, p. 13).

²⁰ Abordagem utilizada para promover a diminuição dos riscos relacionados a alguma prática que cause ou possa causar danos, possibilitando que os indivíduos reflitam sobre questões relacionadas a cuidado, autocuidado e proteção, especialmente em circunstâncias de uso abusivo de álcool e outras drogas. Atualmente, no Brasil, as ações de redução de danos são tratadas como política pública pelo Ministério da Saúde.

A partir desse evento – a morte de Pinguelinho – que marca a história das crianças e dos jovens moradores de rua em Fortaleza, o COMDICA cria uma comissão de trabalho, que posteriormente deu origem à Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua. Atualmente, ela conta com cerca de dez entidades governamentais e não governamentais na tentativa de planejar e executar ações compartilhadas para o público infanto-juvenil que vive nas ruas da cidade. Estive na coordenação colegiada desse grupo durante os anos de 2005 e 2006 no assento do poder público. As reuniões aconteciam, e ainda acontecem, mensalmente com a presença dos gestores e coordenadores dos programas e de educadores sociais que integram o Núcleo de Articulação dos Educadores Sociais de Rua, um subgrupo da Equipe Interinstitucional formada pelos profissionais que fazem a abordagem diária. Durante o curso dessa pesquisa, estive em algumas reuniões na condição de observadora para, dessa forma, conversar com os coordenadores dos programas de atendimentos sobre as questões atuais que circundavam as preocupações dos profissionais que realizam a abordagem de rua e o acolhimento institucional em Fortaleza.

Nesse mesmo período, também estive representando o poder público municipal no Grupo de Trabalho Nacional Pró Convivência Familiar e Comunitária²¹, grupo que integro até hoje como consultora convidada. Esse também é um espaço de articulação e trocas de experiências regionais sobre políticas públicas e sociais voltadas para crianças e adolescentes que vivem longe de suas famílias e comunidades, em situação de moradia de rua ou de institucionalização em abrigos e modalidades afins. Sua principal atividade é a formação de uma rede local articulada nacionalmente que produz o debate sobre o tema através de reuniões e seminários regulares, no intuito de mobilizar as redes locais e promover ações conjuntas entre as entidades de atendimento. Outra importante ferramenta de participação acontece através de um grupo de e-mails, do qual faço parte, no qual os participantes trocam experiências e situações vividas em seus municípios, possibilitando, dessa forma, uma rede de debates e questionamentos sobre os desafios de promover a convivência familiar e comunitária de crianças e jovens. Esse grupo possui,

²¹ Mais conhecido como GT Nacional, esse grupo foi instituído em 2005 através de uma articulação do Fundo das Nações Unidas (UNICEF) e da Associação Brasileira Terra dos Homens (ABHT). Possui financiamento do Governo Federal através da Secretaria de Direitos Humanos e do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome e apoio municipal para a realização das reuniões e seminários regionais.

atualmente, representantes em todas as capitais brasileiras, contemplando integrantes que compõem entidades da sociedade civil e dos poderes públicos, totalizando cerca de setenta pessoas.

Integrar essas redes foi e continua sendo muito importante para a minha inserção no universo que circunda a vida de jovens moradores de rua. Pude perceber os pontos de vista dos profissionais que atuam na área e suas interpretações sobre as dificuldades em promover um acolhimento fora das ruas para crianças e jovens em Fortaleza e em outras cidades do Brasil ao longo dos anos e através dos discursos de profissionais que atuam nessa área sob diferentes lugares, tempos e regulamentações legais (no caso, antes e depois do ECA). Essas redes também são tecidas pelos afetos, pois percebi como muitos são militantes e possuem uma motivação humanitária que faz com que eles atuem nessa área e suportem adversidades e descontentamentos que o desafio de trabalho cotidiano promove. Lembro-me de uma fala do coordenador do programa de abordagem de rua da prefeitura municipal dizendo que, há dez anos, os meninos e meninas eram exterminados por agentes externos, como no Caso da Chacina da Candelária²², e hoje, especialmente por causa do crack, eles estão se autoexterminando, consumindo desenfreadamente a droga e sendo contaminados pelos males que o uso abusivo acarreta e isso, para o coordenador, representa um dos momentos mais difíceis e desafiadores do trabalho com esse público. Para ele, as ações que são destinadas ao atendimento, seja em Fortaleza ou em outras cidades brasileiras, ainda são por demais experimentais e insuficientes para as demandas diárias.

Dessa forma, as instituições que escolhi para a realização do meu trabalho de campo foram o Programa Ponte de Encontro, da Prefeitura Municipal e a Associação Barraca da Amizade, pelos motivos que já foram expostos. O Ponte de Encontro, serviço inaugurado no ano de 2007, tem como objetivo realizar abordagens de rua com equipes de educadores sociais que priorizam as conversas em campo aliadas a atividades de arte-educação e esporte. Como são formas de abordagens atraentes e que mobilizavam interesses por parte dos jovens, quando os educadores chegam em campo, logo são recebidos com entusiasmo pelos meninos e meninas. Junto aos educadores de rua desse programa, tive a oportunidade de

²² A Chacina da Candelária foi um massacre de crianças e jovens moradores de rua no Rio de Janeiro, realizado por policiais militares no ano de 1993, que acarretou na morte de oito pessoas.

observar e conversar com os jovens que estavam vivendo nas ruas de Fortaleza, especialmente no centro da cidade e nas regiões de turismo que concentram um número expressivo de crianças e jovens moradores de rua. Os educadores sociais, em suas tarefas, realizam encaminhamentos para outros serviços de atendimento (abrigamentos em instituições, atendimentos psicossocial e/ou médico), atividades esportivas (especialmente futebol), de arte-educação (modalidades de artes visuais, como desenhos, grafites), assim como disponibilizam tempo na sua abordagem diária para conversar com as crianças e jovens. Esses são os momentos de intimidade e cumplicidade nos quais os educadores conseguem saber muito de suas histórias de vida. Portanto, o “Ponte” era agregador e o uso da “conversa” como método de trabalho foi fundamental para o meu trabalho de campo. Eu também tinha amigos e conhecidos que trabalhavam como educadores sociais do programa, especialmente o coordenador da equipe, que, sempre solícito, abriu a porta para a minha entrada em campo e para boas conversas sobre a vida dos jovens moradores de rua.

Já a Associação Barraca da Amizade é uma organização não governamental, fundada em 1987, que acolhe os jovens através de um abrigo²³ para meninos de 12 a 18 anos e de uma república²⁴ para as meninas com mais de 18 anos. O meu acesso à Barraca da Amizade também foi facilitado por conhecer pessoas que trabalham na instituição e pelo fato da ONG atender o público masculino. Esse foi um grande desafio para mim em campo, como já foi mencionado, pois falar sobre o amor e as relações afetivas é um tema que desperta com mais facilidade o interesse feminino. Já os meninos se portavam de forma mais arredia. Para seduzi-los tive que oferecer algo atrativo. No caso dos jovens que estavam abrigados na “Barraca”, conforme já mencionei, ofereci a exposição de filmes sobre a temática juvenil que tinham como pano de fundo temáticas românticas, em momentos degustados por refrigerantes e pipocas, e assim fui me aproximando. Quando a intimidade estava estabelecida, conseguia conversar e fazer perguntas específicas sobre o que eles pensavam com relação às suas experiências afetivas e sexuais. Para chegar até os meninos, tive que construir uma aproximação que levava mais tempo, e este tempo foi construído com idas

²³ Serviço de acolhimento provisório com características semelhantes de uma residência.

²⁴ Serviço de acolhimento que apoia de forma subsidiada jovens com mais de 18 anos em processo de desligamento de abrigos e que também deve reproduzir características de uma residência.

frequentes à Barraca da Amizade para conviver com os jovens e observá-los no seu cotidiano.

Sobre as instituições que realizam o trabalho de abordagem de rua, atualmente, a prefeitura municipal, através do Programa Ponte de Encontro, da Secretaria de Direitos Humanos, possui 35 profissionais destinados ao atendimento de crianças e jovens com até 18 anos, que além da abordagem fazem os acompanhamentos aos jovens e seus familiares, de acordo com as demandas geradas nas abordagens. Esse órgão ainda possui 3 abrigos que são utilizados como espaços de acolhimento para as demandas de atendimento. A Secretaria Municipal de Assistência Social possui 15 educadores sociais, divididos nos 3 Centros de Referência Especializado da Assistência Social²⁵ (CREAS), que priorizam o atendimento ao público com idade superior aos 18 anos, além de 6 educadores sociais de rua vinculados ao Centro Especializado de Assistência Social para População de Rua (Centro Pop), que oferece um serviço de acolhimento noturno. Já as organizações não governamentais, que outrora realizavam o trabalho de abordagem na rua, suspenderam essa atividade em decorrência das dificuldades de financiamento que atravessam as instituições. Aliado à execução das políticas públicas na cidade de Fortaleza, o Governo do Estado possui um programa de abordagem de rua²⁶ que atualmente encontra-se em redefinição de sua metodologia de trabalho e está ligado a um Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e atende a região metropolitana da capital, totalizando cerca de 50 profissionais em campo²⁷.

Por não ser uma educadora social ou uma profissional que tinha um papel claro no trabalho de abordagem de rua, as minhas primeiras idas a campo não foram

²⁵ Equipamento público que compõem a Política Nacional de Assistência Social destinado ao atendimento de casos mais complexos como, por exemplo, a população moradora de rua.

²⁶ Os educadores sociais de rua desse programa – Criança Fora da Rua Dentro da Escola – usavam uma bata de cor amarela e por isso receberam a identificação de “amarelinhos” pelos jovens. Eles possuíam pontos fixo de trabalho em semáforos e cruzamentos de grande movimentação que concentravam crianças e jovens. O programa foi extinto e o trabalho recolocado em um CREAS.

²⁷ Opto por não utilizar referências numéricas referentes ao quantitativo de jovens moradores de rua na cidade de Fortaleza nas problematizações expostas nesse trabalho. De todo modo, referencio como dados mais recentes e importantes sobre esse fenômeno o Relatório de Final do Diagnóstico Sócio-econômico de Crianças, Adolescentes e Adultos Moradores de Rua na Cidade de Fortaleza realizado em 2008 pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano – (GPDU/UECE) e pela Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Governo do Estado do Ceará.

permeadas pelo mesmo nível de intimidade e confiança necessário para fotografar e gravar as interações entre os jovens e as demais pessoas, como faziam os educadores sociais. Com o tempo, ganhando confiança e sendo percebida como parte do cenário – junto à mediação dos profissionais das instituições –, fui sinalizando que estava ali para desempenhar apenas a função de pesquisadora. Isso foi um grande desafio, pois eventualmente a minha imagem era, tanto por parte dos profissionais de atendimento como por parte de alguns jovens, confundida com a minha antiga atuação profissional na gestão pública. Como outrora havia sido a “chefe”, percebia posturas e discursos que buscavam destacar uma certa eficiência e compromisso por parte dos profissionais, uma forma de não “queimar seu filme” comigo por eu ainda ter acesso aos “chefes das instituições”. Quanto aos jovens, vez por outra recebia pedidos de ajuda ou de “barganha” para eles terem algum ganho, seja alguns “trocados” ou encaminhamentos mais desejados ou facilitados para determinados serviços de atendimento. Portanto, estive em campo com o desafio de vivenciá-lo imersa em imagens ambíguas que tantos os educadores sociais como alguns jovens interlocutores construíram ao meu respeito.

Desde cedo, aprendi com Octavio Ianni (2000) que a “viagem” está sempre presente em tudo que circunda as ciências sociais, portanto, estudando, pesquisando e ensinando, e acrescento, ainda, militando. Durante a travessia realizada em uma viagem de pesquisa, nosso olhar revela-se atento e distraído, inquieto e curioso, fascinado e espantado. Desenhemos cartografias, geografias, contamos histórias, desvendamos formações sociais, culturas e civilizações que estão situadas em tempos e épocas que demarcam rupturas. Portanto, nessa viagem, a travessia experimentada pelo cientista social viajante faz com que ele despoje-se, liberte-se, abra-se, em um caminho que se faz ao andar, “isso porque muitas vezes o viajante está à procura de si mesmo” (IANNI, 2000, p. 30), e na travessia ele reafirma seu modo de ser, de observar, de sentir, de agir, de pensar e imaginar: “No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca mesmo que regressa” (p. 31). Portanto, somos, na realidade, grandes contadores de histórias.

CAPITULO 2

CULTURAS JUVENIS E AFETIVIDADES: DELINEANDO FRONTEIRAS AFETIVAS NA CIDADE.

*Aqui nessa casa ninguém quer a sua boa
educação.*

*Nos dias que tem comida, comemos
comida com a mão.*

*E quando a polícia, a doença, à distância
ou alguma discussão,*

Nos separam de um irmão,

*Sentimos que nunca acaba de caber mais
dor no coração.*

Mas não choramos à toa.

Não choramos à toa.

Da janela de minha casa eu vejo um pedaço do centro da cidade de Fortaleza. Alguns prédios, praças, igrejas e ruas que identifico fazem com que eu recorde das pessoas que me emprestaram suas histórias e suas vidas durante o tempo de realização dessa pesquisa. O centro da cidade é um dos lugares que costumo frequentar no meu roteiro cotidiano. Ao desenvolver uma pesquisa sobre a vida dos jovens moradores de rua, passei a atribuir um novo significado afetivo aos espaços que circulei e ainda circulo nessa região da cidade. De longe, não é possível observar as tramas, as redes e os sentidos que cada um desses lugares possui, pois cada indivíduo as constitui de acordo com as sua experiência de vida. Somente “de perto e de dentro”, como orienta Magnani (2002), identificando, descrevendo e percorrendo os meandros da metrópole para observar as relações dos que circulam com os espaços urbanos, é que os lugares e as pessoas passam a revelar expressões dos bastidores da cidade que muitos não conhecem.

Os moradores de rua transitam por esses lugares criando roteiros singulares que são imperceptíveis para aqueles que se limitam a observá-los à distância. Em Fortaleza, muitos vivem no centro da cidade, espalhando seus poucos pertences nos bancos das praças, estacionando desejos de viver em outros lugares, sendo rechaçados pelos transeuntes atrasados e amedrontados. Outros estão esmolando e mendigando nas margens de avenidas movimentadas que ligam a cidade de um lado ao outro. Alguns mais ousados ficam pelos arredores da Avenida Beira-Mar buscando a piedade dos que rezam, os restos de comida dos que

frequentam *fast foods*, a rica moeda estrangeira como esmola, sempre sob a vigilância do policiamento que, em muitos casos, age para controlar a estética do cartão postal da cidade. Os moradores de rua são personagens da cidade, mas protagonizam as cenas de desigualdade e exclusão social, que são corriqueiras e já se tornaram banalizadas para muitos que não conseguem enxergá-los ou preferem excluí-los de seus olhares sobre a cidade.

Segundo os dados das instituições de atendimento de crianças e jovens moradores de rua de Fortaleza²⁸, eles começam a viver nas ruas no final da infância (em torno dos 10 anos de idade) e, na maior parte dos casos, por causa de algum tipo de conflito familiar ou comunitário. Não se pode afirmar que foi na rua a primeira experiência com as drogas e com as práticas sexuais. Um número expressivo sofreu algum tipo de abuso sexual por parte de alguma pessoa que compunha seu ciclo de confiança e convivência. Encontram-se esporadicamente com suas famílias, a figura masculina geralmente é representada pelo padrasto, com o qual grande parte possui algum tipo de conflito. Recorrem a artifícios legais (políticas de atendimento) e ilegais (atitudes criminosas) como uma estratégia de sobrevivência. Vinculam-se a grupos de moradores de rua, criam laços de afetividades com as pessoas com as quais convivem e, atualmente, não possuem um lugar de concentração fixo. Eles estão perambulando pela cidade durante o dia em diferentes lugares de grande movimentação de pessoas. À noite, alguns jovens costumam, em grupo, alugar quartos nas comunidades pobres localizadas no centro da cidade para dormirem, outros se encostam em bancos e calçadas ou deixam seus corpos esmorecidos caírem em qualquer lugar. Muitos são consumidores de crack, que foi substituído pela cola e pelo solvente – quase não se sabe do uso dessas substâncias, atualmente, na cidade – e utilizam a droga de forma isolada, escondida e em grande quantidade. Alguns jovens com experiência de moradia de rua já tiveram filhos e essas crianças encontram-se em abrigos ou na casa de seus familiares.

Indivíduos com experiência de vida nas ruas representam uma ruptura, uma contestação, um desencantamento de algo rumo à produção de novas formas

²⁸ Dados obtidos através de documentos e narrativas das instituições que compõem a Equipe Interinstitucional de Abordagem de Rua de Fortaleza. Considero-os fragilidades metodológicas nos levantamentos realizados pelas instituições de atendimento, assim, prefiro me ater aos dados coletados nos documentos de atendimento e nas narrativas dos profissionais.

de viver, por serem autores e protagonistas de suas próprias histórias. São corpos que não se acomodaram com a fixidez ou com significados preestabelecidos e, assim, fazem da rua os lugares de suas moradas. Para José de Souza Martins (2000), a modernidade produz indivíduos fragmentados, mas obstinados a mudar suas trajetórias de vida, que lutam para viver, ao mesmo tempo em que não deixam que esse viver lhes escape ou se apresente como algo absurdo ou destituído de algum sentido. Assim, criam novas formas de vida na tentativa de reencontrarem sentidos ou reinventá-los. O autor ainda assinala que os indivíduos envolvidos em “privação repentina de significados” criam significados substitutivos e reestabelecem as relações sociais interrompidas ou ameaçadas de ruptura. Portanto, segundo Martins (2000, p. 61):

[...] os significados são reinventados continuamente em vez de serem continuamente copiados. As situações de anomia e desordem são resolvidas pelo próprio homem comum justamente porque ele dispõe de um meio para interpretar situações (e ações) sem sentido, podendo, em questão de segundos, remendar as fraturas da situação sociais.

De todo modo, os indivíduos estão em constante movimento, em processos de reinvenção de seus cotidianos e de suas subjetividades. O homem moderno, para Richard Sennett (2008), é um ser humano móvel. Como o “desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move” (SENNETT, 2008, p. 262), o indivíduo moderno desloca-se em uma cidade com o movimento acelerado de pessoas, cheia de espaços neutros, de passagens e de riscos. As reflexões do autor sobre a vida na cidade faz analogias às descobertas científicas sobre o sistema circulatório, construindo formulações sobre as relações estabelecidas entre o corpo e a livre locomoção na cidade. Mas a locomoção, o deslocamento livre, tem sido tratada como um dos grandes desafios urbanos das cidades brasileiras, devido à sensação de risco, do medo, portanto, da violência urbana. Os moradores de rua compõem o grupo daqueles que “amedrontam” e criam resistências à circulação, na cidade, de outros indivíduos. Suas trajetórias de vida nas ruas são mediadas por situações nas quais o legal e o ilegal, a dignidade e a marginalidade, o real e o imaginário, o amor e o ódio, a

solidariedade e a individualidade, sentimentos que se confundem e se entrecruzam cotidianamente.

2.1. Nos rastros de corpos que circulam pela cidade.

Os moradores de rua não são os únicos que circulam pela cidade. Dentre os grupos circulantes, eles são aqueles que associam as dimensões da vida privada à esfera pública, redesenhando uma nova geografia dos espaços. Guiam-se de acordo com os trajetos cortados, com os limites transpostos e as fronteiras demarcadas, configurando os espaços para viver nas ruas. Sabem onde dormir, comer, tomar banho, se esconder, namorar, brincar, trabalhar e buscar socorros necessários, distribuindo-se na cidade de acordo com as possibilidades de resoluções de suas necessidades e desejos, assim como para a obtenção de rendimentos materiais e financeiros. A cidade passa a ter uma nova localização geográfica e afetiva. Frangella (2009) delinea sua percepção sobre os corpos dos moradores de rua notando que a geografia urbana, continuamente, os acolhe e os repele. Por outro lado, independente da cidade em que se localizam, os moradores de rua são expressões das desigualdades e injustiças sociais na sua forma mais extrema.

Indivíduos recobertos pelas experiências de exclusão sociais são designados pelo senso comum a partir de classificações que salientam as formas de marginalização, discriminação e estigmatização. Boaventura de Sousa Santos (2008) nos chama a atenção para pensarmos os conceitos de desigualdade e exclusão social como sistemas de pertencas hierárquicas. No sistema de desigualdade, a pertença se dá pela integração subordinada, implicando em um sistema hierárquico de integração social. No sistema de exclusão, a pertença se dá pela própria exclusão, mas dominado pelo princípio da segregação. Para o autor, esses sistemas são tipos ideais, pois, na prática, os grupos sociais inserem-se nos dois sistemas dentro de combinações complexas. No caso dos moradores de rua, eles estão inseridos como agentes desqualificados frente às demandas

socioeconômicas do mundo do trabalho, integrando-se hierarquicamente abaixo dos agentes qualificados. Suas atividades que geram proventos econômicos (vigiar carros nas ruas, pedir dinheiro, recolher materiais recicláveis, vender doces e balas) são geralmente vistas como atividades marginalizadas. Por serem excluídos do que é classificado como regular aos comportamentos e etiquetas sociais (fazem da rua as suas casas, não possuem uma rotina de trabalho, possuem aparências mal cuidadas e sujas), a exclusão dos indivíduos que vivem nas ruas consolida e justifica no imaginário social a periculosidade pessoal, produzindo uma pertença que se afirma pela não-pertença. Nesse sentido, Santos (2008) assinala que a integração não vai além do controle da periculosidade.

Problemas de desigualdade e exclusão social não são temas da modernidade. Suas formas e expressões é que apontam novos sentidos e produzem novos atores. Atualmente, a dimensão econômica, simbolizada pela dificuldade de inserção no mundo do trabalho, se configura como uma das principais formas de exclusão social. Elimar Pinheiro do Nascimento (2000) aponta que as diferentes formas de exclusões acontecem por causa de um processo simultaneamente econômico (expulsão do mundo do trabalho), cultural (não reconhecimento ou negação dos direitos) e social (rupturas de vínculos comunitários), que leva à formulação de grupos de indivíduos “desnecessários economicamente”, “incômodos politicamente” e “perigosos socialmente”. Para Nascimento (2000), esses indivíduos não possuem um lugar e podem ser eliminados fisicamente sem que o desaparecimento de seus corpos seja percebido. São eles os moradores de rua, os sem-teto, os sem-trabalho, os sem-terra, os trabalhadores migrantes, os sem vínculos familiares e comunitários, aqueles que fazem dos espaços públicos (ou dos espaços dos quais não possuem posse) suas moradias.

Apesar de representarem um número significativo de corpos na cidade, muitas vezes difícil de ser quantificado por causa de sua característica nômade, o grupo de moradores de rua não se constitui de forma homogênea. Diferenças são percebidas, especialmente em relação às faixas etárias e ao gênero, ao tempo e ao lugar em que vivem nas ruas, aos meios de sobrevivências, aos motivos que os levaram a viver nas ruas, aos vínculos familiares e comunitários e às percepções que esses indivíduos possuem sobre si. Para Tânia Tosta (2000), o importante é

destacar que a condição de morador de rua pode corresponder a um momento processual e não um estado definitivo. Especialmente no caso dos indivíduos mais jovens, pois o trânsito entre a casa e a rua e as instituições de atendimento (os abrigos) acontece constantemente em suas trajetórias na rua, tendo em vista que a maior parte das crianças e jovens que circulam pelas ruas da cidade possui algum tipo de vínculo ou referência familiar.

Os moradores de rua, ao transitarem pela cidade, estabelecem encontros, trocas e sociabilidades de diversos sentidos. Eles produzem “pedaços”, como designa Magnani (2002), espaços intermediários entre o público e o privado que evoca laços de pertencimento e estabelecimentos de fronteiras, onde os indivíduos se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos e onde acontecem as formas de interação com aqueles indivíduos reconhecidos como portadores dos mesmos símbolos, orientações, valores, hábitos (de consumo ou não) e estilos de vida. Esses são os lugares de encontro com seus pares, que passam a ser percebidos, conforme designado por Magnani (2002), como colegas e “chegados”²⁹. Os indivíduos produzem seus “trajetos” pela cidade, ou seja, “estabelecem fluxos recorrentes nos espaços”, impondo a necessidade de deslocamento por regiões distantes e não contínuas, tornando o pedaço lugares abertos e permeáveis, abrindo-o para dimensões públicas. No rastro da percepção de Magnani sobre a sociabilidade e suas formas de uso dos espaços na cidade, é possível perceber os “circuitos” constituídos pelos moradores de rua. O circuito é “uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de um determinado serviço” (MAGNANI, 2002, p. 23). Para viver e sobreviver nas ruas, é necessário ter conhecimentos sobre equipamentos, instituições e estabelecimentos que oferecem algum tipo de atendimento ou que suprem uma necessidade ou desejo.

Portanto, viver nas ruas pressupõe um saber que não é constituído apenas pelos usos dos espaços, mas pelos diversos sentidos que os usos receberão das diversas pessoas que os frequentam. Nos relatos sobre a vida nas ruas que ouvi dos jovens interlocutores dessa pesquisa, as identificações dos

²⁹ No caso da população de rua, as informações sobre os “chegados” que também vivem nas ruas são muitas vezes restritas às histórias e experiências vividas nas ruas. Em alguns casos, o passado é omitido ou desconsiderado. Mas, vivendo nas ruas, é possível saber quem são os chegados, de onde eles vêm, do que gostam ou não gostam e o que se pode ou não fazer, características essas esboçadas na conceituação de Magnani (2002) sobre os “chegados”.

lugares se davam pelos usos, especialmente dos lugares designados para a dormida no centro da cidade, que não se configuravam como lugares móveis, diferente das práticas de dormida na Avenida Beira-Mar³⁰, que variam de acordo com as possibilidades do momento. Os jovens estabeleciam esses lugares e se fixavam neles por longos períodos. A mobilidade costuma se dar por algum conflito ocorrido com outro integrante do grupo ou por causa de alguma ameaça sofrida, podendo o ameaçador encontrá-lo com facilidade nesse lugar pré-definido. Se para outros transeuntes da cidade um prédio no centro de Fortaleza significa um banco ou um estabelecimento comercial, para os moradores de rua esses prédios são identificados como os lugares da dormida. Do mesmo modo que eles se identificam, também, a partir desses lugares. Outros indivíduos se identificam a partir dos lugares que se fixam durante o dia e não durante à noite, como, por exemplo, aqueles que se dizem “da Praça do BNB³¹” ou um outro grupo intitulado “os que dormem na Rabelo³²”. Mas temos que considerar que essas identidades e identificação são efêmeras e dependem de circunstâncias propícias de ocupação. Portanto, os espaços que a rua produz são “lugares praticados”, como define Michel de Certeau (2008, p. 202). Para o autor:

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.

Por conseguinte, as diversas experiências espaciais produzem diversos usos desses lugares, e os moradores de rua redefinem e resignificam, cotidianamente, os “lugares praticados” nas congruências das experiências da vida íntima publicizadas nos lugares públicos. O “lugar praticado” é imóvel e depende das

³⁰ Na Avenida Beira-Mar, os trajetos e usos dos espaços estão associados às orientações ou à repressão dos agentes institucionais do Estado, como os policiais, guardas e educadores sociais, que os permitem ou não ficarem em determinados lugares. Portanto, poucos definem um lugar mais estável para dormir.

³¹ Prédio no centro da cidade que já foi sede do Banco do Nordeste Brasileiro (BNB), mas que atualmente sedia a Justiça Federal, sendo um lugar que não se desvinculou de sua antiga instituição para o imaginário da população.

³² Loja comercial de eletrodomésticos e eletroeletrônicos que possui uma “calçada boa para se dormir”, conforme alegam os jovens que vivem nas ruas.

dinâmicas de deslocamentos coletivos para poder, constantemente, criar novos significados de uso e para atualizar esses usos. De Certeau (2008) compreende que os mecanismos que transformam os espaços também estão em trânsito, motivados, especialmente, pela vivência temporal dos indivíduos em determinados lugares. Como relatei anteriormente, lugares de dormida e de identificação de ocupação diária podem ser alterados devido a alguma dificuldade de utilização por aqueles que vivem nas ruas.

Algumas das principais motivações que provocam os deslocamentos dos moradores de rua dos lugares onde estabelecem uma fixação mais duradoura são as práticas e as situações de violência. Esses acontecimentos estão relacionados com a repressão policial, com conflitos e desentendimentos no interior dos grupos ou ameaças de agentes externos ou inimigos que podem saber onde encontrá-los. O cenário no qual estão inseridos é marcado por uma diversidade de manifestações de violência praticada por eles ou contra eles. Desamparados pelos serviços públicos de atendimento, especialmente de saúde, educação, habitação e segurança pública, os casos de conflitos são geralmente resolvidos por e entre eles, portanto, existem poucas estatísticas que apontem seus envolvimento em situações de violência, seja como autores ou vítimas dessas situações. Geralmente, usa-se “armas brancas”, como facas, cacos de vidros, garrafas quebradas, pedras, entre outras. Portanto, a rua é compreendida por sua multiplicidade de usos e significados e, no caso dos moradores de rua, uma dentre tantas classificações é a de que a rua se reproduz em cenários de violência. Em seus relatos, ela é o lugar que simboliza a liberdade, ao mesmo tempo em que, também, é compreendida por eles como um lugar perigoso de viver.

As formas de violência na rua possuem múltiplos formatos. São expressas pelos fenômenos de exclusão e desigualdade social, que fazem com que os indivíduos se encontrem em situações de miséria e extrema pobreza, tornando-se despossuídos de qualquer bem de consumo e sobrevivência. Estão associadas a práticas criminosas protagonizadas por eles, como também através de situações de violência que os colocam como vítimas de agressões, maus tratos, atitudes de repugnância e, conforme a mídia tem noticiado recentemente, os moradores de rua estão sujeitos a serem assassinados por aqueles que consideram suas vidas

desnecessárias e ameaçadoras³³. Muitos também possuem formas de interação violentas entre eles e direcionadas às outras pessoas que circulam pela cidade. Mas é importante ressaltar que as práticas de violência e os comportamentos violentos não devem ser associados, de forma generalizada, a todos os indivíduos que moram nas ruas. A violência é uma das representações que compõem o universo da rua, mas que não a define.

O destaque dado à violência ocorre por serem a criminalidade e a violência urbana, nas últimas décadas, um assunto que permeia os debates públicos protagonizados pelos veículos de informação e poderes públicos, assim como nas rodas de conversas cotidianas que compõem a vida privada das pessoas. A noção de violência urbana está caracterizada, como destaca Machado da Silva (2004, p. 61), “por um complexo de práticas reconhecidas como ameaças à integridade física e patrimonial e, em relação às quais se constroem modelos de comportamento e experiências vividas não convencionais”, portanto, refere-se à articulação de uma ordem social. Ela é uma representação coletiva, portanto, aponta agentes que são modelos de conduta violenta e uma vasta gama de práticas de violência. Para Silva (2004, p. 62), as atribuições de sentido à violência urbana implicam em fragmentações das rotinas cotidianas, portanto:

[...] os modelos de conduta a que se refere esta representação procuram lidar com o medo e a percepção de risco pessoal e expressam, implicitamente, uma participação subordinada no complexo de práticas que constitui a violência urbana. Em outras palavras: as populações que produzem esta representação e por ela organizam (parte de) suas condutas não são as “portadoras” (os agentes produtores) do sentido desta ordem social. Construir a representação da violência urbana apenas lhes permite uma adesão orgânica que, em última instância, valida esta ordem social e ao mesmo tempo, reorganiza a vivência e permite a compreensão de uma rotina cotidiana fragmentada.

³³ Ver casos ocorridos especialmente no Distrito Federal sobre o assassinato do índio Gaudino, que foi confundido como um morador de rua, no ano de 1997 e, mais recentemente, no ano de 2012, dois casos de assassinato de moradores de rua na cidade satélite de Santa Maria. No caso do assassinato de crianças e jovens moradores de rua, a chamada “Chacina da Candelária”, ou o assassinato de seis meninos menores de idade e dois maiores enquanto dormiam, realizado por policiais militares no ano de 1993 no Rio de Janeiro, repercutiu mundialmente.

As condutas violentas são produzidas por agentes que ameaçam a ordem pública violando as regras sociais. Esses agentes se aproveitam de circunstâncias anômicas provocadas pela desorganização dos sistemas estatais de administração e justiça. Os moradores de rua se enquadram nessa leitura dominante de classificação dos grupos que possuem condutas violentas e ameaçadoras, assim como são percebidos como detentores de uma “sociabilidade violenta”. Esse termo, desenvolvido por Silva (2004), se refere ao sistema de sociabilidade em que a própria violência normatiza o ambiente e as relações sociais. Sendo assim, em tempos nos quais o sentimento de medo e insegurança na cidade agrava-se cotidianamente, os moradores de rua tornam-se um dos principais grupos representativos de uma sociabilidade violenta. Por sua condição ser compreendida pelo senso comum como algo definitivo e irrevogável, a sentença dada pelas classes dominantes a esse grupo social transforma esse contingente de pessoas em uma classe perigosa. Bauman (2009) pontua que a insegurança moderna está relacionada não só com o medo dos crimes e dos criminosos, mas também com o sentimento de confiança, que geralmente é algo recusado e inaceitável frente aos grupos criminosos e de sociabilidades violentas. Classificados como agressivos, famintos e desordenados, os sentimentos de confiança e solidariedade são de longe os mais destinados ao grupo dos moradores de rua.

No caso dos jovens moradores de rua, representações de condutas perigosas e imorais também são associadas a eles. De modo geral, a sociedade costumeiramente atribui aos jovens o lugar de produtores de violência, com destaque aos seus envolvimento em situações criminosas, em conflitos entre grupos rivais, nos embates violentos de torcidas organizadas de futebol e com o tráfico de drogas. Quando em trânsito pelas ruas das cidades, os jovens também produzem sentimentos de medo e repugnância por parte de muitos indivíduos. Em algumas situações, especialmente no caso das crianças, é possível perceber sentimentos de compaixão. Mas o medo e a desconfiança se destacam e são simbolizados pelos vidros dos carros, que são fechados quando eles se aproximam, pelos transeuntes que atravessam a rua para que eles não cruzem seus caminhos, pelas bolsas colocadas mais próximas ao corpo para que não sejam puxadas e roubadas. Sendo assim, esses indivíduos exacerbam os sentimentos de medo e

insegurança de grande parte da população que costumeiramente os rechaça e preferiria não vê-los perambulando pelas ruas da cidade.

O medo é um sentimento que se encontra relacionado à preservação da vida e se tornou, nos dias de hoje, uma sensação relacionada à vida na cidade, assim como um sentimento global de insegurança que ronda a vida cotidiana em diversas cidades do mundo. Para Jean Delumeau (2002, p. 19) o medo “é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável”. Tanto individual como coletivamente, o medo pode também tornar-se patológico, “criar bloqueios” e “com efeito, tornar-se causa da involução dos indivíduos” (p. 19). Dessa forma, cria-se uma cultura do medo e sua personificação acontece através de indivíduos e grupos sociais ameaçadores ou com práticas que se imagina que façam parte de suas performances cotidianas. Dentre esse grupo de indivíduos, estão situados não só os criminosos envolvidos em quadrilhas, máfias e organizações, mas podemos perceber que os jovens, pobres e moradores de regiões vulneráveis, com altos índices de violência, também se enquadram nessa construção coletiva de grupos ameaçadores e perigosos. Estejam eles envolvidos em organização criminosas ou não. Viviane Forrester (1997) ressalta que as práticas marginais desse grupo de jovens estão geograficamente definidas, pois toda uma rede rigorosamente tecida os proíbe de possuir meios legais de viver. Para a autora, eles são os “excluídos por excelência”, os “virtuosos da exclusão”. No rumo desse debate, há que considerar as ponderações de Teresa Caldeira (2000, p. 134):

[...] se a desigualdade social é um fator explicativo importante, não é pelo fato de a pobreza estar correlacionada diretamente com a criminalidade, mas sim porque ela produz a vitimização e a criminalização dos pobres, o desrespeito aos seus direitos e a sua falta de acesso à justiça.

Um dos fatores que provoca a expulsão de muitos jovens de suas comunidades é o envolvimento com o tráfico de drogas. Nos relatos dos jovens moradores de rua, especialmente do grupo masculino, ouvia com uma certa frequência que muitos deles estavam impossibilitados de viver com suas famílias em sua comunidades por causa de algum conflito desencadeado com os traficantes e

“aviõezinhos” da região. Na maior parte dos casos, os jovens compravam crack³⁴ e não pagavam pelo produto, ficando, portanto, ameaçados de morte pelos traficantes. Em outras situações, os conflitos eram motivados por causa de desavenças, desconfianças e traições quando os jovens eram os trabalhadores desse mercado. Alba Zaluar (2004) entende que a “integração perversa” dos jovens pobres de hoje se dá pelo tráfico de drogas, atividade que proporciona interessantes retornos financeiros. O tráfico não condena os jovens por serem moradores de favela, semianalfabetos e praticamente sem qualificação e/ou experiência profissional. Para a autora, numa sociedade de grandes desigualdades sociais como a nossa, o tráfico se torna um lugar extremamente lucrativo e que possibilita aos jovens pobres acessarem os bens de consumo tão difundidos pelas mídias. O tráfico de drogas atualmente possui um lugar central na vida cotidiana dos moradores das regiões mais pobres do país. A maior parte dos casos de assassinato de jovens nessas regiões possui algum tipo de relação com o mercado de drogas e de armas, que são produtos comercializados recorrentemente de formas muitas vezes associadas.

Portanto, muitos jovens, quando experimentam ainda muito cedo a vida nas ruas, já tiveram algum tipo de experiência com o consumo de drogas. Geralmente, esse consumo se dá de forma abusiva e, como dito anteriormente, o uso desenfreado provoca situações que passam a dificultar suas convivências comunitárias nos bairros onde residem suas famílias. Logo, os corpos juvenis que transitam pelas ruas possuem marcas de diversas formas de violência, uma delas é o uso abusivo de drogas, que com o tempo os enfeia cada vez mais, degrada-os, dissolve-os, arruína-os. Shara Jane Holanda Costa Adad (2011) compreende que os “corpos excessivos” dos jovens moradores de rua denunciam tragicamente suas diferenças e institui códigos específicos quando dissolvidos, despedaçados e esquadrinhados pelo solvente, ao mesmo tempo em que são corpos que anunciam “alegrias dionisíacas”. A cerca de dez a doze anos atrás, a cola e o solvente eram as substâncias mais consumidas. Hoje, o crack se consagra como a principal droga utilizada pelas crianças e jovens (ressaltando que esse fenômeno acontece em diversas classes sociais e faixas etárias), configurando-se como um problema social

³⁴ O crack hoje se situa como uma das substâncias mais usadas. Podemos perceber relações com o fato de ser uma droga mais barata do que as outras e por ter um grande potencial alucinógeno, que causa “fissuras” ou vontades de consumir desenfreadamente.

norteado por grandes desafios e dificuldades de enfrentamento, tratamento e solução.

O uso abusivo do crack representa, atualmente, um dos principais problemas relacionados às políticas de saúde pública e de direitos humanos. Pelo menos por essas perspectivas o problema deveria ser tratado. Segundo o II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicoativas no Brasil, realizado pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, que funciona no Departamento de Medicina Preventiva da UNIFESP), em parceria com a SENAD – Secretaria Nacional Antidrogas em 2005, o perfil do usuário de crack no Brasil é: homem, jovem, poliusuário, com baixo nível socioeconômico e educacional, desempregado, que faz “bicos” e é “marginalizado” –, embora nos últimos anos o uso de crack tenha se expandido a outras camadas sociais. O usuário brasileiro ainda troca sexo por droga e tem maior envolvimento com a criminalidade. Uma diferença importante revelada pelo estudo entre o uso de crack no Brasil e os de alguns países desenvolvidos está na principal causa de morte. A pesquisa ainda aponta que, nesses países, as mortes ocorrem por complicações cardiovasculares e cardiopatias causadas pela cocaína e overdose; no Brasil, a principal causa de morte é por homicídio³⁵.

Nesse sentido, a população moradora de rua reflete os dados revelados pela pesquisa como um grupo que expressa as características estabelecidas. O consumo do crack é algo que se destaca na trajetória de vida nas ruas de crianças, jovens e adultos. Em Fortaleza, os estudos sobre o perfil dos usuários são incipientes e ainda em desenvolvimento, bem como as políticas de tratamento e enfrentamento dessa problemática social. Ao observarmos determinadas regiões da cidade, percebemos grupos de moradores de rua, com destaque para os grupos juvenis, que transitam seus corpos degradados e “fissurados” em busca de formas de consumo da droga. Como já foi dito, não foi vivendo nas ruas que os jovens tiveram o primeiro contato com o uso do crack, mas, sim, seu consumo se configurou como algo excessivo e gerador de dependência. É comum ouvir nos relatos dos jovens moradores de rua que o uso da “pedra” é uma forma de esquecer

³⁵ Ver: PULCHERIO, Gilda *et. al.* Crack - da pedra ao tratamento. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, 54 (3): 337-343, jul.-set. 2010.

os problemas e as angústias sentidas, além, é claro, de ser uma forma de diversão e prazer.

Um dos grandes problemas desse uso desenfreado é a proliferação e contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, com destaque para o HIV/Aids e a hepatite C. Os jovens e os adultos moradores de rua trocam ou compartilham os utensílios para o uso da droga, como também trocam e compartilham parceiros sexuais – tanto nas relações sexuais motivadas por afetos e desejos como nos programas sexuais realizados –, o que certamente gera muitas contaminações ainda sem registros estatísticos para possíveis iniciativas de prevenção e proteção por parte das entidades que realizam atendimento de saúde. No caso dos jovens, eles não costumam assumir ou, por desconhecimento, não reconhecem problemas relacionados a DST's, mas quando realizam algum tipo de exame, é frequente o diagnóstico positivo para algum tipo de doença, especialmente para HIV/Aids e hepatite C. Portanto, esses jovens são personagens que habitam os espaços públicos na cidade, que estão com seus corpos à mostra perambulando e, dessa forma, geralmente sob o efeito da fissura ou da paranoia causada pelo uso da “pedra”, costumam mobilizar sentimentos de repugnância e de temor em grande parte da população.

Os jovens, como assinala Helena Abramo (1994), muitas vezes percebidos pelo senso comum como produtores das grandes crises sociais da modernidade, são muitas vezes reconhecidos como corpos ameaçadores das normas e etiquetas sociais. Em circunstâncias de pobreza e desigualdade, associações à noção de periculosidade são comuns e intensificadas. Ao vagarem pelas ruas em roupas maltrapilhas e sujas, com os pés descalços, sob o efeito alucinado do crack, mendigando ou pedindo ajuda, os jovens moradores de rua representam aqueles cuja eliminação de corpos e vida poderia até mesmo acontecer sem que fosse percebida, como acontece em diversos casos. Para muitas pessoas, eles não são os “verdadeiros poetas da cidade” (AMADO, 2008) nem “as almas encantadoras das ruas” (RIO, 2008), mas sim os corpos que produzem e exacerbam o pavor e a insegurança despertados em muitas pessoas que caminham pelas ruas da cidade.

2.2. Juventude, experiência e nomadismo.

Diversos estudos sobre a condição juvenil apontam que a juventude deve ser estudada e interpretada como uma construção social e histórica. Essa afirmação já se configura como um lugar comum, pois o Estado da Arte da Juventude apresenta uma diversidade de trabalhos e estudos que destacam que a compreensão dessa categoria deve se dar pelo entendimento das “singularidades inquietantes” e das “trajetórias de vida” dos indivíduos para compreender o lugar social desse grupo na contemporaneidade. Essa perspectiva analítica também circunda outros grupos sociais, aqueles que compõem os estudos sobre “as gerações”, por exemplo, as pesquisas realizadas sobre a infância e a velhice, também entendidos como construções sociais e históricas. Autores como Janice Caiafa (1989), Helena Abramo (1994), Glória Diógenes (1998), Machado Pais (2003), Paulo Carrano (1999) Carles Feixa (2006), Regina Novaes (2006) e Denise Cordeiro (2009) optam pela terminologia “culturas juvenis” (no plural) que, como sugere Carles Feixa (2004), transfere a ênfase das questões relativas à marginalidade para a identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o ócio, das imagens para os atores, dando mais complexidade ao entendimento dessa condição de vida.

Para Machado Pais (2003), os diferentes sentidos que o termo “juventude” tem tomado e as diferentes manifestações de sentido encontradas nos seus comportamentos cotidianos, nos modos de pensar e agir, em suas perspectivas sobre o futuro, nas suas representações e identidades sociais, compõem paradoxos analíticos importantes para a reflexão das culturas juvenis. O desafio, como indica o autor, é perceber a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida, mas sim compreender as culturas juvenis como um conjunto social com atributos que os diferenciam. Portanto, uma passagem do campo semântico que toma a juventude como uma “unidade” para o que a toma como uma “diversidade”. Machado Pais (2003), em seus estudos sobre as culturas juvenis, aponta a importância de decifrar os “enigmas dos paradoxos da juventude”, considerando as seguintes indagações: 1) Os jovens compartilham os mesmos

significados sobre suas experiências cotidianas? 2) Se compartilham, quais são as semelhanças? 3) Por que compartilham ou não, de forma semelhante ou distinta, determinados significados?

As indagações sugeridas por Machado Pais foram fundamentais para as problematizações que formulo sobre os modos de vida dos jovens com experiência de moradia de rua. Esse grupo social também vive às voltas de interpretações que homogeneízam as suas trajetórias e experiências de vida. Especialmente quando o senso comum classifica esses grupos, unicamente, por suas práticas marginais e violentas. Percebi, através das minhas observações em campo, das narrativas e performances dos jovens e dos relatos das experiências com o atendimento do público infanto-juvenil realizadas pelos profissionais das instituições interlocutoras, que existem diversas formas de se viver e construir significados para a vida nas ruas. Essas diferenças se dão tanto no âmbito etário (portanto, são diferentes para crianças, jovens, adultos e velhos) como entre os grupos sociais, ou seja, são diferentes para cada indivíduo, em lugares distintos e em tempos diferentes, seja ele criança, jovem, adulto ou velho.

Para decifrar esses modos de vida, sigo as orientações de José Machado Pais (2005) e passo a observar e perambular com os jovens em seus “contextos vivenciais cotidianos”, pois é no curso de suas interações sociais que eles constroem formas de compreensão e de entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e de ação. Dessa forma, abre-se uma “análise ascendente dos modos de vida dos jovens”, que parte da diversidade de mecanismos, estratégias e táticas cotidianas significativas para entender como esses mecanismos são investidos, utilizados e transformados, assim como suas possíveis involuções e generalizações. Portanto, o autor:

[...] alguns jovens movem-se no labirinto da vida numa entrega ao acaso ou ao destino, enquanto que outros atuam de forma estratégica, isto é, considerando várias tramas possíveis que podem modificar-se à medida que se confrontam com os imprevistos da vida, dado que está sujeito a uma série de contingências, as chamadas contingências da vida (PAIS, 2005, p.14).

Sobre os acasos e prenunciados que marcam a vida dos indivíduos, em especial, sobre os vivenciados pelos jovens da contemporaneidade, Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996) utilizam as noções de “moratória social” e “moratória vital” para compreender as peculiaridades da juventude em relação a outras gerações e as especificidades de seus diversos modos de vida. Segundo os autores, a partir dos séculos XVIII e XIX, a juventude passa a ser vista como uma categoria que detém certos privilégios³⁶. Constituir-se-ia por um período anterior à maturidade biológica e social, marcado por uma permissividade que configuraria uma “moratória social” da qual desfrutavam alguns jovens das classes favorecidas. Para esses, o privilégio de ingresso na vida adulta é postergado por causa do prolongamento do tempo de estudo. Por outro lado, os jovens das classes populares, devido ao ingresso mais prematuro no mercado de trabalho e às obrigações familiares (casamentos e filhos), teriam sua moratória social diminuída e, por consequência, uma vivência juvenil diferenciada dos jovens de outras classes sociais. Complementar à moratória social, Margulis e Urresti (1996) apontam que a “moratória vital” está associada a um “excedente temporal”, a um “capital temporal” ou “capital energético”, no qual a morte estaria longe, sendo ela inverossímil e pertencente ao mundo do outro. Essa moratória evidencia as diferenças sociais e culturais, de classe e/ou gênero, que marcam os modos de vida da juventude. Portanto, para os autores, ser jovem significa mais do que uma palavra³⁷, pois além do fator geracional, as condições culturais emanam processos de socialização que compõem códigos diferentes e formas diferentes de incorporar, perceber e apreciar os modos de vida juvenil.

Dando um destaque especial aos jovens das classes pobres, que protagonizam essa pesquisa, percebemos como as formas de experimentar a

³⁶ Essa constatação surge no bojo de uma discussão na qual a juventude, por muito tempo e em muitos estudos, estava situada de forma invisível. Especialmente os jovens das classes populares e pobres. Philippe Ariès, na obra *História Social da Criança e da Família*, publicada pela primeira vez no Brasil em 1978, associa o aparecimento das crianças e dos jovens das sociedades industriais, dando destaque aos que tiveram acesso às escolas. Para o autor, a escola é a instituição que cria a noção de infância e juventude, pois se configura como um lugar específico para a sociabilidade desses grupos, que passaram a ficar separados dos adultos. O autor, em suas reflexões, prioriza as formas de sociabilidade de crianças com acesso à escola, e não as das classes populares, que tinham dificuldades e restrições de acesso.

³⁷ Os autores fazem uma crítica ao artigo de Pierre Bourdieu, *A “juventude” é apenas uma palavra* (1983), no qual o autor percebe a juventude a partir do confronto etário entre os mais novos e os mais velhos e como uma categoria uniforme. Para Margulis e Urresti (1996), Bourdieu analisa a juventude como um “mero signo” e descontextualizado das demais condições e construções culturais.

juventude se configuram de forma precária, especialmente para aqueles que vivem suas experiências de vida envolvidos em situações e contextos de violência. Em muitos casos, a escola é abandonada por causa de suas inserções prematuras no mercado de trabalho ou no mercado ilegal do tráfico de drogas e das atividades criminosas. A família, muitas vezes, representa um lugar de violência, revelação constatada nos índices e nas narrativas, que apontam que a maior parte de crianças e jovens que vivem nas ruas já sofreu algum tipo de violência doméstica. Portanto, os jovens moradores de rua são indivíduos que anularam as referências iniciais das principais instituições socializadoras referentes aos primeiros períodos de vida: a família e a escola. Esses jovens estão, por algum motivo, afastados do convívio com suas famílias e, com o passar do tempo, ela vai deixando de ser a principal instituição socializadora de suas trajetórias de vidas.

Como problematiza Christopher Lasch (1991), a família, outrora reduto do amor e da decência, não é mais considerada um refúgio, pois outras instituições – como o Estado, as empresas capitalistas e a mídia (propaganda) – passaram a invadir a sua privacidade. Em um mundo cada vez mais inseguro e ameaçador, a família tem sua imagem de proteção fragilizada, implicando na compreensão da “glorificação da família enquanto ‘comunidade terapêutica’, enquanto instituição especializada na afeição e no companheirismo, um abrigo em meio a um mundo sem coração” (LASCH, 1991, p. 203). Portanto, a família e a escola passam a ser lugares desinteressantes de se conviver. Sobre a família, alguns jovens consideram a possibilidade de retornar o convívio, mas a escola se apresenta como um lugar incapaz de proporcionar novas expectativas de um futuro melhor e pouca associação ao mundo do trabalho. Eles não expressam interesse em retornar as atividades escolares. Os jovens interlocutores dessa pesquisa alegam que sabem ler e escrever, mas classificam a qualidade precária desses saberes.

Regina Novaes (2006), em seus estudos sobre a juventude brasileira, aponta que houve uma ampliação das agências socializadoras dos jovens que extrapola o âmbito das “clássicas” instituições. O aumento do espaço de influência dos meios de comunicação e a presença da *internet* têm aproximado jovens de mundos diferentes. Para a autora, apesar das diferenças e desigualdades sociais e das relativas aos grupos etários, escolar, de gênero, raça, locais de moradia, os

jovens de hoje, quando buscam, podem ter a mesma qualidade de informação sobre um determinado assunto. Esses novos espaços virtuais de sociabilidade fragilizam a escola como o único lugar de acesso à informação, pois nem todas estão acompanhando as mudanças e estratégias metodológicas de uso da *internet* que a sociedade da informação produz. Mesmo havendo um número significativo de escolas que possuem laboratórios de informática e acesso à *internet*, sejam elas públicas ou privadas, no Brasil. Apesar das diferenças sociais, os jovens estão conectados ao mundo virtual, seja de forma frequente ou periódica.

Observei em campo que muitos jovens moradores de rua possuem suas páginas nas redes sociais mais populares, concatenados, dessa forma, com as expressões mais gerais das culturas e mundos juvenis. O acesso acontece quando eles estão nas instituições de atendimento, especialmente nos abrigos, pois muitos projetos possuem atividades de computação (geralmente como entretenimento), e eventualmente, ao utilizarem as *lan houses*, que estão instaladas em diversas regiões da cidade e com custos acessíveis. Lembro-me, em especial, de uma jovem interlocutora dessa pesquisa, cujo nome utilizado em sua página pessoal fazia referência ao seu amor: Mariana 100% Pedro³⁸. Expressão comumente utilizada para designar algum tipo de relação “séria” e “duradoura”. Mesmo com o término do namoro, a menina ainda manteve esse nome. Prova de que o ex-namorado ainda estava presente em sua vida.

Do outro lado, e de forma mais perversa e violenta, o “estar no mundo” dos jovens pobres da contemporaneidade está associado ao narcotráfico. Novaes (2006) também ressalta que, além do fato de um indivíduo ser consumidor ou não, de distribuir ou não drogas ilícitas, ele convive com os efeitos desse “grande negócio lucrativo”, especialmente os relacionados às consequências das políticas de proibição, que causam efeitos perversos, especialmente nas regiões mais pobres das grandes cidades. Sobre a condição juvenil, a autora assinala que: “as características do mundo de hoje interferem nas possibilidades e identidades juvenis e no conteúdo dos conflitos e consensos presentes nas relações intergeracionais” (NOVAES, 2006, p. 120). Como já mencionei, o tráfico de drogas é um dos fatores que expulsa muitas crianças e jovens de suas convivências familiares e

³⁸ Nomes fictícios.

comunitárias, nas quais a rua se apresenta como um destino, assim como um refúgio, na trajetória de vida de muitos jovens das camadas mais pobres e populares no Brasil. E, na maior parte dos casos, eles continuam vivendo experiências com o consumo e o mercado de drogas nas ruas, estando, também, sujeitos aos mesmos conflitos produtores de um nomadismo por diferentes lugares na cidade. O narcotráfico vem se configurando cada vez mais como um universo independente de questões ligadas a gênero e classes sociais que marcam as sociabilidades juvenis na contemporaneidade.

Outro dado que marca a “moratória social”, como definiram Margulis e Urresti (1996), na vida dos jovens, especialmente das meninas, vivendo ou não na rua, é a maternidade e a paternidade. A maior parte das meninas com experiência de moradia de rua que possuem filhos os deixaram morando na casa de suas mães ou em abrigos para crianças. Em Fortaleza, é raro encontrarmos bebês morando nas ruas. O que podemos observar são os filhos de catadores de resíduos sólidos circulando pelas ruas com seus pais³⁹. Não há estatísticas que identifiquem, mas a experiência dos profissionais da rede de atendimento constata que existem muitos bebês e crianças filhos de moradores de rua vivendo nos abrigos da cidade⁴⁰. A maternidade se configura como um status social que identifica que um jovem pode atravessar a fronteira entre a infância e o mundo dos adultos. Percepção também observada nos discursos dos meninos que alegam que a paternidade os tornou mais adultos, que os fez terem mais experiência de vida, mesmo não convivendo e sem assumir a responsabilidade de criar os filhos. O que se percebe é o status de acesso ao mundo adulto outorgado por essa experiência de vida, mesmo quando as posturas e comportamentos não se alteram por causa da maternidade ou paternidade dos jovens. O que muda, na verdade, são os seus discursos sobre a sua condição juvenil, e não as suas práticas.

As análises que pautam os modos de vida juvenis não devem se atrelar apenas a questões como o mundo do trabalho, a experiência escolar, a inserção no

³⁹ Tanto para pais adultos como para pais jovens, o conselho tutelar pode retirar a guarda dos pais quando as crianças e bebês estão com eles vivendo nas ruas. Essa medida designada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) orienta os conselheiros a encaminhá-los para os abrigos

⁴⁰ Grande parte das jovens interlocutoras dessa pesquisa já estiveram grávidas. Esse dado chama a atenção dos profissionais e os faz refletir como na rua já existe uma terceira geração de crianças que nasceram e vivem nas ruas.

narcotráfico e em situações ilegais, as identidades afetivas e sexuais de “forma parcelada”, como indaga Paulo Carrano (1999). A investigação sobre os modos de vida juvenis, orientada pelas suas relações com os “espaços-tempos” da cidade, pode permitir a ampliação da compreensão para além dos estudos recortados por temas, conferindo maior complexidade de análise dos objetos investigados. Para o autor, o reconhecimento de eventos, de disposições apreendidas e processos de interação permite compreender, principalmente, os sentidos dos percursos dos jovens nos espaços da cidade. Portanto:

Nos fenômenos juvenis contemporâneos se apresenta de forma explícita um processo que considera a cultura na sua complexidade e que comporta uma crescente individualização do social e, de modo paralelo, uma espécie de hipersocialização da experiência individual. O entrelaçamento de fenômenos coletivos e experiências individuais é hoje uma chave necessária para saber o que se acontece nos grupos sociais da juventude. Uma grande parte da experiência que os jovens vivem hoje é socialmente construída em função das redes de relações e dos significados deixados pelas grandes orientações de uma cultura de caráter global (CARRANO, 1999, p. 131).

Ser jovem implica em uma multiplicidade de pertencimentos localizados além da definição etária e geracional. É importante destacar que esses pertencimentos culturais, sociais e institucionais podem se apresentar de forma transitória, mas são eles essenciais para a compreensão da condição juvenil. Para Denise Cordeiro (2009), falar em juventude como uma construção social pressupõe romper com a ideia de homogeneidade e considerá-la dentro de suas diversidades, de seus pertencimentos, de seus campos de interação e de ocupação no espaço urbano, abandonando uma “visão mítica, totalizante e estática” que dificulta a interpretação da condição juvenil no tempo presente, marcado por desigualdades de várias ordens. Assim como os demais interlocutores dos estudos sobre a juventude que selecionei para debater nessa pesquisa, para Cordeiro (2009) a análise dos percursos de vida dos jovens é sinalizadora de suas condições de vida, além de possibilitar uma ampliação do entendimento das culturas juvenis sob suas múltiplas experiências e construções de significados.

Em meio às experiências diversas que delineiam suas trajetórias de vida, as culturas juvenis sinalizam modos de vida que anunciam os signos da contemporaneidade. É importante destacar que, de acordo com a moratória social, grupos das classes populares e das classes médias e ricas vivenciam diferentes desafios cotidianos. No caso dessa pesquisa, fiz a opção analítica de compreender os modos de vida dos jovens das classes pobres envolvidos em situações de violência e exclusão social que vivem nas ruas da cidade de Fortaleza. São os grupos que, em contextos de diferentes situações de violência, anunciam suas presenças sociais de forma trágica, saindo, dessa forma, da invisibilidade social ao despertarem sentimentos de medo e insegurança, como outrora mencionei. Para Glória Diógenes (2003), os jovens, quando se expõem, quando mostram os seus corpos nas esferas públicas, podem coreografar um curioso ritmo dançante marcado por experiências diversas de rompimentos e violações, pois, para a autora, eles:

Lançam-se em uma vertiginosa onda contínua, desnudados das marcas costumeiras, transmutando os signos da ordem e da moral urbana. Quebram os limites do isolamento nos quais estão confinados, re-inventam seus corpos a fim de torná-los plásticos, infiltráveis, atravessadores e atravessáveis (DIÓGENES, 2003, p. 50).

Temáticas sobre a juventude brasileira encontram-se em destaque no mundo acadêmico. Marília Sposito (2009), no “Estado da Arte sobre a Juventude na Pós-Graduação Brasileira”, revela que as temáticas sobre a juventude brasileira são resultantes de processos que correlacionam as situações históricas com os questionamentos sobre os padrões normativos vigentes. Vários estudos que envolvem o universo juvenil são realizados nas universidades, desde questões que envolvem os desafios expostos pela sociedade capitalista e suas desigualdades, os diversos sentidos das participações políticas e das vivências sexuais, as diversas formas de manifestações culturais e as relações da juventude com as situações de violência. Esse mapeamento de teses e dissertações dialoga com as questões anunciadas em outros tempos no clássico “A Juventude na Sociedade Moderna”, de Marialice Foracchi, publicado em 1972.

O cenário das histórias dos jovens que costume pesquisar é permeado por afetos, história de amor, emoções experimentadas, compreendendo a rua como um palco das performances de culturas juvenis e também como um lugar de

encontro de afetos (MARINHO, 2009). Se a rua se tornou um signo identitário, então nela também se constituem redes que a tornam atrativa e que possibilitam, em planos diversos, a sobrevivência de seus moradores. Alguns indivíduos vivem e sobrevivem nas ruas porque nelas existem sujeitos com quem constituíram laços de solidariedade, de carinho, de afeto. Assim, as experiências e trajetórias de vida possibilitam para esse grupo a constituição de uma cultura afetiva própria. Redes de atração são criadas para que a rua se torne a referência e são representadas pelas interações cotidianas, pelos lugares aonde se vai e pelas pessoas com quem os caminhos se entrelaçam. Enfim, pelas costura de emoções experimentadas cotidianamente. Já sabemos que as situações de pobreza e miséria, os conflitos familiares e a violência causada pelo tráfico de drogas são alguns dos elementos de repulsão para os jovens moradores das regiões pobres da cidade. Portanto, a rua possui, para os jovens, diversas forças de atração, de pertencimento e de identidade.

Maria Filomena Gregori (2000) utiliza o termo “viração” como uma prática adotada que não deve ser entendida unicamente como uma estratégia de sobrevivência estabelecida pelas crianças e jovens moradores de rua. Esse termo, que é empregado coloquialmente pelos jovens, refere-se às atividades diversas realizadas quando se vive nas ruas. Para a autora:

Os meninos de rua se viram, o que significa, em muitos casos, se tornarem pedintes ou ladrões ou prostituídos ou “biscateiros” ou, ainda, se comportam como menores carentes nos escritórios de assistência social. Para eles, a viração contém em si algo mais do que a mera sobrevivência, embora seja seu instrumento. Há uma tentativa de manipular recursos simbólicos e “identificatórios” para dialogar, comunicar e se posicionar, o que implica a adoção de várias posições de forma não excludente: comportar-se como “trombadinha”, como “avião” (passador de drogas), como “menor carente”, como “sobrevivente”, como adulto, como criança. Nesse sentido, é uma noção que sugere, mais do que o movimento – que é dinâmico e constante – uma comunidade persistente e permanente com a cidade (GREGORI, 2000, p. 31).

A autora considera três importantes hipóteses analíticas para a compreensão da ida de meninos e meninas para as ruas: compreender em seus históricos familiares pistas sobre a proximidade das crianças e jovens com a rua; considerar, também, o histórico das experiências escolares e seus conflitos e insatisfações; e, por último, Gregori (2000) destaca a importância de se analisar a

força de atração da rua como uma forma de “conquistar a cidade”, representada pela integração a um grupo que conhece o mapa cognitivo da cidade (onde comer, onde dormir, onde conseguir apoio), e com ele pode-se construir uma rotina cotidiana diferente da que se tinha quando se vivia as experiências do universo da casa com a família. Para a autora: “é uma experiência de ruptura cuja motivação está na negação do enquadramento familiar, escolar, laboral e legal, assumindo, no seu lugar, os recursos da mendicância e da predação” (GEGORI, 2000, p. 70). A autora ainda destaca a desmistificação da pobreza como um fator desencadeador e o desejo de liberdade como um pressuposto exclusivo das classes mais pobres ao buscar viver suas experiências de vida nas ruas. Para ela, a rua representa a liberdade não só para o grupo de jovens pobres que vivem nas ruas, como também para os das classes ricas que buscam satisfações da mesma ordem. A questão é entender os mecanismos de atração que a rua produz, e dessa forma, a autora destaca a “cidade” como representação do sentimento de “embriaguez da perambulação pelas ruas”, e a “turma” como a “força sempre renovada de estar junto”.

Não podemos negar que a rua possui riscos e perigos, mas ela possui uma dinâmica que atrai devido aos benefícios encontrados, representados pela atuação dos organismos governamentais e não governamentais, das entidades religiosas e das ações individuais de comerciantes e cidadãos bem intencionados, que de alguma maneira produzem aportes diretos e indiretos para a sobrevivência na rua. Para Gregori (2000), uma das principais características que marcam a experiência de vida dos meninos e meninas que moram nas ruas é a sua “circulação”. Eles estão sempre circulando não só pelas ruas da cidade, como pelas instituições de atendimento, pelo “ir e vir” entre a sua casa e a rua, a rua e as instituições, a casa e as instituições⁴¹. O padrão de circulação, como aponta Gregori (2000), se verifica com nitidez na história de vida familiar dos meninos e meninas.

⁴¹ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sob a Doutrina de Proteção Integral, assegura o direito de eles receberem atendimento intersetorial e interdisciplinar em entidades governamentais e não governamentais, indiscriminadamente. Portanto, ninguém pode ter sua vontade ou necessidade negada, estando a instituição sujeita a sanções via Ministério Público ou Juizado da Infância e da Juventude. O encaminhamento acontece através dessas mesmas instituições fiscalizadoras, assim como pela vontade própria de uma pessoa. Essas possibilidades diversas de atendimentos fazem com que muitas crianças e jovens “circulem” pelas instituições, criando um cotidiano de entradas e saídas regulares. As instituições negociam as regras para que essa “circulação” não banalize o atendimento, mas, na maior parte dos casos, as negociações não são cumpridas pelas crianças e jovens, que sabem que possuem o direito universal de atendimento.

Parte considerável deles possui uma dinâmica familiar instável e recortada, como: mães solteiras, pais separados, ausência da figura paterna, diferentes padrastos e madrastas, irmãos de pais diferentes, crianças de outros parentes sendo criadas juntas, sendo esse novos modelos e arranjos as “familiares tentaculares”, conforme a definição de Maria Rita Kehl (2003).

São famílias cuja renda não costuma ser instável: há desempregados, subempregados, mudanças de trabalhos, inserção em programas de transferência de renda, desligamento dos programas. Troca-se com frequência de casas, ruas e bairros, assim como de suas casas para as casas dos avós ou de outros parentes. Portanto, tanto a vida familiar como a vida nas ruas é pautada pela circulação. A autora chama a atenção para o fato de que a circulação é uma característica importante para entender que esse movimento não é compreendido como uma ruptura em especial, diferente de outras experiências vividas. A circulação compõe o cenário familiar no qual estão inseridos as crianças e jovens, mas não deve ser compreendida como um fator determinante. Caso fosse, haveria muito mais meninos e meninas perambulando e vivendo nas ruas das cidades. Posto isto, os conceitos de “viração” e “circulação”, utilizados por Maria Filomena Gregori (2000) nos estudos sobre os jovens moradores de rua da cidade de São Paulo, foram importantes para as minhas reflexões sobre os jovens de Fortaleza.

Em um relato realizado por um jovem morador de rua, ele descreve a forma como a “viração” acontece relacionando o uso dos equipamentos e programas sociais executados pelos órgãos dos poderes públicos municipais e estaduais. Um jovem que vivia na Avenida Beira-Mar disse-me, certa vez, que quando ele estava com vontade de tomar um bom banho, de se alimentar e dormir com tranquilidade “pegava uma carona com os Amarelinhos” para chegar até o Espaço Viva Gente, pois lá o atendimento era muito bom. Quando o jovem preferia ficar morando por um tempo em um abrigo, ele optava pelo Abrigo Casa dos Meninos⁴², da Prefeitura Municipal, pois, segundo ele, “lá era limpeza” e “podia fazer de tudo”, pois as regras da casa eram mais flexíveis do que as de outras instituições. Um outro jovem, que

⁴² Serviço de Acolhimento institucional da Prefeitura que abrigava jovens do sexo masculino com idades entre 12 e 18 anos incompletos. O equipamento possuía a rotina de uma casa, portanto, os jovens estudavam, faziam cursos e ajudavam na limpeza da casa, bem como recebiam atendimento psicossocial.

vivia no centro da cidade, considerava que viver no centro era mais tranquilo do que na Beira-Mar, pois tinha menos polícias reprimindo suas circulações, muitas instituições de atendimento com sede no centro e muita gente para pedir dinheiro. Portanto, essa era uma cartografia da cidade desenhada pelos jovens que auxiliava a “viração” nas ruas, além das possibilidades de “circulação” pelos serviços de atendimentos.

Ivete Wally (2005), ao estudar as narrativas de crianças e jovens moradoras de rua da cidade de Belo Horizonte, também observou a presença da circulação nos relatos elaborados pelos seus interlocutores. Os deslocamentos espaciais foram destacados quando os jovens falavam sobre a relação casa e rua, sobre rua e instituição, nas narrativas sobre o real e o imaginário, a ordem e a ilegalidade, entre cópia ou transgressão dos modelos sociais vigentes. Portanto, esses discursos não estão associados unicamente aos deslocamentos espaciais, mas também alteram-se os sentidos atribuídos às experiências na rua no que tange às suas condutas e sentimentos. Para a autora:

Ousamos, pois, afirmar que, ao se apropriar do espaço da rua para habitá-lo de forma diferenciada, que nos incomoda como sujeira, ou ao usar a língua de forma diferente daquela que elegemos como correta, desarticulando-a, os habitantes de rua constroem uma alegoria de nossa sociedade, significando-a, deslocando sua sintaxe, mostrando-a pelo avesso (WALLY, 2005, p. 35).

A circulação também foi percebida na pesquisa de Machado Pais (2006a) sobre os “sem-abrigo” da cidade de Lisboa. Assim: “A circulação é uma imposição da própria geografia da rua, feita para circular. Mas quem vive na rua tem por hábito circular em espaços relativamente delimitados pela cidade” (PAIS, 2006a, p. 47). Eles partilham as mesmas ruas, os lugares na rua, assim como possuem em comum, em suas trajetórias de vida, rupturas afetivas determinantes para a opção da vida nas ruas. Essas rupturas são distintas, mas estão associadas à convivência familiar. Casamentos, filhos, pais, mães foram abandonados em decorrência de laços fragilizados que fazem da casa um lugar que eles não querem mais viver. Portanto, se busca na rua afetos que a casa negou. Os jovens procuram um grupo para se filiarem e aprenderem a geografia de sobrevivência na rua. Crianças

procuram referências familiares, adultos acolhem. Mas a solidão também é um sentimento circulante. Ela vem e vai, esquenta e esfria, aperta e afrouxa, compõem os sentimentos da vida na rua com dias mais acentuados do que outros. Para Machado Pais (2006a, p. 65):

O mundo dos sem-abrigo é um mundo que abriga, sobretudo, o provisório, a precariedade, o descontínuo, o efêmero, o acaso, o imprevisível. Os processos de dessocialização a que estão sujeitos tem sido retratados como expressões de “uma nudez social”, por vezes associada a um “exílio de si mesmo”. As “famílias de rua” são apenas feitas de “outros iguais”, unidos pelo nomadismo, pela partilha de territorialidades e refúgios: os mesmos bancos de jardim para dormir, os mesmos colchões de papelão para não enregelar os ossos; os mesmos estômagos cheios de vazios; as mesmas mãos enegrecidas de tanto remexerem caixotes de lixo. Comungam o nada, a madrugada. Vivem em *condomínios abertos* de indigência, expostos ao mundo que os rodeia e exclui. A rua nivela-os.

A solidão na rua é compartilhada, o cotidiano é transformado em um eterno presente, como observa o autor. Os conflitos e hostilidades convivem com a solidariedade. Os dias se fundem em um só, “o que hoje um sem-abrigo faz não produz um amanhã que seja diferente de ontem” (PAIS, 2006a, p. 69). Passado e futuro esgotam-se no presente, que é um refúgio: “De fato, o único recurso que têm para desperdiçar é o tempo” (p. 70). O tempo é poetizado na compreensão do autor, que investiga a vida dos moradores de rua seguindo as trilhas de suas trajetórias de vida e de seus percursos pela cidade. Nas narrativas desses indivíduos, o tempo representa a efemeridade, reflexo da modernidade. Nos relatos dos jovens que participaram dessa pesquisa, o tempo vivido é o tempo presente, mas eles acreditam que o futuro será melhor do que o presente e diferente do que foi o passado. O tempo é uma sequência de acontecimentos em evolução contínua, e a vida na rua segue esse mesmo movimento.

Mesmo sendo corpos que atravessam as vias urbanas, mesmo desenvolvendo performances nômades pelas cidades, os indivíduos que fazem das ruas uma referência de sociabilidade afetiva redefinem e resignificam padronizações culturais que mapeiam o modo de vida dos indivíduos em sociedade. Em Laban (1978), podemos dialogar com seu conceito de movimento, pois, para o autor, corpos em movimento são capazes de manifestar emoções, sentimentos, ideias,

valores, conflitos individuais ou coletivos, além de carregarem marcas de um tempo, de uma época, expressando o caráter ou a personalidade de um ator social. O corpo é o instrumento que faz os indivíduos se comunicarem, orquestrando os ritmos que compõem a vida social.

Desse modo, o movimento ou a circulação (na sua multiplicidade de formas) incita o nomadismo. Um dos signos identitários de compreensão dos moradores de rua é a sua característica nômade. Esses indivíduos vagueiam pela cidade, pelos lugares, por grupos, por tempos, por sentimentos, por etiquetas. Para Deleuze e Guattari (1997), o nomadismo, antes de um simples movimento, é uma verdadeira “máquina de guerra” subversiva, irreduzível e contrária ao Aparelho do Estado. Os fluxos e as intensidades desejanter são dispositivos que deixam acontecer os processos relacionados à subjetividade, ordenando-a e desordenando-a, criando, assim, o novo, de acordo com as possibilidades de cada corpo e na potencialização da vida. Esse processo representa a própria potência nômade, ou seja, a capacidade de reterritorialização e desterritorialização. Portanto, indivíduos com experiência de vida nas ruas alardeiam formas diferentes de recriação da vida. Transfiguram um viver marcado por formas de violência e exclusão, tecendo redes de sociabilidades afetivas e, assim, criando laços suportáveis de sobrevivência. Eles habitam as ruas de outras formas, criam roteiros inimagináveis, convertem a estética e a ética dos lugares. Nomadizam, transgridem e inovam, redefinindo em seus trajetos o estabelecido, e fazendo dessa forma, da rua a sua casa. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), o nomadismo caracteriza-se por um entre, por um meio que escapa à forma fixadora de conceber o espaço que é o apanágio do sedentário, portanto, o espaço é constituído de percursos. Dessa forma, segundo os autores:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto ao outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.). Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência da vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário (...). Em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário, que consiste em distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário,

distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido, não comunicante (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p. 50).

O nomadismo acontece não só nas andanças, mas nas regras que orquestram as relações entre os indivíduos. O corpo não é só um instrumento que possibilita o ato de transitar, mas é também um instrumento mercantil. Grande parte das pessoas que vivem nas ruas fazem programas sexuais como uma forma de conseguir dinheiro de forma rápida e lucrativa. Em seus relatos sobre seus cotidianos, os jovens alegam que “fazer programa” é algo rotineiro tanto para as meninas como para os meninos. Os clientes habituais são os moradores da cidade de Fortaleza⁴³, que pagam quantias variáveis em virtude das práticas realizadas, dos lugares onde o encontro é marcado (centro da cidade, Avenida Beira-Mar, entorno do Estádio Castelão) ou onde ele acontece (motéis, quartos no centro da cidade, carro, becos e ruelas), assim como há variedade de valores de acordo com o estado de uso de drogas dos meninos e meninas. Eles relatam que, quando estão “na fissura”, aceitam qualquer valor para conseguir comprar mais drogas. Existe uma associação direta entre a realização de programas sexuais e o uso de drogas, pois eles afirmam que fazem programas para conseguir dinheiro para “se drogar”.

Certa vez, durante uma conversa com uma jovem moradora de rua, ela me relatou que “fazer programa” não é uma atividade que gera ciúmes para a maior parte dos casais que vive na rua. Tanto os meninos como as meninas realizam essa lucrativa e rápida atividade em seus cotidianos. Nas negociações com os clientes, acontecem situações nas quais os acordos firmados são feitos com pessoas do mesmo sexo que o jovem. O que está em jogo é o retorno financeiro que o programa pode gerar. A jovem me explicou que ela não compreende esse ato como uma prática que designa uma vinculação homossexual do seu parceiro e nem mesmo dela. Da mesma forma que ela afirmou não sentir ciúmes do namorado quando ele faz programas sexuais. Limitar as possibilidades de realização dos programas não é algo lucrativo nesse processo, tendo em vista que a motivação dessa atividade é conseguir dinheiro. Essa compreensão pode ferir um dos sentimentos mais comuns

⁴³ Ver dados divulgados na pesquisa “Os sete sentimentos capitais” (2008) coordenado por Glória Diógenes que atesta que de acordo com o universo pesquisa, 54,9% dos jovens fazem programas sexuais em Fortaleza tem como clientes mais frequentes os moradores locais da cidade.

entre os casais: o ciúme. De acordo com as regulares negociações (ou idealizações) entre os casais, a fidelidade é um atributo para que a relação perdure. Atualmente, esse atributo vem sendo redesenhado pelos casais, independente das classes e orientações sexuais que nas quais os indivíduos estão situados. Negociações sobre o sentido da fidelidade estão em debate, portanto, surge uma nova produção criativa, diferente da que está estabelecida. Os sentimentos que circundam o cotidiano das relações afetivas e sexuais dos jovens moradores de rua possuem um caráter nômade, conforme enunciam Deleuze e Guattari (1997).

O nomadismo está referenciado pelo movimento, obedecendo trajetos e não pontos, fazendo dos pontos um meio de se perpetuar o movimento (MARQUES; BROGNOLI; VILLELA, 1999). Dessa forma, o nomadismo nas ruas produz flexibilidades de vivência e convivência, seja com relação aos demais transeuntes, no interior dos grupos, nos espaços ocupados, como nas relações afetivas. Para Maria Stela S. Graciani (2005, p. 131):

Quem vive na rua precisa de agilidade, flexibilidade e muito movimento corporal para sustentá-la. Daí precisa mudar sempre de espaço e procurar outro território. A rua constitui-se em transitoriedade permanente, dada à insegurança total. Não é possível prever o que vai acontecer na próxima hora, no próximo dia.

Nas trilhas desses corpos em movimentos, que não estão fixos a lugares, mas, mesmo assim, constroem pertencimentos aos lugares e às pessoas que lá estão, não podemos dizer que as relações são fundamentadas na fluidez e efemeridade. Jovens moradores de rua também nomadizam as formas de fixação. Eles se intitulam pertencentes de um lugar na rua, oriundos de uma comunidade, nomeiam suas “tias” e “tios” da rua, são integrantes de um grupo, possuem namorados ou namoradas. É perceptível a ideia de finitude atribuída por eles às relações estabelecidas. Mesmo tendo durações variáveis ou circunstanciais, os jovens compreendem que, no momento em que essas relações são constituídas, elas se tornam essenciais e duráveis. Portanto, a entonação dada às relações é de durabilidade, mesmo que as contingências da vida fragilizem-nas, os jovens as classificam dessa forma. Em seus discursos, também se observam referências às

relações afetivas constituídas na rua, tanto com amigos quanto com amores. Quando há o desejo ou a necessidade de sair das ruas, seja para a casa da família ou para um abrigo, muitos alegam que não podem “abandonar” ou “deixar” alguém que vive com eles na rua, assim como dizem que gostariam de sair da rua levando um desses integrantes de sua rede afetiva consigo.

Em 2008, conheci um casal de namorados, de nome Aline e Carlos, que viviam no centro da cidade de Fortaleza. Ela era mais velha do que o namorado: tinha 17 anos e ele 16. Carlos vivia nas ruas desde a infância, e Aline tinha acabado de chegar. A menina contava que foi morar nas ruas porque a sua mãe não gostava dela e trabalhava muito como empregada doméstica, ficando, dessa forma, muito tempo fora de casa. As duas tinham muitos problemas de convivência, e Aline contou que um dia resolveu sair de casa e ir morar nas ruas. Carlos tinha conflitos na sua comunidade e tinha sido jurado de morte por seus inimigos. O menino eventualmente ia até à casa de sua família, mas disse que estava ficando perigoso demais para ele voltar ao seu bairro e há muito tempo não retornava mais. Aline nunca esteve em um abrigo e dizia que não iria, pois não ficaria afastada de seu namorado; já este, por viver muitos anos na rua, já tinha ficado em alguns abrigos da rede de atendimento. Depois que começou a namorar, também afirmou a sua falta de interesse nesse tipo de serviço. Juntos na rua, eles não estavam frequentemente envolvidos em situações de violência e ilegalidade. E isso se destacava em seus comportamentos. Eles costumavam pedir dinheiro, comida e juntar latinhas para vender aos estabelecimentos que faziam reciclagem.

Uma das situações sobre a trajetória desse casal que mais me chamou a atenção foi quando, certa vez, Carlos foi confundido com um outro garoto e acusado de praticar furtos no centro da cidade pela polícia. Aline defendeu o namorado fortemente e dizia que eles não eram “vagabundos”. O menino foi detido, alguns profissionais foram testemunhar a seu favor e logo ele foi solto por falta de provas. Depois desse episódio, ele ficou transtornado e disse que se sentia humilhado e que agora iria dar motivos para a polícia desconfiar dele. O casal discutia muito por causa da nova atitude do menino, e Aline ameaçava terminar o namoro caso Carlos continuasse envolvido com atitudes criminosas. A mãe de Aline apareceu dizendo que aceitava levar a filha e o namorado para viver em sua casa, mas eles não

aceitaram. Com o tempo, Carlos precisou se distanciar do centro da cidade, em decorrência de um conflito desencadeado pelo seu envolvimento com um traficante. Aline anunciou a mim e aos outros educadores sociais que o casal ia embora do centro para um lugar desconhecido, onde o namorado ficasse seguro. Perguntei para ela se ela tinha aceitado o convite da mãe e voltar com o namorado para casa, mas a menina me respondeu que não, que o seu lugar e o de Carlos era na rua. No ano de 2010, um amigo, que também é educador social, viu os dois empurrando um carinho de reciclagem em uma via movimentada da cidade. Indícios de uma relação sólida e duradoura e, assim, representava o que o amor romântico designa como algo que pode “durar para sempre”.

O que marcava a performance desse casal era o discurso amoroso deles. Aline costumava dizer que não deixaria Carlos na rua, mesmo tendo oportunidades de voltar para casa, mesmo dizendo em um momento de raiva. Ela sabia que a rua já fazia parte da história do menino e ele não esboçava o desejo de sair. Por isso, ela dizia que iria com ele onde quer que ele fosse. O discurso e as práticas de Carlos não eram diferentes. Ele dizia que Aline era a “sua mulher” e que “eles estavam juntos”. A relação deles tinha uma estabilidade e uma afetividade forte. Ninguém tinha notícia de outras relações afetivas vividas pela menina durante o tempo em que viveu na rua. Os jovens não costumavam brigar por ciúmes e os desentendimentos estavam relacionados à convivência entre eles. Essa característica da relação de Aline e Carlos chamava a atenção dos profissionais que conviviam com eles, assim como a minha também, pois a maior marca desse relacionamento era o amor. O amor é anunciado por Georg Simmel (2004, p. 100) como “um movimento que leva um sujeito ao outro, desligado de tudo o que é vida da espécie, e que permanece inteiramente dentro do sujeito, enquanto sentimento absolutamente individual”. O objetivo do amor moderno, para Simmel, é um amor que seja correspondido. E nesse caso, Aline e Carlos viviam o sentido mais cobiçado desse sentimento.

A vida na rua, portanto, é entrelaçada por fios condutores de uma rede social tecida, entre outros, por relações de afetividade, solidariedade e consideração que possibilitam um maior tempo de vivência e sobrevivência na rua. Nesse sentido,

o conceito de rede⁴⁴ sugere ainda a idéia de fluxo, de movimento em torno de uma força central atraente e propulsora. Machado Pais (2012) ressalta que o uso do conceito de “redes sociais” é mais conveniente do que o conceito de “comunidade” no que diz respeito aos “círculos dos afetos juvenis”, pois, para o autor, comunidade implica uma estabilidade e um sentimento de pertença que contrastam com as noções de contingência das relações cotidianas vividas e produzidas pelas culturas juvenis. Os jovens sentem necessidades de vinculações pessoais com um sustento emotivo que lhes permita desenvolver um sentimento de confiança. Nesse sentido, segundo o autor, as experiências amorosas têm sido consideradas relevantes nas redes sociais nas quais os jovens se envolvem.

Assim como o nomadismo se configura como um signo identitário das trajetórias de indivíduos que vivem nas ruas, o conceito de experiência é importante para a compreensão desse modo de vida. Portanto, reporto-me ao conceito de “experiência” no sentido que Joan Scott (1999) definiu, entendendo-o como “um evento lingüístico”, tanto coletivo quanto individual, dotado de significações mutáveis, com o fim de constituir, por meio da linguagem, o sujeito discursivamente. Ou seja, o sujeito não é uma instância que “possui” a experiência, mas é constituído pela experiência. Os jovens moradores de rua fazem da rua o local referência de suas trajetórias de vida. Eles são parte da rua e a rua é parte deles. Lembro-me do discurso de um dos jovens que conheci no curso dessa pesquisa: “Eu posso até sair da rua, mas a rua nunca vai sair de mim”. Sua narrativa desvenda sua experiência, seu corpo revela sua trajetória, seu discurso evidencia o lugar de construção de sua identidade e do sentimentos de pertença. As experiências do movimento nômade, imbricadas por tantos acontecimentos, produzem as “singularidades inquietantes” que compõem as trajetórias na rua de cada indivíduo.

Scott (1999), quando chama a atenção para o fato de que os sujeitos são constituídos discursivamente, ressalta que podem existir contradições ou múltiplos significados adotados nos conceitos que pronunciam. O discurso é compartilhado. E a experiência é tanto individual como coletiva. Para a autora, os sujeitos têm agenciamentos, no sentido de que há situações nas quais não há autonomia nem exercício do livre arbítrio. O agenciamento é criado através de situações e posições

⁴⁴ O uso do conceito de rede utilizado nesse estudo segue a tradição da Antropologia Social, em especial a partir da discussão sobre parentesco de Claude Lévi-Strauss e de Radcliffe-Brown.

que lhes são conferidas, essas condições possibilitam escolhas que são limitadas. No caso das culturas juvenis de rua, as experiências vividas estão demasiadamente vinculadas a situações de risco e marginalização. Viver nas ruas é possuir em suas trajetórias de vida experiências que envolvem o mundo do crime, do tráfico de drogas e da violência sexual. Mesmo submetidos a essas circunstâncias, as culturas de rua também são marcadas por trajetórias sentimentais significativas para cada pessoa. Afinal, como afirma Scott (1999), a experiência é a história do sujeito.

Para Walter Benjamin (1975), experiência e memória se articulam no mesmo plano das condições individuais e coletivas, e sua transmissão se dá pela narração. Portanto, o autor compreende que a experiência é uma vivência, algo que o sujeito passou, atravessou, algo que aconteceu e que não será nada se não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhada com grupo no qual o sujeito está inserido. Para Benjamin, é o compartilhar que transforma a vivência em experiência. Mas o autor destaca que, no mundo moderno, onde a sociedade é constituída sob o signo da informação, nunca se passaram tantas coisas e, por isso, a experiência se torna cada vez mais rara. Para ao autor, Deve-se separar a experiência da informação, pois o sujeito moderno sabe muitas coisas, passa muito tempo em busca de informações, mas, ao mesmo tempo, pode-se dizer que, apesar de tanta informação, o sujeito pode não ser afetado, nem tocado, nada lhe ocorreu, lhe sucedeu, apesar de tudo que lhe foi informado.

Ao longo de meu movimento como pesquisadora em busca das narrativas de jovens moradores de rua, a noção de experiência estava subentendida em seus discursos. Não se constata que eles designam vínculos temporais na constituição de suas identidades, mas, sim, utilizam a experiência como uma ferramenta que nomeia suas classificações sobre si. Muitas vezes os jovens não sabem há quanto tempo estão vivendo nas ruas, pois seus movimentos são demarcados pelas passagens esporádicas e eventuais em suas casas ou em instituições de acolhimento. Seus discursos apontam que o emaranhado de experiências vividas nas ruas e as informações sobre as formas de viver e sobreviver nas ruas são demarcadoras de suas classificações sobre ser um jovem morador de rua. Dessa forma, o sujeito da experiência, segundo Martin Heidegger, assim como anuncia Jorge Larrosa Bondia (2002), é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Mas não

é um sujeito que alcança aquilo que quer, nem se apodera do que aspira e não é definido por seus sucessos ou por seus poderes. O sujeito da experiência está, dessa forma, aberto à sua própria formação ou transformação. Para Heidegger:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a fazemos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança respectivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência que dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1978, p.143 *apud* LORROSA BONDIA, 2002, p. 25).

A experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez, conforme assinala Lorrosa Bondia (2002). É um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal, “um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria finitude” (BONDIA, 2002, p. 27). Por ser a experiência algo que nos acontece, duas pessoas, ainda que experimentem o mesmo acontecimento, não possuem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é, para cada indivíduo, única. O autor compreende que o saber da experiência possui uma qualidade existencial e emana as apropriações de nossa própria vida, dessa forma, “o saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (p. 27). Portanto, é um saber adquirido em virtude do modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida, assim como do modo como vamos dando sentido aos acontecimentos vividos.

Posto isso, considero que a compreensão do que é ser um jovem morador de rua está associada aos conceitos de nomadismo e experiência, assim, ultrapassam-se os limites da delimitação etária e de tempo, que diminuem a complexidade das trajetórias nas ruas. Os jovens estão em trânsito pelos lugares e pelos sentimentos, assim, estão redefinindo as ocupações espaciais, transpondo territórios afetivos e reconstruindo os itinerários que demarcam as suas histórias de vida na rua. Suas experiências são marcadas por práticas nas quais a violência os

coloca como protagonistas, conforme alardeia o senso comum, mas também como vítimas da desigualdade e exclusão social. A polifonia das ruas não toca apenas os sons da violência, mas também das redes que produzem pertencimentos e envolvimentos afetivos capazes de tornar a vida na rua suportável. E é através da constituição de redes afetivas que proponho uma compreensão sobre a população moradora de rua, com destaque aos jovens que são costumeiramente mais estigmatizados pelos seus modos de vida. Percebo que a constituição das redes de afetividade produz as marcas que designam as experiências juvenis nas ruas, como também as práticas e sentimentos vividos. Quanto mais solitários, mais agressivos e susceptíveis ficam com relação às práticas ilegais. Quanto mais envolvidos afetivamente, com mais receio ficam de envolverem-se em situações perigosas.

Da Matta (1997), ao abordar a casa e a rua como categorias sociológicas, não as apresenta como oposição absoluta, visto que as mesmas se reproduzem mutuamente, pois também na rua há espaços ocupados no sentido da casa, onde determinados grupos sociais vivem como “se estivessem em casa”. É por isso que esses espaços devem ser entendidos para além de suas dimensões espaciais, como sugere Da Mata (1997, p. 15):

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de possibilidade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.

Um jovem, quando vivencia suas experiências de vida na rua, traz inscrito em seu corpo os percursos que a vida na rua produz. Tratando-se de inscrições sobre o amor, conheci nos meus percursos em campo uma jovem garota que possuía o nome de um “ex-amor” tatuado na mão esquerda⁴⁵. Com o fim do namoro,

⁴⁵ Conforme sinaliza Victor Ferreira (2008), os jovens marcam seus corpos através de tatuagens, especialmente a partir de duas circunstâncias distintas: primeiro, em virtude de considerá-las um acessório juvenil associado à “sensualidade”, “originalidade”, “moda” e “juventude”, portanto, uma “apropriação consumista”; e ,segundo, por percebê-las como acessório investido de valor e sentido artístico, mas também autobiográfico, desse modo, associando os traços à “arte”, “beleza”, “recordação” e “identidade”, configurando-se como uma modalidade de apropriação identitária.

a menina tentou tirar a tatuagem fazendo outra por cima para cobrir, mas não conseguiu, e podemos com facilidade continuar observando o nome do ex-namorado inscrito no corpo dela. Uma outra jovem possui duas referências aos seus amores em seu corpo: um coração e um anjinho, que, segundo ela me contou, foi feito em homenagem a duas histórias de amor vividas na rua. Hoje, ela quer demarcar outros amores escrevendo os nomes dos filhos em seu pulso. Esses nomes e desenhos representam um momento, um tempo, uma época, um sentido que marca o corpo e as lembranças dessas jovens e de suas vidas e trajetórias na rua.

Portanto, há inscritos da rua nos corpos daqueles que dão a ela um sentido pontilhado pelas teias de afetividades tecidas. Para Magnani (2002), o desafio para quem adota a cidade contemporânea como tema de estudo é não perceber de forma fragmentada, dessa forma considerando as costuras que produzem um cenário permeado de intensidades e complexidades. O fato dos seus lugares terem múltiplas interpretações pelos múltiplos personagens que nela vivem não significa que o pesquisador desenvolve um olhar partido, que só enxerga um lugar, mas sim que ele pode ver de uma forma que ainda não vista por ninguém. Os códigos de reconhecimento e comunicação produzidos pelos usos da cidade reportam ao diálogo que Magnani desenvolveu com Roberto Da Matta sobre a dicotomia “casa versus rua”. Para Magnani (2003, p. 86), a noção de *pedaço* evidencia um território que serve como um ponto de referência:

[...] enquanto a casa é o domínio dos parentes, e a rua, o dos estranhos, o pedaço evidencia outro plano, o dos “chegados” que, entre a casa e a rua, instaura um espaço de sociabilidade de outra ordem. Assim, se desenvolveu um campo de interação em que as pessoas se encontram, criam novos laços, tratam das diferenças, alimentam, em suma, redes de sociabilidade numa paisagem aparentemente desprovida de sentido ou lida apenas na chave da pobreza e exclusão.

Posto isso, percebemos que os moradores de rua criam novos códigos para os lugares da rua que muitas vezes estão cobertos por um “onirismo marcante”, como insinua Machado Pais. O imaginário sobre os lugares e sobre as histórias dos lugares é algo que se vincula à “poética do espaço” de Gaston Bachelard (1998). Ao

falar de poética do espaço Bachelard revela a intenção de dar à palavra a missão de elevar o objeto de sua análise, os lugares e os espaços, ao nível poético do devaneio. O pesquisador em campo é constantemente convidado a entrar nesse “mundo não real”, nessas “verdades inventadas”, que é a descrição dos sentidos feita pelos jovens moradores de rua sobre a história, a memória e o lugar. Não devemos viver apenas a lógica do convencional e buscar os sentidos do que é tido pelos jovens, mas devemos “viajar” com eles, entrar na sua loucura, no seu “barato”, e assim entender de que forma eles outorgam sentidos às suas experiências e trajetórias de vida.

2.3 Sobre os afetos de rua.

“Mas que seja infinito enquanto dure.” Esse verso do “Soneto de Fidelidade”, do “poetinha” Vinicius de Moraes, expressa não só o desejo dos amantes mais apaixonados, como também as representações sobre o amor que centralizaram as minhas atenções ao observar os modos de vida dos jovens moradores de rua. Essa ideia de finitude se contrapõe às ideias de transitoriedade, que para muitos pode ser uma marca da população moradora de rua. Como já foi dito anteriormente, o sentido e a expectativa dados por esse grupo às relações estabelecidas com aqueles que convivem e se afeiçoam na rua são construídos através da noção de que elas vão durar para sempre. O tempo, seja na rua, vivido pela intensidade do presente, ou organizado de forma mais regular pelas rotinas institucionais, deve ser pensado em termos relacionais, abstratos e ligados não só a concepções estruturais, assim como a partir da noção de experiência, como assinala Elias (1998). Para o autor: “o presente é aquilo que pode ser imediatamente experimentado, o passado é o que pode ser rememorado, e o futuro é a incógnita que talvez ocorra um dia” (ELIAS, 1998, p. 66). Nas narrativas de muitos jovens, eles acreditam que um dia deixarão de viver nas ruas e, quando esse dia chegar, levaram consigo seus “parceiros de verdade”.

Compreendido como uma interpretação dos indivíduos sobre aquilo que os afeta moralmente e que modifica as suas relações sociais, as emoções expressadas pelos jovens moradores de rua possibilitam o entendimento de suas vinculações e desvinculações com os lugares, as pessoas, os tempos, os sentimentos. A afetividade, para David Le Breton (2003), mistura os acontecimentos significativos da vida pessoal com a vida coletiva, possibilitando, assim, feixes de emoções que são produzidos pelas vivências que confrontam determinados valores com o mundo. As emoções são resultantes de processos sociais que apresentam variações ao longo do tempo e em diferentes lugares, podendo ter seus rituais e suas performances semelhantes ou diversificadas no que diz respeito às questões de gerações e de gêneros. No entanto, é possível perceber como as emoções e suas práticas e manifestações são também elementos sociais e estruturantes da forma como as pessoas interagem e consolidam as relações sociais.

Le Breton (2003) considera o indivíduo como coautor de seu corpo e dos laços sociais que o corpo constitui, pois as identidades são passíveis de remanejamento. Somos, portanto, indivíduos de identidades nômades, não fixas, fragmentadas e sujeitas a metamorfoses permanentes. As emoções, conforme destaca o autor, podem possibilitar modos de afiliação a uma determinada comunidade social, na qual se produz uma maneira de se reconhecer e de construir canais de comunicação sobre a base da proximidade sentimental. Podemos pensar que, na rua, os jovens se vinculam aos grupos também através dessa comunicação afetiva, filiando-se como uma estratégia de sobreviver aos perigos, aos inimigos, bem como para consolidar vazios e ausências que podem mobilizar sentimentos de solidão. É em grupo que muitos jovens vivenciam as experiências na rua, constroem as trilhas de suas trajetórias e delineiam suas aventuras e desventuras, despertando sentimentos diversos que marcam suas histórias de vida.

Cada emoção sentida oferece possibilidades interpretativas sobre o que sentem os indivíduos e o que percebem com relação à atitude dos outros sobre eles. Situada em momentos provisórios, as emoções são oriundas de causas precisas, nas quais o sentimento se cristaliza como uma intensidade particular: sente-se alegria, tristeza, medo, desejo, surpresa, raiva. Ela também é a própria propagação

de um acontecimento passado, presente ou futuro, real ou imaginário, balizadora das relações do indivíduo com o mundo. Para Le Breton (2003, p. 117):

As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes. São formas organizadas da existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais. Sua expressão está ligada à própria interpretação que o indivíduo faz do acontecimento que o afeta moralmente, modificando sua relação com o mundo de maneira provisória ou durável, seja por anos, seja por segundos. As emoções trazem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos dos outros. Sua proveniência não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar. Essas duas dimensões alimentam conjuntamente a sociabilidade e assinalam ao sujeito o que ele deve sentir, de qual maneira e em quais condições precisas.

Portanto, é importante perceber como são construídas as afetividades juvenis e de que forma elas sustentam as relações estabelecidas pelos jovens nos diversos ciclos de suas trajetórias de vida. A construção dos “círculos de afetos”, como designa Machado Pais (2012), possibilita a análise e a produção das afetividades como uma forma de compreender as redes sociais e os relacionamentos dos jovens. Ao fazer uso desse método, o autor compreende que as composições, bifurcações e variações estão articuladas com a trajetória de vida dos jovens. Segundo ele, os jovens sentem necessidades de vinculações afetivas que mobilizam sentimentos de sustento emotivo, possibilitando, assim, o desenvolvimento de sentimentos de confiança sobre a vida. Dessa forma, o autor destaca que:

Quer isto dizer que os vínculos relacionais que revelam do círculo de afectos se constroem na base de uma colonização feita através de fragmentos de outros. Os jovens possuem um acervo de conhecimento resultante de experiências imediatas e de experiências transmitidas. Todas essas experiências se constituem num referencial de explicação do seu mundo de vida. Por um lado, no círculo de afectos articulam-se composições, variações e bifurcações que reflectem as trajetórias de vida dos jovens representados no centro desse círculo. Por outro lado, o capital social que circula no mapa de afectos juvenis não gera apenas reprodução

social, ele próprio é produtor de relações sociais. O círculo das relações pessoais não é de todo modo estático (PAIS, 2012: p. 150).

No caso dos jovens com experiência de moradia de rua, a pessoa posicionada mais perto do centro de seu círculo de afetos, aquela pessoa que está numa relação de maior proximidade com eles, segundo suas afirmações, é a sua mãe. A família, como representação institucional, mesmo estando os jovens de alguma forma ou por algum motivo impossibilitados de conviver, mesmo não sendo mais um “refúgio em um mundo sem coração” (LASCH, 1991), continua consagrada na posição central de seus círculos de afetos. As famílias dos jovens moradores de rua têm a mãe como a figura central. Elas formaram outros arranjos familiares com outros companheiros. Ao mesmo tempo em que a família pode representar a instituição que violenta, despertando, dessa forma, algum ódio nos jovens, também está retratada de forma amorosa, despertando um desejo futuro de fortalecimento dos laços afetivos. As famílias dos jovens moradores de rua que foram interlocutores dessa pesquisa são, em sua maioria, formadas pela mãe e por um padrasto. A relação com práticas de violência parte dessa figura masculina, portanto, do padrasto (ou de algum irmão mais velho) que o violentou de alguma maneira, ocasionando conflitos familiares e dificuldades de convivência que tornam a casa um lugar desagradável, consagrando a rua como um refúgio. Nas narrativas dos jovens, eles apontam os padrastos como as pessoas mais distantes dos seus círculos de afetos, portanto, as pessoas de quem eles menos gostam.

Sobre as questões relacionadas à família, é importante destacar o papel feminino. A conjugalidade contemporânea não é mais baseada na hegemonia da ideia de procriação e do “para sempre”. As mulheres, hoje, podem, de certa maneira, arriscar mais na hora de fazer suas escolhas e viver experiências sexuais sem que seja grande demais o fardo de ser mãe solteira ou ter filhos de pais diferentes. Assim, como aponta Elisabeth Roudinesco (2003), foram as mulheres as grandes responsáveis pela desarticulação do modelo anterior de família, afinal, eram elas que pagavam um alto preço por isso. Nas classes populares, observa-se que a inserção feminina no mercado de trabalho, a ausência da figura paterna e as dificuldades socioeconômicas enfrentadas em seus cotidianos fazem com que as mulheres assumam sozinhas as responsabilidades e tarefas familiares,

especialmente com relação à criação dos filhos. No universo infanto-juvenil relacionado à violação de direitos e às políticas públicas de proteção social, são as mulheres que estão lotando os corredores dos juizados, nas ruas em busca de seus filhos, nas filas das matrículas escolares e dos hospitais e postos de saúde (MARINHO, 2008). De alguma forma, existe um reconhecimento dessa participação maternal, por parte dos jovens, e no caso aqui tratado, os jovens moradores de rua, ao localizarem suas mães mais próximas aos seus círculos de afetos, reconhecem que elas ainda exercem o papel de cuidadoras.

O lugar que assume a família, portanto, uma instituição primária da socialização dos indivíduos, parte da compreensão de seus múltiplos formatos e, assim, identificam-se os lugares que ela ocupa hoje na vida social. Ela não deixou de ser uma referência significativa nos processos de socialização porque ainda é símbolo de uma iniciação, de uma passagem entre indivíduo e espaços da coletividade. O âmbito familiar é lugar de produção de normas e valores que são transmitidos aos seus membros por meio de um cotidiano regulado por acordos e pactos que funcionam como uma “antessala” de entendimento de concepções sociais. O primeiro passo para a sua compreensão é desconstruir um olhar sacralizado sobre essa instituição e dissolver a ideia de naturalidade e a aura de pureza que a envolve. Não se pode falar de “família” como um conceito hermeticamente fechado, mas de “modelos de família” estruturalmente diferenciados nos quais as interferências espaciais e temporais são definidoras de suas configurações⁴⁶. Família é um conceito que está em constante mutação.

Em Simmel (2006), qualquer tentativa de compreensão da família como estrutura social é consequência de uma convergência de olhares diferenciados que consubstanciam enfoques estratégicos para a identificação dos mecanismos de socialização. Há aí uma socialização na qual um pequeno número de pessoas se reproduz no seio de um grupo mais vasto, que é a própria sociedade como um todo. Adotando uma compreensão sócio-antropológica do conceito de família, abre-se um entendimento mais ampliado e complexo por entendê-la como uma instituição social. Desse modo, o conceito ganha dinamicidade e aponta que se deve desnaturalizar o

⁴⁶ Há uma periodização que possibilita a compreensão das estruturas familiares em basicamente quatro modelos: a família aristocrática e a camponesa dos séculos XVI e XVII, a família burguesa de meados do século XIX, a família da classe trabalhadora do início da Revolução Industrial, que posteriormente dará origem à família moderna que conhecemos hoje.

ideal sagrado e nuclear que costuma prevalecer no imaginário social. Para Goldani (1995) o ponto de partida é que a família, multifacetada e com múltiplos arranjos, impõe a tarefa de descobrir como suas estruturas incorporam as hierarquias de classe, raça, gênero e idade, fontes geradoras de desigualdades que respondem pela forma e pelo significado das mesmas desigualdades.

A vinculação afetiva dos jovens e o desejo de aproximação familiar estão relacionados à necessidade de proteção. Ainda repercute a prerrogativa do senso comum de que a família é uma instituição de acolhimento e proteção. Embora muitos jovens compreendam que esse paradigma pode ser revisto, especialmente aqueles com experiência de vida nas ruas, ele ressoa nas representações juvenis. Para Machado Pais (2012), no círculo dos afetos, os grupos familiares estão vinculados à noção de comunidade (que implica estabilidade e sentimento de pertença), às relações afetivas com namorados(as) e amigos(as) e à noção de redes sociais (aplicada à contingência e fluidez das relações cotidianas). Portanto, meu viés analítico estará restrito aos relacionamentos amorosos como uma experiência que denota um sentido de permanência e atração que a rua desperta nos jovens que nela vivem, fazendo da rua, como não poderia deixar de ser novamente dito, um lugar de encontro de afetos. No bojo da discussão sobre as interações sociais mobilizadas pelas emoções, optei por construir uma análise sobre os modos de vida dos jovens com experiência de moradia de rua, dando destaque às emoções direcionadas às pessoas que, segundo as narrativas, compõem suas redes afetivas, privilegiando a análise das relações amorosas vividas na rua.

Percebo que essa compreensão é importante para o entendimento de que esse grupo de jovens possui outras formas de sociabilidades que não são apenas as marcadas por situações de violência. Situados em contextos precários relativos às formas de segurança, moradia, higienização, alimentação, a rua também é produtora de outras formas de interações diferentes das que recebem o título da precariedade. Estar nas ruas é viver sob o signo da provisoriedade: as pessoas passam, os lugares mudam, os tempos se transfiguram. Mas, mesmo em meio à instabilidade das relações estabelecidas, percebe-se que nos discursos dos jovens existe a crença na longevidade e intensidade das relações que marcam um período vivido nas ruas.

E foi sob o signo da (in)finitude que Cibele e Pedra viveram a sua história de amor. Ela estava perto de completar 18 anos de idade. Ele já tinha atingido a maioridade e, com isso, as possibilidades de vinculação às políticas de atendimento tinham diminuído bastante. Os educadores sociais de rua conheciam o casal há muitos anos e continuavam orientando-os e ajudando-os nos encaminhamentos possíveis e necessários. Os dois viviam nas ruas desde a infância, já não lembravam mais desde quando estavam por lá e a convivência familiar era rara. Cibele não soube me dizer quando encontrou com a mãe pela última vez. A família da menina era muito extensa, formada por irmãos de outras relações que a mãe teve, conforme me informaram os educadores sociais, e viviam em uma região da periferia de Fortaleza demarcada por uma situação de extrema pobreza. Cibele não sabia quem era o seu pai, pois nunca conviveu com ele. Pedra (que recebeu esse apelido por uma referência a pedra de crack) tinha um irmão que também morava na rua, mas ele não “se dava” com o irmão e os garotos não viviam na mesma região da cidade. Assim como a família da namorada, Pedra tinha outros irmãos, não conhecia o pai e não via a mãe desde que ela o enviou para um abrigo ainda na sua infância. Esse casal, em especial, era um desafio para os educadores, pois eles estavam com os laços familiares rompidos há muito tempo e a estratégia era “reduzir os danos” da vida na rua do casal, principalmente porque, naquele momento, eles já eram “adultos” e não tinham mais o suporte das inúmeras políticas destinadas ao público infanto-juvenil.

Pedra me falou que sempre “se revoltou” muito, que já tinha feito “muito besteira”, mas que agora estava na hora de parar. Cibele tinha dois filhos com Pedra. As crianças estavam em um abrigo e nunca conviveram com os pais na rua. Cibele disse que, assim que teve os filhos, entregou-os para os educadores sociais levarem para um lugar mais seguro do que a rua. Durante as vezes que esteve grávida, a menina me falou que consumia muitas drogas, fazia os programas sexuais e não pensava em “sair dessa vida”. Pedra estava com a vida em risco, jurado de morte por “inimigos da rua” e o casal estava, de uma certa forma, fugindo de um possível acerto de contas. Devido o longo de tempo de vida nas ruas, eles começavam a apresentar o discurso da “maturidade” ou do “cansaço”. O casal alugou um quarto pequeno no centro da cidade, mais precisamente em uma comunidade que servia de abrigo para muitas crianças e jovens que passavam o dia

perambulando pelas ruas do centro e à noite tinham o quarto como um “refúgio”, assim como um lugar mais seguro para dormir⁴⁷.

Cibele estava, nessa época, bastante debilitada por causa da tuberculose. Encontrei a menina deitada em uma cama e com muita dificuldade para levantar e falar. Pedra estava ao lado de “sua mulher”, esboçava um semblante triste e preocupado, bem diferente de quando conheci o jovem, que, assim como Cibele, era muito agitado e falante. Os educadores levaram remédios para a jovem e ficamos pouco tempo no quarto do casal. Pedra fez um desabafo para um dos educadores, que compartilhou comigo e com o grupo que fez a visita. O menino disse que se Cibele morresse, ele também morreria. Anúncio esse concretizado sem demora. Eu soube da morte de Cibele pelos educadores sociais e, pouco tempo depois, Pedra, que também estava com tuberculose, saiu do quarto alugado e ninguém teve mais notícia do jovem. Não se sabe se ele deixou-se morrer consumido pela doença, pela pedra – o crack, a mesma droga que designava a forma como o garoto era conhecido – ou pela dor da morte da amada, conforme anunciara.

As relações afetivas, desse modo, constituem uma das dimensões das relações sociais, e o amor é sua expressão mais específica. É importante destacar que a atenção dada na sociologia à temática do sentimento, como aponta Anália Torres (2004), agrega o conjunto de transformações sociais relativo às práticas e valores associados ao modo de encarar as diversidades de composição das relações afetivas e conjugais. A autora destaca que a ideia de que o amor (e o seu desejo) é importante para a teoria sociológica surge no final da década de 50 do século XX, a partir dos estudos de Willian Goode, especialmente no texto “The theoretical importance of love”, publicado em 1959. Nele, o autor analisa o amor como um elemento da “ação social e como tal da estrutura social” (GOODE, 1959, p. 38 *apud* TORRES, 2004, p. 18). Nesse sentido, o amor é compreendido como uma

⁴⁷ Essa comunidade é bastante conhecida não só pelo tráfico de drogas e pela exploração sexual infanto-juvenil e prostituição, como também por ser um lugar onde muitos jovens alugam quartos pequenos ou casas para usarem no consumo e tráfico de drogas. Certa vez, fui com os educadores sociais em uma abordagem e percebemos que há um tipo de esquema organizado por alguns comerciantes que alugam esses pequenos quartos para grupos de crianças e jovens moradores de rua por 10 reais a diária. Eles geralmente usam à noite para dormirem. Visitei três quartos alugados pelos jovens. Em um deles, havia cinco crianças cuidando de um bebê de colo para uma adolescente que tinha “dado uma saída”. Na ocasião, as crianças estavam todas ao redor do bebê, sobre uma cama de casal, cuidando e brincando com ele, assim como estavam todas cosumindo cola de sapateiro. Essa foi uma das imagens mais fortes que presenciei na realização da pesquisa de campo com a população jovem moradora de rua: crianças descuidadas cuidando de outras crianças.

“mola impulsionadora” da ação referente ao quadro dos valores das sociedades contemporâneas, podendo, dessa forma, criar novas relações sociais. Assim, Goode anuncia duas perspectivas analíticas sobre o amor: primeiro, através da comparação com outras culturas, percebendo a existência de uma “transversalidade do controle sobre os aspectos disruptivos do amor”; e segundo, o autor destaca a “escolha do parceiro”, analisando os diferentes padrões que o controle sobre as escolhas assume em diferentes sociedades, estabelecendo, assim, uma diversidade de relações entre estrutura social e amor.

Na tradição filosófica, como aponta Maria de Lourdes Borges (2004), há três formas de amor: o amor/*eros*, o amor/*philia* e o amor/*caritas*. O amor/*eros* é a expressão do amor romântico, tematizado no *Banquete* de Platão e caracterizado pelo desejo do que falta. É carência, sofrimento, obsessão da busca daquilo que completa. Não raro ligado à morte e ao sofrimento, como em *Romeu e Julieta*, *Tristão e Isolda* e *Os sofrimentos do jovem Werther* (BORGES, 2004). O segundo tipo de amor é o amor amizade, que implica o desejo de partilhar a companhia do outro por prazer, por utilidade ou por virtude. O amor/*philia* é explorado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, como uma relação duradoura entre iguais, baseada na vontade de fazer o bem um ao outro e num prazeroso convívio, seja entre os cônjuges ou nas relações de amizade. Na *Ética*, de Spinoza, o amor/*philia* e o mero pensamento de sua existência são suficientes para o contentamento, sem implicar nenhuma necessidade de unir-se ao objeto do amor. O amor/*caritas* é a expressão da benevolência, seja por uma pessoa particular ou por toda a humanidade. O mandamento cristão de “amar o próximo como a si mesmo” (BORGES, 2004) simboliza o que Kant denominará de *humanitas* ou benevolência, portanto, de fazer o bem, ainda que não haja algum tipo de inclinação sentimental.

Niklas Luhmann, em meados dos anos 80 do século XX, compreende o amor a partir da análise do código e da constituição de uma nova semântica amorosa. Para Luhmann (1991) o amor é compreendido como um meio de comunicação simbolicamente generalizado que é responsável por possibilitar as relações de intimidade entre os indivíduos. Ele é um código que age para reduzir a complexidade da realidade. Na medida em que a vida social vai ficando mais complexa, formam-se subsistemas para reduzir esta complexidade. Assim, o amor é

um desses subsistemas que se expressa como uma ferramenta de comunicação que possui semântica própria e que se basta em si mesmo, ou seja, ama-se porque se ama. Para o autor:

Trata-se de uma significação do significado, enraizada no código que proporciona a aprendizagem do amor, a interpretação dos indícios e a transmissão dos pequenos sinais para exprimir grandes sentimentos; é o código que permite a experiência da diferença bem como o destaque dado a ausência de realização (LUHMANN, 1991, p. 22).

Para Luhmann (1991), as qualidades necessárias para amar e ser amado podem ser trivializadas e dependentes de acasos históricos e biográficos. O amor também proporciona a “intimidade sexualmente fundada”, na medida em que valoriza o “estar a dois” ou “estar a sós”, em tempo onde a sociedade moderna vive o paradoxo entre o aumento das relações impessoais e a intensificação de relações pessoais como uma fuga do anonimato e da invisibilidade. Para o autor, os indivíduos não estão fixos a um único lugar social; eles se movimentam, ocupam diferentes posições, possuem atuações diversas nos subsistemas sociais e, dessa forma, ampliam as diversas combinações que compõem suas características individuais. Nas sociedades complexas, há uma relação estreita entre a multiplicidade de relações anônimas e a intensidade das relações íntimas e pessoais, o que Luhmann (1991) define como o cenário propício para o amor moderno se desenvolver como um código de comunicação que media as relações entre duas pessoas, aproximando-as por manipular seus mundos a partir de significados comuns.

A comunicação amorosa não acontece exclusivamente através de expressões discursivas. Além dos diálogos e narrativas afetivas, a comunicação íntima entre duas pessoas acontece através de troca de olhares, do contato corporal e vivências compartilhadas. O código amoroso, segundo Luhmann (1991), é resultado de uma “diferenciação funcional” que historicamente localizou a paixão como um *medium* de comunicação especializado. Assim, como os outros subsistemas da sociedade (legal-ilegal, verdadeiro-falso, real-imaginário), o subsistema da comunicação íntima é regulado pelo código binário: pessoal-impessoal. Portanto, essa interação entre os indivíduos define as fronteiras

simbólicas que separam e diferenciam os amantes dos demais. Quando se comunicam intimamente, eles constroem simbologias próprias e específicas, porém, distintas das impessoalidades e anonimatos que circundam as relações sociais do mundo moderno. Para Luhmann (1991), o código do amor é percebido pelos amantes como algo necessário, mas não provocado, fruto da aceitação de uma inevitabilidade.

As formas de demonstrar amor são marcadas por questões gestuais e expressões narrativas que são específicas e, muitas vezes, só compreendidas por quem vive. Em seus códigos, não há critérios universalmente definidos, pois, além do belo, do afortunado e do virtuoso, se ama também o feio, o cruel, o amoral. Na rua, designar alguém como “parceiro” ou “do grupo” revela a uma vinculação afetiva, assim como quando os casais atribuem a expressão “minha mulher” ou “meu macho⁴⁸” para designar uma relação mais séria. Os meninos envolvidos em situações de violência e ilegalismos despertavam uma atração por serem os mais “corajosos” devido às suas experiências com o “mundo do crime”, seja no tráfico de drogas, nos roubos e assaltos ou por já terem passado por algum centro educacional. As meninas demonstram um orgulho e uma admiração por ser “a mulher” ou a namorada daquele garoto que é temido e respeitado. Formar um casal com um garoto destemido também é uma forma de proteção que as meninas constroem, pois, dessa forma, é menor o risco de serem, de alguma forma, violentadas ou incomodadas por outros jovens moradores de rua.

Para Eva Illouz (2011), descrições sociológicas sobre as rupturas que levaram à era moderna contêm, se não uma teoria sobre os afetos, pelo menos diversas referências a eles: rivalidades, indiferenças, culpa, angústia, amor são expressões de comportamentos que demarcaram inúmeras relações sociais. Segundo a autora, o afeto diz respeito ao eu e à relação do eu com o outro culturalmente situado e, dessa forma, muitos arranjos sociais são arranjos afetivos. Através dos afetos, os indivíduos colocam em prática as definições culturais da individualidade, pois são elas “aspectos profundamente internalizados e não reflexivos da ação, por não conterem elementos da cultura e da sociedade suficientes, mas por conterem um excesso delas” (ILLOUZ, 2011, p. 100). Portanto,

⁴⁸ Refere-se à palavra homem, portanto, à figura masculina.

as novas formas de conjugalidade, o papel cultural da mulher, as diferenças entre as classes sociais, as experiências e concepções sobre a sexualidade, entre outros, são situações que configuram o amor como uma construção social, ao mesmo tempo em que, como designa Ana Sofia Antunes das Neves (2007), o amor também define uma teia de relações de poder, cujas dinâmicas estão na origem de desigualdades, de discriminação e de violência.

As experiências com a criminalidade e a violência marcaram a trajetória de Tito. Conheci o menino no momento de sua saída da Casa dos Meninos, o abrigo municipal, quando eu ainda trabalhava na Funci, no ano de 2005. Nos relatos dos profissionais que atenderam o garoto, Tito era muito inteligente e criativo, assim como violento e incrédulo com a possibilidade de viver fora da rua. Ele saiu do abrigo porque completou 18 anos e disse que queria ir embora. A família não quis recebê-lo em casa. Tito possuía muitos inimigos em seu bairro e sua presença poderia colocar todos em risco, desse modo, seu destino pós-maioridade foi as ruas. Vez por outra, tínhamos notícias de que ele estava praticando alguns assaltos no centro da cidade e, por causa disso foi internado em um centro educacional. Em 2010, encontrei novamente com o garoto nas imediações de um terminal de ônibus da cidade. Tal qual foi a minha surpresa em saber que ele era o namorado de Natália, uma garota que eu também tinha conhecido quando ela estava na Casa das Meninas, no ano de 2006. Fui com os educadores em uma tarde de atividades esportivas que eles realizavam com um grupo de crianças e jovens moradores de rua na tentativa de encontrar Natália. No meio do caminho, soube da notícia de que a menina tinha sido encaminhada para um abrigo na semana anterior. O motivo: Tito a agrediu fisicamente. Os educadores sociais me contaram que Natália ficou muito chateada e começou a fumar muitas pedras de crack e a causar muita desordem e confusão em uma feira próxima ao local onde costumava viver com o namorado. Tito saiu à sua procura, muito nervoso, e, antes de encontrá-la, os educadores sociais, que chegaram antes, já tinham convencido a menina a ir para um abrigo.

De longe, o garoto viu a namorada entrando em um carro com os profissionais que fizeram a abordagem. Nos dias seguintes, ele perguntava onde estava a namorada e ninguém respondia. Uma forma de omitir o destino da menina, sabendo que Tito poderia ir atrás dela e trazê-la novamente para viver nas ruas.

Quando o encontramos na tarde de atividades esportivas, ele estava com uma feição contrariada e não quis muita conversa com ninguém. Aproximei-me dele e tentei conversar, mas não obtive sucesso. O menino ficou de cabeça baixa, desenhando o tempo todo. Quando estávamos indo embora, ele entregou o desenho para uma das educadoras sociais e disse que, como ninguém falaria onde a namorada estava, era para entregar o presente pra ela. Vi que o menino desenhara alguns prédios - representando uma cidade ou a rua -, um coração sobre eles e dentro do coração o nome dos enamorados: Tito e Natália. Ele ainda falou que não ia adiantar esconder o paradeiro da menina, pois: “a Natália é de rua, tia! Daqui a pouco ela volta pra cá e pra mim.” Anúncio feito e em poucos dias confirmado, pois a menina, como costumava fazer, fugiu do abrigo e estava novamente vivendo na rua com o namorado.

Natália, desde pequena, aos 10 anos de idade, começou a viver nas ruas. Ela era filha de uma mulher que teve 10 filhos⁴⁹ e a maioria deles vivia na rua. A família era extremamente pobre, viviam sob a tutela de bolsas dos programas sociais e a mãe costumava levar os filhos para pedir esmolas ou recolher material e lixo nas ruas para serem vendidos para a reciclagem. Na maior parte das vezes em que encontrei a menina durante sua vida na rua, ela estava sob o efeito de alguma substância entorpecente e conversava pouco comigo. Diferente do tempo em que vivia no abrigo, quando a menina costumava me chamar para conversar com muita frequência e revelar seus sentimentos. Ela era muito amorosa e sabia despertar em muitas profissionais (especialmente nas coordenadoras dos abrigos) um sentimento maternal ao chamá-las de mãe. Em seu aniversário de 15 anos, em 2009, dei-lhe de presente um diário para ela escrever sobre sua vida e suas emoções. Natália nunca utilizou o presente, pois, nessa mesma noite, ela, que estava em um abrigo específico para adolescentes inseridas na rede de exploração sexual, decidiu pular o muro, fugindo da instituição, das pessoas, da festa organizada. Acredito que naquele momento seu desejo de aniversário era ir ao encontro de seu grupo para “comemorar” na rua. Atualmente, ela continua perambulando pelas mesmas ruas, não namora mais Tito e tem um filho de 1 ano, que vive com uma de suas irmãs mais velhas.

⁴⁹ Natália é uma irmã mais nova de Paula, que terá sua trajetória afetiva narrada no capítulo 4 dessa tese.

Para Anthony Giddens (1993), o amor pode se configurar a partir de diferentes perspectivas. Como um sentimento arrebatador e à primeira vista, ele é definido pelo autor como um “amor-paixão”. Já o “amor romântico”, que expressou a realidade emocional do homem moderno, simboliza a submissão e a falta da livre demonstração da sexualidade feminina. Giddens considera que, na “modernidade tardia”, as relações entre parceiros não se pautam mais por padrões pré-estabelecidos ou impostos, mas por critérios e negociações definidos entre os parceiros conjugais e em torno do que eles consideram ser a qualidade intrínseca da relação. Giddens (1993) alega que o *ethos* do amor romântico no século XVIII teve um impacto, especialmente nas aspirações das mulheres, estabelecendo a subordinação da mulher ao lar, seu isolamento do mundo exterior, público e do trabalho. Portanto, as escolhas dos parceiros aconteciam assentadas no sentimento e não mais na propriedade. Segundo o autor:

Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado – embora esta seja parte da história – mas porque presume uma comunicação reparadora. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro (GIDDENS, 1993, p. 56).

Com a compreensão de que a sexualidade feminina poderia ser experimentada de forma desvinculada da reprodução, as mulheres passam a reivindicar o prazer sexual como uma forma de combinação do amor com a liberdade. Logo, a “sexualidade plástica”, como assinala Giddens (1993), traz consequências diferentes para homens e mulheres: enquanto as mulheres reivindicam o prazer, os homens perdem o controle sobre elas. A busca do prazer se apresenta, na modernidade tardia, como um bem cobiçado e praticado. A sexualidade, para o autor, passa a possuir uma existência autônoma e, dessa forma, uma opção, um estilo de vida e pode se manifestar de diversas formas. Essas transformações da intimidade possibilitam a construção de uma noção ampliada de democracia gestada nas experiências da vida pessoal dos indivíduos. Assim, surge uma nova modalidade de construção simbólica do amor, definido por Giddens (1993)

como “amor confluyente”. Esse é um sentimento contingente, pressupõe igualdade de doação, proporciona um relacionamento puro ao invés de um baseado na dependência compulsiva. É monogâmico enquanto for satisfatório, e o prazer erótico recíproco é fundamental para sua manutenção ou ruptura. Essa tipologia amorosa, para o autor, consolida a igualdade, a ternura, o diálogo e a negociação. Portanto:

O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso, entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da idéia do amor romântico. A “sociedade separada e divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial” (GIDDENS, 1993, p. 72)

Portanto, para Giddens (1993), a reflexão sobre a intimidade se dá através da sexualidade, na qual o indivíduo, ao romper as amarras do império do amor romântico, já na modernidade tardia, passa a decidir e a escolher de forma mais democrática e livre suas opções e estilos de vida com relação às experiências efetivas e sexuais. A mulher experimenta a “arte erótica”, absorvendo o novo entendimento de que a sexualidade gera prazer e, dessa forma, realiza com o parceiro uma diversidade de práticas sexuais outrora desconhecidas. Dessa forma, a mulher começa a experimentar e a viver as experiências sexuais desvinculadas do amor romântico, passando a fazer “sexo” e não só “amor”, e considerando uma possibilidade maior de parceiros sexuais ao longo da vida.

No universo juvenil, essa concepção também está consolidada. Apesar de ainda existir uma idealização com relação à primeira experiência sexual – momento que para muitas meninas deve ser entoados por romantismo e com uma “pessoa especial” –, elas estão mais dispostas. No caso da expectativa romântica não acontecer, de tratar as experiências sexuais como algo “natural” e que fazem parte do mundo íntimo dos indivíduos. Segundo Gabriela Calazans (2005), atualmente tem ocorrido importantes transformações nos valores e repertórios sexuais das garotas, pois elas têm experimentando com maior flexibilidade questões relacionadas à virgindade e ao envolvimento erótico e sexual de curta duração (ficar), sem sentir-se desvalorizadas ou envolvidas amorosamente para que as

experiências aconteçam. Por outro lado, a autora chama a atenção para o fato que os garotos não têm vivido as mesmas transformações relativas à liberdade, que historicamente eram associadas a eles.

Faço uma ressalva a essa designação sobre a pouca abertura à liberdade sexual no caso masculino. O que se observa, atualmente, sobre as performances sexuais dos jovens, quer sejam do sexo feminino ou masculino, são as experiências homossexuais. Para Maria Luiza Heilborn (2004), a compreensão sobre questões contemporâneas relativas à homossexualidade deve considerar três aspectos essenciais: o plano da identidade sexual propriamente dita (e a forma como se articula a identidade sexual com a identidade social), o plano das práticas sexuais e o plano da atração erótica por pessoas do mesmo sexo. As identidades sexuais são flexíveis e situacionais. Para a autora, não é a prática que define tampouco a identidade ou a atração, mas sim o modo de articulação entre esses fatores e a maneira como os sujeitos compreendem a sexualidade. No caso dos jovens moradores de ruas, eles estão negociando e vivenciando suas experiências a partir de uma multiplicidade de sentidos. Como outrora mencionei, o *ethos sexual*, o estilo de vida moral (e estético), como designa Geertz (1989), é associado às práticas comerciais através da rede de exploração sexual, trocado para o consumo de drogas, experimentado por prazer ou por envolvimento afetivo. Assim, para compreender as transformações do repertório sexual e erótico dos jovens na atualidade, é importante destacar as práticas e comportamentos homossexuais que acontecem em seus roteiros sexuais, estejam eles na rua ou não.

Um grande desafio fica a cargo das instituições que atendem os jovens que vivem nas ruas. A maior parte delas não sabem como lidar com as questões cotidianas, pois elas estão envolvidas por situações de preconceito, especialmente com os jovens que são travestis. De modo geral, pode-se dizer que praticamente não há atendimento especializado e qualificado para esse público em Fortaleza. No caso das instituições de acolhimento, os meninos são encaminhados para os abrigos masculinos, apesar de esboçarem o desejo de ir para o feminino. Na Barraca da Amizade, uma das instituições em que realizei a pesquisa de campo, percebi um número expressivo de jovens homossexuais acolhidos. Segundo informações dos profissionais, não há problemas graves de convivência entre os

jovens ocasionados por preconceitos ou comportamentos estigmatizados. Apesar de uma atmosfera de sedução e conquista, em um ambiente propício, ou seja, uma casa cheia de rapazes para serem “paquerados”, os jovens estabelecem (espontaneamente) normas de convivência para não serem incomodados com iniciativas que não serão correspondidas. Por outro lado, observa-se que alguns jovens não assumem as relações homossexuais por estarem tolhidos pela imagem que pretendem passar para os outros, afirmando uma masculinidade associada à noção de dignidade e decência.

Foucault (2009) assinala que a sexualidade fornece as principais categorias para as transformações estratégicas dos comportamentos humanos estereotipados. Segundo o autor, poder e desejo são instâncias que se articulam na história dos discursos da sexualidade. Como sabemos, o poder, segundo Foucault (2009), não representa um sistema geral de dominação exercido por grupos e indivíduos específicos, cujos efeitos derivados atravessam um corpo social por inteiro. Conforme designado por ele, a compreensão sobre as relações de poder ocorre a partir da “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutiva de sua organização” (FOUCAULT, 2009, p. 102). Portanto, as relações de poder são dinâmicas, móveis, correlacionais, podendo manter ou destruir grandes esquemas de dominação. Há sempre diversos pontos de resistências que, segundo o autor, são, ao mesmo tempo, alvo e apoio do dispositivo da sexualidade, instituindo, dessa maneira, o sexo como esfera maior sobre o indivíduo, capaz de transpor os corpos, a carne e os prazeres. Para Foucault (2009), o dispositivo da sexualidade contrapõe-se ao dispositivo da aliança, que definia o proibido/permitido através das relações constituídas.

Nesse sentido, observamos como o campo da sexualidade infanto-juvenil é um tema tratado no imaginário coletivo como algo permeado por ambiguidades e ambivalências. Diversas vezes, ao apresentar minhas reflexões de campo para diferentes plateias, deparei-me com indagações sobre eu ter ou não observado nos discursos dos jovens o relato de práticas sexuais com conotações mais “erotizadas” ou “vulgares” do que as práticas realizadas pelos “jovens da casa”, das classes médias e ricas, que seguem etiquetas diferenciadas daquelas comumente observadas no mundo da rua. O que posso dizer sobre isso é que a compreensão

da rua como um lugar “extraordinário” produz percepções de que os acontecimentos do seu cotidiano apresentam-se de forma caótica e desordenada. De todo mundo, compreendo que não há disparidades agravantes entre as práticas sexuais e afetivas dos jovens que vivem nas ruas e daqueles que não vivem.

Assim sendo, as experiências sexuais juvenis, costumeiramente classificadas como descontroladas, impulsivas, instáveis e experimentais, na verdade sinalizam, como assinala Michel Bozon (2004, p. 43), que “o repertório sexual se ampliou, as normas e trajetórias de vida sexual se diversificaram, os saberes e as encenações da sexualidade se multiplicaram”. As culturas juvenis, nesse sentido, vivem as experiências sexuais e afetivas de acordo com o sentido que atribuem às suas vidas, do mesmo modo em que desafiam os estigmas e as censuras que possam vir a sofrer. Envolvida pela esfera íntima e privada, a sexualidade ainda é um tema obscuro e secreto no que se refere ao debate público (HEIBORN, 1999), seja por ser atravessada por relações de poder ou por uma esfera de construção de identidades.

No caso dos jovens, Machado Pais (2012) assinala que suas geografias sentimentais são extremamente acidentadas, do mesmo modo que o autor percebe que as experiências afetivas e sexuais situam-se coadunadas às suas trajetórias de vida. Para Machado Pais (2012, p. 151):

A intimidade aparece como um casulo de onde brotam afectos, instintos e desejos que se projectam nos demais. Por outro lado, os roteiros biográficos dos jovens mostram-se que as experiências sexuais e amorosas estão em confluência com as chamadas “orientações íntimas” de cunho afectivo. Porém, essa intimidade não se encontra separada das configurações de natureza relacional que levam os jovens a gerir os seus afectos em determinado sentido. É no centro do círculo dos afectos que os jovens se posicionam. Eles encontram-se numa fase de vida em que frequentemente questionam o seu “eu” (*self*) e, à volta do “eu”, todos os outros com quem interactivam e em que projectam emoções e sentimentos. Quer isto dizer que os jovens se encontram sujeitos a socializações compósitas que reflectem nos diálogos que têm – reais ou imaginados – com quem se cruzam: amigos, namorados, pais e outros familiares.

Portanto, as experiências sexuais e amorosas vividas postulam reinvenções na tentativa de construir relações afetivas igualitárias e livres, bem como da desconstrução de que eles não compreendem os seus desejos e estabelecem relacionamentos irresponsáveis, instáveis e impulsivos. Os jovens com experiência de moradia de rua, ao nomadizarem seus percursos, experiências, etiquetas, afetos e desejos, sinalizam esse trânsito sentimental que circunda as trajetórias das culturas juvenis da contemporaneidade. Seus movimentos incessantes, em trajetos que não visam um começo, um meio e um fim, são permeados por uma modalidade não convencional de vinculação, de fixação, de pertencimento, mas que é permanentemente tecida por fios de afetos, seja através de expressões de alegria, de dor, de frustração, de perda, de medo, de prazer, de solidariedade, de cumplicidade, de saudade, de amor e ódio, portanto, dando um uso polifônico e caleidoscópico de sentimentos à vida na rua.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIAS DE AMOR SEM FIM.

“A quem me pedisse o primeiro conselho em matéria de amor, eu responderia que

é demorar:

O segundo, o mesmo:

O terceiro, também o mesmo.

Logo, tudo que adia o gozo aumenta-o”.

Montaigne – Ensaaios, 1580.

A história que agora vou narrar nasceu de uma ampliada teia amorosa entre narradores e pesquisadora, enredada em um intrincado labirinto de afetos. Fiz a escolha de contar essas histórias em virtude das relações de proximidade, consideração e cumplicidade na qual estão narradores e pesquisadora envolvidas. Muitas passagens que aqui serão descritas emergiram de minha presença cotidiana junto a esse grupo de jovens com experiência de moradia de rua que viveram no centro da cidade de Fortaleza durante os anos de 2006 a 2009⁵⁰. Dessa forma, fui adquirindo uma confiança para que muitos deles me contassem suas histórias, fizessem confidências e relatassem seus cotidianos na rua, proporcionando, dessa forma, que eu pudesse presenciar momentos singulares de suas trajetórias de vida, especialmente durante o tempo em que eles viveram nas ruas. Portanto, considero que constitui uma aproximação valiosa com os interlocutores, que possibilitou acessos a diferentes contextos geradores de elementos analíticos.

Como veremos a seguir, a trajetória de três jovens se entrecruzaram, desvendando caminhos que revelaram os desafios de viver nas ruas, especialmente para mim, que os observei de lugares, tempos e posições diferentes. Minha aproximação se dá, inicialmente, devido a uma demanda de trabalho institucional na gestão de políticas públicas para o público infanto-juvenil na prefeitura de Fortaleza. Posteriormente, percebo-me inteiramente enrolada em suas redes de afetos e itinerários cotidianos. Isso faz com que a minha presença e as observações intercorram em lugares fora da rua, como nas casas de seus familiares, em instituições de atendimento. Do mesmo modo, pude estar em momentos íntimos de

⁵⁰ As narrativas situam-se basicamente em observações e vivências cotidianas com o grupo de jovens ocorridas durante os anos de 2006 e 2008, diante disso, em determinados momentos o texto apresentara cortes temporais descontínuos. As informações sobre o desfecho das trajetórias aqui narradas estão situadas até o final do ano de 2011.

desabafo de confidências que só aconteciam com aquelas pessoas com quem os jovens construíram relações de confiança e afeto. Com o tempo, fui me integrando às suas vidas e suas vidas à minha. O lugar que conquistei possibilitou que eu pudesse perceber a complexidade do cotidiano de três jovens com experiência de moradia de rua e, diante disso, percebi como o enredo de suas histórias é sortido de afetividades, contravenções, devaneios e esperanças contidas.

Considero que a melhor forma de retratar esse universo empírico se dá através de uma “narrativa das narrativas”, portanto, a partir do relato da experiência de observação de campo da pesquisadora, entrelaçado pelos relatos dos interlocutores. Conforme já dito, essa história veio ao meu encontro em uma situação que não era de pesquisa, mas que possibilitou a percepção de indícios reveladores sobre as expressões de culturas juvenis e afetividades para os jovens que vivem nas ruas. Sendo assim, busquei em meus arquivos pessoais as anotações que realizava sobre o modo de vida juvenil nas ruas durante o tempo que atuei na gestão de políticas públicas, que eram embasadas pelos relatos dos jovens, que aconteciam espontaneamente e cotidianamente em encontros ocorridos ao longo de três anos de observação e de acompanhamento de suas trajetórias de vida. Além de minhas anotações, tive acesso aos documentos institucionais, que registravam um conjunto de informações sobre os jovens nas instituições em que eles passaram. Também pude trocar informações com os profissionais que os atenderam em diferentes lugares e momentos.

Portanto, esse grupo abriu possibilidades analíticas sobre a vida e os afetos de rua que foram fecundas e sinalizadoras de sentimentos e sociabilidades emblemáticas para uma análise socioantropológica de seus modos de vida. Considero que a análise da trajetória desse grupo, estabelecida como uma novela da vida cotidiana, um romance, que tem como enredo uma história de amor sem fim, constitui-se a partir do relato de observações em campo que pude experimentar – ora de forma programada, ora de forma involuntária – e que foram orquestradas por sentimentos explícitos na espontaneidade da rotina cotidiana de jovens que se estabelecem e se fixam nas ruas quando uma das principais motivações é protagonizar histórias de amor.

3.1. Pedro, um capitão do asfalto.

Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita.
Chico Buarque.

Pedro⁵¹ é um capitão de areia, um capitão do asfalto, que conheci no ano de 2006 quando ele tinha 18 anos. Em virtude de longas conversas e trocas de confidências, desperta em mim uma curiosidade sobre a vida nas ruas e as histórias de amor dos jovens. Assim como o Pedro Bala, um dos Capitães da Areia de Jorge Amado, esse Pedro também liderava um grupo de jovens que morava nas ruas do centro da cidade de Fortaleza. No seu mundo onírico, percebi que o real e o imaginário, a ordem e o caos, a dignidade e a marginalidade, o legal e o ilegal se confundiam constantemente. De todo modo, constitui com Pedro uma cumplicidade que fez com que ele gostasse da minha companhia e de me contar suas “aventuras”. Pedro tem um papel central nessa pesquisa. Sua história fez dele um “interlocutor afetivo”. Além da vida na rua, o menino me contou passagens de sua infância em um bairro da periferia de Fortaleza quando morava com o pai, a madrasta e os irmãos. Sua mãe era falecida desde sua infância e seu pai casou novamente. Ele é o caçula do primeiro casamento do pai, de uma família formada por cinco irmãos.

Lembro de uma vez que cruzávamos o centro da cidade de Fortaleza, no caminho entre uma praça e outra, e, quando atravessamos uma rua bastante movimentada. pedi para ele ter “calma”. Foi quando ele me disse: “Calma para quê? Eu sou como o tempo!” Sua fala me surpreendeu. Entre a pressa que delineia os contornos das ruas do centro de uma cidade, entre os nossos passos ligeiros para chegarmos logo ao nosso destino, o jovem solta essa frase, que de algum modo estava harmonizada com o ritmo das ruas do centro da cidade, mas que fez com que “tudo parasse ao meu redor” e, diante disso, lhe perguntei: “Como o tempo, por

⁵¹ Pedro nasceu no ano de 1988, em Fortaleza. Sua família é formada ao todo por seis irmãos, sendo quatro da primeira relação conjugal de seu pai e os outros dois da segunda. Ele não tem contato com os irmãos mais velhos. Sua mãe é falecida. O jovem foi morar nas ruas com 12 anos de idade em virtude de ameaças sofridas em sua comunidade, as quais colocaram sua vida em risco. Na rua ele dá início a uma trajetória de “entradas” e “saídas” em duas instituições de abrigamento, estabelecendo-se em longos períodos ininterruptos na rua. Dessa forma, o jovem não concluiu o ensino fundamental. De todo modo, participou durante uma temporada em que viveu em um abrigo de atividades de circo, o que possibilitou que ele desenvolvesse uma apreciável habilidade com malabares.

que, Pedro?”. Ele me explicou que ele nunca era suficiente para ninguém e que “passava”. O tempo⁵², portanto, quando é tomado como uma identidade narrativa por Pedro, representa algo que não se fixa, que não para, que não espera, assim como o movimento nômade que marca os percursos das pessoas com experiência de moradia de rua. Não podemos pensar a experiência de vida desse menino desvinculada do seu “transcorrer”, seja pela cidade, pela casa e pela rua, por vias marginais e afetivas, que de tempos em tempos se modificam, se reconfiguram. Tomei essa sua autodefinição como uma provocação investigativa que fixou ainda mais o meu olhar para o modo de vida dos jovens moradores de rua e, assim, comecei a perceber como a polifonia das ruas produzia sonoridades afetivas e amorosas e faz da rua, para muitos, um lugar de encontro de afetos.

Algo marcante nos relatos de Pedro sobre a sua família é sua admiração pelo pai. A maior lembrança estava associada ao compositor Bezerra da Silva⁵³. O menino costumava cantar as músicas do compositor em momentos de manifestações de felicidade. Quando entrava pelo Parque de passo faceiro, sua boca poderia estar expressando um som ainda inaudível, capaz de suscitar as seguintes frases: *A favela nunca foi reduto de marginal, A favela nunca foi reduto de marginal, Ela só tem gente humilde marginalizada, e essa verdade não sai no jornal, A favela é um problema social...* o menino cantarolava os versos de Bezerra da Silva e a vida nas comunidades pobres brasileiras. Pedro contava que, quando tomava cervejas com o pai, momento confessado por ele como sendo de grande alegria, eles cantavam juntos e o jovem me indicou a sua canção predileta: *Malandro é o cara que sabe das coisas, Malandro é aquele que sabe o que quer, Malandro é o cara que tá com dinheiro, E não se compara com um Zé Mané, Malandro de fato é um cara maneiro que não se amarra em uma só mulher...*

Talvez tenham sido essas lições musicais que fizeram de Pedro um grande sedutor e, possivelmente, deixava suas namoradas inseguras e ciumentas. Seus discursos anunciavam as dificuldades de viver nas ruas, de todo modo, era lá que, segundo ele, estavam os seus verdadeiros amigos, as suas namoradas,

⁵² Ricoeur (1997) compreende o tempo como uma expressão de identidade narrativa significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.

⁵³ José Bezerra da Silva foi um músico e compositor brasileiro de samba, especialmente de partido alto. Em suas composições, destacavam-se histórias sobre a vida cotidiana nas favelas e suas questões sociais. Bezerra da Silva morreu em 2005, aos 77 anos, e foi sepultado no Rio de Janeiro.

portando, a rede de afetividade que inclui o sentimento de pertencimento a um grupo e a um lugar. Nas músicas de Bezerra da Silva, eu percebo Pedro a partir dos seguintes versos: *Olha ai o que eles estão dizendo, que eu sou violento e não falo de amor, que o meu repertório é só crime, e até de bandido virei defensor...* Dois anos depois de ter conhecido Pedro, conheci o seu pai em uma visita que fiz ao menino, na época internado em uma clínica de recuperação de jovens usuários de drogas. Vi nos olhos marejados do menino o amor e a admiração que ele dizia sentir pelo pai, do mesmo modo que percebi como os dois tinham uma semelhança física e o mesmo olhar cabisbaixo e desconfiado.

Pedro chamou-me para conversar certa vez, dizendo que tinha algo que queria que eu soubesse por ele. Nesse dia, o jovem me contou sobre o motivo que o fez ir morar na ruas, pela primeira vez, aos 12 anos de idade. Sua história era marcada por situações de violência envolvida por vingança, ódio, moral e amor. Ele vingou o pai em virtude de uma traição cometida pela sua madrasta com um outro homem que morava na mesma comunidade que a família de Pedro. O menino não aceitou ver o pai desonrado e os comentários de que ele era “corno⁵⁴” e, assim, o jovem fez justiça com as próprias mãos. Depois desse fato, Pedro teve que fugir para as ruas do centro de Fortaleza. Com o tempo, o jovem conheceu outras pessoas que ensinaram as estratégias de sobrevivência legais e ilegais que circundam a vida nas ruas. Pedro costuma dizer que sentia uma grande vontade de conviver mais tempo com o pai, mas sua profissão dificultava. O pai do jovem trabalhava como motorista de uma fábrica de vidros e, por isso, viajava com muita frequência para outras cidades do nordeste brasileiro. Essas ausências também podem ser compreendidas como mais um fator desencadeador da saída de Pedro de sua casa, além disso, em decorrência da vingança cometida, o menino estava ameaçado de morte e não podia mais voltar para a sua comunidade.

No primeiro encontro com Pedro, ele estava sentando em um banco do Parque da Liberdade, mas conhecido como o Parque das Crianças⁵⁵, conversando

⁵⁴ Referência popular dada a uma pessoa que foi traída em um relacionamento afetivo.

⁵⁵ O nome do parque, na verdade, é Cidade da Criança devido à instalação, em meados do século XX, de uma escola pública primária. A nomenclatura Parque das Crianças é mais usada para identificar o lugar dado pelos moradores de Fortaleza. Ele foi denominado como Parque da Liberdade, em 1992, em comemoração ao centenário da proclamação da independência brasileira. Hoje funciona como sede da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura Municipal. Anterior à implantação dessa Secretaria, as políticas públicas de atendimento para crianças e adolescentes da

com uma menina de nome Mariana. Ele parecia escondido atrás de um óculos escuro e de um gorro de um time de futebol, que, por ser o mesmo que o meu, proporcionou um mote para uma conversa. O jovem me falou que se chamava Ronaldo. Mariana, que eu já conhecia há mais tempo, fez as apresentações. Percebi um sorriso debochado entre os jovens e sabia que Pedro não estava dando o seu nome verdadeiro. Então, comecei a conversar sobre futebol perguntando o que ele achava dos jogadores atuais e da atuação do time no campeonato. O menino logo desistiu da conversa. Deveria achar que tanto eu como Mariana não sabíamos do que falávamos, pois a todos os comentários que fazíamos, ele restringia-se a responder de forma monossilábica. Uma característica de Pedro que desde esse primeiro encontro me chamou a atenção foi a sua atitude arredia com as pessoas. Penso ser essa desconfiança uma forma de proteção utilizada pelos moradores de rua. Costumeiramente, as pessoas não se aproximam deles, preferindo ficar distantes, conforme observamos os comportamentos de muitas pessoas para com aqueles definidos como um “morador de rua.” Desse modo, há desconfianças nas aproximações de pessoas estranhas, que esboçavam curiosidades sobre suas vidas.

Mariana perguntou-me se eu achava os olhos verdes de Pedro bonitos. Eu respondi que sim. Nesse momento, percebi como os olhos de Mariana se revelaram apaixonados e constatei que Pedro era a sua representação de amor⁵⁶, que outrora a menina tinha me confidenciado. Diante dessa colocação, Pedro decidiu levantar-se e foi embora do parque, deixando Mariana em um banco da praça comigo. Perguntei se ela era apaixonada por Pedro e ela me disse que ele era “o amor de sua vida” e que seu maior desejo era ir viver com ele na rua. Mariana disse que não tinha sentido nenhum para ela viver longe de Pedro e pretendia, de toda forma, ficar com ele. Ainda mais porque o menino era muito sedutor, um grande conquistador, e Mariana não queria deixar ele sozinho nas ruas, conforme me confidenciou. Era muito arriscado, pois ela poderia perdê-lo. Alguns dias depois, o

cidade eram executadas pela Fundação da Criança e da Família Cidadã (FUNCI), sediada nesse mesmo parque até o ano de 2009.

⁵⁶ Sobre a definição de amor, ver Bauman (2004), Illouz (2011), Luhmann (1991), Neves (2007) e Simmel (2006), citados no capítulo anterior. De todo modo, a descrição de Mariana sobre o significado dessa emoção associa amor e desejo. Sendo assim, Hannah Arendt (1997, p. 17) assinala que “amar nada mais é do que desejar uma coisa por si mesma”. Para a autora, o caráter específico do amor é o de não ser possuído, pois na eminência desse acontecimento, o desejo acaba, a não ser que o perigo de perder o que foi adquirido (o desejo de possuir) transforme-se em medo de perder.

anúncio da menina fora cumprido e encontrei o casal no mesmo Parque da “Liberdade”, mas agora sem horários a cumprir, sem restrições de encontros, vivendo apenas na mesma direção.

O romance dos jovens é marcado por separações e reconciliações e, diante disso, durou pouco tempo. Pedro não reconhecia Mariana como sua namorada. Em diversas situações, ele me revelou que apenas “ficava” com a menina. Ele a conheceu quando estava na Barraca da Amizade e ela na Casa das Meninas⁵⁷. Nessa época, Pedro estava próximo de completar 18 anos de idade e, diante disso, teria que sair do abrigo. Ele me falou que nesse momento não tinha mais interesse em ficar na instituição e que sua vontade era voltar a viver nas ruas, assim como já tinha feito desde os 12 anos de idade. Como muitas crianças e jovens, Pedro oscilou entre a vida na rua e “na casa” (nas instituições de abrigo e em casa de familiares) ao longo de seis anos. É de conhecimento de grande parte dos jovens com experiência de moradia de rua que a legislação brasileira, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, possibilitava um atendimento em abrigos públicos ou das organizações não governamentais (ongs) até os 18 anos de idade. No caso das ongs, é necessário que o jovem componha o perfil de atendimento exigido pela instituição, porém no caso do poder público, o atendimento tem que primar pela universalidade e equidade de direitos. Portanto o atendimento ocorre independente de perfis e trajetórias diferentes⁵⁸. Diante dessas possibilidades, Pedro intercalou vivências nas ruas e nos abrigos, (como a Casa dos Meninos e na Barraca da Amizade) até atingir a maioridade. Além dos abrigos, a casa de um irmão mais velho também era um refúgio de Pedro quando ele sentia o desejo ou a necessidade (frente a outras ameaças sofridas) de ficar longe das ruas. Depois de completar a maioridade, Pedro perde o direito de viver nos abrigos e, desde esse período, o menino passa a ter a rua como a principal referência de moradia.

⁵⁷ Abrigo municipal vinculado ao poder municipal destinado ao atendimento do público feminino com idades entre 12 e 18 anos incompletos.

⁵⁸ Em várias cidades brasileiras muitos abrigos ou serviços de acolhimento institucional executados pelo poder público atendem crianças e jovens em diferentes situações, seja os que estão “provisoriamente” afastados de suas famílias, seja os que estão cumprindo medidas socioeducativas. Segundo a legislação brasileira os atendimentos dessas duas situações deveriam acontecer em equipamentos sociais diferentes, mas não é isso que a realidade revela em muitos estados brasileiros.

3.2 Quando ele é o romântico da história.

*Será que você vai saber o quanto penso em você
com o meu coração.*
Renato Russo.

Pedro se definia como um “morador de rua” ou como um dos meninos que “moravam no Parque das Crianças”. Um dos elementos que os moradores de rua utilizam para se identificar e para identificar o grupo ao qual pertencem é através do lugar na cidade onde costumam dormir ou passar a maior parte do tempo durante o dia. No centro da cidade de Fortaleza, as praças representavam essas referências. Nessa época, havia uma concentração de cerca de vinte crianças e jovens que ficavam concentrados durante o dia dentro do Parque das Crianças⁵⁹. Esse fato gerou uma grande polêmica na cidade, pois lá também era a sede da órgão responsável pelas políticas públicas municipais para a infância e adolescência: a Fundação da Criança e da Família Cidadã (Funci). Portanto, era uma praça que também sediava uma instituição pública, diante disso, a expectativa da população era que a “prefeitura fizesse alguma coisa” para tirá-los de lá, portanto, que adotasse práticas de higienização dos lugares, descartando tudo que pudesse enfeiar e colocar em risco a ética e a estética da cidade. Nessa época, sofriamos pressões, tanto da mídia como dos transeuntes que cruzam o Parque na direção do centro da cidade, que, através de diferentes formas de reclamação, pediam atitudes enérgicas dos profissionais responsáveis. Em meio a essa polêmica, os canais de tv e os jornais da cidade passaram a noticiar cotidianamente, durante cerca de um mês, reportagens sobre esse grupo de jovens. O teor das notícias girava em torno de uma ideia de ineficiência e conivência dos poderes públicos frente àquela permanência cotidiana dos jovens no Parque. A população queria uma resposta rápida para o caso e, como gestores, nós tínhamos que dar.

⁵⁹ Janice Caiafa (1989), na obra “Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub”, sinaliza questões importantes para a compreensão de grupos juvenis “transgressores” que se encontram expostos na esfera pública. Segundo a autora, o nomadismo desses grupos acontece não pelo movimento em si, mas pela intensidade de suas trajetórias, logo, não é um exercício de “andar por andar”, pois é a experiência do momento de percorrer que faz o caminho. O que foi definido como “gangue” ou “bando” pela autora é designado pelo entendimento de ser essa junção uma experiência coletiva, portanto, “tentar compreender seu funcionamento é acompanhar o investimento do bando num agenciamento coletivo; é assistir a como o desejo se arma como exercício de grupo, como estratégia de grupo, e ao que eles usam para fazê-lo circular, em que outras estratégias se apoiam nessa experimentação, o que aproveitam do espaço urbano, que é o seu meio, para esse exercício, o que serve e ajuda, o que emperra e constrange” (CAIAFA, 1989, p. 63).

Na época, criamos um grupo de trabalho formado por profissionais de áreas diferentes, como: arte-educação, serviço social, psicologia, educação física, entre outras, numa espécie de “força-tarefa”. Portanto, o grupo estava recebendo acompanhamentos profissionais diferenciados e diversificados. Eu fiquei com a atribuição de ser uma intermediadora junto aos gestores da Funci e às demais secretarias municipais para a realização dos encaminhamentos para os serviços de atendimentos às crianças e jovens, papel esse que eu já exercia na instituição. Cerca de dois meses depois dessa exposição midiática, os jovens foram migrando para outros lugares na cidade, marca do nomadismo da população de rua e da sua não fixação prolongada a determinados espaços. Somente o grupo de Pedro, que era formado por mais cinco amigos e pela sua namorada da época, permaneceu no Parque das Crianças. Eventualmente, outros jovens passavam pelo parque, sendo convidados ou não pelo “grupo residente”, pois essa permanência rotineira deu a eles a identificação de “meninos do Parque”.

Observei que esse grupo estava bastante envolvido e frequentava com assiduidade as atividades de arte-educação realizadas pelos educadores sociais no Parque das Crianças, especialmente as atividades de circo. Pedro teve aulas de malabarismos quando viveu na Barraca da Amizade e era comum ouvir dele a adoração pela prática dos malabares. Os meninos, com a orientação de um dos educadores, montaram um grupo de teatro com linguagens circenses (faziam malabarismos vestidos de palhaços) e o chamaram de “Mistral”, uma referência à marca de cigarros que consumiam. O grupo foi formado por quatro jovens, incluindo Pedro, e eles apresentavam-se frequentemente nos eventos comemorativos e festivos que a Funci realizava. O envolvimento dos jovens nas atividades de teatro facilitava o interesse em outros atendimentos que lhes eram oferecidos, especialmente aqueles referente à redução de danos decorrente do uso de drogas e os atendimentos psicossociais, pois do mesmo jeito associaram as suas rotinas diárias no parque à participação em outras atividades oferecidas pela Funci.

Durante essa convivência diária e cada dia mais enredada por fios de afetos, observei como, além de mim, os outros profissionais também estavam seduzidos pelas histórias e modos de vida de Pedro e seu grupo. Um círculo de afetos circunscrito por cumplicidades tinha sido estabelecido. Durante o tempo em que viveram no parque, os jovens declaravam estar “limpos” ou “de cara”, portanto,

sem fazer uso recorrente de drogas, especialmente do crack, que os deixavam alucinados e dispersos. Diante de um novo comportamento, esse grupo de jovens foi, com o tempo, ganhando a confiança (e o bem querer) de outras pessoas que também frequentavam o Parque das Crianças (os transeuntes, os comerciantes e outros profissionais da Funci). Em outros tempos, essas pessoas não costumavam se aproximar deles, pois, conforme observava enquanto estava nas atividades com os jovens moradores de rua, muitos tinha receio de suas atitudes indóceis e arredias. Por estar “limpo”, Pedro esporadicamente dirigia-se até a casa de um irmão que morava na periferia da cidade. Essa era uma condição estabelecida pela esposa de seu irmão que, segundo o garoto, gostava muito dele, mas o proibiu de usar a sua casa como um refúgio no momento em que a vida estava arriscada. Ela comunicou a Pedro que não queria sua casa ameaçada. O jovem, certa vez disse-me que não gostava de dormir na casa do irmão. Ele tinha receio em deixar o grupo que liderava sozinho e “desprotegido”, além do mais, ele considerava que os meninos poderiam achá-lo um traidor, pois enquanto “ficava numa boa” na casa da família, os demais continuavam na rua, mesmo sendo essas “saídas da rua” acontecimentos extraordinários.

Com o tempo, Pedro estava cada vez mais focado nas atividades junto ao grupo de teatro. O educador responsável pelas oficinas o convidou para acompanhá-lo, ministrando com ele as oficinas que aconteciam em outros projetos sociais da Funci. Dessa forma, observei como ambos tinham estabelecido uma parceria técnica e afetiva, pois os dois me revelaram que estavam empolgados com essa atividade conjunta. Depois de um tempo, Pedro mostrou-se tão assíduo e comprometido que resolvemos contratá-lo para trabalhar na Funci como monitor de arte-educação junto às oficinas de teatro que aconteciam em um projeto destinado à prevenção do uso de drogas, projeto no qual Pedro também recebia atendimento. Na ocasião, percebíamos que o jovem tinha reduzido o uso de drogas, especialmente durante as tardes de atividades no Parque das Crianças. Ao questioná-lo sobre isso, tendo em vista que a relação que constituímos permitia algumas perguntas de foros íntimos e indiscretos, Pedro declarou que só estava fumando mesclado⁶⁰ no final de semana ou à noite, após o fim de seu “expediente

⁶⁰ Mesclado é o nome dado à mistura de crack com maconha. Possui um efeito menos frenético do que o crack, mas um tempo de duração do efeito mais longo por causa da maconha. Percebi em campo que para muitos jovens moradores de rua com quem conversava, eles não costumavam

de trabalho” na Funci. Não percebia nele vestígios de uso de drogas que pudessem, de alguma maneira, prejudicar suas atividades profissionais.

Quando Pedro estava em processo de contratação, organizando os documentos necessários, ele me perguntou se eu poderia acompanhá-lo até à casa do irmão para ele pegar os documentos que estavam guardados. Eu prontamente aceitei o convite. Dessa forma, tive a oportunidade de conhecer seus outros três irmãos, uma cunhada e sobrinhos, pois todos moravam na mesma casa. Nesse dia, fomos eu e Juliana, a namorada de Pedro da época. Percebi como aquela situação poderia representar também o momento de Pedro apresentar a namorada para a sua família. Juliana me falou que estava envergonhada com a situação. Fiquei surpresa com o seu comentário, pois ela costumava portar-se de forma bastante desinibida e atrevida. A jovem me confidenciou que ficou constrangida pelo fato de ser uma “menina de rua”, uma namorada que Pedro tinha conhecido na rua e ficou com receio de ser maltratada pela família do namorado. Contrariando essa expectativa, quando nós três chegamos à casa dos familiares de Pedro, fomos recebidos com simpatia e atenção por todos.

A casa era bem simples. Entramos por um quintal que dava na cozinha e atravessamos a casa. Pude ver que a casa era, na verdade, um grande vão dividido em cozinha, banheiro, dois quartos e uma sala. Não havia porta nos quartos e os armários faziam a divisória entre quartos e sala. Os móveis eram simples. Na sala, bem pequena, o lugar onde fiquei durante a visita, havia um sofá de dois lugares, uma estante com uma televisão e um aparelho de dvd. No dia de nossa visita, estava na casa um irmão com a namorada e dois sobrinhos de Pedro. Percebi que eles ficaram felizes com a chegada do menino e faziam perguntas para saber notícias sobre o irmão. Eu e Juliana ficamos sentadas no pequeno sofá da sala, tomando um café servido pela cunhada, enquanto Pedro foi buscar os documentos em um dos quartos. Ele os guardava em uma gaveta onde também deixava alguns objetos pessoais, não muitos, conforme me falou, apenas sua certidão de nascimento e algumas roupas. Enquanto Pedro organizava seus pertences, ficamos conversando com a cunhada, que, por sinal, elogiou a beleza de Juliana. Ela me

classificar a maconha como uma droga, percebendo-a mais próxima do cigarro. Em suas representações, o cigarro não é classificado uma droga para os jovens moradores de rua. Portanto, um cigarro de maconha misturado com crack é percebido por eles como uma droga leve.

contou que tinha convidado Pedro para morar definitivamente com ela e os outros irmãos, especialmente nesse momento em que Pedro tinha tornando-se um “trabalhador”. A cunhada também falou que, segundo ela, o pai do jovem ficaria orgulhoso com as boas notícias do filho caçula. Pedro conseguia ouvir a nossa conversa do quarto onde estava e, ao voltar para a sala, percebi um largo sorriso em seu rosto.

Agradecemos a receptividade e fomos embora de volta ao Parque das Crianças. Pedro não costumava ficar muito tempo nessa casa. Ele dizia que “tinha gente demais morando lá” e que a convivência entre os irmãos não era harmoniosa, portanto, acontecia de forma conflituosa e permeada por discussões. Ele falou que se sentia discriminado pela família por ser um “morador de rua”, logo, em decorrência de um estigma⁶¹ que a sua trajetória de vida estabelece. O menino costumava utilizar essa definição para falar de si. Apenas a cunhada e o irmão que era casado com ela trabalhavam na casa. No dia de nossa visita, a cunhada me disse que o pai de Pedro tinha alugado um quarto para morar em um lugar que ela não sabia a localização exata. Com o pai, ele me disse que aceitaria morar, mas esse convite nunca chegou ao menino.

Antes de receber a proposta de trabalhar na Funci, Pedro também foi surpreendido com um convite feito pela mãe de Juliana: o de ir morar na casa dela junto com a namorada. O convite deixou o garoto empolgado, pois, conforme uma confiança que me fez, ele estava cansado de viver nas ruas. Por outro lado, Juliana estava experimentando há pouco tempo essa experiência e, por ter 14 anos de idade, ela sabia que tinha o “direito aos abrigos” (assim como uma série de outros serviços de atendimento), dessa forma, a menina entrava e saía com muita frequência das instituições de abrigamento, especialmente da Casa das Meninas, o abrigo municipal. Percebi, ao observar e conversar cotidianamente com o casal, que Pedro teve bastante trabalho para convencer a namorada, mas, com o tempo, ela aceitou e os dois passaram a morar no quarto de Juliana, que ficava na casa de sua mãe. Fui convidada por eles para conhecer a nova moradia. O quarto ficava na frente e tinha uma janela que dava para a rua, mas os jovens confessaram-me um

⁶¹ O estigma, segundo Goffman (1988), é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito. Em situações extremas, é nomeado como “defeito”, “falha” ou desvantagem em relação ao outro, constituindo-se como uma discrepância entre a identidade social e a identidade real.

incômodo: o quarto não tinha porta. Impossível não fazer uma analogia entre casa, porta, privacidade, o inverso do que se tem na rua, onde os momentos de intimidade aconteciam em lugares pouco movimentados, longe de pedestres, à noite e em cabanas feitas com os papelões que utilizam para dormir. Juliana reclamava com a mãe a falta da porta, pois a privacidade era um dos atrativos de viver na casa. O quarto era pequeno e havia nele uma cama de casal, uma rede e um armário, por Juliana não ocupá-lo, em decorrência de sua trajetória na rua, seu quarto me passou a impressão de ser um lugar abandonado, desocupado, sem pertences pessoais que pudessem identificar o seu dono.

Pedro não costumava falar sobre o que sentia por Juliana. Suas declarações eram raras, tímidas e sem muita profundidade. A percepção de seus sentimentos acontecia através de gestos e comportamentos, especialmente pelo cuidado e carinho que ele explicitamente demonstrava por ela. Essa namorada frequentemente brigava com Pedro e terminava o namoro. O jovem, nessas ocasiões, procurava por Juliana em busca de uma reconciliação. Ele declarava que já estava ficando acostumado com o fato de Juliana terminar o namoro, e que não levava isso a sério, pois considerava a namorada muito “teimosa”. Pedro conheceu Juliana no Parque das Crianças e logo mostrou-se interessado por ela. Eu pude observar o início desse relacionamento. Quando estavam juntos, Pedro demonstrava seu afeto beijando e abraçando frequentemente a menina. Era fácil perceber o orgulho que sentia ao andar de mãos dadas com a namorada pelas ruas do centro da cidade, proclamando-a como “sua mulher”. A forma como ele tratava Juliana era diferente da forma como tratava Mariana. Ele era bastante atencioso e carinhoso e estava sempre na companhia da namorada, apesar das discussões e desentendimentos que levam a garota a terminar o namoro. Eu costumava dizer para Pedro que ele era “louco” pela menina. Nesses momentos, ele dava uma grande gargalhada, mas não negava a minha afirmação⁶².

Nas conversas que tive com jovens moradores de rua e nas observações realizadas em campo, percebi que existe um código semântico que diferencia e

⁶² Sofia Aboim (2009) destaca que o amor é, na maioria dos casos, subjetivamente vivido como um processo dinâmico sujeito a modificações ao longo do tempo de convivência e da rotina. Desse modo, esse sentimento resulta de uma trajetória a dois inscrita por um hibridismo que enuncia afeto e cotidiano como dimensões cúmplices. Nesse sentido, o fato de Pedro orientar o cotidiano de vida na rua para as namoradas dava ao jovem um interessante atributo de conquista e vinculação amorosa.

classifica as relações afetivas entre os casais. Quando se atribui a definição “ela é minha mulher” ou “ele é o meu macho⁶³”, significa que o relacionamento é mais sério do que o namoro e similar a um casamento. Outra expressão utilizada pelos jovens era que eles “estavam juntos” ou que “tinham se juntando”, outra analogia para a definição de namoro. Quando questionava sobre as práticas sociais que designavam o “estar junto” na rua, os jovens me explicaram que tinha uma relação com o fato dos casais dormirem juntos, no mesmo pedaço de chão e ou sob o mesmo papelão, assim como um reconhecimento do grupo ao casal os identificando como tal. Nesse caso, Juliana era a mulher de Pedro e Pedro o “macho” dela. Portanto, Pedro tinha “se juntado com Juliana”. Mariana confessou-me sua tristeza com a formação desse casal. Diante desse novo cenário amoroso que desagradava Mariana, ela sai temporariamente de cena, deixando de viver no centro de Fortaleza e encaminhando-se para os arredores de uma movimentada e afastada praça localizada na periferia da cidade: a Praça das Flores.

O amor que Pedro demonstrava sentir por Juliana ressoava pelo Parque das Crianças em forma de atitudes e gestos de carinho, portanto, o jovem produzia códigos de comunicações simbólicas capazes de evidenciar seus sentimentos⁶⁴. Um indício de seu afeto era o olhar marejado direcionado à menina. Pedro “entregava-se” pelo olhar, sendo assim, pode-se dizer que ele simbolizava o amor romântico por portar-se no namoro com Juliana de modo a integrar por completo sua vida à vida dela. Em uma rara situação de confidências amorosas, Pedro me contou que para namorar Juliana tinha que ter muita paciência, pois a menina mudava de opinião e de atitude com frequência e ele nunca sabia o que esperar dela. Na época em que Pedro estava morando com a namorada na casa da mãe da menina e trabalhando na Funci, o casal dirigia-se todos os dias juntos até o centro da cidade. Enquanto o menino estava em sua sala de trabalho, Juliana ficava perambulando pelo centro. Pedro dizia que isso o preocupava, pois, segundo ele, Juliana, quando ficava sozinha, tinha o hábito de “se meter em algum foguete”, ou seja, envolver-se em alguma confusão ou situação arriscada e ilegal.

⁶³ Macho é uma definição popular cearense para designar homem. Nesse caso, é possível fazer uma referência à definição de marido ou cônjuge.

⁶⁴ Ver Luhmann (1991).

Aparentemente, esse era um momento de tranquilidade na vida de Pedro, pois ele estava trabalhando, tinha “sua mulher” e estava “limpo” há muito tempo. Porém, o jovem me relatou um ocorrido que o desagradou. Em uma sexta-feira, ao sair do trabalho, passou na casa do irmão para rever a família antes de ir para a casa da mãe de Juliana. Lá, ele trocou de roupa, pois a cunhada disse que poderia lavar suas roupas e o seu tênis, e disse que o menino poderia voltar na segunda-feira, depois do trabalho, para recebê-los limpos. Ele foi, mas não encontrou mais o seu tênis. Um dos irmãos tinha vendido, e Pedro disse-me que certamente ele o negociou no comércio de drogas. O jovem declarou-se bastante chateado com o ocorrido e disse que não voltaria novamente àquela casa. Perguntei para Pedro se seu distanciamento e recusa em não viver nessa casa era devido a algum conflito com esse irmão. Ele me disse que sim, pois o irmão era envolvido com o tráfico de drogas e isso poderia lhe causar problemas, especialmente agora que “estava limpo”, sendo assim, ele não queria aproximação com nada e ninguém que envolvesse o tráfico e o consumo de drogas. Percebi, ao longo dos dias seguintes a esse incidente, Pedro cabisbaixo e com um comportamento introspectivo. Ele não estava conversando e trocando confidências, como costumava fazer, com “os parceiros” com quem convivia no Parque das Crianças.

3.3. Fugindo do destino.

Lutar pelo amor é bom, mas alcançá-lo sem luta é melhor.
William Shakespeare.

Pouco tempo depois do incidente do “desaparecimento” do tênis, eu estava entrando no Parque das Crianças e fui abordada por uma assistente social que trabalhava com Pedro. Ela também o atendia no mesmo programa de redução de danos. Essa profissional informou-me que seria importante remanejar Pedro para outro projeto, pois ele estava sendo ameaçado de morte no centro da cidade e sua vida estava em risco. Fiquei assustada e lamentei o fato do menino ter que mudar de projeto, saindo de perto das pessoas que acompanhavam sua trajetória de forma mais cúmplice e próxima. Pensei que ele pudesse não ser bem aceito no novo lugar. Diante disso, Pedro foi remanejado e começou a trabalhar como monitor das oficinas de arte-educação em um projeto que atendia adolescentes que estavam cumprindo

medidas socioeducativas de liberdade assistida⁶⁵ em um bairro distante do centro da cidade. Diferente de minha suposição, ele foi bem recebido no projeto e tinha um bom relacionamento com os demais profissionais.

A permanência de Pedro não durou muito nesse novo programa, pois logo após sua transferência ele me procurou novamente. O jovem me disse que, no dia anterior, quando estava saindo do seu local de trabalho a caminho da casa da mãe da namorada, onde estava morando, ele encontrou no terminal de ônibus com um antigo inimigo que o tinha jurado de morte na época em que ele morava com a família na casa do pai. Pedro declarou seu receio, pois esse jovem tinha visto seu crachá da prefeitura e, desse modo, sabia onde ele estava trabalhando e por isso poderia colocar em risco os outros profissionais que trabalhavam com ele caso fosse fazer um acerto de contas. Pedro me confidenciou que essa rixa estava relacionada com a vingança em nome do pai que cometeu no passado. O menino que encontrou no terminal de ônibus era irmão da vítima da vingança arquitetada por Pedro. Rapidamente, providenciei junto com a coordenação do programa de medidas socioeducativas o remanejamento de Pedro, que retornou ao projeto anterior ao qual estava vinculado no centro da cidade. Como o jovem declarou que a rixa que teria ocasionado sua mudança de lugar de trabalho não existia mais, ele poderia voltar a trabalhar no antigo projeto.

Pedro também revelou nessa conversa que não estava mais namorando Juliana e, sendo assim, ele tinha voltado a viver nas ruas. O jovem comprometeu-se a alugar um quarto no centro da cidade ou a retornar à casa de seu irmão. Coloquei essa exigência como uma forma de permanência dele no quadro de funcionários da Funci. Com o tempo, as notícias que recebia de Pedro não eram boas, pois ele começou a faltar o trabalho com muita frequência, ficando dias sem aparecer. Quando aparecia, ele dizia que estava com a família, ora na casa do irmão ora com o pai em uma casa nova que o referido tinha alugado e convidado o menino para ir morar com ele. A presença de Pedro foi ficando cada vez mais inconstante e o menino ficava dias “desaparecido”. Pairava entre os profissionais uma angústia em

⁶⁵ Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o cumprimento da medida socioeducativa de liberdade assistida configura-se como uma alternativa ao regime de privação de liberdade aplicada a jovens entre 12 e 18 anos de idade que cometeram algum tipo de ato infracional de pouca gravidade. Essa medida tem período mínimo de seis meses e máximo de três anos e sua execução é realizada pelo poder municipal, pelo poder judiciário ou por organizações da sociedade civil.

perceber que Pedro estava “se desligando” das atividades que compunha seu cotidiano no Parque das Crianças. Pensávamos, na época, que estávamos “perdendo” Pedro. Essa designação “perder” é uma expressão recorrente na esfera institucional, pois significa que um jovem está “desistindo” de algum tipo de atendimento e retornando ao mundo da ilegalidade. Portanto, era essa a apreensão das pessoas sobre Pedro na época.

Logo recebemos a confirmação que afirmou a sensação de que “perdíamos” o menino. O vigia noturno que trabalhava no Parque das Crianças nos revelou o motivo das ausência de Pedro. Ele relatou para mim e para os outros três profissionais que acompanhavam o garoto que o menino estava pulando o muro do Parque para dormir durante a noite, apesar de saber que isso era algo proibido. Pedro também estava sendo acusado de cometer alguns roubos no centro da cidade. O vigia contou que, ao interpelar Pedro quando o encontrou dormindo no Parque, o jovem mostrou o crachá da instituição dizendo que era funcionário e que podia entrar quando quisesse. O vigia assumiu que usou a força para colocar o jovem para fora do parque, não permitindo que ele ficasse lá dentro. Depois desse flagra, Pedro não apareceu mais e, diante disso, tivemos que “desligar” o jovem do vínculo profissional que ele tinha com a instituição. A notícia que tive ao perguntar aos amigos de Pedro por onde andava o menino é que ele estava “roubando por outras áreas”.

Só voltei a encontrar novamente Pedro0 cerca de um ano depois desse seu desaparecimento, quando fui com os mesmos profissionais que trabalharam com ele na prefeitura visitá-lo no em uma casa de internação que atende jovens usuários de drogas em Fortaleza. Pedro deu um longo abraço em cada um de nós, mas olhou pouco nos nossos olhos, permanecendo a maior parte do tempo de cabeça baixa e de mãos dadas com o pai. Ele não conversava como antes, quando relatava com detalhes passagens de sua vida e de seu cotidiano. Nesse momento, ele apenas respondia nossas perguntas de forma monossilábica. Parecia que sentia vergonha ou que estava constrangido com a nossa presença. Perguntei se ele tinha gostado da nossa visita. Ele não respondeu, mas olhou para o grupo que estava em torno dele, formado por mim, os dois profissionais da Funci, a cunhada e o pai, e pediu desculpas. Nessa ocasião, informamos a Pedro que Mariana anunciava a todos que ele era o pai do filho dela: “Se ela tá dizendo!?” Essas foram as únicas

palavras proferidas por ele sobre a notícia. Com isso, o menino assumiu a paternidade da criança. Antes de ir embora, ele pediu para ficar sozinho com o pai. Nesse dia, também soubemos que o pai continuava viajando e que Pedro não estava morando com ele, conforme o menino havia nos dito após sair da casa da mãe da namorada. Despedi-me de Pedro e sua família e fui embora com a equipe da Funci de volta ao Parque das Crianças.

Pedro não ficou muito tempo em atendimento e “fugiu” da instituição, “desistindo do atendimento.” Após essa fuga, ninguém mais encontrou Pedro em lugar nenhum. Os jovens moradores de rua do centro da cidade que o conheciam nos disseram que ele pegou uma carona e foi para a Bahia. Essa era a versão de muitas pessoas sobre o seu paradeiro. Confesso meu encantamento com esse destino e prefiro pensar que o Pedro do Ceará foi encontrar com o Pedro Bala da Bahia, um dos “Capitães da Areia” de Jorge Amado. Ele deve ter se juntado ao “bando” de meninos que são, “na verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas” (AMADO, 2008, p. 29). Imagino o Pedro daqui junto com o Pedro Bala de lá, acolhido pelo Professor, por Dora, por João Grande, pelo Gato, Boa-Vida, Sem-Pernas, Volta-Seca, pelo Querido de Deus, entre outros tantos habitantes de um certo trapiche à beira-mar. Pedro do Ceará pode ter ido recontar sua história, viver novas aventuras, namorar outras garotas. Sua intenção pode ter sido a de ir em busca de uma mudança de destino, assim como Pedro Bala acreditava que deveria ser o destino dos jovens moradores de rua no romance de Jorge Amado:

- Um dia a gente muda o destino dos pobres...
Pedro Bala levantou a cabeça, Professor ouviu sorridente. Mas João Grande e Boa-Vida pareciam apoiar as palavras do velho e repetiu:
- Ninguém pode mudar, não. Está escrito lá em cima.
- Um dia a gente muda... - disse Pedro Bala, e todos olharam para o menino (AMADO, 2008, p.163).

Pedro costumava dizer que só sairia da rua se Juliana, o “seu amor”, também saísse junto com ele. Como se só pudesse mudar o seu destino se a sua namorada compartilhasse com ele o mesmo desejo. Mas Juliana tinha outros planos. Pedro nunca fez essa proposta para Mariana. Ela frequentemente dizia para todos que faria qualquer coisa pelo amado. Mariana declarava que “mudaria de vida” caso

formasse uma família com Pedro. No entanto, era Pedro quem tinha outros planos e admitiu em diversos momentos que não era apaixonado por Mariana como a menina desejava. Pelo onirismo que circunda as histórias contadas por muitos jovens moradores de rua, na confusão entre realidade e sonho que marcam as trajetórias e os desejos desses jovens, considerei por muito tempo a hipótese de que Pedro foi embora para Salvador na Bahia e, diante disso, consagrou a sua trajetória como um capitão da areia.

3.4. Amores desejados, possibilidades redesenhadas: a história de Mariana.

Se há um tipo de amor que dura, o não correspondido.
Woody Allen.

Penso, pelo que acompanhei da trajetória de Mariana⁶⁶, que a menina sonhava em ser uma Dora para o Pedro da história aqui narrada. Ela anunciava pelos quatro cantos das praças do centro de Fortaleza e pelos bancos da Praça das Flores que Pedro era o amor de sua vida. O registro desse desejo era, a princípio, expressado pela sonoridade afetiva de suas palavras quando nas diversas vezes anunciava que: “Eu amo esse menino”, clássica expressão do amor romântico. Do mesmo modo, percebi as inscrições desse amor na sua identidade virtual de Marian ao nomear sua página em um site de relacionamentos da internet como: “Mari 100% Pedro”. Portanto, para a menina, amar alguém, em primeira análise, significa reconhecer uma pessoa como fonte potencial para a própria felicidade⁶⁷, sendo esse alguém o menino Pedro, permanentemente associado às suas manifestações afetivas e de identidade, como também de redesenho de outras possibilidades, trajetórias e sentido para a sua vida.

⁶⁶ Mariana nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1989. Sua família é formada pelo pai, a madrasta e quatro irmãos. Sua mãe é falecida. Em decorrência de conflitos familiares com sua madrasta, ela saiu de sua casa aos 12 anos de idade, quando ainda vivia em sua cidade natal, possibilitando, dessa forma, sua primeira, porém curta, experiência de moradia de rua. Quando o pai veio com a família morar em Fortaleza no ano de 2003, a menina novamente sai de casa com destino às ruas, mas logo é abordada por educadoras sócias, sendo encaminhada para um abrigo. Durante esse tempo, ela frequentou a escola, mas não concluiu o ensino fundamental. A jovem passa um longo período vivendo nesse abrigo sem ter recebido a visita de familiares. Aos 17 anos, ela passa a adotar a rua como sua principal referência de moradia. Após completar 18 anos, ela se estabelece durante uma temporada vinculada a uma instituição que atende jovens de sua idade e realiza um curso profissionalizante de manicure.

⁶⁷ Ver Simmel (2004)

As narrativas de Mariana eram encobertas por emoções fantasiosas e oníricas que se destacavam das interpretações dos demais jovens moradores de rua. Costumava dizer que ela vivia no “Fantástico mundo de Mariana”. A história que contava sobre a sua ida para as ruas ocorreu, segundo relatou, em decorrência de um conflito familiar. No caso, desentendimentos com sua madrasta levaram-na a abandonar a vida na casa de seu pai e atribuir à rua a sua referência de moradia. Em diversas ocasiões, a menina declarava que não gostava de sua madrasta e proferia as seguintes frases: “Eu odeio essa mulher!”, assim como, “Eu só volto para casa no dia que ela morrer.” O motivo desse ódio que ela revelava sentir era explicado pelo fato de que, segundo Mariana, ela costumava ser maltratada e agredida pela madrasta desde sua infância, sendo seu pai conivente com o ocorrido. Esses conflitos, conforme relatava, aconteciam desde a época em que Mariana morava no Rio de Janeiro, antes mesmo da mudança da família para Fortaleza. A jovem relatou que, certa vez, após apanhar muito da madrasta em virtude de uma discussão que tiveram, Mariana, aos 12 anos de idade, fugiu de casa e foi viver nas ruas de Fortaleza pela primeira vez. Ela contou-me que sua família era formada pelo pai, a madrasta e mais quatro irmãos (ela era a segunda mais velha) e residiam todos em um bairro de outra cidade integrada à região metropolitana de Fortaleza. Ao longo de seu percurso por diversos serviços de atendimento institucional, a jovem não recebeu a visita de seus familiares, do mesmo modo, os profissionais que a acompanhavam não identificaram o local da residência que ela indicava ser de sua família.

Em virtude de suas andanças pelas ruas de Fortaleza, Mariana foi abordada pelos educadores sociais da Funci e foi encaminhada para a Casa das Meninas. Foi nesse tempo que conheci a garota. Mexendo em meus arquivos pessoais, achei uma fotografia tirada ao lado de Mariana no ano de 2006, quando estava com 17 anos e vivia na Casa das Meninas. Noto que, nessa época, a jovem tinha um semblante diferente. Para mim, ele transparecia inocência e possuía traços infantis faciais e corporais diferente dos dias atuais. Hoje, seu corpo já traz marcas da trajetória de uma mulher adulta, assim como inscrições da vida nas ruas. Ela costuma ficar com o cabelo preso, meio descabelada e amarrado para trás, já perdeu parte dos dentes, especialmente os da frente, tem uma cor de pele bem

queimada do Sol, usa shorts com blusas de alça e chinelo e tem uma barriga flácida proveniente de gravidez e de sua estrutura robusta.

Conforme já anunciei, foi morando na Casa das Meninas que Mariana conheceu Pedro. Na época, ele estava morando na Barraca da Amizade. Durante uma festa realizada entre as duas casas, ela viu Pedro e me confidenciou que logo se apaixonou pelo garoto. Nesse momento, ele tinha uma namorada e estava acompanhado dela na festa. Segundo a jovem, os dois flertaram e tempos depois Pedro apareceu na Casa das Meninas à procura dela. Mariana contou-me que cedeu às investidas do menino e os dois começaram a namorar. Os encontros do casal aconteciam à noite, pois as duas casas ficavam próximas e, segundo as regras da Casa das Meninas, era permitido ficar na calçada à noite durante uma hora. Já na Barraca da Amizade, os meninos podiam sair, desde que avisassem o destino e o tivesse sido aprovado pela coordenação do abrigo. Durante um tempo, era um “namoro de calçada”, até o dia em que Pedro confidenciou à Mariana que iria sair da Barraca e ficar vivendo pelo centro da cidade. O menino cumpriu com o anunciado por ele e saiu do abrigo. Em decorrência desse fato, Mariana passou a aproveitar as saídas que podia fazer para ir ao médico ou ao curso⁶⁸ de arte-educação que participava em um projeto da Funci, localizado no centro da cidade, e, dessa maneira, conseguia encontrar Pedro. Foi em uma dessas suas “fugidinhas” que ela me apresentou ao menino no Parque das Crianças.

Mariana me disse que foi difícil namorar Pedro “à distância”, pois ela estava no abrigo e ele na rua. Ela também me confidenciou que nutria uma desconfiança e acreditava na possibilidade de que ele poderia “ficar” com outras garotas, pois nessa época ela o percebia distante e considerava o fato dele não se sentir comprometido com ela. Assim, o namoro do casal atravessava instabilidades, estava envolvido por momentos frequentes de separações e reconciliações. Costumava observar os encontros do casal nas festas que aconteciam dentro do Parque, quando as crianças e os jovens dos projetos da Funci se reuniam em eventos comemorativos. De longe, observava Mariana indo ao encontro de Pedro,

⁶⁸ Alguns abrigos adotam uma rotina de participação dos jovens em cursos de profissionalização ou de arte-educação oferecidos pelos poderes públicos (prefeituras ou governo do Estado) ou pelas ongs que possibilitam que eles tenham uma convivência comunitária e não fiquem fechados em atividades dentro do abrigo.

mas, em pouco tempo, notava o início de discussões e desentendimentos entre o casal. Após esses momentos, Mariana ficava abatida e desanimada, isolando-se dos demais jovens. Ela não escondia que sentia muito ciúme de Pedro e diversas vezes fazia essa declaração, inclusive para ele.

Certo dia, eu estava na minha sala de trabalho quando fui avisada de que Mariana queria falar comigo. Caminhei até um banco do Parque das Crianças, onde a encontrei com uma aparência entristecida e desanimada. Anterior a esse encontro com Mariana, fui avisada pelo coordenador do abrigo que a menina estava tendo problemas com as outras meninas da casa. O coordenador relatou que algumas meninas estavam acusando Mariana de pegar seus objetos pessoais sem permissão. O coordenador chamou todas as garotas envolvidas no incidente para saber o que estava acontecendo, mas Mariana negou as acusações. Essa situação foi tornando o clima cada vez mais conflituoso e Mariana demonstrava desinteresse em continuar vivendo no abrigo. Outra situação que preocupava o coordenador era que, nos finais de semana, quando Mariana recebia a permissão de ir para a casa da família de outra garota que estava abrigada na Casa das Meninas, as jovens voltavam com novos pertences e dinheiro. Acreditávamos que elas poderiam estar fazendo programas sexuais nessas saídas para o final de semana. Um atividade que já compunha a trajetória das duas meninas. De todo modo, a convivência na casa estava tensa e Mariana reclamava das desconfianças em torno dela. Portanto, quando a jovem me procurou, eu já tinha informações sobre os episódios que ela protagonizava e como a convivência com as outras moradoras do abrigo estava conflituosa.

No dia dessa conversa, Mariana afirmou que não estava mais gostando de viver no abrigo. Disse, ainda, que não conseguia conviver com algumas meninas da casa e que estava infeliz com essa situação. Eu disse que já sabia dos conflitos ocorridos e ela negou as acusações dizendo que as outras meninas não gostavam dela e que estavam “tramando” para ela sair do abrigo. Conversei com a jovem sobre as dificuldades de conviver com outras pessoas e partilhar o mesmo espaço, tentando convencê-la a não tomar essa decisão, porém ela já tinha tomado e estava, de certa maneira, anunciando-a. De todo modo, Mariana estava perto de completar 18 anos de idade e teria que sair do abrigo. Com a permanência de Pedro nas ruas,

havia uma grande probabilidade dela ser interpretada por Mariana como um lugar interessante de se viver. Pouco tempo depois dessa conversa, soube que a menina tinha cumprido o anunciado e, após comunicar para o coordenador do abrigo que estava indo embora, seu destino foi novamente as ruas do centro da cidade de Fortaleza.

Assim como Pedro, Mariana completou 18 anos na rua e, com isso, as possibilidades de serviços de atendimento diminuem drasticamente. O que a jovem demonstrava diante das atitudes tomadas e pronunciamentos alardeados é que seu interesse maior na época era pelo que designava como o amor que sentia por Pedro. O sentimento de Mariana por Pedro apresentava indícios do amor romântico, portanto, a absorvia de forma total, fazendo com que todo o resto perdesse a importância. Por outro lado, Pedro não demonstrava o mesmo interesse que a menina e comportava-se de forma arredia e indiferente frente aos sentimentos manifestados por Mariana. Ela não recebeu dele o título de namorada e nem de “sua mulher.” Os jovens “ficavam”, mas não havia mais compromisso entre eles, especialmente porque Pedro designava essa situação. Quando o garoto começou a namorar Juliana, dando a essa garota o título que Mariana gostaria que fosse dela, a jovem resolveu deslocar-se mais uma vez, passando a viver junto a um grupo que ocupavam uma praça de um bairro distante do centro da cidade. Essa região passa a ser o seu lugar de pertencimento, agora ela também passa a se identificar com uma “moradora da Praça das Flores”. Portanto, Mariana estabeleceu uma nova referência de moradia logo após o início do namoro de Pedro com Juliana. Ela dizia que não sentia raiva de Juliana, inclusive as duas construíram uma amizade e quando se encontravam elas conversam em tom de cumplicidade. A amizade⁶⁹ das meninas não era censurada pelas diferenças que poderiam existir entre elas em virtude do interesse pelo mesmo menino. Na verdade, as meninas demonstravam que preferiam manter uma relação de cumplicidade e estabeleceram uma convivência cordial. Quanto a Pedro, Mariana disse-me que sentia muita raiva dele e

⁶⁹ Para Ortega (2002, p. 40), “a presença do amigo não faz somente no sentirmos felizes, mas é necessária, não só porque o homem é um ser social, mas uma vez que, na condição de agentes absorvidos na própria ação, não temos a distância necessária que permite determinar o significado e valor pleno das ações e obter o prazer que acompanha a contemplação das ações boas, parte da felicidade”. Portanto, a amizade, como enuncia o autor, é um conceito relacional, o qual não deve ser tomado em termos de “igualdade e concordância”, pois, ao invés do consenso, busca-se a “incitação” e, dessa forma, o autor designa que a relação com o outro se estabelecer sem anular as diferenças.

naquele momento não o queria por perto, principalmente por ele nunca tê-la considerado como a “sua mulher”.

Uma vez, fui encontrar Mariana na Praça das Flores. Ela vivia com um grupo de jovens formado por três casais (ela formava um desses casais). Vivia também com o grupo um homem mais velho, que se afastou quando eu e os educadores nos aproximamos. O lugar ficava localizado em um gramado próximo à Praça das Flores, portanto, distante dos bancos da praça, o que ocasionava uma certa privacidade, pois não era um lugar de passagem de pedestres. O grupo montou uma barraca de papelão embaixo de uma árvore e fizeram um círculo com outros papelões, servindo para que os jovens pudessem dormir estirando seus corpos no chão. No centro, havia um fogareiro de lata que cozinhava uma panela de feijão às 10 horas da manhã. Eles falaram que essa era a refeição do dia. Mariana estava namorando um dos meninos do grupo e declarou estar feliz, pois o namorado “gostava dela” e “queria o seu bem”. Ela falou que ele não era usuário de drogas e que não gostava quando ela usava. Quando cheguei com os educadores sociais, fazia um tempo que não encontrava Mariana. Ela ficou surpresa com a minha presença e se aproximou me dando um longo abraço. Sentamos com o grupo e ficamos conversando com eles. Mariana se portava como uma anfitriã.

3.5. Corpos nômades.

*Se você sabe explicar o que sente, não ama,
pois o amor foge de todas as explicações possíveis.*
Carlos Drummond de Andrade.

Mariana revelou que, apesar de Pedro namorar Juliana, o menino continuava procurando por ela na Praça das Flores. Nesses encontros efetivos e sexuais, ela engravidou de seu primeiro filho e deu a paternidade a Pedro. A jovem contou-me que percebeu tarde a gravidez em decorrência de alterações em seu corpo e ficou assustada com o que estava acontecendo. Diante desse fato, ela decide sair das ruas e buscar auxílio em um projeto social coordenado por algumas freiras. Essa instituição de abrigo recebia jovens grávidas ou com filhos que estavam inseridas na rede de exploração sexual. O atendimento acontecia a partir

da alocação das jovens em uma casa (que funcionava como um abrigo) e da inserção delas em atividades de geração de trabalho e renda subsidiadas por uma bolsa no valor de 500 reais. Após o nascimento de seu filho, e com o auxílio do projeto social, Mariana alugou uma casa no mesmo bairro.

A criança, durante o dia, ficava na creche mantida pelo projeto social e sob os cuidados das freiras. Enquanto isso, Mariana participava do curso profissionalizante no qual estava inscrita. Existia uma rede solidária embalada nessa nova comunidade da qual Mariana estava inserida e, assim, ela podia contar com o auxílio, especialmente das freiras, quando precisava de ajuda com o filho ou com a casa que tinha alugado. Poucos meses depois do nascimento do filho, Mariana relatou que Pedro apareceu em sua casa dizendo que não estava mais namorando Juliana e que queria conhecer o seu filho. Nessa época, ele estava sumido das atividades de trabalho nas oficinas de arte-educação da Funci. Mariana recebeu o garoto em sua casa e o deixou entrar na nova fase de sua trajetória, que ela considerava como um “tempo de felicidade”. De certa forma, a jovem estava realizando um desejo que outrora já tinha revelado: o de formar uma família com Pedro e viver uma história de amor com ele. Nesse momento, Mariana considerava que ela era a “mulher” do garoto.

Lembro-me, nesse momento, das palavras de Pedro: “Eu posso até sair da rua, mas a rua nunca vai sair de mim.” Pouco tempo depois, sem dar muitas explicações, Pedro resolveu ir embora, saindo da casa e da vida de Mariana mais uma vez, deixando, portanto, ela e seu filho sozinhos. Não demorou muito e Mariana também voltou a viver nas ruas. Ela deixou o filho sob os cuidados dos profissionais e das freiras do projeto social no qual ficou vinculada durante menos de um ano, mas o fez sem avisá-los, simplesmente foi embora da casa alugada, sabendo que no início da manhã receberia a visita das freiras e elas perceberiam que Mariana tinha ido embora. Sem permissão jurídica, e seguindo a legislação brasileira, a criança foi encaminhada pelo conselho tutelar para um abrigo infantil que recebia bebês, pois o menino tinha poucos meses de nascido. Mariana voltou à vida nas ruas e voltou também para as práticas ilegais que costumava fazer na região. Ela era acusada de alguns roubos e costumava frequentar a “usina”, um lugar de refúgio dos jovens da Praça das Flores, que era, na verdade, um grande

terreno baldio e estava cercado por um muro alto localizado nas margens de uma avenida de grande movimentação do bairro.

Os jovens fizeram um buraco na parede do muro para acessarem o terreno, já que não conseguiam pular devido à altura. De forma rápida e sorrateira, eles entravam pelo o buraco ficavam muitas horas lá dentro. Em alguns casos, algumas crianças e jovens passavam dias “internados”, termo utilizado por eles quando o tempo de duração do uso das drogas se estendia por muito tempo. A “usina” era o lugar utilizado para o consumo do crack, localizado longe dos olhares da população, dos educadores sociais, do conselho tutelar e da polícia. Era também um lugar onde eles deixavam alguns pertences escondidos, inclusive dos outros frequentadores da “usina”, em buracos que faziam no chão de terra batido ou os escondiam em cima das árvores, sob os galhos. Mariana, assim que voltou a viver nas ruas, revelou que ficou muito tempo frequentando esse lugar e envolvida nas atividades específicas que eram realizadas na “usina”, especialmente o uso de drogas, a prática de relações sexuais e o uso do lugar como um refúgio após cometerem delitos.

Certa vez, estava sentada na Praça das Flores conversando com Mariana e uma outra menina moradora de rua se aproximou. Seu nome era Tati e ela estava indignada e falava sem parar frases confusas e desorientadas. A menina tinha uma fisionomia franzina e aparentava ter 14 ou 15 anos de idade, mas, na verdade, ela me disse que tinha 19 anos. Mariana perguntou para ela o que tinha acontecido. Tati respondeu que estava com muita raiva do seu namorado, pois ele tinha cometido uma traição imperdoável. Mariana falou para Tati “deixar de besteira”, pois como ela era apaixonada pelo namorado, logo iria perdoá-lo. A menina, indignada, disse que o perdoaria, mas se ele tivesse “ficado” com outra menina e não com um menino, pois para ela o problema maior era ele ter tido uma experiência sexual com uma pessoa do mesmo sexo. Perguntei para ela se era a primeira vez que o namorado tinha ficado com um menino. Ela disse que nunca soube de nenhum envolvimento do namorado com meninos. A relação aconteceu na “usina”, depois que o namorado fumou crack com um outro menino que era assumidamente homossexual. As meninas me disseram que as crianças e os jovens também utilizavam a “usina” para ter relações sexuais, já que lá era um lugar fechado e mais privativo, apenas

frequentado pelo grupo de crianças e jovens que moravam nas ruas do entorno da Praça das Flores ou por alguns convidados que recebiam autorização para entrar no lugar. Nas queixas de Tati, ela ainda disse que achava que o namorado teve essa relação porque o jovem tinha usado crack e estava “chapado”. Mesmo diante disso, ela afirmou que não perdoaria e queria “matar” o outro menino que ficou com o seu namorado.

Portanto, existe uma troca de casais e relações sexuais diversas no cotidiano desse grupo juvenil. O que a história de Tati sinaliza como preocupante é que, nas relações sexuais vivenciadas por esse grupo de jovens, existe uma possibilidade grande de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, em virtude do não uso de métodos preventivos, colocando em risco suas vidas, tendo em vista que a população de rua é praticamente excluída das redes de atendimento em saúde. Sobre a população moradora de rua, não existem em Fortaleza registros estatísticos verossímeis que quantifiquem os casos de doenças recorrentes nessa população, sejam elas em decorrência das relações sexuais ou causadas por outros males que a vida na rua pode produzir. Lembro-me dos educadores sociais aflitos com a notícia de diversos casos que tomavam conhecimento sobre os moradores de rua que morrem devido à tuberculose e à Aids, assim como os males causados à saúde desse grupo em virtude de problemas causados pela hepatite C. Não existem registros oficiais sobre essa constatação observada pelos educadores, mas ela é cotidianamente confirmada em suas andanças diárias e observações de campo sobre os trajetos que percorrem e nas conversas com a população de rua.

O que sabemos é que existe, no mundo da rua, uma rotina sexual intensa. A rua é um lugar visivelmente sexualizado. Seja através dos relacionamentos estabelecidos, dos namoros, dos programas sexuais realizados, nas trocas de casais, nas relações descompromissadas. Esse trânsito sexual faz com que as jovens, por não conseguirem identificar a paternidade de seus filhos, elejam esses pais, assim como fez Mariana. Geralmente se nomeia o namorado da época, que costuma aceitar a indicação, já que era com ele que as meninas tinham um relacionamento reconhecido. Mariana sempre elegeu Pedro, que tinha um lugar de destaque em sua vida. E, assim, nos encontros fortuitos e repentinos que continuou tendo com Pedro, Mariana engravidou mais uma vez e deu ao menino a

paternidade do segundo filho. Essa gravidez foi vivida inteiramente na rua, portanto, diferente da primeira, quando a jovem logo procurou o auxílio em um projeto social. Mariana disse-me que não teve coragem de procurar pelas freiras e pelas demais profissionais, pois sentia vergonha de ter “abandonado” o filho e ido embora repentinamente, como fez outrora.

Mariana praticamente “pariu o menino no meio da rua”, definição essa pronunciada por muitos conhecidos seus e frequentadores da Praça das Flores. Dessa vez, ela teve uma menina, e logo deixou a criança no mesmo abrigo em que estava o seu primeiro filho. Ela alega que era melhor eles ficarem no abrigo do que no meio da rua como ela, pois, assim, eles estariam bem cuidados e seguros. Eu perguntei se ela um dia gostaria de viver com os filhos, e ela me respondeu que sim, mas que não sabia quando esse dia chegaria, pois ela não queria viver com o pai por causa da madrasta e não sabia mais por onde Pedro andava. O menino estava desaparecido há muito tempo e a única informação sobre o seu paradeiro era a história sobre a carona para a Bahia. Mariana associava a sua saída da rua a uma referência familiar, seja com a sua família de origem ou com a família que desejava constituir.

3.6. Deslocamentos, ilegalismos e afetividades.

*Eu sou o antes, eu sou o quase, eu sou o nunca.
E tudo isso ganhei ao deixar de te amar.*
Clarice Lispector

A trajetória de Mariana seguia o rumo rotineiro. Ela estava vivendo na Praça das Flores, namorando e ficando com outros garotos, realizando os programas sexuais que ela assumia fazer e perambulando pelas praça em rodas de conversas com outros jovens, vendedores e frequentadores de “sua” Praça das Flores. Mariana encontrava-se frequentemente com um homem “mais velho”, que ela confidenciou-me que dava dinheiro à ela e era um antigo conhecido seu. Esse homem era um idoso que morava na região e com quem Mariana costumava fazer programas sexuais. A menina admitiu sentir carinho por ele e relatou que recebia dinheiro e ajudas diversas desse homem, como abrigo em sua casa quando a vida

na rua apresentava algum tipo de risco para a jovem. Programas sexuais são práticas comuns para um grande número de crianças e jovens que vivem nas ruas. É uma forma lucrativa de obter dinheiro e que expressa uma demanda permanente. Mariana me disse que nunca enganou ou agiu de má fé com este homem, como já fez com outros. Ele era um cliente especial. Ela me confidenciou que costumava aplicar o “boa noite cinderela⁷⁰”, especialmente quando percebia que era um cliente que tinha uma “carteira boa”, com muito dinheiro e, assim, o programa poderia ser mais lucrativo. Em diversos momentos de sua trajetória na Praça das Flores, Mariana desaparecia, pois como adotava atitudes ilegais e perigosas para a sua segurança e integridade, facilmente as pessoas sabiam em que lugar poderiam encontrá-la.

Essa rotina de combinações dos programas sexuais acontecia algumas vezes quando eu e os educadores sociais estávamos com os grupos nas ruas. Sobretudo com os jovens que tinham mais de 18 anos, pois os menores de idade, muitas vezes, ficavam constrangidos em combinar os programas na nossa frente temendo algum tipo de retaliação, que poderia variar entre uma denúncia ao conselho tutelar ou uma “bronca” dada pelos educadores sociais, pontuando que essas práticas eram ilegais e que poderiam prejudicá-los de alguma maneira. Os jovens e as crianças sabem que programas sexuais com menores de idade é crime. Por isso, muitos mentem a idade e utilizam a conivência e o oportunismo dos funcionários e proprietários de quartos e motéis utilizados nessa ampla rede de exploração sexual⁷¹.

Certa vez, fui com os educadores em uma atividade esportiva que acontecia às quintas-feiras em um ginásio próximo à Praça das Flores. Havia uma espécie de acordo entre os jovens e os educadores sociais: ficava pactuado que

⁷⁰ Ato de drogar uma pessoa para roubá-la ou manter relação sexual com a vítima sob o efeito de entorpecentes. Em alguns casos, há lacunas de memória quando a pessoa está sob o efeito da droga utilizada. As substâncias mais utilizadas são: rohypnol, ketamina, GHB e ecstasy. No caso brasileiro, a substância utilizada com mais frequência é o rohypnol.

⁷¹ É importante destacar a designação terminológica coerente ao entendimento das práticas sexuais comerciais que a vida nas ruas estabelece para os jovens. Conforme destaca Aparecida Fonseca Moraes (2011) no artigo “O corpo prostituído nas práticas discursivas de organização dos direitos humanos”, a palavra “prostituição” refere-se à ideia de “consentimento”, contudo, segundo a autora, crianças e adolescentes são explorados sexualmente porque são “induzidos” a essa prática, seja em virtude de situações de pobreza, abuso sexual ou estímulo ao consumo. De todo modo, é importante destacar que as expressões classificatórias podem apontar o fortalecimento de estigmas, por isso o cuidado ao utilizá-las.

aquele que estivesse sob o efeito de alguma substância entorpecente não participaria das atividades. O acordo era cumprido por grande parte das crianças e jovens e eles apareciam “de cara” nessas tardes. Era também um bom momento para eu conversar com um grupo mais ampliado de jovens. Em uma dessas tardes, cheguei na kombi com os educadores sociais e avistamos de longe que o ginásio estava com os portões trancados. Enquanto fazíamos a volta para estacionar, uma das educadoras comentou que os meninos e meninas poderiam ter passado por lá, e como observaram que os portões estavam fechados, poderiam ter ido embora, achando que as atividades esportivas não seriam realizadas naquele dia. Assim que chegamos, o número de jovens estava bem reduzido, ficaram sete jovens na espera, pois os demais tinham ido embora acreditando que não teriam as atividades nesse dia, conforme a educadora havia previsto. Um dos jovens que resolveu ficar e esperar a chegada dos educadores foi Mariana. Ficamos literalmente “no meio da rua” nesse dia, pois nenhum funcionário que trabalhava no ginásio apareceu para abrir os portões ou dar alguma satisfação sobre o ocorrido, embora essas atividades fossem pré-agendadas e registradas via ofício ao órgão da prefeitura responsável pelo gerenciamento do ginásio. Na verdade, o coordenador do ginásio, por diversas vezes, manifestava-se contrário à utilização daquele equipamento público pelos “meninos de rua” e já tinha tentado outras vezes impedir a realização das atividades alegando que o local estava em reforma.

Procuramos uma sombra nos arredores do ginásio e ficamos, eu e os educadores sociais, sentados conversando com os sete jovens que permaneceram por lá. Fiquei mais afastada conversando com Mariana e com sua amiga Tuca, uma garota de 20 anos de idade. Percebi que Tuca olhava com muita curiosidade para um garoto que aparentava ter a sua idade e estava sentado do outro lado da rua. O garoto observava Tuca de longe e ela logo percebeu o interesse dele. Tuca perguntou à amiga se ela sabia quem era o menino, se já tinha visto ele ou se o conhecia. Mariana disse que nunca tinha visto o menino e que ele aparentava não ser “de rua”. Tuca, então, se levantou do banco no qual estava conversando comigo e disse à Mariana que ia até o menino saber o que ele estava querendo e porque olhava tanto para ela. Mariana deu uma risada como se já soubesse o que iria acontecer. Tuca vai caminhando na direção do menino com um caminhar sedutor, rebolando os quadris e arrumando os cabelos. Observei uma conversa rápida entre

Tuca e o menino, que estava do outro lado da rua, e ela logo voltou com o mesmo caminhar sedutor, mas dessa vez com um sorriso debochado, explicando numa fala alta e durante o percurso de chegada até o grupo: “Ele queria o meu periquito⁷² por cinco reais! Tu acha!? Só dá pra uma pedra⁷³.” Mesmo com a presença de seu namorado próximo ao grupo, Tuca não se intimidou com a atitude de negociar um programa sexual.

Quando ela já estava sentada novamente ao meu lado, eu perguntei se o seu namorado não tinha ciúmes dela fazer programas sexuais e se ele não ficava chateado por ela negociar na frente dos outros integrantes do grupo. Ela me disse que ele não sentia ciúmes porque o dinheiro que ela ganhava era para sustentar eles dois, especialmente para comprar as pedras de crack⁷⁴. Foi por isso que ela disse que não aceitou a proposta do menino, pois o valor era muito pouco para ela e não custearia o consumo dela e do namorado. Perguntei qual era o valor dos programas sexuais. Tuca e Mariana me explicaram que variava muito, pois quando elas estavam “na fissura” de usar drogas, aceitavam qualquer valor, assim como quando estavam “drogadas”. Mas quando “de cara”, poderia variar entre 10 e 100 reais, dependendo da prática sexual e do cliente. Para cada performance e para cada pessoa existia um valor. Elas me falaram que na Av. Beira-Mar o programa era mais caro, pois lá tinha alguns estrangeiros que poderiam pagar mais⁷⁵. E quando elas queriam ganhar mais dinheiro se deslocavam até lá. A variação também ocorre com relação ao valor das drogas utilizadas, pois as meninas me falaram que no entorno da Praça das Flores era mais barato do que em outros lugares. Em virtude

⁷² Expressão popular que faz referência à genitália feminina.

⁷³ Pedra é o nome dado para o crack em virtude da forma como ele é comercializado.

⁷⁴ De acordo com Michel Bozon (2004, p. 56), o “valor da reciprocidade entre os parceiros” assumiu uma grande importância como um dos princípios da sexualidade conjugal nos tempos atuais, todavia, essa nova abertura de possibilidades relativas às trajetórias sexuais diz respeito ao novo funcionamento conjugal, às sexualidades alternativas, assim como, “a diversificação e individualização das trajetórias conjugais e afetivas e o declínio da regulamentação sexual por meio de princípios absolutos”. Para o autor, a sexualidade, outrora uma definição institucional do casal, tornou-se uma definição subjetiva e intersubjetiva. Nesse sentido, no caso das atividades sexuais praticadas através de programas sexuais ocorridos nas trajetórias de casais que vivem nas ruas, elas também são reconhecidas como práticas financeiras, portanto, são negociáveis e desvinculadas de associações a envolvimento afetivos que poderiam desregular a estabilidade do relacionamento entre os jovens. Quando existe a possibilidade de algum vínculo afetivo, seja um dos pares se relacionando com conhecidos, os casais estariam mais susceptíveis aos conflitos e desentendimentos.

⁷⁵ Segundo a pesquisa “Os sete sentimentos capitais”, realizada em Fortaleza no ano de 2008, os clientes mais frequentes nos programas sexuais realizados por crianças e adolescentes são os moradores da cidade. A preferência pelos estrangeiros acontece porque eles pagam mais caro pelos programas.

disso, naquela época, existiam muitas crianças e jovens vivendo nessa região da cidade de Fortaleza. Também perguntei para Mariana se o namorado dela sentia ciúmes dos programas sexuais que fazia. Ela me disse que seu atual namorado não gostava que ela fizesse e, por isso, tinha parado com essa atividade. Ela me contou que o garoto nunca tinha vivido nas ruas, mas devido a uma dívida que tinha com um traficante do bairro onde morava, ele o ameaçou de morte e o jovem teve que sair de sua casa e comunidade e, dessa forma, encontrou com o grupo de Mariana na rua. Para a menina, o atual namorado era uma boa pessoa, pois cuidava dela, não permitindo que ela usasse drogas nem fizesse programas sexuais. Mariana me disse também que ele não estava consumindo drogas e que às vezes fumava um mesclado.

Mariana sempre esteve envolvida em relacionamentos afetivos durante o tempo em que acompanhei sua trajetória nas ruas. Destaco que toda vez que nos encontrávamos ela me falava sobre Pedro. Como a menina sabia de minha proximidade com o seu amado, Mariana, quando me via, falava que Pedro tinha passado pela Praça das Flores recentemente em busca dela, portanto, eu representava uma referência de Pedro para a menina. Sobre seus relacionamentos afetivos, ela costumava comparar os atuais namorados a Pedro, sendo que esses namorados ela classificava como boas pessoas que sempre cuidavam dela, fazendo-a feliz. Diferente de Pedro, que, segundo ela, toda vez que aparecia acontecia alguma coisa ruim. Mariana me contou que uma vez Pedro apareceu na Praça das Flores com uma arma de fogo ameaçando-a e à procura dos filhos que ele teve com ela. Mariana contou que as crianças estavam em um abrigo e que ele não poderia tirá-las de lá. Segundo a menina, ele ficou muito nervoso com a informação e foi embora. Foi a última vez que Mariana encontrou Pedro, que desapareceu rumo à fantástica história da carona para a Bahia.

Eu tive que me ausentar de Fortaleza devido ao estágio do doutorado realizado em Lisboa e, antes de viajar, fui ao encontro de Mariana. Os educadores sociais já tinham me dado a notícia de que Mariana estava com uma barriga inchada e que parecia mais uma gravidez. Quando me encontrei com ela, eu logo perguntei: “Outro filho do Pedro, Mariana?”. Ela negou e disse que não era de Pedro. Ficamos intrigados com essa gravidez, pois ela aconteceu no mesmo período que o filho mais

velho de Mariana havia entrado para a lista de adoção após viver dois anos em um abrigo. Mariana revelou-se triste em virtude dessa notícia. A jovem declarou que desde que soube disso resolveu passar uns dias “internada na usina” e que não queria mais viver. Suas declarações nesse dia expressavam tristeza, angústia e indignação com a situação. Mariana acreditava que um dia poderia viver com seus filhos, mesmo não sabendo quando isso poderia acontecer. Soubemos pelos comerciantes da região que Mariana estava “aterrorizando”. Isso significava que a menina estava cometendo delitos criminosos (roubos, assaltos, programas sexuais com o “boa noite cinderela”) e aparecendo sempre “drogada”. De certo, era na praça que ela encenava toda a sua infelicidade naquele momento. Essa postura de descuido e risco fez com que pensássemos que ela estava tendo uma gravidez psicológica, pois Mariana não afirmava nem negava a gravidez, assim como se recusou a ir a um médico. Ela parecia estar indiferente a tudo isso e, dessa forma, eu e os educadores sociais ficamos confusos, sem saber o que estava acontecendo com a menina.

Na temporada em que passei longe de Fortaleza e de Mariana, não acompanhei de perto o desfecho final de sua (possível) terceira gravidez. Mas recebi notícias sobre a menina e fui confirmar a história que soube, através de sua versão, assim que regressei à Fortaleza. Encontrei com ela na mesma Praça das Flores que a vi da última vez. Esse lugar foi um cenário de tantas confidências, de alegrias e tristezas, de observações de suas performances nas ruas, lugar onde Mariana me apresentou a tantos meninos e meninas moradores de rua, pois ela foi uma interlocutora importante para me abrir as portas desse universo (des)conhecido. Foi também uma preciosa interlocutora afetiva das histórias sobre os afetos de rua. Mariana esteve grávida sim e teve um menino. Ela me disse que esse filho estava na casa de seu pai e seria criado por ele. Logo, as informações que os educadores sociais obtiveram, vindas dos amigos de Mariana e dos vendedores que trabalham na Praça das Flores, é que ele vendeu a criança. A jovem nega com veemência essa acusação e reafirma a versão de que seu filho está morando na casa de seu pai. O pai descrito, mas nunca reconhecido por ninguém. Mariana é a bandida-heroína dessa história, uma narradora romântica e tragicômica que me ensinou muito sobre o realismo fantástico perpetuado na vida das ruas.

3.7. Cumplicidades de Juliana.

*Eu sei, é um doce te amar.
O amargo é querer-te pra mim.
Marcelo Camelo.*

Conheci Juliana⁷⁶ na época em que o grupo de crianças e jovens moradores de rua passou a viver no Parque das Crianças. Ela fazia parte do grupo, sendo uma jovem integrante com 14 anos de idade. Juliana estava sentada no chão fazendo um desenho e colorindo com giz de cera quando a vi pela primeira vez. Fiquei observando a menina de longe. Ensaiei algumas formas de aproximação, mas percebi que ela era inquieta e não estava muito concentrada no que fazia. Tive receio de me aproximar e não ser recebida por Juliana, estragando uma possibilidade futura e mais adequada de conhecer a menina. Continuei observando-a. Ela desenhava, parava de desenhar, conversava com os educadores, com os outros jovens e voltava a desenhar novamente. Parecia que ela queria continuar naquela atividade, mas tinha uma impaciência e agitação que continham essa vontade. Ainda sem me aproximar, vi que a menina produziu traços de uma cidade: prédios, árvores, pessoas. A cidade e suas ruas são os cenários da história de Juliana. Ela viveu nas ruas de Fortaleza durante parte de sua adolescência, dos 14 aos 18 anos de idade, com muitas idas e vindas à sua casa, aos abrigos e às ruas do centro da cidade e da Praça das Flores.

Ela começou a colorir o desenho e percebi que estava finalizando-o. Naquele momento, a jovem encontrava-se mais concentrada no que fazia. Então, resolvi me aproximar. Sentei no chão ao lado dela e perguntei o que estava desenhando. Ela me respondeu, mas sem olhar para mim, que estava desenhando Fortaleza. Eu elogiei a sua produção e perguntei se ela nasceu em Fortaleza. Juliana respondeu que sim, mas ainda com a cabeça baixa. Perguntei qual era o lugar que ela mais gostava de ir à Fortaleza. Ela me respondeu que era o centro da

⁷⁶ Juliana nasceu em Fortaleza no ano de 1992. Sua família é formada pela mãe e dois irmãos, sendo que ela e o irmão mais velho são filhos da primeira relação conjugal de sua mãe, e sua irmã mais nova da segunda relação. A menina não possui contato com seu pai. Aos 14 anos de idade, sai de casa pela primeira vez, motivada por conflitos com seu padrasto, e destina-se ao centro da cidade. Sendo assim, ela concluiu o ensino fundamental. Apesar de ser abordada e encaminhada para o abrigo municipal pelo educadores sociais, a jovem não permanece muito tempo nessa instituição e fixa-se de forma mais permanente nas ruas.

cidade e que agora estava gostando de ficar no Parque das Crianças. Eu perguntei o porquê e a menina olhou para mim, se levantou com o desenho na mão e disse: “Porque sim!”. Ela foi em direção a um dos educadores sociais que acompanhava a atividade, entregou o desenho a ele e eu fiquei sozinha sentada no chão. Juliana chamou uma amiga próxima a ela e as duas se distanciaram da atividade, saindo de perto do grupo e indo em direção a um dos bancos do Parque das Crianças. As meninas ficaram no banco sentadas, conversando.

Fiquei frustrada com o insucesso de minha estratégia de aproximação e perguntei para os educadores o que eles sabiam sobre a história de Juliana. Eles me contaram que a menina tinha chegado há pouco tempo na rua e, por isso, ainda não tinham muitas informações sobre ela. Em suas poucas palavras, Juliana disse que estava morando nas ruas porque tinha sido abusada sexualmente pelo padrasto e que sua mãe, quando a via no centro da cidade, a insultava com palavras grosseiras e ofensivas. Fiquei mais alguns dias observando Juliana no Parque. A menina sempre estava por lá. Conversei com os educadores e pensamos na possibilidade de encaminhá-la para a Casa das Meninas ou para outro abrigo, já que ela tinha em seu histórico um caso de violência doméstica e não estava convivendo com a família. Juliana vivia há pouco tempo nas ruas. Era uma “iniciante” e, assim, existia a possibilidade dela optar em ir para um outro lugar ou uma outra casa, ao invés de ficar nas ruas. Com essa missão, consegui mais um pretexto de aproximação. Aproveitei uma tarde, quando o grupo de crianças e jovens estava realizando atividades de arte-educação com os educadores, e tentei novamente conversar com Juliana. Observei-a sentada, sozinha, em um banco próximo ao lago do Parque e percebi que estava de frente para uma boa oportunidade de aproximação.

Juliana já sabia quem eu era. Ela sabia que eu trabalhava na Funci e que não era uma educadora social. A menina sempre me via nas atividades no Parque, sentada nos bancos conversando com os outros jovens ou nas outras atividades na instituição, portanto, indo e vindo, de uma casa para outra, entre as reuniões e nas horas de chegada e partida do meu expediente de trabalho. Cheguei perto de Juliana e perguntei se poderia sentar do lado dela no banco. Ela disse que sim e, dessa vez, olhou para mim. Eu perguntei por que ela não estava desenhando “outra

Fortaleza”. A jovem me disse que não queria e eu percebi uma angústia. Perguntei se estava triste e ela confirmou a minha impressão. Eu falei que os educadores tinham me contado que ela estava há pouco tempo vivendo nas ruas. Juliana revelou que morava com a mãe, o padrasto e uma irmã mais nova, mas tinha saído de casa porque considerava que sua mãe não gostava dela. A menina me contou que as duas sempre discutiam por qualquer motivo e que a mãe nunca fica do seu lado. Eu perguntei o motivo das discussões e Juliana falou que ela não gostava do seu padrasto e que ele costumava bater nela e em sua irmã mais nova. Juliana revelou que, na última discussão que teve com o padrasto, ela revidou e o agrediu, e por isso saiu de casa. Segunda a menina, a mãe não se importou com a saída dela e quando encontrava com a mãe no centro da cidade, ela a chamava de “menina de rua” e a ofendia com outras palavras grosseiras. O pai de Juliana é falecido e ela tem um irmão mais velho filho desse pai, que, segundo ela, estava morando em outra cidade.

Quando saiu de casa ela foi com destino certo para o centro da cidade. Mesmo sem conhecer ninguém, sem nenhuma indicação de lugar, entre tantas ruas e praças, e conforme me revelou, não sentiu medo e não se arrependeu da decisão que tinha tomado aos 14 anos de idade. Juliana me contou que quando ia ao centro da cidade com a mãe ela observava jovens e crianças moradoras de rua sentados pelos bancos e aglutinados em grupos e sentia curiosidade em saber como eles viviam. Ela me disse que qualquer lugar seria melhor para ficar do que na casa da mãe, pois sempre era agredida pelo padrasto. No centro, logo viu um grupo grande concentrado no Parque das Crianças e juntou-se a ele. Consequentemente, foi abordada pelos educadores sociais, que se aproximaram da menina no intuito de conhecer sua história de vida.

A menina disse que sentia muita saudade da irmã e que era por isso estava triste naquela tarde, pois gostaria de parabenizá-la pelo seu aniversário, mas estava longe dela. Eu perguntei para Juliana se ela não queria ir para um abrigo, no caso, a Casa das Meninas. Ela disse que não conhecia o lugar e perguntou como era a rotina do lugar. Eu expliquei que era semelhante à rotina de uma casa, com horários e atividades compartilhadas, que ela iria estudar e ter momentos de lazer. Ela me disse que pensaria sobre essa possibilidade. Nossa conversa foi

interrompida com a chegada de outros jovens próximo ao banco onde estávamos sentadas. Eu fiquei por lá mais um tempo conversando com o grupo, do qual já conhecia todos os jovens.

Percebi que, com o tempo, Juliana estava mais à vontade com a minha presença, portanto, quando eu via a menina, poderia me aproximar e conversar com ela. E foi o que aconteceu. Fui me tornando cada vez mais próxima de Juliana, que gostava de conversar comigo. Ela não aceitou, naquela época, a sugestão de ficar em um abrigo, pois me confidenciou que gostava da vida na rua. Ela já estava enturmada com o grupo que ficava no Parque das Crianças. Juliana passou a nomear-se como uma “menina do Parque”, utilizando essa definição para dizer onde ficava na rua. Apesar de gostar da nova identidade, por outro lado, ela fortalecia a classificação pejorativa dada por sua mãe de que ela era uma “menina de rua”, conforme a jovem declarou sobre a maneira como sua mãe a tratava quando a encontrava na rua. Nesse processo de consolidação de sua nova identidade na rua, Juliana obteve uma “consagração” quando começou a namorar o líder do grupo: o menino Pedro. O namoro dos dois aconteceu rápido, com pouco tempo de vivência nas ruas, e foi importante para Juliana aprender a viver nesse novo lugar, pois namorando Pedro, ela estabeleceu um elo que proporcionava proteção, conhecimento e as estratégias de sobrevivência que a vida nas ruas exigia.

O casal tinha a companhia de outros dois amigos de Pedro. Esses quatro jovens sempre ficavam juntos, pois os amigos também integravam o grupo circense “Mistral”, do qual Pedro participava e ensaiava suas performances pelas tardes no Parque. Juliana tinha um comportamento atrevido e percebíamos que ela também começou a exercer uma liderança no grupo. Ela decidia os lugares, os momentos, os elos, e os três meninos não costumavam contrariá-la. Seu papel também era de cuidadora, pois era assim que os meninos também a definiam. Sua postura, por diversas vezes, me lembrava da personagem Dora, de Jorge Amado. No capítulo intitulado: *Dora, Irmã e Noiva*, o autor descreve que a menina Dora:

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, nas ladeiras, a pular nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil (AMADO, 2008, p. 189).

Pedro demonstrava gostar das atitudes ousadas da namorada e declarou isso algumas vezes para mim e para os demais profissionais com quem tinha intimidade. A maior diferença que eu percebia entre o namoro de Pedro com Juliana e o de Pedro com Mariana era o interesse e envolvimento por parte do menino. Pedro era mais cuidadoso, atencioso e ficava mais tempo perto de Juliana. Com Mariana, ele era impaciente, reclamava do jeito de ser da menina e as demonstrações de carinho eram raras. Pedro não costumava “ficar junto” de Mariana, como costumam fazer os enamorados. Foi para Juliana que Pedro deu o título de “sua mulher.” Era assim que ele se referia à ela.

Juliana não foi para a Casa das Meninas na primeira oportunidade, mas outras vieram, e ela inicia seu percurso de entradas e saídas do abrigo. A Casa das Meninas se torna o lugar mais frequentado por ela, especialmente quando brigava com Pedro. Na rua, Juliana fez amizade com uma outra jovem que já tinha vivido no abrigo, mas que agora ficava pelas imediações do Parque da Criança. Essa amiga estava sempre na companhia do namorado, um jovem que era apontado como traficante de drogas da região. Juntas, elas formaram uma parceria que deixava Pedro preocupado devido ao envolvimento desse casal com atitudes criminosas relacionadas a roubos e ao tráfico de drogas. Pedro me confessou essa preocupação e disse que pedia para Juliana se afastar do casal, mas a menina não atendia ao pedido do namorado por acreditar, conforme anunciava para todos, que nada de ruim aconteceria com ela. Juliana e a amiga estiveram juntas vivendo na Casa das Meninas durante uma época, mas a amiga descobriu uma gravidez, saiu do abrigo e não voltou mais. Desse modo, com o tempo, Juliana também diminui suas entradas na instituição, vivendo cada vez mais pelas ruas da cidade.

3.8. Sobre as (In)verdades (re)inventadas.

Se o amor é fantasia, eu me encontro ultimamente em pleno carnaval.
Vinícius de Moraes

Combinei de encontrar com Pedro e Juliana em um sábado de manhã no Parque das Crianças. O tempo que passava conversando com os jovens no Parque não era visto com bons olhos por alguns profissionais. Algumas vezes, isso me

causou muitos constrangimentos, conforme já mencionei. Portanto, marquei com Pedro, Juliana e seus outros dois amigos, que os encontraria no final da manhã de sábado dentro do Parque das Crianças. O horário combinado era orientado pelo fato de saber que nas primeiras horas da manhã, em um lugar mais “familiar” (o Parque das Crianças), eu poderia achá-los, sem contratempos e desencontros. Grande parte da população moradora de rua utiliza com frequência as primeiras horas do dia para dormir, pois a noite possui uma grande movimentação. Nesse período, poucos dormem, pois a noite possui uma agitação similar a do dia, embalada por encontros grupais, uso de drogas, namoros, conversas, enfim, uma série de atividades que também são realizadas durante o dia. Dormir à noite pode apresentar algum tipo de ameaça aos moradores de rua, por isso os que dormem se organizam em grupos e designam aqueles que ficaram acordados para “proteger” ou “vigiar” o sono dos demais.

Ter combinado com o grupo um encontro dentro do Parque das Crianças foi uma estratégia de garantir que o meu encontro com eles acontecesse, já que fizemos um acordo sobre o lugar onde eu poderia encontrá-los. O Parque era um lugar que representava segurança, pois era reconhecido como a casa deles na rua, assim, diminuía a possibilidade do encontro não ser realizado. Quando entrei no Parque naquela manhã, não os vi de imediato. Dei uma volta, circulando pelos bancos e observando se eles estavam pelas casas que compõe o lugar e abrigam as instalações da Funci. Continuava sem encontrá-los e comecei a ficar aflita, acreditando na possibilidade de que algum imprevisto pudesse ter acontecido na noite anterior, causando, portanto, o cancelamento do encontro marcado. Esperei um pouco sentada no banco que costumava conversar com Juliana na esperança de que um dos quatro aparecesse.

Observando o Parque do lugar que eu estava, reparei que eu não tinha procurado por eles no lugar que mais simboliza os afetos de rua: a Ilha do Amor. E foi lá que eu os encontrei. Estavam os quatro dormindo, um do lado do outro, sendo que Juliana com o corpo colado ao de Pedro. Imaginei que eles poderiam ter ido dormir há pouco tempo, já que eram quase onze horas e os portões do Parque abriam aos sábados entre sete e oito da manhã. Percebi, através daquela cena, como aquele elo de afetividade do grupo parecia representar também um elo

acolhedor da vida na rua dos quatro jovens que possibilitava suas permanências nesses espaços. Dormir junto na rua, em muitos casos, significa dormir com aqueles com quem se tem confiança. A rede de afetividade desse grupo foi impulsionadora para as minhas reflexões sobre os afetos de rua. E essa constatação se consolidou ainda mais naquela manhã de sábado, na Ilha do Amor.

Chamei por Juliana com a voz baixa e mansa para não assustar o grupo. Ela me ouviu e, aos poucos, foi se espreguiçando e acordando. Com o balançar de seu corpo, Pedro também acordou. Eu disse: “Bom dia! Desculpa por acordar você”. Pedro respondeu: “Que nada! A gente já ia se levantar mesmo”. Perguntei se estava tudo bem com eles e se a noite tinha sido tranquila. O casal respondeu que sim. Juliana chamou pelos outros dois meninos, que acordavam aos poucos. Naquela tarde, a Funci promoveria uma atividade de culinária regional com um pequeno grupo masculino de adolescentes e os três meninos participariam. Juliana tinha comentado comigo sobre essa atividade no decorrer da semana dizendo que ficaria sozinha durante à tarde, e foi nesse momento que eu disse que poderia ir ao encontro deles no sábado. Após acordarem, convidei-os para irmos até uma lanchonete próxima e lhes ofereci um lanche. Eles escolheram a mesma refeição: pão com queijo e presunto e café com leite. Eu pedi um suco de laranja. Decidimos comer no Parque, mas não voltamos para a Ilha do Amor. Escolhemos um dos bancos e observamos que a atividade de culinária, que seria realizada em um ônibus que tinha sido adaptado e transformado em uma cozinha móvel, estava começando. Os meninos brincaram dizendo que, como já estavam com “o bucho cheio”, eles não iriam conseguir comer os alimentos preparados e servidos na atividade de culinária. Eu perguntei se eles estavam indo para comer ou para aprender. Eles disseram que para aprender, mas Juliana desmentiu dizendo que eles estava interessado apenas na comida.

Assim que terminaram de lanchar, os meninos seguiram em direção ao ônibus e eu fiquei acompanhada de Juliana. Enquanto os meninos iam se distanciando de nós, perguntei para a menina o que ela sentia pelo grupo de Pedro. Ela me disse que eles eram os irmãos dela na rua. Juliana me falou que só tinha conseguido viver na rua porque tinha se encontrado com eles, pois eram os seus protetores e amigos e quase não havia desentendimentos entre eles. Perguntei o

que sentia por Pedro e ela disse que gostava dele, mas que era apaixonada por outro menino. Eu perguntei onde esse menino estava e ela disse-me que ele estava preso e que era amigo do seu irmão. Nesse momento, Juliana me confidenciou que o seu irmão não morava em outra cidade, mas que estava preso e esse era um dos motivos que provocava as brigas com a mãe e o padrasto, pois ela não admitia que o irmão fosse ofendido pelo padrasto, assim como ele costumava fazer. Eu perguntei se faltava muito tempo para o irmão e esse “amor revelado” saírem da prisão, mas ela não soube me responder. Juliana declarou que, como sua mãe não a levava para visitar o irmão, ela não encontrava com o outro garoto. Ambos se conheceram no bairro em que moravam, pois esse garoto era amigo de seu irmão. Eles não namoravam, mas já tinham “ficado” antes de sua prisão. Juliana contou-me que escrevia cartas para o rapaz quando morava na casa da mãe e mandava por ela nos dias de visita familiar. Desde que foi morar nas ruas, ela não teve mais notícias do amado.

A menina disse-me que Pedro sabia dessa sua antiga história de amor, mas, segundo ela, o namorado dizia que não se importava, pois estando preso, o “outro” não tinha como ameaçar o namoro dos dois. Juliana mencionou que gostava muito de Pedro, porém já tinha sofrido muito por amor e não gostaria de se apaixonar novamente⁷⁷. Perguntei se ela sentia ciúmes de Mariana com Pedro e ela respondeu que não, pois gostava de Mariana, especialmente por ela ter sido uma de suas primeiras amigas na rua e que ficava feliz em saber que a amiga não a acusava de ter roubado seu namorado. Naquela tarde, estávamos eu e Juliana, embaladas por trocas de confidências afetivas, pois do mesmo modo que a menina me contava suas histórias de amor, ela também me perguntou sobre as minhas. E ficamos por cerca de duas horas sentadas no mesmo banco até o retorno dos meninos da atividade de culinária. Eles voltaram animados e contando sobre os pratos típicos da culinária nordestina que tinham aprendido a fazer. Falaram também, como previsto por Juliana, que comeram muito e que iriam participar sempre da atividade. Promessa não cumprida, pois essa foi a única participação do grupo na atividade de sábado no Parque. Logo após o retorno dos meninos, me

⁷⁷ O contraponto à noção de “sofrer por amor”, designada no amor romântico, apresenta-se na discussão de “amor confluyente”, em Giddens, quando o autor anuncia a tendência cada vez mais comum para o estabelecimento de relações igualitárias entre homens e mulheres.

despedi do grupo e fui embora. Dei um longo abraço em Juliana, agradecendo a companhia e a troca de confidências sentimentais que tivemos.

Nessa tarde, Juliana só não me falou sobre como era o seu relacionamento com sua mãe. Os educadores sociais que atendiam a menina tinham conhecido a mãe de Juliana há algumas semanas e, na conversa que tiveram, ela anunciou que se preocupava com o fato da filha ter ido morar na rua. Dona Lúcia costumava ir em busca da filha no centro da cidade no intuito de convencê-la a voltar para casa. Ela confirmou o relacionamento conflituoso entre sua filha e o padrasto, mas ele já não morava mais na casa dela. Com a saída do padrasto, a mãe de Juliana já tinha pedido para ela voltar para casa. Na tarde que passei com Juliana no Parque, eu já tinha tomado conhecimento dessa história, mas optei em não revelar à menina. Muitas informações circulavam entre os profissionais que atendiam os jovens moradores de rua, e todos que as recebiam tinham muito cuidado ao repassá-las para não expor os jovens, de forma que a confiança deles com os profissionais não fosse quebrada. Dessa forma, as informações obtidas eram montadas como quebra-cabeças e assim conseguíamos entender alguns fatos sobre a vida dos jovens moradores de rua.

Na semana seguinte a esse encontro de sábado, fui surpreendida com a informação de que Juliana estava desaparecida desde o começo da manhã. Já estava no meio da tarde e ninguém sabia dela. Pedro demonstrava-se preocupado e parecia que tinha alguma informação que ele não queria dizer. Eu e os demais profissionais perguntamos se Pedro sabia onde ela poderia estar. O menino revelou que achava que ela poderia estar na bocada⁷⁸ de um traficante de droga. Juliana já tinha feito alguns trabalhos como “aviãozinho⁷⁹” e estava devendo dinheiro ao traficante. O menino disse que já tinha ido até à bocada, mas ninguém confirmou se Juliana estava ou não no lugar. Ficamos todos preocupados com o desaparecimento da menina e pensamos em comunicar à polícia sobre o ocorrido. Tínhamos receio de que essa denúncia provocasse um desfecho trágico. Já era noite no Parque das Crianças e, de longe, vimos Juliana caminhando em direção ao grupo. Ela vinha com um andar faceiro e debochado. Quando chegou perto de nós, eu perguntei por onde esteve e disse que estávamos todos preocupados com ela devido ao seu

⁷⁸ Lugar de comercialização e consumo de drogas. Sinônimo de boca de fumo.

⁷⁹ Pessoa que recebe a droga do traficante para revender.

desaparecimento durante todo o dia. A menina deu uma risada e disse que estava tudo bem com ela.

3.9. Caminhos, trilhas e encruzilhadas.

*O que me importa seu carinho agora,
se é muito tarde para amar você.
Marisa Monte.*

Eu costumava chamar Juliana de Chiquita Bacana. Uma referência à música de Caetano Veloso que fala sobre uma mulher que “nunca entra em cana por ser família demais”. Juliana se envolvia em situações de risco, com frequência no limiar entre o legalismo e o ilegalismo, mas ela dizia que se sairia bem de possíveis confusões que poderiam acontecer. Nos conflitos que cercavam seu cotidiano, ela buscava a proteção da rede que tinha tecido na rua, seja com os profissionais da política de atendimento ou com o namorado valente e respeitado pelos outros grupos na rua. Quando, em algum momento, ficava complicado permanecer na rua, ela se refugiava na Praça das Flores de Mariana, nos abrigos e até mesmo na casa de sua mãe. Posterior ao seu desaparecimento, que nunca foi desvendado, ela foi morar com Pedro na casa de sua mãe por pouco mais de dois meses. Eu conheci a mãe de Juliana nessa época. Para mim, Dona Lúcia era uma mulher aflita que tentava cuidar e conviver bem com a filha. Apesar disso, o relacionamento entre mãe e filha era conflituoso. Convencer Juliana de alguma coisa era uma tarefa difícil. Via-me nessa situação diversas vezes, pois ela era muito teimosa, vaidosa e julgava-se destemida. Os educadores sociais, certa vez, me apresentaram à mãe de Juliana. Nesse dia, fiquei conversando um pouco com ela para conhecer mais sobre a história da menina e de sua família. Dona Lúcia me contou sobre o filho preso, sobre o relacionamento conflituoso entre o padrasto e a filha, sobre a saudade que a irmã de Juliana sentia e sobre as suas tentativas de levar a filha de volta para casa.

No final de nossa conversa, recebi uma missão especial: convencer Juliana a passar seu aniversário na casa de sua mãe. O mês de setembro estava se aproximando e Juliana completaria 15 anos de idade. Dona Lúcia me disse que tinha

prometido fazer uma festa de aniversário, um festa de “debutante” para a filha. Segundo ela, Juliana gostava da ideia e ela usaria esse pretexto para convencer a filha a voltar para casa. Dona Lúcia me falou que precisava de tempo para providenciar um vestido especial, as lembranças do aniversário para os convidados, o bolo, enfim, os preparativos necessários para a festa. Tudo isso só aconteceria se Juliana concordasse e fosse à sua festa de aniversário. Fizemos um grande esforço, um mutirão de convencimento, eu e os outros profissionais, com o objetivo de falarmos com a menina. Não foi muito difícil convencer Juliana sobre a proposta da mãe e a menina logo aceitou. Dias antes da festa, ela já estava em casa e ajudando na preparação. Fui convidada e compareci com a missão de tirar as fotografias da comemoração, com isso, prepararia um álbum para presentear a aniversariante.

A festa aconteceu na casa de Dona Lúcia em uma sexta-feira à noite. Juliana não estava com um vestido de “debutante” de tonalidades claras e saias volumosas. Ela optou em usar uma calça jeans e uma blusa de alça colada ao corpo. O cabelo estava preso para trás, como de costume. Juliana estava vestida do jeito que ela gostava, portanto, sem adereços que descaracterizassem seu jeito de ser. A sala da casa estava arrumada com balões na cor rosa e branco. Havia um painel de isopor identificando a idade da aniversariante. Embaixo do painel, ficava a mesa com doces, ao redor de um bolo de dois andares, onde no topo encontrava-se uma vela registrando os 15 anos de Juliana. Ao lado da mesa ficava um sofá de dois lugares, e foi lá que me posicionei durante grande parte da festa. De frente para a mesa tinha uma estante com uma televisão e um aparelho de dvd alugado para o evento, conforme Dona Lúcia me mostrou. O aparelho tinha um karaokê que animou a festa ao som de músicas de forró. Os jovens convidados apreciavam e cantavam entusiasmados. Na cozinha, havia uma movimentação das mulheres que preparavam pratinhos com creme de frango, arroz, salada e batata palha, copos com refrigerante, os quais serviam para os convidados. Ofereci ajuda assim que cheguei na festa, mas minha ajuda foi negada e Dona Lúcia me encaminhou para o sofá da sala. De lá conseguia ver a movimentação da casa simples de Dona Lúcia, formada por uma sala, uma cozinha, um banheiro e dois quartos. Havia uma reforma inacabada na casa. Dona Lúcia estava construindo dois quartos no segundo andar, mas me explicou que estava sem dinheiro para concluir a obra.

Juliana me fez companhia parte da festa, apesar de não ter ido sozinha, pois fui acompanhada por um amigo que trabalhava na Funci e que também tinha sido convidado por Juliana e sua mãe. Fiquei tirando as fotografias da sala decorada, da mesa com o bolo, da aniversariante, dos convidados, de sua família. Juliana me pediu para ir com ela do lado de fora da casa para tirar fotografias. Na calçada da casa estavam os convidados adultos: os familiares de Juliana, vizinhos e pais de alguns convidados. Tirei fotos de Juliana fazendo poses que considerei sensuais. Perguntei por que ela me pediu para tirar essas fotos e ela me disse que queria mandar para seu “amor encarcerado”, o amigo do irmão que estava preso e, assim, impossibilitado de participar da festa. Nessa época, Juliana tinha terminado o namoro com Pedro, por isso ele não estava presente no evento. A jovem também não convidou os outros amigos que moravam na rua com ela.

Percebi que a festa ia se estender por mais tempo e decidi ir embora logo após cantarmos “Parabéns”. Despedi-me de Juliana dizendo que estava muito feliz em ter participado da comemoração e agradei Dona Lúcia pela receptividade. Elogiei a festa e disse que na semana seguinte prepararia o álbum com as fotos do aniversário. Dona Lúcia confidenciou-me que estava muito feliz naquela noite e que gostaria de aproveitar o momento para convencer Juliana a ficar morando com ela e sua irmã mais nova. Porém, não tardou muito e Juliana voltara a viver nas ruas do centro de Fortaleza. Encontrei a menina no Parque da Crianças e lhe mostrei as fotos de seu aniversário. Dei a ela uma cópia das fotografias que ela queria enviar para o rapaz que estava preso e disse que o álbum completo eu entregaria para sua mãe. Dona Lúcia apareceu dias depois no Parque e, conforme prometido, eu entreguei o álbum para ela.

O discurso cuidador da mãe se contrapunha com o de violência narrado por Juliana. De qualquer maneira, mãe e filha assumiam que entre as duas a relação era conflituosa. Juliana descrevia a mãe de uma forma negativa, destacando características de agressividade e intolerância em seu comportamento. Apesar dessa representação maternal, certa vez Juliana foi encaminhada a uma delegacia⁸⁰ por ter agido em defesa da honra de sua mãe. A menina estava na Casa das

⁸⁰ A delegacia para qual a menina foi encaminhada é uma delegacia especializada em atender crianças e adolescentes que cometeram algum tipo de ato infracional ou crime. Sua sigla de identificação no Ceará é DCA (Delegacia da Criança e do Adolescente).

Meninas e teve um desentendimento com uma outra menina moradora do abrigo por um motivo “banal”, segundo a classificação dos educadores da instituição. As meninas agrediram-se fisicamente e Juliana teve a sua mãe xingada. Juliana falou que ninguém poderia xingar a mãe e agrediu a menina com socos e pontapés. Os educadores sociais do abrigo decidiram acionar a polícia e a menina agredida prestou uma queixa contra Juliana. O ocorrido foi em um sábado e eu recebi um telefonema da mãe de Juliana aflita me pedindo para encontrar com ela na delegacia e, diante de seu pedido, fui, juntamente com dois amigos que também trabalhavam na Funci, encontrar-me com ela. Dona Lúcia estava acompanhada da irmã mais nova de Juliana e de Pedro nos esperando na porta da delegacia. Eu e meus amigos nos apresentamos como profissionais da Funci e recebemos permissão para falar com Juliana, mas a delegada pediu para dividirmos o grupo, portanto, entrou primeiro Dona Lúcia e, depois que ela saiu, eu entrei com os meus amigos para falarmos com a menina. Por ser menor de idade, a irmã não pode entrar, assim como Pedro, pois o garoto não possuía nenhuma relação com a menina que permitisse a sua entrada, conforme justificou a delegada. Naquele momento, ser “o namorado” não representava nada que legitimasse o encontro de Pedro com Juliana.

No momento que a encontrei, logo perguntei sobre a sua versão da história. Ela confirmou e disse que tinha agredido a outra menina porque ela tinha xingado a sua mãe. Fiz um discurso dizendo que a violência não resolve os conflitos, que Juliana não devia ter agredido a menina, que as coisas iam ficar complicadas para ela, mas sabia que a menina não estava preocupada com o que eu dizia e nem com as consequências de sua atitude. Eu e meus amigos explicamos que ela ia ser julgada por um Juiz que poderia aplicar uma medida socioeducativa e que ela teria que cumprir as determinações impostas. Juliana sabia que esse atendimento aconteceria na Funci, já que era a instituição responsável pelas medidas socioeducativas municipais. Minha maior impressão sobre Juliana naquele momento é que ela estava achando interessante agregar à sua imagem o fato de ter sido “fichada” na delegacia, pois esse acontecimento significava que agora as pessoas poderiam reconhecê-la como uma pessoa perigosa, corajosa e destemida. Identificações positivas entre as pessoas que integram o “mundo do crime”. Despedi-me de Juliana e fui até o encontro de sua família, que nos aguardava na

porta da delegacia. Disse para Dona Lúcia que na segunda-feira a menina sairia de lá e que deveria ser encaminhada para casa pelo Juiz. A mãe disse que voltaria para buscá-la.

Perguntei se Pedro voltaria para a casa da mãe de Juliana, mas ele disse que não. Posto isso, fomos todos embora. Na semana seguinte, relatei aos outros profissionais a “aventura” de Juliana, inclusive alegando que tinha achado exagerado o encaminhamento das jovens para uma delegacia, pontuando que os educadores sociais deveriam mediar os conflitos entre as jovens no abrigo. Disse para uma assistente social que atendia o casal que Juliana voltaria para casa, mas que Pedro não iria junto. Nessa época, eles estavam morando juntos na casa de Dona Lúcia. A assistente social me falou que o casal tinha se desentendido e terminado o namoro. Esse fato ocasionou o retorno dos dois para a rua e, conseqüentemente, a ida de Juliana para o abrigo onde ocorreu a agressão que a encaminhou para a delegacia. Durante o período em que moraram na casa de Dona Lúcia, Juliana soube que Pedro tinha “ficado” com uma prima sua e, quando soube do ocorrido, ela terminou o relacionamento.

Mesmo se Pedro tivesse recebido a permissão de encontrar Juliana na delegacia, ela não o teria autorizado a entrar. Eu percebi uma indiferença por parte de Juliana quando disse a ela que Pedro estava na recepção da delegacia. Na ocasião, eu já sabia que eles não estavam mais morando na casa da mãe de Juliana, mas não sabia o motivo, que me foi revelado pela assistente social. Como a visita feita na delegacia foi rápida, não perguntei para Juliana o que tinha acontecido com ela e o namorado. Depois desses incidentes na trajetória de Juliana, ela e Pedro ficaram separados por um longo tempo. Na rua, a menina teve outros relacionamentos, “ficando” com outros meninos e sem assumir compromissos com nenhum. Nessa época, as aparições de Pedro no Parque eram esporádicas. Ele ainda trabalhava na Funci, mas era o período em que faltava as atividades de trabalho e não dava muitas explicações. Quando o menino desapareceu sem dar notícias, após ser surpreendido dormindo no Parque das Crianças sem autorização, ele e Juliana não formavam mais um casal. A menina continuava pelo Parque, envolvida em outros namoros e cada vez mais próxima ao casal de amigos do centro que Pedro não considerava “boas companhias”. Eu e os outros profissionais

sabíamos que, nessa época, a menina estava fazendo programas sexuais no centro e na Praça das Flores, além de ter estabelecido uma amizade e uma convivência frequente com um traficante de drogas da região. Juliana estava envolvida em um contexto muito ariscado que poderia lhe causar problemas.

Pelas contingências da vida, eu fiz a escolha de encerrar meu ciclo de trabalho na Funci no início de 2008. Quando Juliana soube, ela veio se despedir de mim. Eu disse que iríamos continuar sendo amigas e que nos encontraríamos, mesmo não convivendo mais diariamente no Parque das Crianças. A menina me deu um abraço apertado de despedida e foi embora. Seis meses após essa despedida, reencontrei Juliana novamente. Soube pelos profissionais da Funci que ela tinha sido encaminhada para um centro educacional feminino após ter tentando roubar um celular de uma mulher no centro da cidade. A polícia a surpreendeu e ela foi encaminhada para uma instituição de privação de liberdade juvenil. Como a menina já cumpria uma medida socioeducativa em liberdade assistida devido à agressão à jovem no abrigo, e por não estar cumprindo o atendimento designado pelo Juiz junto a um dos serviços da Funci, o mesmo Juiz resolveu encaminhá-la para a medida de restrição de liberdade.

Com isso, fui visitá-la no centro educacional assim que soube dessa notícia. Nesse dia, eu e o mesmo amigo que foi comigo em seu aniversário de 15 anos éramos as únicas visitas da menina. Dona Lúcia trabalhava durante o dia e só conseguia visitá-la em dias de folga no trabalho. Juliana ficou surpresa com a nossa visita. Eu também gostei de ver a menina e achei que, apesar da situação, ela estava melhor do que eu imaginava. Juliana estava mais calma e transmitia serenidade, diferente do que eu estava acostumada a observar sobre o seu comportamento. Conversamos um pouco sobre como estava a vida dela na instituição e sobre o motivo que a levou para lá. Ela contou-me detalhes sobre o roubo cometido no centro, sobre seu envolvimento com traficantes da região do centro da cidade e também falou que estava realizando programas sexuais. Sobre os relatos dos atos ilegais, a menina costumava sentir constrangimentos ao me contar. Contudo, observei que existia algo de diferente em Juliana. Percebi que havia um tom de tristeza em suas palavras.

Ela mudou de assunto repentinamente e me perguntou com uma voz engasgada: “Você já sabe, né, que eu tô doente?”. Eu disse que ela não estava doente. Não ainda, mas que poderia se tratar e ter uma vida melhor. Juliana tinha contraído o vírus HIV. Ela soube após fazer exames de sangue suspeitando de uma gravidez. Os educadores sociais já tinham me dado essa notícia e me disseram que depois que ela soube da transmissão do vírus, ela começou a “barbarizar”, se envolvendo em situações criminosas que terminaram ocasionando a sua detenção no centro educacional. Fiquei mais um tempo conversando com a menina e fui embora prometendo voltar, mas essa foi a última vez que me encontrei com Juliana. A menina cumpriu os seus seis meses de pena e depois que foi solta voltou para a casa de sua mãe. Ela não ficou muito tempo lá e logo voltou para as ruas do centro da cidade de Fortaleza. Após meu regresso ao Brasil, soube pelos mesmos profissionais que acompanhavam a menina na Funci que ela teve um filho. A criança estava sob os cuidados de Dona Lúcia. Com a gravidez, Juliana voltou mais uma vez para a casa de sua mãe, mas, assim que o filho nasceu, ela o deixou e voltou novamente a viver na rua.

3.10. Últimos (ou não) capítulos dessa história.

*Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma
outra razão para amar senão amar.*

*Que queres que te diga, além de que te amo, se o
que quero dizer-te é que te amo?*

Fernando Pessoa.

Os caminhos percorridos por esses três jovens estiveram entrecruzados em diversas situações vividas. Os passos iniciais das duas meninas na rua foram guiados por Pedro. Mariana “largou tudo” em nome do amor declarado por ele. Juliana aprendeu a viver na rua sob suas orientações. Durante o tempo em que estavam apaixonados, eles se fixaram uns nos outros, pois a rua também se configura a partir de uma paisagem de afetos. Com o passar do tempo, novos afetos se constituíram e, dessa forma, pode-se produzir a mesma forma de fixação, mas em outros contextos, com outras pessoas e sob a construção de novos significados. Portanto, o tempo possibilitou que Pedro, Mariana e Juliana redirecionassem o rumo

de suas trajetórias de vida e, hoje, suas histórias não estão tão interligadas como outrora. Apesar da singularidade de suas existências, os três jovens possuem trajetórias análogas, destinos dialogais e desafios similares. Jovens com trajetória de vida nas ruas amargam desilusões e se apegam ao onirismo como um refúgio. Poucos são os que reconstroem as suas histórias de vida a partir de novos referenciais. A rua é a marca que fica no corpo e na memória. “Ser de rua” é expressar uma indignação, uma recusa, ao mesmo tempo em que estabelece uma identidade, um timbre, uma marca. Mesmo reinventando novos percursos, a vida na rua deixa rastros perceptíveis e harmonizados com experiências atemporais.

Sendo assim, suas trajetórias foram reescritas. Juliana hoje é mãe de um menino que vive na casa de Dona Lúcia. Aos 19 anos de idade, ela já teve outros namorados e já transitou muito entre a rua, as instituições (até completar 18 anos de idade) e a casa de sua mãe. Sobre as instituições de atendimento, ela migrou das destinadas aos adolescentes para as que atendem a população de rua adulta no centro da cidade de Fortaleza. Em minhas andanças pelas instituições, soube notícias da menina através de uma informação obtida na Casa da Sopa⁸¹. Os profissionais me contaram que Juliana frequentou as atividades da Casa durante alguns meses. Ela estava ficando na rua junto com o mesmo casal de amigos que conheceu quando era uma “menina do Parque”. Durante um certo tempo, ela alugou um quarto com mais uma amiga em um bairro nas imediações do centro da cidade. Juliana, ao completar 18 anos, passou a contar suas histórias de vida nas ruas sem ocultar detalhes relacionados aos programas sexuais que fazia, pois agora, ao se tornar maior de idade, passaria a ser “dona de si” e não teria as práticas sexuais que costumava fazer condenadas ou censuradas pela sua família e pelos profissionais da rede de atendimento. Apesar de dizer que não se importava com a opinião dos outros sobre si, ela sabia que essas práticas a estigmatizavam ainda mais. Seu discurso apontava um desejo de independência e autossuficiência, pois indignava-se ao ter que explicar suas atitudes. As últimas notícias sobre Juliana foram-me dadas pela sua amiga Ana, que eu conheci na Casa da Sopa. Em conversa com a menina, sem saber que ela era amiga de Juliana, perguntei se ela a conheceu e Ana disse

⁸¹ Instituição orientada pela doutrina da religião kardecista, localizada no centro de Fortaleza. Dentre suas atividades, eles realizam abordagem de rua, oferecem um lugar para o banho e asseio, distribuem sopa e, mais recentemente, promovem cursos de inserção profissional para jovens adolescentes do sexo feminino envolvidas na rede de exploração sexual comercial.

que sim. Eu, animada com a descoberta, curiosa para saber como Juliana estava, perguntei se Ana sabia onde eu poderia encontrar a menina. Ana me indicou o lugar: o presídio feminino. Juliana foi detida no ano de 2011 por entrar com drogas em uma visita que fazia ao irmão em um presídio masculino do Estado.

O encarceramento também foi o destino de outro personagem dessa história. Trajetórias na rua são demarcadas por experiências nas quais ilegalismos e legalismos se fundem e se confundem, atravessando os seus cotidianos e formulando moralidades que circundam o mundo da rua. Ao designar essas moralidades, os indivíduos se deparam com possibilidades que, na maior parte das vezes, os direcionam para as práticas criminosas. O envolvimento com o crime, dentre tantos significados, pode ser compreendido como uma forma de sobrevivência, gerando benefícios financeiros que possibilitam o consumo de diversos bens, especialmente para a compra de drogas. A demarcação de uma “imagem perigosa”, especialmente para os jovens, configura-se com um *ethos*⁸² de respeito que denota o poder de um indivíduo frente aos demais e possibilita o reconhecimento de uma liderança. Ter experiência com o mundo do crime é recorrentemente reconhecido por grande parte do grupo com uma experiência inerente à sua condição de vida. Muitos jovens pobres residentes das periferias não conseguem conceber outro destino que não seja o mundo do crime ou a morte, portanto, eles acreditam que, de alguma forma, suas vidas estão condenadas. Essas concepções também fazem parte das expectativas de Pedro sobre sua trajetória de vida. O envolvimento com o tráfico de drogas foi a verdadeira “carona” que Pedro pegou com destino a um presídio masculino do Estado do Ceará. Portanto, o menino não esteve na Bahia, o palco de encenação dos Capitães da Areia, mas sim numa cidade de nome Itaitinga, localizada a 25 km de Fortaleza. Aos 24 anos de idade, o jovem espera há dois anos pelo seu julgamento.

⁸² Em Geertz (1989), a discussão antropológica sobre os aspectos morais e (estéticos) de uma dada cultura, portanto, os elementos valorativos, são designados pelo autor como *ethos*. De outro modo, os aspectos cognitivos e existenciais são definidos pelo termo “visão de mundo”. O *ethos* é o tom, o caráter, a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição e atitude em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo é o quadro elaborado das coisas a partir da forma como elas são na sua simples realidade, o conceito de natureza de si mesmo e da sociedade. De todo modo, como aponta o autor, há uma congruência simples e fundamental entre os conceitos.

Quanto à jovem Mariana, aos 23 anos de idade e mãe de três crianças, ela continua perambulando pelas ruas da cidade de Fortaleza. Ora na sua Praça das Flores, até que suas atitudes permitam a sua permanência, pois, como ela mesma diz: “Às vezes tenho que dar um tempo daqui!”. Outrora, a menina se estabelece no centro da cidade. Ela não gostava de ficar nos arredores da Avenida Beira-Mar, pois, segundo ela, é no centro e na Praça das Flores que ela tem os seus amigos e conhecidos. Durante o processo de pesquisa de campo, por diversas vezes Mariana aparecia e desaparecia dos lugares onde costumava encontrá-la. A última vez que a vi, ela disse-me que tinha sido convidada por duas amigas para dividir um quarto nas imediações da Praça das Flores, prática esta, conforme relatado anteriormente, recorrente entre os jovens moradores de rua em Fortaleza. Não tenho notícias de casais que utilizam essa prática, geralmente eles alugam os quartos junto com o grupo de jovens com o qual convivem nas ruas. Combinei de voltar a encontrar Mariana na sua nova casa dentro de alguns dias. Quando retornei, chamei muito por ela, mas ela já tinha saído do lugar. Fui até à Praça das Flores saber alguma notícia da menina e uma comerciante me contou que “ela andou aprontando” pela região e estava desaparecida. Corpos em movimento produzem informações que seguem o mesmo ritmo. E, assim, o que sei sobre Mariana é que ela está pelas ruas do centro da cidade de Fortaleza.

A narrativa desse capítulo, construída em formato de novela, pretende apresentar-se como uma abertura analítica fecunda para o entendimento do modo de vida de jovens com experiência de moradia de rua, assim como a análise das interações sociais produzidas por esse grupo expressam signos contemporâneos das culturas juvenis. Os jovens moradores de rua, ao designarem a rua como o lugar de moradia, subvertendo o convencional e contrariando as etiquetas sociais, estabelecem uma forma peculiar de construir sentidos às suas trajetórias de vida, além de expressarem alguns desafios que compõem essa expressão de cultura juvenil. Ao ouvir suas histórias e observar suas encenações, percebia que havia idealizações e designações confusas sobre as emoções expressadas em forma de performances ou narrações. Quando eu indagava-os sobre o significado das relações afetivas e amorosas, o fazia no “calor do momento”, portanto, durante as conversas que tínhamos ou quando os acompanhava em suas trajetórias na rua. Essas situações ocorreram em virtude de minha presença cotidiana guiada pela

observação participante, que possibilitou que eu os acompanhasse em diferentes lugares e ocasiões.

Por fim, considero que cada um dos jovens apresentou-me peculiaridades importantes para o entendimento da construção de suas subjetividades e elaboração dos modos de vida na rua. Pedro era um menino de poucas palavras, mas de muitos gestos, e era através de suas expressões corporais que seus sentimentos se revelavam. Ele omitia suas práticas ilegais na tentativa de compor um personagem vestido pela dignidade e pela moralidade. Mariana era pura revelação e contava suas histórias na rua, com riqueza de detalhes, para quem quisesse ouvir. O enredo de suas narrativas era definido por um onirismo que se diferenciava dos demais, como se tudo fosse uma grande fantasia, exceto quanto sonhava em viver um romance com Pedro. Juliana misturava a ingenuidade com a esperteza. Era uma menina-mulher na rua, com desejos fluidos, comportamentos arriscados e desafiando e sendo desafiada pelas contingências da vida. As histórias desse três jovens possibilitaram que eu, como pesquisadora, exercitasse a tarefa de decifração dos códigos afetivos dos jovens com experiência de moradia de rua, tendo em vista que, conforme assinala Machado Pais (2012), o grande desafio das pesquisas sobre os afetos juvenis é decifrar os significados afetivos inconfessados.

CAPITULO 4

CARTOGRAFANDO SENTIMENTOS: OS DIÁRIOS DE PAULA.

*Sendo tarefa do cartógrafo dar
língua para afetos que pedem
passagem, dele se espera
basicamente que esteja mergulhado
nas intensidades de seu tempo e que,
atento às linguagens que encontra,
devore as que lhe parecem
elementos possíveis para a
composição das cartografias que se
fazem necessárias. O cartógrafo é
antes de tudo um antropófago.*

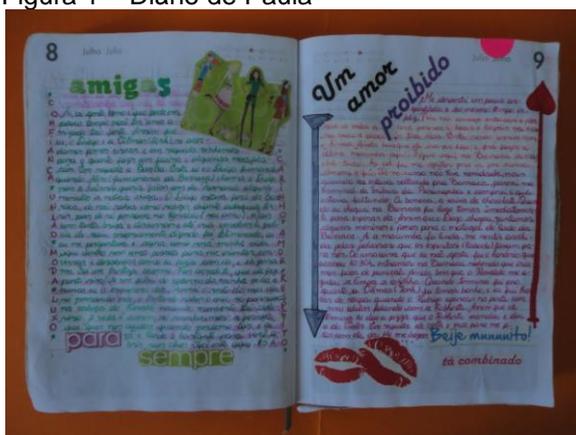
Suely Rolnik – Cartografia

A cartografia, segundo a definição de Suely Rolnik (2006, p. 23), é um “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem”. Durante meu percurso em campo, vivenciei experiências diferenciadas que delinearam os caminhos dessa pesquisa. Além de acessar o campo subjetivo dos interlocutores através de suas narrativas, histórias, confidências, dos encontros realizados, também recebi um presente inusitado que defino como uma “dádiva”. Durante a realização de uma entrevista com uma interlocutora⁸³, ela se referiu aos

diários íntimos e pessoais nos quais escrevia suas histórias de amor, desvendando, através de uma narrativa autobiográfica, sentimentos ambivalentes e intensos sobre si e sobre os seus relacionamentos afetivos. Ao longo de suas narrativas, fiquei mobilizada por uma curiosidade em ver esses escritos. Tal foi a minha surpresa quando, ao final da entrevista, enfim ela mostrou-me dois cadernos cheios de anotações, decorados com desenhos, canetas coloridas, palavras e frases recortadas de revistas e coladas nos cadernos, denotando grande sentimentalidade textual, e disse-me: “Esses são os meus diários. Se tu quiser levar pode ler com o

⁸³ Considero importante sinalizar uma situação em campo que foi inicialmente desesperadora para a pesquisadora, porém mostrou-se sublime e imprescindível para a realização desse trabalho. Realizei uma entrevista com Paula em junho de 2010, na véspera de minha viagem para Portugal. Guardei a gravação em meu computador e, antes de transcrevê-la, mandei a máquina para fazer alguns reparos, entre eles uma configuração. Algum tempo depois, percebi que a entrevista tinha desaparecido do computador. Contactei o técnico responsável pelo serviço e ele me comunicou que o armazenamento dos dados de um “backup” fica guardado durante 15 dias. Como já tinha passado do prazo, o arquivo foi apagado e eu perdi a entrevista. Fiquei apavorada, mas assim que voltei ao Brasil, marquei outra entrevista com Paula, que foi quando ela me presenteou com seus diários.

Figura 1 – Diário de Paula



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

maior prazer. Tudo que eu estou te falando está aqui”. Eu, surpresa com a entrega de Paula, disse: “Não acredito! Isso é um presente muito especial!⁸⁴”.

Esse acontecimento demarcou uma característica importante em trabalho de campo: a imprevisibilidade dos dados coletados e como é o campo que apresenta os

indícios investigativos que norteiam os trajetos do pesquisador. Fui em busca de uma entrevista com uma interlocutora especial e singular (justificarei essa definição nas próximas linhas desse texto) que fluiu bem, discutida com muita profundidade e intensidade, mas deparei-me com um outro material também singular, assim como excêntrico e “transgressor”, que “transformou a paisagem” de pesquisa e ofereceu-me a possibilidade de cartografar sentimentos através de uma escrita autobiográfica produzida nos textos dos diários redigidos por ela. Percebo que meu campo de pesquisa ofereceu-me uma “caixa de ferramentas”, como designa Gilles Deleuze (1998), dentro da qual não busquei de uma “chave” que me permitisse abrir as portas e janelas de um mundo que não é o meu (os afetos de jovens com experiência de moradia de rua) ou de métodos convencionais de coleta de dados, mas sim que me oferecesse ferramentas diferentes e possíveis que se encaixassem no desvendamento do caleidoscópio de emoções que circundam o modo de vida desse grupo de jovens. No entanto, debruçar-me-ei nos diários de Paula, em um diálogo fecundo com suas palavras e emoções, que foram por mim decodificadas, privilegiando o seu texto e a sua narrativa autobiográfica.

Paula escreveu, durante os anos de 2008 a 2010, cerca de 220 páginas em dois cadernos contando suas experiências amorosas e sexuais vividas no tempo em que esteve morando em um abrigo. Em seus escritos, ela narra histórias dando destaque a três relacionamentos. Muitos encontros aconteceram nesse abrigo de forma secreta, longe dos olhares dos profissionais da instituição e dos outros jovens. Na “calada da noite”, os quartos transformavam-se em “ninhos de amor” ou em

⁸⁴ Trecho de entrevista com Paula, realizada no dia 24 de junho de 2011.

lugares de consumação de desejos sexuais. Nessa instituição, cada quarto era ocupado por dois jovens, o que favorecia essa prática secreta. Os profissionais da instituição (educadores sociais e assistentes sociais) não censuravam os namoros, mas estabeleciam normas e regras que proibiam encontros noturnos nos quartos. Essa desautorização, provavelmente, produzia um desejo de transgressão. Todavia, os jovens abrigados nessa instituição transgrediram muitas regras para viver suas histórias afetivas e sexuais.

Os diários de Paula são povoados por narrativas marcadas pela expressão de emoções caleidoscópicas demasiadamente íntimas e pessoais, que ressoam um tom muitas vezes melancólico, em uma orquestra de sonoridades sentimentais. Nas próximas páginas, apresentarei essas linhas afetivas, bem como a trajetória de vida dessa singular narradora, começando com o relato sobre suas experiências que não foram descritas nas linhas do diário, mas que foram contadas na entrevista realizada. Os traços iniciais que delineiam as histórias contadas e escritas por ela iniciam-se, segundo um pedido meu, com uma descrição de sua vida familiar e de sua trajetória nas instituições de acolhimento infanto-juvenil, portanto, nos abrigos onde a jovem viveu parte de sua infância e juventude, anterior à vida nas ruas. Posteriormente, debruçar-me-ei sobre os relatos de suas histórias de amor, utilizando trechos dos diários para o entendimento da construção das narrativas amorosas dessa jovem que, nessa pesquisa, segundo um de muitos desejos e confidências reveladas, pediu-me para nomeá-la de Paula.

4.1. Traços de vida.

Conforme os caminhos que são percorridos na trajetória de jovens com experiência de moradia de rua, Paula intercalou momentos de inserção em instituições e na rua. Na sua infância, aos 6 anos de idade, ela e três irmãos mais velhos moraram em um abrigo específico para o atendimento de crianças, pois sua mãe, alegando viver em uma situação de extrema pobreza, declarava não ter como criá-los. Ela não condenou a atitude da mãe de forma negativa e considerou que ela

não a abandonou, pois, como relata “ela me deixou lá sabendo que lá era seguro, que eu não ia passar fome, que não ia passar sede, que eu tinha vestimentas, que tinham pessoas que me amavam⁸⁵”. Paula tem ao todo dez irmãos e é a quarta filha de uma mãe que teve seus filhos com diferentes companheiros. Ela e os irmãos possuem uma extensa trajetória na rua. Podemos dizer que quase todos viveram, e ainda vivem, nas ruas, seja morando, trabalhando, pedindo dinheiro ou realizando programas sexuais. Parte de seus irmãos são conhecidos de muitas pessoas que atuam no cenário de crianças e jovens moradores de rua em Fortaleza, sejam eles os agentes institucionais ou os frequentadores ou comerciantes que trabalham no centro da cidade ou nas praças nas quais durante muito tempo os jovens estavam concentrados. A mãe de Paula recebia, e ainda recebe, subsídios financeiros dos programas sociais de transferência de renda e trabalha eventualmente realizando alguns “bicos” como vendedora de bebidas em eventos públicos. Por causa dessa instabilidade, a família morou em diferentes bairros da cidade, em casas pequenas e de estrutura precária, o que provavelmente fez com que essa mãe recorresse a abrigos, encaminhando os filhos para esses serviços. A partir dessas situações, as crianças foram, com o tempo, “espalhando-se” pela cidade.

No ano de 1998, Paula e seus irmãos passaram a morar em um abrigo bastante conhecido por ser uma instituição que desenvolve um atendimento para adolescentes em forma de “internato”, em virtude de manter uma escola em tempo integral na qual os jovens estudam e moram. Ela disse-me que não achava ruim morar em abrigos, pois preferia ficar neles do que nas ruas. Desde muito pequena ela recorda que sua mãe levava os filhos para pedir esmolas, recolher latinhas de alumínio para reciclagem, trabalhar vendendo “bugigangas” ou para ajudá-la quando ela vendia bebidas nos eventos públicos que aconteciam no centro. No abrigo, segundo seus relatos, existia mais conforto e a jovem sentia-se protegida, além de poder estudar, coisa que sempre gostou de fazer, conforme afirmou. Dessa forma, Paula concluiu o ensino fundamental enquanto viveu nesse segundo abrigo. Com o tempo, os irmãos de idade mais avançada saíram da instituição, em decorrência da idade limite de atendimento, e sua outra irmã foi expulsa por mau comportamento. Diante disso, os irmãos não voltam para a casa da mãe e começam a viver pelas ruas da cidade, perambulando e experimentando as modalidades legais (outros

⁸⁵ Trecho de entrevista com Paula realizada no dia 24 de dezembro de 2011.

serviços de atendimento a população moradora de rua) e ilegais (roubos, assaltos, comércio de drogas e de sexo) que compõem o cenário de vida nas ruas. Os encontros dos irmãos na rua eram eventuais, pois eles pertenciam a lugares e grupos diferentes. Paula viveu menos de um ano sozinha no abrigo antes de sua saída definitiva.

Quando completou 14 anos de idade, ela decidiu sair do abrigo, pois, segundo ela: “eu estava determinada a não ficar mais lá, porque já tinha dado. Eu tinha muitos sonhos⁸⁶”. A jovem destaca que a vontade de sair do abrigo também estava relacionada à sua orientação sexual. Paula afirma que desde pequena, antes mesmo de sua primeira experiência sexual com seu tio, ela já sentia atração por meninos. Hoje, com 19 anos de idade, ela foi modificando seu corpo com contornos femininos e transformou-se em uma jovem travesti. Portanto, há trechos apresentados tanto nos discursos de Paula como nas palavras escritas em seus diários, que destacam as ambiguidades e situações preconceituosas que muitas vezes se configuraram como obstáculos para ela viver relacionamentos afetivos e histórias de amor. Marcos Benedetti (2005) ressalta que as travestis vivem um gênero sem limites ou separações rígidas, em um jogo performático, contextual e determinado. Elas criam um feminino construído e definido a partir de uma relação com o masculino. Para o autor, as travestis:

As travestis não desejam ser as mulheres. Seu objetivo, antes, é se sentirem como mulheres, se sentirem femininos. Vivem a experiência do gênero como um jogo artificial e passível de recriação. Por isso, criam um feminino particular, com valores ambíguos. Um feminino que é por vezes masculino. Vivem, enfim, um gênero ambíguo, borrado, sem limites e separações rígidas. Um jogo bastante contextual e Performático, mas também rígido e determinado (BENEDETTI, 2005, p. 132).

É importante destacar que os corpos presentes em todos os momentos do processo de transformação também são reinventados, refabricados, redesenhados. Portanto, segundo Benedetti (2005), seus corpos experimentam as sensações, as práticas e os valores do gênero.

⁸⁶ Trecho de entrevista com Paula realizada no dia 24 de dezembro de 2011.

Nesse jogo de sensações ambíguas e polivalentes, escolhi realizar uma cartografia das emoções apontadas por Paula em seus diários íntimos e pessoais. Poderia dar destaque à sua condição de gênero ou tecer um recorte analítico privilegiando as experiências corporais e sexuais vivenciadas em um universo *trans*, porém, suas narrativas possuem uma entonação amorosa, especialmente através da constituição de um imaginário do amor romântico que percorre as linhas e entrelinhas dos sentimentos constituídos e narrados em seus diários e discursos. Nesse sentido, não há diferenciação de gênero, pois, conforme designa Stendhal (1993, p. 6), “amar é ter prazer em ver, tocar, sentir por todos os sentidos, e do modo mais próximo possível, um objeto amável e que nos ama”. É evidente que não é privilégio de uma condição de gênero. Com relação às práticas, performances e expectativas, podemos considerar que existem diferenciações entre os sexos, especialmente marcados por um imaginário coletivo que designa as atitudes românticas como um *métier* feminino. Ao constituir sua condição feminina, Paula assume e mobiliza atitudes românticas. Mas o sentido dado a uma experiência romântica, quando ela é idealizada pelos indivíduos, pontua a junção de sentimentos, de corpos e de vida, que ultrapassa as diferenciações de gênero, de classe, de etnia ou de idade. Portanto, as razões do amor são significadas pelo próprio sentimento de amar, pela própria existência do sentimento, conforme anuncia Fernando Pessoa: “Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar”.

Pouco tempo depois da saída de Paula, tive meu primeiro contato com ela. Na época, o ano de 2007, eu estava trabalhando na Funci e lembro-me vagamente desse momento, mas a jovem disse que lembrava de mim por eu ser “a pessoa da Funci” que era amiga de sua irmã Natália⁸⁷. Eu tenho lembranças dela como a irmã de Natália, que, certa vez, foi “visitá-la” no Parque das Crianças. Nessa época, Paula tinha 15 anos, conforme relatou, estava vivendo nas ruas do centro da cidade, apesar disso, encontrava-se pouco com os outros irmãos. Para a jovem, “a gente pode aprender coisas boas e coisas ruins na rua⁸⁸”. Com sua saída do abrigo, ela não foi viver com a mãe, pois havia uma ameaça de despejo nessa residência e,

⁸⁷ No capítulo 2, eu narrei um momento sobre a história de Natália relativo ao dia em que seu namorado, Tito, fez um desenho dela e dele na cidade, com seus nomes escritos dentro de um coração.

⁸⁸ Trecho de entrevista com Paula realizada no dia 24 de dezembro de 2011.

dessa forma, o destino da jovem disponibilizou caminhos que a levaram às ruas do centro da cidade.

Inicialmente, ela vendia “bugigangas”, assim como fazia na infância, antes de ir para os abrigos. Com o tempo, aprendeu outras possibilidades de conseguir dinheiro, especialmente na realização de programas sexuais. Foi em decorrência dessa prática que ela conheceu um homem mais velho, um imigrante francês com cerca de 60 anos de idade, como me informou. Paula contou sobre seu interesse por homens mais velhos: “[...] eu imaginava eu andando do lado de um homem mais velho. Eu ia ser importante, né!? Ele ia me ensinar um monte de “coisas sexuais⁸⁹!”. Portanto, a jovem atravessa os percursos iniciais de uma longa trajetória ao realizar os primeiros de muitos programas sexuais com Pierre⁹⁰, o francês que ela conheceu sentada em um banco de uma praça do centro de Fortaleza:

Ai, como que queria ter um homem rico que fizesse tudo pra mim, que me desse tudo, tudo de bom. Aquelas comidas gostosas dos restaurantes. Naquele sol quente, eu vendendo adesivo, às vezes eu chorava, porque apurava cinco reais só e comprava mais adesivos pra vender. Ai eu chorava e ficava pensando, com esse pensamento de querer crescer, de ter um homem que me desse tudo, entendeu!? Aí esse senhor pegou e começou a querer me conhecer.⁹¹

Paula relatou que sua primeira relação sexual aconteceu aos 9 anos de idade com um tio de 14 anos que vivia na casa de sua avó. Quando ficavam sozinhos nessa casa, eles se beijavam e se acariciavam. Ela não considerou essa situação como algo abusivo, pois, conforme me disse na entrevista, ela sentia prazer nesses encontros e só fez sexo com ele (penetração) uma única vez, apesar de dizer que desejou outras vezes. Durante os tempos vividos no segundo abrigo, a jovem teve outras experiências sexuais, que aconteciam na “calada da noite”,

⁸⁹ Trecho de entrevista com Paula realizada no dia 24 de dezembro de 2011.

⁹⁰ Sua história com Pierre é relatada por Paula em alguns trechos de seus diários, que destacam encontros sexuais que aconteciam no apartamento dele. Nessas ocasiões, a jovem recebia algum tipo de recompensa financeira, seja através de dinheiro ou de presentes, como perfumes, roupas, eletroeletrônicos e telefones celulares. Seus textos apontam que os encontros aconteciam nos finais de semana e, nos momentos de desencantamento amoroso, Paula insinua que Pierre representava um refúgio das dores, dos amores e do abrigo que vivia.

⁹¹ Trecho de entrevista com Paula realizada no dia 24 de dezembro de 2011.

ocultadas dos profissionais responsáveis pela instituição, reguladas por regras regidas pelo segredo, pois, como eram atividades experimentadas por muitos jovens, sua revelação poderia comprometer a todos. Ela classificou que viveu “namoros de criança”, portanto, só beijando e abraçando, mas que também fez sexo com outros meninos durante o tempo em que esteve nesse abrigo. Inclusive a sua saída foi condicionada à uma noite que passou com um dos meninos que vivia lá, e declarou que há muito tempo ela sentia desejo por ele, mas que a oportunidade de um encontro não tinha surgido até então. Somente após ele, Paula considerou que chegara a hora de sua saída do abrigo e, dessa maneira, reinicia sua trajetória de vida nas ruas.

Durante três anos, nos quais Paula circulou pelo centro da cidade de Fortaleza, ela realizou programas sexuais como uma atividade financeira e de sobrevivência, conforme declarou. Nessa época, ela começou a usar drogas de todos os tipos e, eventualmente, dirigia-se à casa de sua mãe. Por causa dos programas, ela relatou-me que sempre tinha muito dinheiro e costumava levar parte dele para a sua mãe e os irmãos. Nessa época, ela realizava programas com homens, como em uma relação homossexual, de acordo com o que ela relatou, pois ainda não havia “se transformado na Paula”. Certa vez, enquanto estava na companhia de um grupo de amigas, “rodando bolsinha⁹²”, elas foram abordadas pelos profissionais de um abrigo que as convidaram para conhecer as atividades oferecidas na instituição. Paula, alegando cansaço em viver nas ruas, aceitou a oferta de imediato e, assim, vinculou-se ao abrigo, onde viveu diferentes e intensas histórias de amor narradas a seguir.

4.2 Os escritos de Paula: intensidades, ambiguidades e transgressões.

Despertei um pouco assustada com o movimento que estava indo minha vida. Não sabia mesmo qual era o sentido que eu poderia tomar neste momento. Sabe aquele medo de você fazer uma coisa e da tudo errado? Era isto que passava na minha mente... (Trecho do diário de Paula).

⁹² Termo utilizado pelos jovens para designar o ato de realização de um programa sexual.

Com essas palavras, Paula inicia seu diário⁹³. A jovem começou a elaboração de seus escritos durante o tempo em morou em um abrigo que atende a população de jovens garotos⁹⁴ moradores de rua em Fortaleza. Ela viveu cerca de dois anos nessa instituição, chegando com 16 anos e saindo pouco depois de completar 18 anos de idade. Durante esse tempo, ela teve três namoros, conforme classificou em seu texto, e manteve alguns encontros com o francês Pierre. Nesse sentido, constituirei para cada namoro um tipo-ideal, classificando-os e singularizando-os conforme o destaque das emoções expressadas e sentidos atribuídos por ela no transcorrer de suas trajetórias afetivas e sexuais. Transgredindo a conduta de até então, o nome do abrigo onde as histórias de Paula foram encenadas será revelado por ser ele *locus* de investigação dessa pesquisa e por ter recebido a autorização tanto da narradora como dos profissionais responsáveis pela instituição para essa revelação. No entanto, mantereí o anonimato da identidade dos personagens que protagonizaram as histórias de amor de Paula. Quanto à narradora, por ser ela uma “pessoa famosa”, conhecida dos profissionais e de muitos garotos e garotas envolvidos no universo das políticas de atendimento a jovens com experiência de moradia de rua, talvez seja difícil ocultar sua identidade. Vaidade e ousadia são algumas características que eu e os demais profissionais que conviveram com Paula no abrigo percebemos em sua personalidade. De todo modo, não revelar seu nome verdadeiro não foi um desejo da narradora, mas sim um cuidado da pesquisadora.

João Carlos, o amor perdido.

Os escritos de Paula dão início com as narrativas sobre o romance que teve com João Carlos, um garoto que, na ocasião, tinha 15 anos de idade e já estava morando na Barraca da Amizade quando Paula chegou, aos 16 anos. As páginas seguintes simbolizam artimanhas que a jovem ensejou com a finalidade de obter a confirmação do sentimento do amado. Ela viveu esse relacionamento

⁹³Realizarei a transcrição dos diários da forma como eles foram escritos pela jovem, portanto, sem fazer alterações ortográficas e semânticas. O texto não apresenta uma demarcação temporal contínua. Em determinados momentos, Paula coloca as datas dos acontecimentos e em outros não. Diante disso, os relatos não serão datados.

⁹⁴ Segundo a designação legal da instituição orientada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o abrigo atende adolescentes de 12 a 18 anos incompletos.

atravessada por essa suspeita e isso fez com que se envolvesse com outros garotos no intuito de despertar ciúmes no namorado, conforme descreve em seu diário. Observa-se que outras vezes ela pretendia criar situações para colocar em teste o sentimento de João Carlos e descobrir se ele era similar ao seu, conforme me revelou. Assim, ela descreve:

Quando eu chego na Barraca, tomo o meu banho e fico no quarto, poucos minutos depois ele começa a chamar meu nome, quando abro a porta, ele me pedir dvd pra assistir. “Paula me empresta algum dvd e me arruma um cigarro”. Eu dei o dvd e disse a ele que já iria fumar. Chamei ele e comecei a conversar com ele me acariciando. “João, tu sabe que eu vou pra Recife”, quando inventei essa mentira os olhos dele encheu de lágrima. “O que é que tu vai me dar de despedida, tua boca, teu corpo ou teu amor”, assim que ele fechou a boca eu respondi; “Não sei João! E tu vai me dar o que?” Ai ele me respondeu “Paula eu não tenho nada para te oferecer, eu Paula, não tenho nem aonde eu cair morto”, Ai eu falei bem sério, “Você tem João! Eu só quero o seu carinho e seu amor.” Dai por diante ele ficou sem jeito e foi assistir o filme (Trecho do diário de Paula).

Paula contou uma história, portanto, criou um fato imaginário como forma de saber se o namorado manifestava medo de perdê-la, sentimento esse que ela descreve na seguinte citação:

Ao voltar do colégio o João me chamou pra conversar, daí eu falei na cara dele “Sabe cara, tô te fazendo tanta besteira que eu tenho medo de ti perder”, daí ele ficou calado e entrou em outro assunto. Mas naquele momento sentir uma desconfiança, será que ele gosta mesmo de me? E fui dormir pensando nisso. (Trecho do diário de Paula).

Portanto, a jovem elabora um jogo afetivo próprio para estabelecer intensidades que medem os sentimentos. Paula expressa, em seu diário, sua insegurança e o medo de perder João Carlos, pois como ama o namorado, expressava o desejo de quer possuí-lo inteiramente. Para isso, ela costumava comprar presentes e emprestar alguns objetos, como dvds, telefone celular e dinheiro. Como ela fazia cursos profissionalizantes que destinavam bolsas para os alunos e eram oferecidos por entidades do poder público ou por outras instituições

da sociedade civil, a jovem conseguia guardar dinheiro para suas despesas pessoais. Esses gastos incluíam os presentes para os namorados.

O medo de perder pode ser traduzido no que Roland Barthes (1981) definiu como sendo o “querer possuir”. Em sua obra “Fragmentos de um Discurso Amoroso”, o autor define da seguinte maneira esse sentimento:

QUERER POSSUIR: Ao compreender que as dificuldades da relação amorosa vêm do fato de que ele está sempre querendo se apropriar de um modo ou de outro do ser amado, o sujeito decide abandonar a partir de então todo “querer possuir” a respeito dele (BARTHES, 1981, p. 163).

O medo de perder seu amado namorado também tinha uma relação com a transitoriedade que demarca a permanência de um jovem em um abrigo. De modo geral, os jovens utilizam os serviços destinados à população moradora de rua como uma estratégia de sobrevivência. No caso dos abrigos, eles acessam o atendimento por encaminhamentos realizados pelo conselho tutelar, pelo Juizado ou buscam eles próprios por esse atendimento. Os casos de desligamento são acordados com as instituições citadas ou quando o jovem decide sair do abrigo, voltando, na maior parte dos casos, a viver nas ruas. Situações de mau comportamento ou quebra

grave das regras da instituição são motivos que ocasionam a saída, além do fato de alguns jovens desistirem do atendimento, fugindo ou saindo por conta própria. Observa-se que essas situações acontecem, geralmente, devido ao envolvimento dos jovens em atitudes criminosas ou em decorrências do uso de drogas. Diante desses fatos, Paula sabia que o envolvimento de João Carlos em situações arriscadas poderia provocar a saída dele da instituição. Ela relata que “cobrava” um bom comportamento do namorado para evitar o perigo de separação inesperada. Mas essa preocupação gerava

Figura 2 – Diário de Paula.



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

discussões e desentendimentos, causando brigas frequentes entre o casal. Isso, como escrito nos diários, despertava uma grande tristeza em Paula, conforme indicam os relatos abaixo:

Assim que eu fecho os meus olhos uma imagem bem real me aparece como se eu estivesse assistindo novela e o interessante é que eu era a atriz principal. Nela o João me pegava de jeito, nos trancávamos dentro do quarto e ele começava a me beijar. Sabe aquele beijo ardente diário, que te sufoca de tanto amor, foi assim o sonho ocorrido. Quando me acordo, tomo banho, almoço e vou pro curso, ainda com a mente fantasiada. No curso eu não consigo me concentra, e misturo dificuldade com o sentimentos de perda e de amor, e me emociono colocando todas aquelas gotinhas de sentimentos pra fora. (Trecho do diário de Paula).

As horas se passam e eu só pensava no João Carlos, pois eu tinha certeza que hoje iríamos voltar a falar. Meu coração não para um segundo de palpitar. O tempo passou rápido na oficina de costura. Ao chegar na Barraca me ajitei rapidamente para me encontrar com ele, pois eu estava muito magoada com o que estava acontecendo. Fui pro colégio pensando o quanto este menino estava me fazendo sofrer, não parava um segundo de pensar nele. (Trecho do diário de Paula).

Conforme já dito, a marca de seus diários são os sentimentos amorosos vividos e idealizados nos relacionamentos enunciados. Dessa forma, nesse capítulo, não caberia a tipificação por sentimentos, mas sim pela marca dos relacionamentos, pela forma como a jovem, através de suas narrativas, destacou o feixe de emoções experimentadas. Sentimentos como tristeza e alegria se entrelaçam nos diários de Paula, cruzando-se com outros sentimentos narrados e, dessa forma, são emoções que circundam, que enredam, que estão cravadas em suas histórias de amor e na forma como vivencia suas relações afetivas. Portanto, dependendo da situação vivida na relação, esses sentimentos são ou não despertados.

Na *Ética*, Spinoza (2011, p. 113) revela a seguinte proposição sobre os sentimentos: “Se imaginamos que alguém afeta de alegria a coisa que amamos, seremos afetados de amor para com ele. Se, contrariamente, imaginamos que afeta de tristeza, seremos, contrariamente afetados de ódio contra ele”. Portanto, como postula o autor, as leis e as regras da natureza das quais todas as coisas são produzidas e modificadas são sempre as mesmas. Consequentemente, não há mais

do que uma maneira de compreender a natureza das coisas do que através das leis e regras universais da natureza. Para Spinoza (2011, p. 98):

É por isso que os afetos do ódio, da ira, da inveja e etc., considerados em si mesmos, seguem-se da mesma necessidade e virtude da natureza das quais se seguem as outras coisas singulares.

No caso de seu namoro com João Carlos e dos demais relacionamentos vividos por Paula, as motivações das atitudes e os sentimentos despertados são motivados pelos acontecimentos que envolvem a rotina afetiva do casal e a história de vida de cada um.

Existem pontos similares nos relacionamentos (como sentir amor, raiva, ciúme, alegria, prazer...) que acontecem em virtude das formas como as pessoas elaboram seus sentimentos, do mesmo modo que existem singularidades que são próprias da dinâmica de cada experiência vivida com cada indivíduo único. Durante os seis meses em que namorou João Carlos, Paula narra em seus diários diversos momentos em que pedia para o jovem expressar amor por ela. Percebe-se que esse amor estimulava uma aflição em Paula, não só pelo fato dela desconfiar do sentimento de João Carlos como também de viver sobre a iminência de perdê-lo, seja por falta de amor ou pelo risco iminente de sua saída do abrigo. A narrativa seguinte destaca um evento relacionado a uma viagem que Paula fez durante as férias com os demais jovens do abrigo para uma cidade de praia nas proximidades de Fortaleza. Esses eventos fazem parte das atividades oferecidas pela instituição para todos os jovens abrigados. No caso de João Carlos, ele não participou da viagem, pois foi punido por mau comportamento e, por isso, ficou no abrigo e distante de Paula, deixando o coração da jovem apertado e saudoso, como contam os seus escritos:

Dentro da van tentei ligar pro João e consegui, perguntei ao Ivan se estava tudo ok! "Tá Paula ele está calmo, tu que falar com ele?" então ele passou pro João, "Oi gato, como é que você está? Está fazendo falta? Eu estou com muita saudade de você", ai ele me respondeu, "Eu também", e eu

“Você está fazendo muita falta sim, vem pra cá, pois você está perdendo o passeio.” Dáí falo outra vez “Posso te fazer uma pergunta?” “Sim” “Você gosta de me?” “Gosto Paula” Dai digo pra ele que só irei na quinta-feira e desligo. (Trecho do diário de Paula).

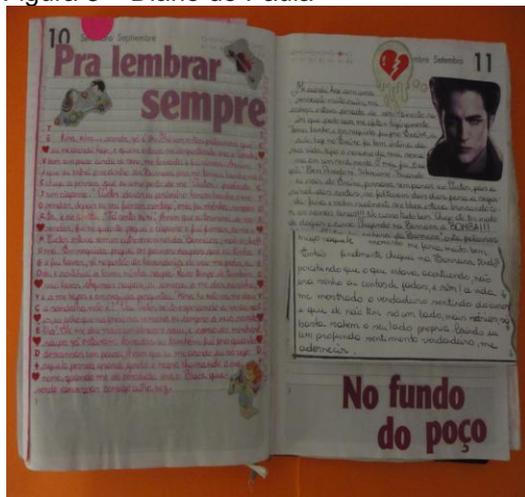
Dias depois, a jovem retorna ao abrigo e continua conversando com o namorado sobre seu comportamento arriscado, que poderia colocar o namoro em perigo por uma possível saída de João Carlos do abrigo. O casal brigava e discutia frequentemente devido a esse motivo. No texto da jovem, existem relatos de desentendimentos que causava angústias em Paula, assim como, despertava uma esperança de que os motivos não se revestiam de grandes riscos e que seriam facilmente contornados no momento do encontro dos corpos apaixonados do casal. Não há destaque de brigas devido a ciúmes, sentimento esse despertado recorrentemente em um outro relacionamento que em breve será apresentado. Em seus diários, ela menciona com frequência o sonho de poder sair um dia do abrigo com o amado e juntos alugarem uma casa. Para isso, a jovem relata que guardava parte do dinheiro⁹⁵ que ganhava e estimulava João Carlos a participar de alguma atividade “legal” que proporcionasse retorno financeiro. Mas, conforme descreve, o namorado tinha um envolvimento com o tráfico de drogas, que gerava dinheiro apenas para que ele continuasse consumindo as substâncias entorpecentes, ao mesmo tempo em que colocava sua vida em perigo em virtude de dívidas contraídas. Essas situações são brevemente apresentadas por Paula, que descreve momentos em que atende ao pedido do namorado, dando-lhe dinheiro para o mesmo pagar dívidas.

Um dia, a jovem teve a confirmação do que pressentia. Ela previa esse temeroso acontecimento, portanto, era um prognóstico anunciado e, de certa forma, as atitudes costumeiras de João Carlos levaram-no a essa situação:

⁹⁵ Em seus diários, não há referências dos programas sexuais que realizava na época. Foi por fazer parte desse circuito que Paula foi acolhida pela Barraca da Amizade. Na entrevista realizada e em conversas informais, ela reconhece, sem constrangimentos, que faz programas sexuais e que eles trazem bons retornos financeiros, importantes para ela complementar sua renda. A frequência em cursos profissionalizantes acontece pelo fato da jovem considerar que sente prazer e que são atividades interessantes e importantes para ocupar o tempo livre. Portanto, Paula frequentava os cursos durante do dia e à noite ia para a escola.

Chegando na Barraca a BOMBA!!! “Paula, o João Carlos foi embora da Barraca”, estas palavras saíram da boca do Joelson, adolescente morador, com o meu coração saindo pela boca e gelada e sem noção comecei a procurar ele, quando o Vagner, o educador, falou. “Para Paula! Você não vai encontrar ele”. Sai correndo pra dentro do quarto e me encontrei em um abismo sem saída a onde só tinha lágrimas a onde elas eram alimentadas pelos bons momentos com o João, chegando até não acreditar que aquilo estaria acontecendo. Naquela hora eu não conseguir encontrar a Paula ao meio de tanta tristeza e solidão. E ao me perceber que eu era a Paula já era tarde demais, pois eu já tinha tomado um monte de comprimido querendo naquele momento encontrar o caminho da morte, sabendo que não seria ali que eu encontraria o meu amado. Deitada em uma cama sem forças físicas e sentimentais eu sofria cada e a cada minuto sem uma notícia dele, meu coração ia sendo cortado em pedaços. (Trecho do diário de Paula).

Figura 3 – Diário de Paula



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

Assim, a dor parece tomar conta do corpo e das emoções de Paula, que anuncia não desejar viver em um lugar onde não encontraria o seu namorado e, portanto, ela declara que sua vida tinha perdido o sentido. Barthes (1981, p. 27) compreende que a ausência é todo episódio que põe em cena a inexistência do objeto amado, independente da causa e duração, e com isso, “tende a transformar essa ausência em prova de abandono”. A tristeza de Paula é um sentimento em

destaque nas páginas seguintes de sua história de amor com João Carlos. Ela considerava que ele tornava a vida no abrigo mais feliz e descreve que preferia ficar mais tempo no curso ou na escola do que na instituição, após a saída do namorado. A jovem também ficou com receio de que essa distância pudesse decretar o fim do relacionamento com João Carlos, pois agora eles não se encontravam a toda hora, ela não tinha pressa em voltar para o abrigo para revê-lo após as atividades que fazia fora. Não poderiam mais fumar cigarros juntos e não dividiam mais os acontecimentos que pontuavam o cotidiano de cada um. Após narrar que sofreu e chorou muito, o que ela mais sinalizava como um desejo a ser saciado era reencontrar João Carlos e, dessa forma, saber como ele estava e que rumo o

relacionamento iria tomar. Assim, relata o dia em que conseguiu, com a ajuda de um educador social do abrigo, falar ao telefone com João Carlos e combinar um encontro:

Poucos minutos depois escuto a voz do Johnny me chamando “Paula, Paula, o João disse que já já ira ligar pra falar contigo”, com essa notícia meu coração cesou de sofrimento por alguns minutos. Depois de um bom tempo o celular toca, e eu desesperada atendo “Alô! João?, ai ele me responde “Paula como é que você tá?” “Como é que você acha que eu estou depois de tudo o que aconteceu, João eu estou muito mal pra caramba.” Pois é né Paula, como é que a gente pode de encontrar, pois preciso tiver, falar contigo.” “Venha aqui, passarei o final de semana todo aqui na Barraca” Falando isto ele me avisa que os créditos iriam acabar, então a única coisa que saiu da minha boca e de dentro do meu coração, com o resto de forças da minha alma foi “João, te amo, te amo muito, preciso de você aqui perto...” dai ele me responde, “Obrigado Paula, eu também te amo.” Desligou ou caiu. Neste momento eu tinha suprido todas as minhas dores da vida com os sentimentos do João, pois no momento que eu preciso dele, ele mesmo procurou saber como eu estava, e se declarou para me do seu amor, não aqueitei e comecei a chorar, as lágrimas naquele momento cada uma tinha sentido, uns caiam de dor por não está perto dele na hora em que ele saiu da Barraca, e outras lágrimas caiam de alegria, de eu ter escutado a voz dele dizendo que me amava. (Trecho do diário de Paula).

Nesse trecho, a jovem revela que um contato telefônico que possibilitou a ela ouvir a voz de seu amado, portanto, um fragmento dele, de seu corpo, foi importante para ela saciar o desejo de ter, de alguma maneira, o amado perto novamente. O anúncio da frase “eu te amo” é um “grito de amor”, como designa Barthes (1981), que não possui nuances, dispensa explicações, organizações, graus e escrúpulos, segundo define o autor. Para os amantes, é uma prova de entrega, de aproximação, uma expressão pronunciada de forma imprevisível e irreprimível. Barthes (1981) destaca que essa expressão não é um sintoma, mas sim uma ação que pede uma reação representada pela resposta: “eu também”. Portanto, a resposta da expressão “eu te amo” não ocorre pelo raciocínio, mas, conforme assinala o autor, pela surpresa. Segundo o trecho acima, foi essa a resposta que João Carlos deu ao “grito de amor” de Paula.

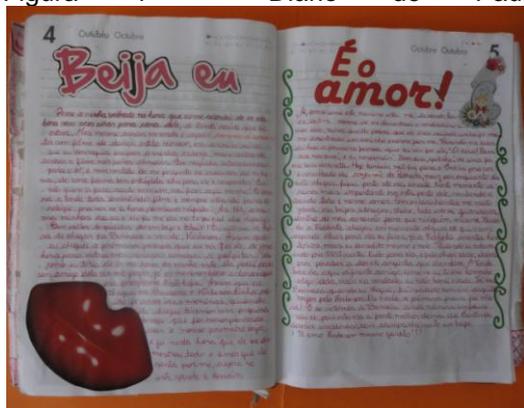
Os jovens se encontraram e Paula mais uma vez revelou-se apaixonada pelo namorado e pediu para que o namoro não terminasse. João Carlos concordou e

disse que ficaria visitando a namorada nos finais de semana ou quando pudesse vê-la na Barraca da Amizade. Paula esboça, nas páginas seguintes, a esperança dos futuros encontros, mas, com o tempo, esse desejo diminui e ela narra seu interesse por outros garotos que a paqueravam. Como em um salto de tempo, João Carlos deixa de protagonizar as narrativas amorosas de Paula. Outros envolvimento afetivos e sexuais acontecem com outros jovens moradores do abrigo, mas o coração dela, como declara, volta a bater novamente por um outro garoto, que logo passa a assumir o papel principal das cenas vindouras. Conforme já foi dito, a marca dos diários de Paula são os sentimentos amorosos vividos e idealizados nos relacionamentos citados em seus escritos. Portanto, após a demarcação textual – e vivencial – de um “amor perdido”, Paula anuncia a chegada de outra denominação afetiva que tece um novo fio de sentimentos amorosos em sua trajetória.

Elder, o amor desilusão.

Eu não sabia destique o que estava sentindo naquele momento, só sabia que eu estava, muito + muito feliz de esta perto da pessoa que eu comecei ama, sabendo que ele também me amava de verdade. O dia hoje foi maravilhoso passei o dia todo na companhia do Elder brincando, conversando e a mesmo tempo namorando, pois ele me fazia muito bem. Também entrei no assunto da Renata, como nós iríamos nos comportar diante delas ou das piadinhas. Daí ele me responde “Paula, o que importa e que eu te amo e te quero, só você e mais ninguém”. “Eu também te amo muito, muito mesmo, até parece que nos já conhecíamos a muito tempo. (Trecho do diário de Paula).

Figura 4 – Diário de Paula.



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

Por Elder, Paula relata que sentia um forte amor que fez com que dessem inicio a um namoro logo após ela “ter perdido” João Carlos. Em seus escritos, a jovem conta que, desde a chegada de Elder na Barraca da Amizade, eles já tinham trocado alguns olhares. Na época, João Carlos estava morando no abrigo e Paula declarava-se apaixonada. Sem o ex-namorado por perto, Elder

aproxima-se aos poucos dela, inicialmente sentando ao seu lado na mesa de refeições, convidando-a para fumar cigarros juntos e, posteriormente, combinando de assistir filmes em dvd, aproveitando esses momentos para deitar sua cabeça do colo de Paula e acariciá-la, conforme a jovem descreve em seus diários. Com essas iniciativas do garoto, a jovem não resiste e afirma que logo sucumbiu aos seus “encantos”. Certo dia, ele rouba um beijo dela e os jovens decidem que a partir daquele momento eles formariam um casal. O garoto tinha 14 anos de idade e Paula estava com 16 anos. Apesar de dizer que prefere namorar homens mais velhos, os relatos realizados por Paula em seus diários apontam que os romances vividos no abrigo eram com garotos mais novos do que ela. De todo modo, a jovem revela nas linhas de seus escritos que desde a primeira vez que viu Elder sentiu-se interessada por ele. Como namorava na época, revelou que no futuro gostaria de “ficar” com ele.

A chegada de Elder ao abrigo chama a atenção de outras pessoas que moram ou que frequentam o abrigo. Uma pessoa que logo mostrou interesse em conhecê-lo foi uma amiga de Paula chamada Renata⁹⁶. Como Paula era comprometida nessa época, ela incentivou a amiga a investir em um romance com o “novato”. Pouco tempo depois, Renata e Elder formavam um casal e anunciaram para todos que estavam namorando. As amigas trocavam confidências sobre os seus relacionamentos e faziam planos de saírem juntos para festas ou bares que gostavam de frequentar. Essas saídas idealizadas nunca aconteceram, pois assim que Paula deu por encerrado o “tempo de sofrer” as dores causadas em seu antigo relacionamento, ela e Elder se beijam e declaram-se apaixonados. A jovem narra em seus diários que ficou sem saber como contar esse fato para a amiga, pois sabia que ela sofreria e que poderia terminar a amizade que existia entre elas. Mas a revelação é feita e, como foi pressentido, elas rompem a amizade. Paula relata tristeza com esse fato, ao mesmo tempo sente alegria pelo novo amor. Renata fica chateada com Paula, mas, em virtude da grandeza e intensidade dos sentimentos de Paula por Elder, conforme declara, e de sua reciprocidade, as amigas não demoram a decretar a reconciliação. A amizade de Renata é exaltada em vários

⁹⁶ Renata era uma amiga de Paula que não morava no abrigo, mas costumava frequentar a instituição para interagir com os outros jovens, além de ser atendida no setor psicossocial da Barraca da Amizade. Ao longo dos seus diários, Renata aparece diversas vezes como uma “amiga inseparável” de Paula, que descreve seu bem-querer pela garota em alguns trechos.

trechos dos diários. Antecipo que até os dias atuais elas permanecem tecendo laços fortes de amizade.

A amizade, segundo Ortega (2002), é um espaço de associação do íntimo e do familiar - não necessariamente da família -, designando uma relação que implica compromisso e cumplicidade com o outro. Por possuir um caráter processual e imprevisível, o autor estabelece que a contemporaneidade possibilita criações, rompimentos e inaugurações de relações de amizades variáveis e multifórmicas. É importante destacar que jovens com experiência de moradia de rua são indivíduos que possuem algum tipo de fragilidade ou de rompimentos em suas relações familiares, portanto, o apego às amizades configura-se como formas de vinculação e pertencimento a um grupo social. Dessa forma, as amizades minimizam sentimentos de carência e abandono que podem delinear as emoções dos jovens que vivem nas ruas. Como em toda relação social, o conflito faz-se presente nas relações de amizade entre os jovens, mas não é uma situação que determina o fim da amizade, especialmente se há uma parceria consolidada e demarcada por cumplicidades e eventos compartilhados. Como descreverei, Paula e Renata tiveram muitos desentendimentos, mas nenhum deles fragilizou ou impossibilitou a amizade entre elas.

Paula não começou sua relação com Elder após a constituição de uma relação de amizade com o garoto, assim como aconteceu com João Carlos e com outro namorado. Segundo ela, foi difícil controlar a atração pelo garoto desde que o viu pela primeira vez, pois o que sentiu foi uma paixão repentina logo que seu coração ficou desocupado. Com isso, viver no abrigo tinha voltado a ter um sentido romântico, partilhado por momentos que traziam felicidades e, portanto, fez com que Paula gostasse novamente de voltar dos cursos e da escola para encontrar com seu novo namorado, conforme relata no trecho a seguir:

Mais antes de eu ir para o curso, não conseguir almoçar e pra piorar o Elder deixou eu falando só e começou a conversar com uma menina morte de feia, sabe melhor dizendo Barranga! Ai Nesta hora fiquei louca... Então peguei minhas coisas e sair pra pegar o ônibus, como eu fiquei na parada esperando o ônibus ele foi até o portão me pedir o rádio e o que eu respondi foi "vai conversar mais um pouquinho vai." Mais quando chegou a noite, na hora que todos estavam dormindo, ele veio até a porta do quarto e me deu

um beijo aonde eu me entreguei nos braços dele de corpo e alma. Ficamos se beijando durante uns dez minutos. Nesta hora eu só sentia a mão dele deslizando meu corpo e a boca dele quente invadindo o meu corpo a dentro, me tornando prisioneira dele. (Trecho do diário de Paula).

Tudo que eu tinha desejado estava acontecendo, uma pessoa que me amase de verdade e me desmostrase o que estava sentindo. O nosso amor tá tão forte que a gente não consegue ficar longe um do outro o dia todo, só de pensar que isto estava acontecendo eu ficava triste porquê? Se existe uma pessoa que me ama muito e só quer meu bem. (Trecho do diário de Paula).

Os trechos dos diários de Paula sinalizam o ciúmes que sentia ao ver seu amado conversando com outra pessoa que ela desqualifica chamando de “menina morta de feia” e “baranga”. De todo modo, ela ressalta que, apesar dele dar atenção a uma outra garota, era atrás dela que ele ia no final do dia. Para ela, isso era uma prova de amor, de interesse, do desejo e, sendo assim, Paula estava disposta a se entregar por completo, “aprisionando-se”, designando uma posse de si para com ele. Portanto, o amor novamente acontece na vida de Paula. Dessa vez, ela não desconfiava dos sentimentos do namorado, podendo viver a entrega, a junção das almas e dos corpos, emblemas do amor romântico simbolizados por ela em diversos momentos de seus diários. Com essa constatação, a jovem considera que é chegada a hora de viver uma noite de amor com Elder. Conforme mencionado, os encontros sexuais aconteciam durante à noite nos quartos dos jovens, com a cumplicidade do parceiro de quarto, que “liberava” o espaço sabendo que posteriormente seria favorecido da mesma maneira. Não havia autorização por parte da coordenação do abrigo, portanto, eram práticas transgressoras e sujeitas a sanções quando descobertas que, de todo modo, despertavam e intensificavam os “desejos proibidos”. Sobre a primeira noite de amor com Elder, Paula descreve:

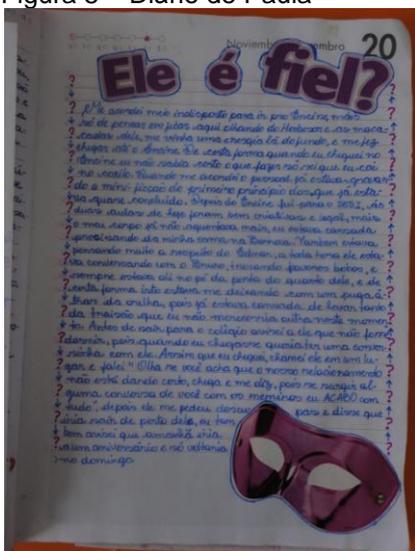
Assim que eu acordei, sair pra fora pra me fumar, em seguida entrei no quarto novamente e perto de eu começar a coxilar o Elder bate na porta e eu corro, pois de certa forma a única coisa que eu queria era sentir o sabor dos lábios dele sobre o meu e foi isto que aconteceu, dei um beijo tão grande nele, e em seguida ele foi ajeitar a janta e como eu não consigo ficar longe dele fui atrás. Depois ele entrou no quarto pra tomar banho e bem de macinho entrei no quarto também e comecei a beijar-lo feito uma louca, mais ele também contribuia me deixando louca de amor, beijando todo o meu corpo. Em seguida saímos e fomos para a cozinha, pois ele tinha caído na escala e sempre eu estava lá ajudando o meu homem. Sem nenhuma

censura ficavamos trocando carícias e beijos ao ponto de fazer amor dentro da cozinha. Mais isto não foi possível, então continuamos. Chegando a uma conclusão os dois, eu já estava prontíssima para fazer amor com ele, pois eu já não conseguia mais tirar este menino da minha vida, e eu não estaria fazendo com qualquer um estaria fazendo com a pessoa que amo. Então ele decidiu limpa e arrumar o quarto deixando ele todo cheiroso, em seguida tomou banho, já eu me perfumei e fiquei linda pois sabia que aquele momento seria especial para nos dois. Então eu esperei todos dormirem e me seguida fui ao quarto dele. Chegando lá me deitei e logo depois ele apagou a luz e começou a me beija como nunca nenhum homem me beijo, como se dois corpos estivesse esperando um o outro, dois corpos se afogando no desejo da paixão, em um fogo de amor inextinguível. Mais a hora que eu mais me surpreendi foi na hora em que ele tirou a minha roupa, eu fiquei morrendo de vergonha, mais ele não me demonstrou nem uma importância, e sim bastante amor pelo meu corpo. Agora sim, eu estava certíssima de que este menino era o meu grande amor que eu tanto esperava ansiosamente. Ao terminarmos de fazer amor, ficamos um bom tempo acariciando o corpo do outro, até apelido eu coloquei no pênis de “Bernadinho” ele achou engraçado, em seguida nós dois caímos no sono feio de amor. Quando me acordei peguei o lençol dele, dei um abraço e um beijo na boca e fui pro meu quarto. (Trecho do diário de Paula).

Os relatos demonstram a construção dos desejos românticos de Paula. A jovem faz uma associação entre a entrega carnal e espiritual em nome de um sentimento intenso que ela acreditava ter sido consolidado. Ela descreve que “estava prontíssima” para “fazer amor com ele”, pois ele não era “qualquer um”, mas sim a pessoa que ela amava. Por declarar seu sentimento ao namorado, sendo ele correspondido, a jovem afirma que chegou a hora de “passar uma noite” com Elder. Com isso, ela entrega-se ao “desejo da paixão”, ao “fogo de amor”, conforme

desabafa em seu diário, consagrando a intimidade entre os jovens a partir de um apelido dado ao “objeto de prazer”, o órgão sexual. Paula considera ter agradado o seu amado, em virtude dele ter achado engraçado o apelido recebido.

Figura 5 – Diário de Paula



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

Suely Rolnik (2006) sublinha que os indivíduos deixam-se “roçar pelo mundo” quando se abrem para encontros, afetando e deixando-se afetar. A natureza dos corpos é dada pelos agenciamentos (os amores e morte, as aventuras e riscos, as práticas afetivas) que o indivíduo faz. A autora compreende, em um diálogo com Gilles

Deleuze, que o movimento dos desejos se dá em um “corpo sem órgãos” que traça “linhas de vida” organizadas em três movimentos: a linha dos afetos – lugar do incontrolável, do invisível e do inconsciente; a linha da simulação – que apresenta um duplo traçado inconsciente e ilimitado, no qual o primeiro traçado vai da invisível e inconsciente produção de afetos para a visível e consciente composição de territórios, e o segundo possui o sentido inverso: vem do visível para o invisível, do consciente para o inconsciente; por fim, a terceira linha designada por Rolnik (2006, p. 51) é a linha dos territórios – linha que “cria roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar afetos”, portanto é finita, visível e consciente. Rolnik (2006, p. 50) destaca que o caráter “double-face” da segunda linha (intensidades/expressão) promove uma negociação entre “o plano constituído pela primeira linha (a dos afetos que nascem entre os corpos, em sua atração e repulsa) e o plano traçado pela terceira linha (a dos territórios)”.

Com relação aos afetos dos jovens homossexuais, percebe-se o transcorrer dessas linhas como uma forma de transgressão que revela ambiguidades, desperta desejos não reprimidos, “nomadizados”, e que são agenciados pela possibilidade de redesenhar trajetos afetivos e sexuais reconfigurados. Paula sabia que seu corpo poderia “intimidar”, por isso surpreendeu-se com o desejo revelado, não contido ou negado de Elder por ela. “Fazer amor” com o namorado consolidou por completo o “tempo de amar”, portanto, o tempo da alegria, da felicidade; e nas páginas seguintes, Paula continua narrando a intensificação de seu amor e do desejo que sentia pelo garoto. Apegada ao sentimento do amor, a jovem demonstra sentir ciúmes do namorado em diversos trechos de seus diários. Barthes (1981, p. 46) sinaliza que o ciúme é um “sentimento que nasce no amor e que é produzido pelo medo de que a pessoa amada prefira um outro”. Desse modo, quanto maior o amor, maior o ciúme e o medo de perder a pessoa amada. Recém-refeita da perda de um ex-amor, Paula relata que vivia momentos felizes com o novo namorado e não deixaria que “nada e ninguém” atrapalhasse seu relacionamento. Por morar em um lugar que pulsava, dentre outras emoções, um emaranhado de desejos juvenis, portanto, na Barraca da Amizade, abrigo que atendia cerca de 15 jovens em uma única casa e, em uma única vez, possíveis “ameaças” rondavam o seu namoro, conforme relata a seguir:

De uma hora pra outra o Elder apareceu com três chupadas no pescoço. Só pelo meu olhar ele já tinha percebido a minha angústia diante daquela situação a onde quase todos meninos ficava zombando da cara dele. E como namorada me sentia desrespeitada, então chamei ele pra conversar no canto. “Agora me diz Elder tu já viu eu me esfregando e levando chupada dos meninos. Aqui dentro da Barraca?” ai ele responde, “Não Paula! Mais isto foi uma brincadeira, e você agora está levando tudo a sério.” “Estou levando a sério, porque isto é feio para você e de certa forma você desmoraliza nossa relação”. Depois desta conversa as coisas mudou, ele já não falava mais comigo, parecia que aquele grande amor nunca existiu, era como se ele ou eu fosse invisível. (Trecho do diário de Paula).

Para Paula, os desentendimentos colocavam em dúvida o sentimento que Elder dizia ter por ela. Em virtude de sentir-se “invisível”, portanto, desprezada pelo amado, a jovem temia pelo fim do amor. A invisibilidade denota insignificância e rejeição, logo, expressões antagônicas ao amor que causavam o medo de Paula em perder Elder. Sem o amado, ela relata em diversas passagens dos seus escritos que sua vida ficaria sem sentido. A jovem, através de suas narrativas amorosas, relata como seus amores e paixões são importantes para a construção de significados à sua vida, além de ressaltar angústias com relação a não reciprocidade do sentimento do outro. Suas descrições das relações afetivas vivenciadas são perpassadas por sentimentos diversos, do mesmo modo que outros sentimentos se configuram como uma marca de cada história. Paula é uma jovem que se revela ciumenta e descreve situações nas quais esse sentimento foi despertado ao longo de seu texto e em diversas outras relações ressaltadas por ela. As páginas seguintes demonstram que o casal não ficou muito tempo brigado e logo se entendeu novamente. Ela descreve que o abrigo organizaria uma festa para os jovens em que eles poderiam convidar amigos e familiares. A jovem narra detalhadamente como estava preparando-se para o evento e, dessa forma, comprou um vestido novo, marcou um penteado e uma maquiagem em um salão de beleza e criou muitas expectativas com a festa, esperando ansiosamente o “grande dia”, que foi relatado da seguinte forma:

De certa forma percebi que o clima entre a gente não estava muito bom, mais eu só esperava dar as 15h para ir pro salão de beleza fazer penteado. Quando cheguei na Karla logo fiquei angustiada porque ela não estava lá. Mais não desistir fui em outro salão e consegui fazer. Cheguei na festa da Barraca às 20h, pra me eu estava linda, a Renata, a Martinha, o André e o

seu namorado *Ciro* estavam todos presentes. Dançamos, conversamos e enquanto isto eu estava louca para beijar o *Elder* e mostra o meu grande amor por ele, mais não dava, pois a família dele estava presente, mais mesmo assim cheguei perto dele e disse que o amava muito, daí ele me respondi baixinho, “Eu também!!!” Tudo andava normal, até que chegou uma hora que eu entrei no circo e comecei a dançar, poucos minutos depois a *Renata* me anuncia, “Olha *Paula*, parece que o *Elder* esta beijando uma menina”, quando eu olho eu só vejo o *Elder* beijando de verdade a *Jéssica*, naquele momento meu mundo caiu em cima de me deixando esmagada, nem andar eu conseguia, falar menos ainda. Nesta hora só uma pessoa conseguiu me socorrer, *Renata*. “Calma *Paula*, você é forte o suficiente para deixar isto passar”, “Não sei *Renata*, eu quero falar com o *Elder*”. Então ela foi chamar ele para me, quando ele chegou perto de me eu comecei a me tremer. “Como é que você pode fazer uma coisa dessas comigo, eu vir *Elder* você beijando a *Jéssica*” “É mentira” “Como mentira se eu estava lá vendo tudo, você quer que eu chame ela aqui!!!” Desesperada eu sair atrás da *Jéssica*, quando a encontrei pedir pra conversar e perguntei, “Como você teve coragem de me trair desde jeito garota, depois de tudo que eu fiz pra você, deixa de ser cretina, antes você tinha uma amiga, agora você tem uma inimiga”. Sem sentido e com uma dor enorme no coração fui até o quarto dele e joguei a aliança na cara dele, depois dei-lhe um tapa e gritei, “Nunca nunca mais fala comigo e nem sique olha no meu rosto.” (...) Depois de mais de meia hora chorando, me sentindo a pior pessoa do mundo, ele veio me dizer isto, “*Paula* eu quero que você seja feliz, mas quando comecei a te amar, eu estava amando a *Jéssica* também” “Que você e ela seja feliz”. Sair desesperada chorando para me naquela hora a morte era a única solução, cheguei no quarto quebrei tudo, celular e som. Chorando direto e pensando que eu perder a pessoa que eu mais amava, e que nunca mais iria tocá-lá. Poucas horas depois o *Alex* falou comigo que falou com ele e sem seguida me chamou para conversar. “*Paula* eu me arrependo de tudo que eu fiz e do que eu te disse”, “Será, será mesmo!!! Cara eu estou loucamente apaixonada por te, não me deixa”. Passamos alguns minutos sós, rolaram beijos e fui dormir torcendo para que eu não acordasse + (Trecho do diário de *Paula*).

Nesse momento, ver o seu amando beijando outra pessoa representava não só a traição dos sentimentos e da história de amor estabelecida entre o casal, como também desperta em *Paula* um sentimento de decepção que parece causar uma profunda tristeza, aproximando, mais uma vez, o desejo de cessar sua vida. *Spinoza* (2011, p. 144) define a decepção como “uma tristeza acompanhada da idéia de uma coisa passada que se realizou contrariamente ao esperado”. A atitude do namorado estragou a festa de *Paula*, provocando uma noite, outrora tão esperada e preparada, como um momento demarcado pela desilusão. *Elder*, nesse momento, e diante do ocorrido, passa a encarnar a desilusão e a decepção. *Paula* acreditava que o sentimento deles firmou-se de forma diferente, conforme relata em seus diários os dois meses de namoro com *Elder*. Ela considerava que o amor estava consolidado, mas, diante do ocorrido, constata que somente ela estava apaixonada.

As narrativas de desilusão são associadas à vontade de querer morrer que a jovem expressa em diversos trechos do seu diário. A morte simboliza a superação da dor para o morto, da mesma forma que designa a separação definitiva dos corpos. Os amantes, como assinala Barthes (1981), possuem a ideia do suicídio como frívolo, simples e fácil, motivado por uma mágoa mínima que provoca dor e sofrimento. Segundo o autor, “é frequente a vontade de se suicidar no terreno amoroso: uma coisa à toa a provoca” (BARTHES, 1981, p. 185). Para aquele que teve uma decepção com o amado, gerando o desejo de findar a vida, há uma grandiosidade sentimental associada à dor e ao sofrimento, que faz com que a morte seja uma forma de cessar a tristeza. Nesse momento, Paula (re)inaugura o “tempo de sofrer”, demarcado pela desilusão provocada por Elder, e assim relata:

Esta noite foi a pior de todas do ano, e nem um dos dois namoricos que tive não aprontaram uma canalhice igual a do Elder, nunca. Eu passei a noite toda tendo insônias, não sabia se eu estava dormindo ou acordada, mais quando eu percebi que tudo era realidade, não me aqueci e comecei a sentir gotas salgadas com gosto de tristeza saindo dos meus olhos, uma dor tão grande no peito, que eu acho que só arrancando iria parar. Depois de meia hora ajeitando minhas coisas a Renata me liga perguntando se eu ainda iria a praia, responder que iria e que estava ajeitando as coisas. Assim que eu sair da Barraca dei um tchau ao Elder de uma forma, que eu sentir dentro de me, que seria a última vez que eu estaria falando com ele, na mesma hora meu coração começou a bater forte surgindo lentamente aquela tristeza, que invadia sem dó e nem piedade o meu ser. Depois que cheguei da praia, eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser na noite passada, a sena e o porque que eu não fiz nada. Pensava também que nunca mais iria beijar a boca carnuda, sentir o corpo amarelado com pouco musculo, e a chama de prazer que ele me proporcionava. (Trecho do diário de Paula).

Mesmo magoada com Elder, o desejo em querer o rapaz incitava seus pensamentos. Paula declara que ainda amava e desejava o garoto. Ela relata que gostaria que aquele beijo dado por Elder em outra garota não tivesse acontecido para, que dessa forma, eles continuassem vivendo juntos uma história de amor. Mas o desejo é a própria essência do homem (SPINOZA, 2011) e todos os esforços, impulsos, apetites e vontades, que variam conforme as diferentes posições dos indivíduos, os arrastam e os descontrolam para todos os lados sem nenhuma direção. Paula expressa esses desejos e afetos através das linhas de seus diários ao esboçar o seguinte desabafo:

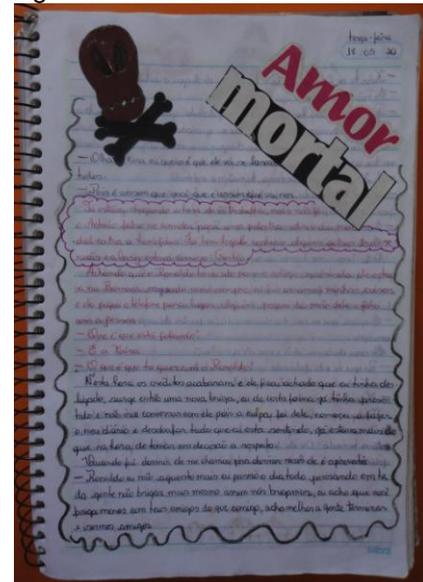
Os calafrios eram de segundo em segundo os meus neuronios já estavam começando a falhar de tanta coisa que eu pensava a respeito de me e do Elder. Meu corpo já não movimentava como antes, meus sonhos viraram pesadelo e toda a comida que eu comia eu passava mal, então parei, sabe, parei mesmo de comer. Se fosse para me adoecer já teria adoecido, mais como a vida é traiçoeira ela queria me mostra em até que ponto eu era forte. Como é que pode uma pessoa a qual te desejava como uma deusa, e de uma hora para outra ela te humilha na frente de todo o teu local de convivência. Eu não entendo. Mas o por que ainda depois de tudo que ele me fez eu fico sofrendo calada, em algumas horas sou super forte e até chego a esquecer, e em outras só penso nos nossos momentos de alegria, amor e paixão e começo a despejar lágrimas sem gosto no meu rosto, me deixando pálida e feia. (Trecho do diário de Paula).

A jovem percebe que a dor da desilusão estava testando a sua resistência, a sua força e, no “tempo de sofrer”, ela considerava que poderia não resistir. Ela decreta o fim do relacionamento com Elder, apesar de confessar que sucumbiu aos afagos e carícias que aconteceram entre eles em algumas conversas de Elder na tentativa de reconquistar a confiança e retomar o namoro. Segundo Paula, o jovem afirma querer ficar com ela, mas não prometia exclusividade. Ela não aceitava essa nova condição, apesar de esboçar uma crença no sentimento de amor de Elder, conforme afirma. Mas ela não concordou com a proposta de ter que dividir seu amado com outra pessoa e, angustiada, desabafa dores e desilusões no trecho seguinte:

Não sei certamente qual é o meu destino aqui na terra, pois cada vez que eu coloco um passo para frente nos meus caminhos me dou mal. Alguns resultados da minha vida me sinto satisfeita, mais na minha parte sentimental, não vejo soluções a não ser sofrer bastante na mão de pessoa a qual se passam ser boazinhas mais na realidade são pessoas que machuca e ferem diretamente os nossos sentimentos. Não sei se por eu ser travesti, eles tem medo do preconceito da sociedade e da família, mais o Elder era diferente, a única coisa que atrapalhou nosso amor foi a família dele, mas de certa forma ele iria passar por cima de todos, ele me dizia, mais não foi isto que aconteceu... Desperta sem destino e insatisfeita com sua própria vida era assim que eu me sentia, não parava um só momento de chegar o dia de amanhã para saber se as coisas continuariam como estavam, mais sabe aquela sensação diário, lá dentro do seu peito, a qual ela nunca te engana. Ela me dizia “Paula você nunca mais ira sentir o amor do Elder, o cheiro, o carinho, os lábios, o toque...” E meu único desejo nesta hora era morrer. Pois sofrer pra me já era rotina, era como se todos os dias eu levasse uma facada no peito. Amor e alegria viraram inimigas, hoje o que me faz feliz mesmo e a tristeza e a solidão de saber que ninguém me ama até o fim (Trecho do diário de Paula).

Os relatos apontam expressões de sofrimento relacionadas à possibilidade de Paula ficar sem o seu amado. Conforme já mencionado, seus escritos sinalizam uma relação próxima entre viver um amor e dar sentido à vida. Sem a pessoa amada, Paula descarta a possibilidade de continuar vivendo e, mais uma vez, anuncia o desejo de por fim à sua vida. Certamente, situações relacionadas ao preconceito sobre a sua travestilidade acontecem com frequência em seu cotidiano. Diante disso, ela considera esse fator para o distanciamento de Elder. Em trechos seguintes a

Figura 6 – Diário de Paula



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

este que foi destacado, Paula revela que, em determinadas situações, acreditava que o namorado “ficava” com outras garotas como uma forma de negar suas relações homossexuais, especialmente para sua família e outros frequentadores do abrigo.

Portanto, Elder e Jéssica iniciaram um namoro e Paula passou a ter que conviver com o casal na Barraca da Amizade. Ela narra um caldeirão de sentimentos vividos nessa época, que mistura amor, desejo, ódio, desprezo, dor e sofrimento, temperado por quantidades excessivas de uma vontade de vingança. E essa foi sua forma de superação da dor e sofrimento, conforme relata, e que desencadeou o trágico fim de seu namoro com Elder: Paula escreve o planejamento de uma vingança. Em Spinoza (2011, p. 149), a vingança é “o desejo que nos impele, por ódio recíproco, a fazer mal a quem, com igual afeto, nos causou dano. Como Elder lhe fez um grande mal, traindo-a na frente de todos os demais jovens e desconsiderando a importância do relacionamento que eles tinham, Paula começou a namorar outro garoto do abrigo como uma forma de vingança contra seu ex. Ela assume em seus textos que estava “usando” esse menino e que desconfiava que isto era perceptível por todos na Barraca da Amizade, mas que não estava se importando, pois esse novo namorado, Luís, era um antigo amigo seu e estava sendo seu cúmplice nessa empreitada.

Paula destaca, nesse momento do diário, sua percepção sobre a vergonha que Elder demonstrava ter em namorá-la por causa do fato dela ser uma travesti. Com relação ao dia em que flagrou o beijo de Elder em Jéssica, ela, após o incidente, considerou que o garoto poderia ter feito isso para enganar seus familiares, que desconfiavam de uma relação de Elder com Paula. Devido ao fato da ambiguidade que circunda o universo das travestis (PELÚCIO, 2004), no qual individualismo e holismo, masculino e feminino, transgressão e repressão, pulsão e contenção, estão enlaçados, pode-se observar um sentimento de reprovação por parte de muitas pessoas. No caso de Paula, ela considerava que o preconceito dos familiares de Elder com o namoro impossibilitou a continuidade do relacionamento dos dois, além do jovem possivelmente sentir-se envergonhado em namorá-la em outros espaços que não fosse dentro do abrigo, portanto, longe dos olhares de outras pessoas, em encontros que aconteciam, sorrateiramente, na “calada da noite”. A vergonha é o sentimento que revela a contenção dos afetos e desejos de alguma ação que imaginamos ser desaprovada pelas outras pessoas, conforme a *Ética* de Spinoza (2011).

Norbert Elias (1993) ressalta que quanto mais a sociedade aumenta a pressão para o controle, a restrição e o ocultamento dos impulsos dos indivíduos, maior passa a ser a importância da família em instituir os hábitos e comportamentos requeridos pela sociedade, especialmente as condutas relacionadas à vergonha e à repugnância. Mesmo por ter laços fragilizados com seus familiares, os jovens com experiência de moradia de rua reconhecem as atitudes que podem causar o desagrado e a desaprovação. Quando estão construindo processos de reaproximação familiar – os abrigos possuem essa tarefa –, tudo aquilo que possa constranger ou desagradar os familiares é controlado, especialmente os assuntos “tabus”, como as questões relacionadas a drogas e sexo. Dessa forma, eles devem ficar situados longe de eventuais polêmicas. Nesse sentido, Elder preferiu não se indispor com sua família, conforme passa a compreender Paula. A proposta de estabelecimento de uma relação ainda mais clandestina foi recusada por ela. Sendo assim, ela decide “fazer a fila andar” e escreve nas últimas páginas sobre seu romance com Elder a crença em um novo e grande amor que logo chegaria.

Ricardo, o grande amor.

O amor de Paula por Ricardo é grande, pois além de ser o mais prolongado, durando oito meses e catorze dias, teve um diário inteiro só para esse romance ser narrado. É um grande amor também por agregar em si todos os outros sentimentos despertados nos relacionamentos anteriores de Paula. Sobre a intensidade desse amor, Paula demonstra ter sido afetada por todos, mas esse amor, segundo seus escritos, é diferente, portanto, a grandiosidade do amor de Paula é marcada não só pela temporalidade, como também pela densidade de sentimentos e de acontecimentos registrados por ela nas páginas do seu diário. Quando realizei a primeira entrevista com Paula, em junho de 2010, ela estava namorando Ricardo e se emocionou muito enquanto conversávamos, pois havia ocorrido, há pouco tempo, um evento que reconfigurou a história de amor do casal, deixando-os mais distantes um do outro e causando uma grande tristeza à Paula. O segundo diário de Paula, cuja narrativa amorosa destaca Ricardo com exclusividade, começou a ser escrito no dia 01 de janeiro de 2010 com as seguintes palavras:

Sabe aquela sensação que sentimos que tudo está errado, uma sensação de mal estar, era isto que eu estava sentindo, vendo aquela queimação de fogos, lembrando momentos e pessoas que ficaram na sua vida, seja elas boas ou ruins, mais o melhor disto tudo e que você aprendeu alguma coisa com elas. Agora para me, já não era tão valioso assim virada do ano, para me o que importava era a saúde, a família, os amigos e as minhas conquistas e superações, pois nem todas as pessoas estavam naquela situação que eu estava. E para melhorar o meu baixo astral as minhas amigas Renata e Kathy me encontraram diante de toda aquela multidão, me sentir muito feliz, pois de certa forma agora não deveria reclamar de nada, mais na verdade eu queria reclamar! Só faltava uma coisa diante de tantas boas, UM AMOR, uma pessoa a qual eu amaria muito. Mais tudo bem, o ano prometi. Passei as primeiras horas do ano passeando com as meninas no meio daquela multidão, brincando, dançando, conversando, colocando nossa alegria para fora, sem falar que a gente entrou no meio da multidão só para ver o show do Forró do Míudo. (Trecho do diário de Paula).

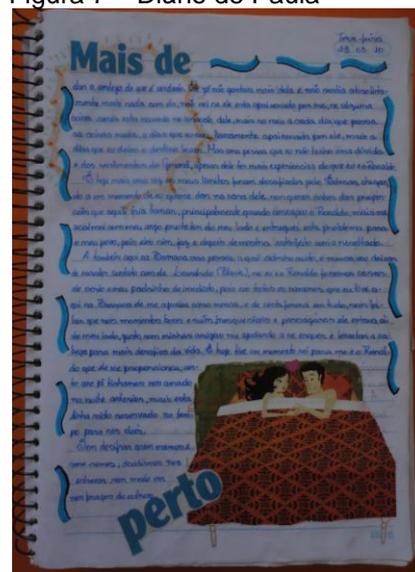
Muitas pessoas ritualizam a chegada do ano novo associando-o à chegada de um novo amor. Paula desejou isso nos primeiros momentos de 2010 e, ao perceber que bem perto dela existia a possibilidade de viver um novo amor, a jovem relata que aos poucos foi cedendo às investidas de Ricardo. Este garoto tinha 16 anos de idade e era um antigo morador da Barraca da Amizade, com quem,

outrora, Paula já havia trocado alguns beijos. Quando Paula chegou ao abrigo, Ricardo já morava lá. Eles logo ficaram amigos e a jovem, em alguns trechos ao longo de seus diários, antes de namorá-lo, mencionava a amizade com ele. Enquanto vivia o sofrimento da desilusão causada por Elder, Paula tentou esquecer-lo na vingança que arquitetou com Luís, ficou com outros garotos não moradores do abrigo e voltou-se para outra preocupação salientada nas páginas de seu diário.

Ela identificou algo estranho em seu corpo e realizou alguns exames achando que era algum tipo de doença sexualmente transmissível e, diante dessa preocupação, relata que ficaria sem “fazer amor” ou programas sexuais até descobrir o que estava acontecendo com seu corpo⁹⁷. Para Paula, “fazer amor” era a atividade sexual realizada com namorados e outros garotos com quem “ficava”, portanto, sem os fins lucrativos gerados pelos programas sexuais. Conforme já mencionei, a jovem não destaca com profundidade a realização de programas sexuais em seus relatos, tendo em vista que o destaque dado nos escritos produzidos por ela é referente a experiências afetivas e sexuais quando namorava e “fazia amor” com os meninos do abrigo. Após saber que, na verdade, Paula tinha um cabelo encravado, conforme mencionou nos diários, ela poderia retomar sua vida sexual ativa e, diante disso, afirma que se deixou levar pelas constantes insinuações de Ricardo. A primeira noite de amor com o garoto, a jovem descreve da seguinte maneira:

[...] na hora de ir dormir o Ricardo foi lá no meu quarto e pediu? - Paula deixa eu dormir contigo fia? - Pode vir, vou só terminar de ler o livro. Poucos minutos depois ele já estava dentro do quarto, se deitou na cama e virou a cabeça p/ o meu lado, eu como não queria ser oferecida fingir dormir e ele na boa começou a me beijar, sem mais e nem menos, correspondir. Quando percebi já estava me afogando no mar do desejo daquele menino no qual só tinha 16 anos, mais já tinha passado muitos maus momentos na vida. Eu

Figura 7 – Diário de Paula



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

⁹⁷ Na constituição de sua identidade feminina, é interessante destacar que Paula faz uso de recursos específicos do universo das mulheres, como procurar um ginecologista para saber se estava com alguma doença sexual, assim como, em alguns trechos dos diários, ela relata o desejo de tomar remédios anticoncepcionais.

como não sou tão fria perguntei se ele estava gostando daquele momento: - Eu Paula estou gostando muito de esta contigo, minha morena. E foi ai que começamos a apimentar mais aquele momento de desejo, me tirando totalmente deste mundo e me levando as alturas do prazer, agindo corretamente. Dormir depois deste momento foi mais prazeroso ainda. (Trecho do diário de Paula).

Depois desse primeiro encontro, Paula descreve que começa a pensar mais em Ricardo e desejar que outros encontros aconteçam novamente. As páginas seguintes narram um clima romântico entre o casal, com beijos roubados, visitas noturnas ao quarto de Paula, que ela define como um “ninho de amor”. Ela explana em diversas páginas e reconhece como o seu quarto era exaltado no imaginário dos demais garotos do abrigo que, assim como Ricardo, desejavam frequentá-lo e usufruir de alguns privilégios que o quarto dispunha, como o cheiro de incenso, o ventilador e os aparelhos eletrônicos de Paula (som, ipod, celular), os cigarros, os presentes, o dinheiro que a jovem costumava “emprestar” aos namorados. O quarto de Paula era o lugar do encontro oferecido por ela em virtude do afeto que sentia, pois seus convidados eram seletos. O seu “ninho de amor” representava o “encontro do transbordamento” do amor e do desejo. Barthes (1981, p. 192) destaca que no transbordamento o sujeito destina obstinadamente “a possibilidade de uma satisfação plena do desejo implicado na relação amorosa e de um sucesso sem falhas e como eterno dessa relação”. É um dar e receber consagrado por encontros de felicidade. No caso de Paula, seu quarto designava o “encontro do transbordamento” quando ela vivia suas experiências sexuais e afetivas com os namorados, assinaladas por momentos de felicidade, pois, segundo Barthes (1981, p. 84), o encontro é quando “a figura se refere ao tempo feliz que se seguiu imediatamente ao primeiro raptó, antes que nascessem as dificuldades do relacionamento amoroso”. Apesar das noites em que chorou e sofreu as dores dos amores perdidos e desiludidos, o quarto representava um lugar de felicidade.

Os dois estabelecem uma rotina para os encontros sexuais, mas, nessa época, Paula considerava que estava namorando o francês Pierre e, diante disso, não poderia envolver-se com ninguém. Ela também decidiu que iria ter um comportamento diferente nos próximos namoros, não se envolvendo tanto, não se apaixonando, como anteriormente, conforme destaca em seus escritos. Ricardo

também não estava solteiro e namorava uma menina, diante disso, Paula lhe faz a seguinte proposta:

- Paula o que era que tu queria conversar? – A você está disposto. – Estou. Fomos para baixo da mangueira e eu falei, “Olha Ricardo, eu estou gostando de você, mais as coisas, nem sempre é do jeito que a gente que, eu tenho namorado e você fica com uma menina, para que a gente não deixe essas pessoas é melhor a gente ter só um rolo, aqui na Barraca é difícil ter um namoro, e olha ninguém desconfia de nada.” Poucos minutos depois ele fala. “Mas Paula eu vou terminar com a menina ai a gente se encontra lá fora.” “Pode ser, mais não estou pedindo para você deixar ela.” “Tu não gosta do nego não né” “Gosto Ronaldo e você não sabe o quanto”. Pedir um abraço o primeiro foi morno, mais depois me abraçou bem forte como se quisesse sentir meu corpo. (Trecho do diário de Paula).

Por ser o amor um movimento que leva uma pessoa a outra, desligando-a de tudo e de todos (SIMMEL, 2004), Paula não conseguiu resistir e assume que se apaixonou por Ricardo. Portanto, contrariando o que havia planejado, foi impossível recontar sua história de uma forma diferente e a jovem estava novamente entregue aos desígnios do corpo e do coração e descreve:

Agora chegou a parte mais difícil do meu dia, estou gostando um tanto muito do Ricardo, que tenho medo de sofrer quando ele for embora, pois a todo momento estou prendendo o verdadeiro sentimento que sinto por ele, vejo ele alegre, brincalhão e muito carinhoso comigo, mais desfarço os sentimentos verdadeiros por ele e soffro. (Trecho do diário de Paula).

[...] no meio da madrugada pensava o porque que ele não veio, tanto que eu pedir, será que ele dormiu ou não queria vir mesmo, não sabia o que pensar, mais, só sentia uma coisa esmagando meu coração e uma dor a qual não sabia controlar, mais de uma coisa estava certa, a pessoa que me amava estava pensando em me, olhei no relógio e já era 1h34. [...] Os raios de sol entrava pela veneziana das janelas, avisando que o dia surgia, pensei em dormir mais um pouco, então só levantei as 9h tomei banho e me ajeitei toda. Assim que eu ia saindo me encontrei com ele: - Paula não deu certo! – É eu sei. Respondi com uma cara desanimada. – Paula, tu pode me dar um cigarro? – Agora não já estou de saída. Ele me olhou com uma cara, que eu passei o resto do dia pensando se eu fiz a coisa certa, algo dentro de me dizia que esta não foi a melhor coisa que eu fiz, e que eu deveria escuta-lo. Pensei também nos momentos que passamos juntos e que de certa forma ele me tratava como se eu fosse só dele, mais algo me deixava em dúvida, pois algumas atitudes me fazia perder o juízo (Trecho do diário de Paula).

Me despertei com uma sensação de desgosto principalmente da parte do Ricardo, meu coração dizia que aquilo iria acabar agora e mesmo sem saber da resposta dele, já começava a sofrer, pensamento por cima de pensamento, chegando a hora de dizer que eu poderia ter evitado mais um, mais como? A resposta iria ser dada. Desde o começo da minha amizade com o Ricardo percebi que iria crescer, mais não chegar a esse ponto, certo que ele me dava cantadas na cara de pau como todos fazem, mais o Ricardo fazia diferente, dentro daquela cantada vinha um pacote; como; amor, carinho, sinceridade, confiança, honesto, respeitado, namorado e assim vai. (Trecho do diário de Paula).

Paula suportou por pouco tempo o fato de Ricardo ter uma namorada, pois quando ficou com ele já sabia disso e não “pretendia” se apaixonar. Ela declara-se tomada pelo sentimento da paixão, porém revela que o amado lhe passava insegurança. Quando estava apaixonada, Paula vivia às voltas do medo de perder seu amor por algum motivo, seja por uma causa interna (o fato de ele deixar de amá-la) ou por alguma causa externa (um motivo que provocasse a saída dela ou dele do abrigo).

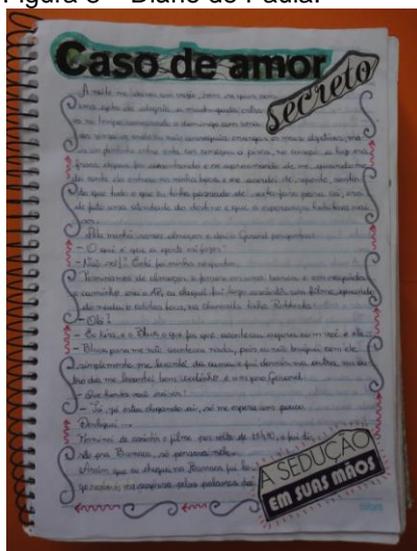
Assim, como João Carlos, Ricardo tinha uma trajetória marcada pelo seu envolvimento com o tráfico e com o uso abusivo de drogas⁹⁸. Essa situação poderia colocar em risco a relação do casal, tendo em vista que a permanência do amado no abrigo poderia cessar a qualquer instante, pois ele poderia sair conforme sua própria vontade ou por quebrar as regras que possibilitavam sua permanência no abrigo. Diante disso, Paula alega que começou a construir estratégias para tornar a Barraca interessante para Ricardo. Uma dessas estratégias era presenteá-lo e amá-lo, demonstrando que a sua vida ao lado dela poderia ser mais feliz. A atração, como indica Spinoza (2011, p. 43) é “uma alegria acompanhada da idéia de uma coisa que, por acidente, é causa da alegria”. Portanto, o lugar de encontro dos jovens era a Barraca e ela tinha que ser atraente para Paula continuar encontrando Ricardo por lá e viverem juntos uma história de amor. De todo modo, é importante ressaltar que suas experiências de moradia de rua os encaminharam para o abrigo, fazendo, portanto, que a rua permaneça, apesar da mediação de uma instituição de acolhimento, um lugar de encontro de afetos.

⁹⁸ Conheci Ricardo durante minhas idas à Barraca da Amizade. Nas conversas que tivemos, ele revelava algumas práticas relacionadas às atividades criminosas e ilegais que, segundo ele, realizava quando estava vivendo na rua. Quanto ao relacionamento com Paula, ele fez poucos comentários, limitando a dizer que ela era “rochedo”, portanto, “gente boa”, legal, uma pessoa de sua estima e consideração.

E como “obra do destino”, foi assim que Paula nomeou o próximo capítulo de sua história de amor com Ricardo, que reconfigurou a relação dos dois, inaugurando um novo e extremo “tempo de amar”. Ao chegar de um curso que fazia fora do abrigo, a jovem surpreendeu-se com uma novidade: Ricardo tinha sido transferido para o seu quarto. A partir de agora, o “ninho de amor” se consolidava como um “paraíso”, muito mais do que um lugar de encontro, mas como o lugar de união que fortaleceria o amor de Paula e Ricardo, segundos relatos da jovem. Deste modo, o casal decidiu designar como namoro a relação afetiva e sexual que possuíam e Paula comunica ao seu diário da seguinte forma:

Me desculpe diário por não está te escrevendo, mas posso dizer que está sendo muito bom o Ricardo morando no meu quarto e meio que já começando uma vida ativa, pois as duas noites que dormimos aqui, dormir juntinho dele, sentindo o cheiro, gosto do corpo moreno dele, os lábios carnudos e as mãos dele tocando meu rosto, sentindo o gostoso prazer de uma pessoa que ama. É também gostoso de saber que o nosso amor é bem passivo quase não temos desentendimento e se temos procuramos logo nos entender é por isto que eu sinto que o nosso amor é uma mistura de PAIXÃO+AMIZADE+CONFIANÇA+RESPEITO+ENTENDIMENTO = AMOR. (Trecho do diário de Paula).

Figura 8 – Diário de Paula.



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

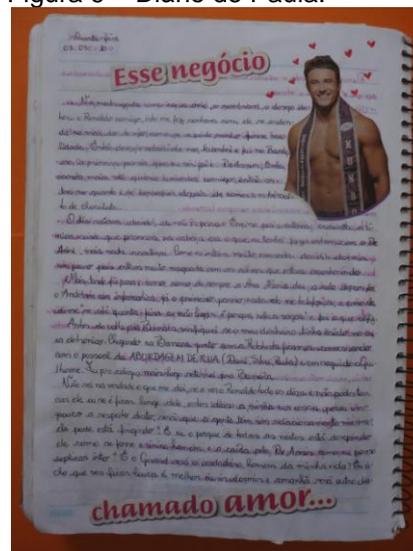
Nesse trecho, a jovem destaca os “ingredientes” que reconhece como essenciais para a receita de uma história de amor. Através das emoções que pulsavam em seu corpo, Paula declarava-se apaixonada e, diante disso, direcionava, sem ressalvas, os sentimentos destacados na consolidação de seu romance com Ricardo, especialmente quando seus corpos entrelaçados “faziam amor”. Para os enamorados, “dormir junto” simboliza o apogeu do encontro do corpo e da alma que o amor romântico tanto busca alcançar. Em suas narrativas amorosas, Paula designava uma

entonação erótica aos encontros afetivos e sexuais que aconteciam no seu quarto. O Erotismo, conforme Bataille (1988), está relacionado a uma concepção filosófica

ligada às angústias do ser, às violências operadas na busca de “desposseção de si” e a um sentimento de obscenidade. Por violência, o autor define “a violência de um ser racional que tenta obedecer, mas que sucumbe ao movimento que nele já se não pode reduzir à razão” (BATAILLE, 1988, p. 35). Portanto, os impulsos produzidos por corpos envolvidos em uma atmosfera de prazer, desejo e sedução, assim como os assinalados no texto de Paula sobre a descrição de seus encontros sexuais no seu “ninho de amor”. Segundo o autor, “o erotismo busca incessantemente fora dele um objecto de desejo. Esse objecto, contudo, corresponde à interioridade do desejo” (p. 25). Ainda ressalta que os indivíduos são seres descontínuos, na medida em que são individuais, diferentes e solitários. Bataille (1988) afirma que entre um ser e outro há um “abismo de descontinuidade”, pois embora o erotismo oponha-se à reprodução, ela é o seu fundamento.

O traço dado através do erotismo sublinhado nos diários de Paula denota as formas como a sexualidade juvenil é (re)significada pelos jovens nos dias atuais. Durante muito tempo, a reprodução inscreveu-se como uma ordem natural do campo da sexualidade. A emergência do sujeito moderno, conforme assinala Michel Bozon (2004), acompanhou-se da autonomização de um domínio da sexualidade diferenciada da pretensão tradicional da procriação, produzindo transformações na sexualidade e em uma nova subjetividade moderna. Assim, as trajetórias e experiências sexuais ampliaram-se e produziram novas formas de constituição dos sujeitos. Em todas as culturas, a iniciação sexual sempre foi uma etapa marcante para os jovens consolidarem a construção sexual do feminino e do masculino (BOZON, 2004). Sexualidades alternativas ganharam visibilidades, biografias conjugais e afetivas se diversificaram e se fragmentaram, especialmente quando trata-se da condição juvenil. De todo modo, por ser a juventude uma categoria comumente tratada como um período de vida marcado pela instabilidade e transitoriedade, questões relacionadas à sexualidade juvenil geralmente são tratadas como irregulares e indefinidas.

Figura 9 – Diário de Paula.



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

Sendo assim, é importante destacar que as “virtuosidades” na trajetória afetiva e sexual de Paula designam não só uma janela analítica sobre questões relacionadas ao corpo e ao gênero na contemporaneidade, mas, sobretudo, abrem portas de entendimento de como essas práticas são experimentadas pelas culturas juvenis nos dias atuais e como são reconhecidas pela sociedade de um modo geral.

Paula proporciona uma série de situações que coloca em discussão questões sobre a condição juvenil, tratando-se, com destaque, aos temas referentes à vida afetiva e sexual na contemporaneidade. Dessa forma, ela parece optar por viver as intensidades contingentes e programas. Nessa etapa de seus escritos, ela narra que, apesar de viver uma história com Ricardo no “ninho de amor”, isto não dava à Paula uma segurança, pois a jovem ainda desconfiava (intensamente) do sentimento do namorado, como descreve a seguir:

Ontem pra me era um dia importante pois faria dois meses que eu e o Ricardo estávamos namorando, saber que dois meses se passaram rápido e ainda um gosta do outro, me sinto feliz, mais de certa forma eu não sei realmente o que se passa na cabeça dele; se ele gosta realmente de me, se a minha companhia o faz bem e o que ele pensa do nosso futuro, nada disso eu sei da parte dele, mais na minha é tudo confirmado; eu o amo, gosto de esta ao lado dele e sempre procuro me entender com ele, seja lá qual for o problema. (Trecho do diário de Paula).

Os relatos amorosos de Paula entrelaçam a felicidade e a angústia, portanto, indícios de alegria e tristeza que delineiam suas interpretações sobre as histórias de amor vividas por ela. Para Roland Barthes (1981), a angústia aflora a imprevisibilidade contingente que é saboreada pelo sujeito apaixonado. Segundo o autor, a angústia é um sentimento que “se deixa levar pelo medo de um perigo, de uma mágoa, de um abandono, de uma reviravolta – sentimento que ele exprime sob o nome de angústia” (BARTHES, 1981, p. 22). É pertinente dizer que os seus relatos foram escritos em tempo presente, enquanto vivia suas histórias de amor durante o período que morou na Barraca da Amizade. Contudo, estão salientadas pelas intensidades imediatas. Paula derrama suas emoções nos seus relatos intercalando sentimentos diversos e, nas páginas seguintes, entre amor e ódio, satisfação e angústia, descreve uma felicidade relacionada a um passeio que realizou com sua

amiga Renata, o namorado dela e seu amor, Ricardo, a um *shopping center* da cidade:

Depois de uma noite de amores e paixão, conversas e entendimentos, chegamos a conclusão de que estávamos brigando por besteiras e fofocas, causada por pessoas invejosas e absiosas, e para que isto não venha nos incomodar mais, fortalecemos os laços do nosso amor com um passeio bem romântico no Shopping. Quando vir aquele grupo de namorados e amigos juntos perceber que o amor e a amizade reinavam ali naquele momento, independente dos defeitos de cada um, ali já não existia animizades e nem brigas, mais o melhor estava por vir, um banquete com carnes, arroz, saladas e uma cervejinha para refrescar a mente e o corpo de tanta tensão. Já na saída do cinema a coisa mudou, era eu com o Ricardo e a Renata com o Jackson, entre eu e o Ricardo já não existia aquele clima chato, pelo contrario ficávamos acariciando um o corpo do outro sentindo aquele desejo espinhando o corpo sem poder fazer nada, só alguns beijinhos daqui e dali descretamente. Já a Renata e o Jackson não posso dizer o mesmo pois minha amiga lutou bravamente com forças e garras para conseguir pelo menos um selinho do seu amado, mais mesmo assim ela não desistiu da guerra. (Trecho do Diário de Paula).

Vivendo um momento repleto de felicidades ao lado do amado, Paula começou a planejar um futuro ao lado dele. Ambos sabiam que o período em que estavam “morando juntos”, especialmente quando começaram a dividir o mesmo quarto, era algo temporário, pois logo completariam 18 anos de idade e teriam que morar em outro lugar⁹⁹. Paula demonstra em seus relatos uma grande preocupação com a proximidade de sua maioridade, pois ela era um ano mais velha do que Ricardo, sendo assim, poderia sair antes dele do abrigo. Além disso, a jovem estava completando um curso profissionalizante de corte e costura e pretendia buscar trabalho nessa área, bem como economizava dinheiro para utilizar no dia que chegasse o momento de sair da Barraca da Amizade. Por acompanhar a rotina institucional do abrigo, percebi que existia uma grande expectativa dos profissionais da instituição em relação aos objetivos que Paula estava traçando para sua vida, e eles estavam dispostos a ajudá-la no momento em que a jovem tivesse que reestruturar sua vida em um outro lugar. Paula só não ficava mais entusiasmada

⁹⁹ É importante destacar que os jovens não são desligados do atendimento no dia em que completam 18 anos. Anterior a essa data, a instituição inicia um trabalho de aproximação familiar mais intenso, quando ela é possível, ou buscam outras formas de moradia para os jovens, incentivando e subsidiando, quando isso for possível, que eles tenham suas próprias casas, quando não, articulando parcerias com outros familiares ou amigos.

com sua saída da Barraca caso Ricardo não fosse com ela. A jovem tinha planos de alugar um lugar para continuar vivendo sua história de amor, que nesse momento a deixava muito feliz, conforme narra a seguir:

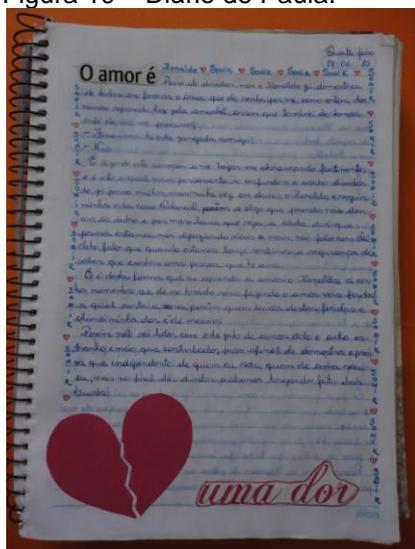
Pois o que eu sentia naquele momento era uma imensa energia de amor e compreensão sobre o meu corpo, esta perto do Ricardo esta sendo mais do que nunca prazeroso, dormir com ele todos os dias, ops! Nem preciso falar, e vejo mudanças físicas e sentimentais da parte dele. As estrelas no céu surgiram de repente como se alguém lá em cima ligasse elas na tomada, iluminando a madrugada de amor ardente que aqui no quarto habitava, um amor que prosperava um futuro longe do mundo do crime, drogas e ruas, era este meu objetivo para o futuro ao lado do Ricardo. Agora dizer que o medo habitava naquela selva ele habitava de várias formas, mais aos poucos vamos superando. (Trecho do diário de Paula).

Apesar de considerar que estava feliz nesse “tempo de amar”, Paula nutria uma insegurança com relação ao fato do seu namoro não ser algo assumido publicamente. Eles disfarçavam – mesmo não sendo bem-sucedidos nessa estratégia – para a coordenação do abrigo, os familiares do namorado e os demais jovens que frequentavam a instituição, com receio de serem separados por algum motivo, especialmente com relação à transferência de um deles do quarto que dividiam, caso o romance se tornasse público. Essa declaração é feita pela jovem em seus relatos, portanto, é uma preocupação sua sobre a situação. Dessa forma, para as outras pessoas, Ricardo era um garoto solteiro, e ele reconhecia essa condição, e assumia, inclusive, ao continuar flertando e “ficando” com outras meninas. Todavia, mostrar interesse por outras garotas era uma forma de fugir de possíveis estigmatizações que seu relacionamento com Paula poderia causar. Diante disso, a jovem narra uma grande surpresa que decretou o fim de dias felizes ao lado do namorado:

Assim que coloquei os pés na Barraca já sentir um frio enorme na barriga só de ver ele sentado no banquinho perto dela, dai não demorou muito pro meu coração dizer que algo estava prestes a acontecer que não seria nada de bom, e foi o que aconteceu, mais antes ele entrou no quarto e teve a coragem de me agarrar e me beijar, depois dessa hora eu estava decidida a não ir para o colégio. Então sair pra fora pra apanhar o ônibus quando do nada ele aparece com ela no portão e nem se preocupa com minha presença e a beija. Nesta hora eu não sentir meu corpo, minha vista ficou

escura e parecia que algo iria acontecer comigo mais respirei fundo e falei pra me mesma: - Você tem que ser forte, pois foi a me mesma que eu prometi em não desabar por amor. Mais aquela cena não saía de forma alguma da minha cabeça, só de pensar que a boca que ela estava beijando eu beijei a poucos minutos me doía o coração, minha alma já não habitava mais meu corpo, os meus lábios se ressecaram, meu cabelo perdeu a maciez e meu corpo ficou gelado, como se eu estivesse perdido a vida naquele momento. Fui até a casa da Renata e desabafei minha solidão e minhas magoas em cerveja, não queria me matar e nem machucar pessoas que não tinha nada a ver mais naquele copo de cerveja estava indo todo o meu sofrimento e desespero de perde mais uma vez um amor que nunca foi meu. Quando voltei não tive coragem de olhar nos olhos dele de forma nenhuma, minha vontade era dormir e me acordo no outro dia renovada, como se anda estivesse acontecido, como se tudo que a gente tinha passado a madrugada tivesse sequestrado e levado pra bem longe. Quando ele entrou no quarto logo soube que era ele pelo cheiro, chegou perto e me falou: - Paula, Paula não quer conversar, então amanhã a gente conversa!!!! Virei o rosto e falei; - Senta aqui!!!! Ele sentou na cama encostando-se nas minhas pernas. – Ricardo tanto que eu pedir, por favor, não fica com ninguém na minha frente, eu não quero mais nada teu só quero que você tenha consideração por me, eu tenho muito medo que tu sofra perto dela e venha atras de me, ai já é tarde demais, ela pode fazer igual a amiga dela que namora o Douglas, ficar com dois meninos ao mesmo tempo, não tá mais gostando de me chega e fala pronto, ai tu vai viver com a pessoa que tu realmente ama. – Paula eu não amo ela. – E por que tu tá com ela? Se você não gosta de m... (ele não me deixou terminar) Me agarrou e me beijou, se eu disse que o beijo não foi verdadeiro estou mentindo, aquele foi o melhor que ele já me deu, mais algo ainda estava naquela cabeça, e eu já tinha dito tudo o que eu tinha pra dizer, so me faltava agora ele fazer a escolha pra vida dele, e o prazo que eu dei foi até domingo. Depois da conversa caiu uma chuva, como se fosse as minhas lágrimas diante de todo aquele sofrimento, mais mesmo assim ele veio dormir na minha cama, e eu digo pra vocês se esta for de ser a nossa ultima transa, ele me realizou, pois me fez sentir muito mais desejada do que as outras, não sei com que palavras eu conte pra vocês, mais que foi bom foi, logo mais a madrugada chegava fazendo duas pessoas dormirem juntinhas depois de tanto sofrimento. (Trecho do Diário de Paula).

Figura 10 – Diário de Paula.



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

Assim, a felicidade sai de cena dando destaque para a dor, o sofrimento, o ciúme, a angústia e a decepção causadas pelo fato de ver seu amado com outra pessoa. A dor descrita era grande, pois, segundo relata, “minha alma já não habitava mais meu corpo”, expressão que assinala um “vazio”, uma angústia. Dessa forma, a jovem megalha em um momento de sofrimento intenso, apesar de alegar que já tinha prometido a ela mesma “não desabar por amor”. Mais uma vez, a jovem sente-se traída e trocada e coloca

em dúvida o sentimento que Ricardo sentia por ela. Afetada pelo descontrole causado pelo prazer que o namorado dava a ela e pelo fato dela ser assumidamente apaixonada por ele, como relata em seus escritos em diversas passagens, Paula não consegue resistir e, pouco tempo depois, entrega-se novamente ao seu amado, recebendo, no ato da reconciliação “o melhor beijo que ele já deu”. De todo modo, ela acreditava que havia uma verdade sobre os sentimentos de Ricardo, demonstrado pela atração de seus corpos, que produziam junção de almas e, para ela, isso representava o amor. Barthes (1981) destaca que a verdade ou a “sensação de verdade” se dá quando um sujeito apaixonado pensa em seu amor, seja por acreditar ser o único a ver o objeto amado “na sua verdade”, seja porque ele define a especialidade de sua existência como uma verdade sobre a qual não pode fazer concessão. Paula declara que o corpo do seu amado expressava a sua verdade. Era nele que ela lia e interpretava os sentimentos de Ricardo. Dessa forma, quando os encontros sexuais aconteciam sem muito carinho, através de “rapidinhas”, ela começa a perceber uma fragilidade no sentimento do garoto, conforme relata a seguir:

Infelizmente posso dizer que a minha relação com o Ricardo não é a mesma, transar rapidinho não é minha praia, fazia isto quando fazia programa, pois na hora era só por dinheiro, mais com o Ricardo não existe isto, pois nós fomos namorados mais de certa forma ele não me trata como namorada, muitas das vezes pensei seriamente em deixar este garoto e viver em paz a minha vida, mas algo fica me prendendo a ele, coisa que até hoje procuro saber. (Trecho do Diário de Paula).

A jovem sente-se fragilizada com as “dores de amor” e, diante disso, decide “viver sua vida” e “seguir em frente”, pois estava se aproximando a conclusão do seu curso de corte costura e ela iria iniciar uma busca por empregos. Esse curso destinava uma bolsa de valor elevado (500 reais), mas com sua conclusão a bolsa seria cancelada, já que ela era um subsídio para que os jovens frequentassem o curso. A partir desse momento, Paula narra uma maratona em busca de emprego e sua apreensão em não conseguir, tendo em vista que essa bolsa era sua principal fonte de renda. Em virtude de um pedido feito por Ricardo, ela não realizava com a mesma frequência programas sexuais, mas essa era uma atividade à qual Paula

Figura 11 – Diário de Paula.



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

sempre recorria quando precisava aumentar sua renda. Em algumas passagens do seu diário, ela narra os pedidos de dinheiro feitos por Ricardo a ela e sua preocupação em atender, mesmo tendo pouco. Ela relata que guardava em um pequeno cofre de cerâmica em seu quarto e que algumas vezes já tinha sido “roubada” e o “culpado” nunca tinha aparecido. Ela não suspeitava de Ricardo e comentava com ele quando sentia falta de alguma quantia.

De toda forma, o que a incomodava, nesse momento, era a possibilidade de não ter

mais renda nenhuma. Paula descreve que, a contragosto, terminou aceitando um trabalho como recepcionista de um órgão público, já que não conseguiu um emprego na área de corte e costura. Ela descreve sua insatisfação com o trabalho, com o namoro e com a sua vida de modo geral nas páginas seguintes de seu diário. Certo dia, é convocada para uma conversa no órgão em que trabalhava e termina sendo demitida. Paula descreve que não entendeu o motivo e que, apesar de não gostar do trabalho, estava lá todos os dias e fazia tudo o que era pedido a ela, mas que à vezes ficava dormindo em cima da mesa e já tinha sido chamada à atenção. Logo após sua demissão, ela decide ir atrás da coordenadora do curso de corte e costura, alegando que não tinha conseguido um emprego na área e pergunta se ela poderia ajudá-la. A coordenadora encaminha Paula para uma cooperativa de costureiras e ela começa no novo emprego. Nesse momento, ela descreve que estava feliz por trabalhar na área que almejava, já que gostava de frequentar o curso e sempre se destacou das demais alunas por causa de suas habilidades e revela que um dia gostaria de ter uma grife de roupas que levasse o seu nome. Certo dia, Paula estava na casa de sua amiga Renata quando recebe um telefonema de Ricardo e o descreve da seguinte maneira:

Por volta da meia noite o Ricardo liga, basicamente conversamos tudo: - Sabe Ricardo se a gente se separasse, eu queria só uma coisa? – O quê? – Que você ficasse no quarto! – Por quê? – Porque quem iria sair do quarto

era eu, e nem tanto do quarto da tua vida também, eu iria sair da Barraca. – Não você não vai fazer isto não. – Mais é melhor para me e para você, Ricardo temos que ver o que queremos para vida. – Eu quero você! – Eu também, mais deste jeito não dar. Ainda conversamos um monte de coisas, fizemos declarações pro cima de declarações e é nesta hora que eu perceber o nosso verdadeiro amor, amor forte que quebra qualquer obstáculo, amor que não consegui deixar o outro viver só e que esta pronto para qualquer coisa para proteger a felicidade que habita entre nós dois: TE AMO RICARDO...(Trecho do Diário de Paula).

Amar, segundo a compreensão de Barthes (1981, p. 97), “não existe no infinitivo (a não ser por artifício metalinguístico): o sujeito e o objeto chegam à palavra ao mesmo tempo em que ela é proferida”. Essa frase foi escrita – e dita – por Paula nas duas histórias de amor anteriores a essa e, certamente, é uma expressão linguística que coaduna com as expressões de sentimentos que a jovem derrama ao viver suas relações amorosas. Em seu texto, a intensidade é uma marca. Paula materializa sua trajetória afetiva no seu diário e no seu quarto. O “ninho de amor” está registrado nas linhas que escreveu durante os dois anos que morou e que se apaixonou pelos garotos que viveram com ela na Barraca da Amizade. Ricardo não é só por Paula reconhecido como o seu “grande amor”, mas também o é pelas demais pessoas que conviveram com a jovem durante os anos de 2008 e 2010 no abrigo, que classificam da mesma forma.

Quando encontrei com ela em junho de 2010, ela vivia esse amor, e seu corpo também revelava seu sentimento, pois, durante o nosso encontro, ela chorava enquanto me contava sobre a sua história de amor na primeira entrevista que realizei com ela. Nessa época, os namorados viviam uma crise no relacionamento, pois Ricardo estava ficando com outras garotas, envolvido em situações arriscadas que poderiam provocar sua saída do abrigo e, para completar o infortúnio que vivia, o “ninho de amor” de Paula tinha sido desfeito: Ricardo foi transferido e estava dormindo em outro quarto e não mais no de Paula. Essa fato foi narrado pela jovem no encontro que tivemos como a maior de todas as suas dores ou, como ela me falou, “a pior coisa que poderia ter acontecido na vida”. Ela contou-me que esse evento dificultaria um momento de reconquista que a relação precisa atravessar, pois, em nome de tanta entrega que ela fazia ao relacionamento, Paula ainda acreditava que o amor deles era importante e que poderia ser refeito, conforme explica:

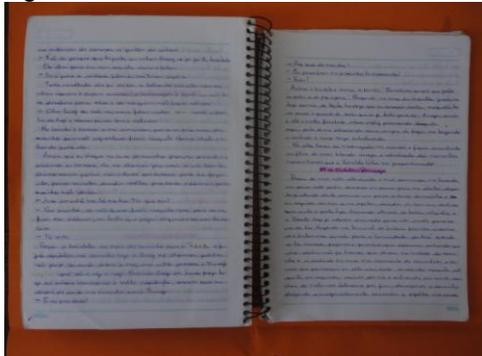
E de certa forma o tempo muda tudo, dependendo da situação ele pode mudar para melhor ou para pior, no meu caso não sei sinceramente de que forma ele está ajudando, mais que está havendo mudança está, o namoro está mais forte e solidificado, a toda hora estamos expondo os nossos sentimentos um para o outro, ou em forma de declarações e carinho. Porém eu não consigo amá-lo como antes, o meu coração esta desaparecendo na medida das presepadas dele, sinto que a minha pessoa já não confia nele como antes e como se eu estivesse preparada para o que virá, a espera da batalha. Nele também ouvi mudança de achar que eu sempre estou disposta para os afazeres dele, e uma sintonia de que ele só pensa nele, enquanto eu fico pensando atordoadamente em nós, mas aos poucos estou virando o jogo. (Trecho do Diário de Paula).

Muitas das vezes me pergunto se é certo o que eu estou fazendo comigo mesmo pois com o Ricardo o nosso relacionamento é diferente tanto ele com eu não fazemos questão de usar camisinha; eu posso dizer que enquanto ele estiver aqui na Barraca debaixo dos meus olhos posso continuar confiando nele, mas o que não apaga da minha memória é o dia que ele transou com aquela monstra até hoje eu sinto nojo só de pensar, mas nada que o tempo não apague um dia. Porém tenho percebido que de certa forma entreguei meu corpo totalmente ao Ricardo coisa que eu nunca tinha feito, medo! tenho bastante, pois acho que se um dia eu fosse contaminada minha vida acabava naquele momento, tristeza não; raiva não; apenas pela ignorância de saber que o amor não é maior que sua vida, apenas ele é um sentimento que todos acham lindo, mais doloroso. As vezes me vem a cabeça de achar que o Ricardo é o homem da minha vida, não posso confirmar, pois vivemos em um mundo pequeno que é aqui dentro da Barraca, o mundo cruel mesmo lá fora esperando o nosso amor endefeso para bombardear, e é nessa coisa que eu penso, acho que ele não terá forças o suficiente para continuar. (Trecho do Diário de Paula).

As crises não foram superadas, apesar de Paula alegar que foi mais compreensiva com Ricardo do que com os outros namorados que teve. Mas essa superação não dependia unicamente dela. Em algumas linhas que são escritas no “início do fim” do seu diário, a jovem acreditava que o casal vivia momentos diferentes em suas trajetórias de vida. Ela já tinha completado 18 anos e, como combinou com a coordenação da Barraca da Amizade, preparava-se para deixar o abrigo. Paula estava trabalhando em uma cooperativa de costura e continuava guardando dinheiro para a sua mudança. Ricardo estava cada vez mais envolvido em situações que ocasionariam, mais cedo ou mais tarde, sua saída do abrigo. A jovem não descreve essas situações, porém Ricardo tinha envolvimento com o tráfico de drogas e estava retornando sob o efeito de substâncias entorpecentes após algumas saídas do abrigo. Ele também continuava relacionando-se com outras garotas, inclusive teve um envolvimento com Renata, o que deixou Paula decepcionada e triste com a atitude da amiga que, conforme relata, era a pessoa

com quem desabafava e a quem recorria nos momentos em que seu namoro atravessava dificuldades.

Figura 12 – Diário de Paula.



Fonte: Diário de Paula cedido à pesquisadora.

Nesse momento, as páginas de seus diários deixam de ser produzidas com o esmero e capricho das anteriores. Não estavam mais “enfeitadas” com recortes e colagens de frases relacionadas ao amor e às emoções ocasionadas pelos sentimentos despertados. Parecia que elas representavam os sentimentos vividos naquele momento de sua trajetória afetiva e sexual. Diante disso,

Paula narra:

Assim que eu cheguei troquei de roupa e o Ricardo me chamou para conversar. – Paula eu tenho um negócio serio para te contar? – Pode falar! – Se você ficar xateada comigo? – Não irei! – Faz alguns dias que eu estou querendo te contar e só agora criei coragem, estou sentindo desejo por meninas e eu quero acabar, pois pretendo não lhe magoar. – Eu já tinha quase a sensação de que isto poderia acontecer, pois de alguns dias para cá você veio mudando bastante. Dizendo todas essas palavras entrei em desespero e as lágrimas começou a sair rapidamente sem parar dos meus olhos. – Então acabou tudo Ricardo, já não tenho mais nada nesta vida, a única coisa era você, os nossos planos, as conquistas eu já não sei mais a quem pedir socorro. – Paula eu estou aqui. – Estava... – Vamos fazer assim, a gente fica ficando. – Como se eu fosse uma rapariga. DESISTO. – Não Paula, só quero que você me compreenda, eu estou falando o que estou sentindo. (Trecho do Diário de Paula).

Com esse decreto, o namoro oficialmente chega ao fim. Paula descreve a dor que inevitavelmente acompanhou esse momento e destaca que o sofrimento era grande demais por ser envolvido pela dor da perda, da desilusão e, por se tratar do seu grande amor, era “a dor mais forte que tinha sentido em sua vida”. Paula idealizou uma vida fora da Barraca com Ricardo, mas as contingências não permitiram. Com o tempo, ambos deixaram de viver no abrigo. Cada um foi para um lado, em situações diferentes e por motivos distintos. Paula foi morar na república¹⁰⁰ da Barraca da Amizade e Ricardo “fugiu” do abrigo. A contingência, como define

¹⁰⁰ A república é um serviço de atendimento aos jovens com mais de 18 anos que saíram do abrigo da Barraca da Amizade e, em virtude deles trabalharem, podem dividir com a instituição os gastos básicos de manutenção de uma casa, como aluguel, energia e alimentação.

Barthes (1981, p. 58), representa os “mínimos acontecimentos, incidentes, entraves, mesquinhas, futilidades, rugas da existência amorosa: todo miolo fatural de um acontecimento que vem dificultar a ambição de felicidade do sujeito apaixonado”. É uma intriga do acaso contra o sujeito apaixonado. Ricardo “fugiu” do abrigo devido a comportamentos inadequados que estavam comprometendo sua permanência na instituição. Paula “decidiu” viver em outro lugar, dando entrada no “mundo dos adultos” e tornando-se “dona de si”, por encontrar-se menos subsidiada, mas não totalmente, da tutela institucional. E, dessa forma, os jovens seguem caminhos diferentes e desencontrados.

Não foi por acaso que, certo dia, Paula, já vivendo sua nova vida na república da Barraca, foi surpreendida por um telefonema de Ricardo. Apesar das dores sofridas, ela ainda amava o garoto, sentia saudades e considerou que ele também sentia o mesmo por ela, como relata a seguir:

Foi nesta hora que a esperança reacendeu de verdade, nós nos amávamos mesmo e se estávamos passando por isto era pelo destino de nós dois que estava escrito assim, tem quase certeza de que um dia desta vida iremos ficar juntos e viver este grande amor. Não vou dizer certamente o que eu sentia naquele momento porém as lágrimas caíam sem eu saber certamente os motivos se era de tristeza por não está perto dele e isto pode ser engano ou de alegria, porque ele se lembrou de me e que a saudade habitava o coração dele. (Trecho do Diário de Paula).

Em diversas passagens dos escritos de Paula, a esperança é um sentimento em trânsito que costura tempos de desencantamentos amorosos. De toda forma, a jovem demonstra acreditar na superação das situações adversas que demarcam sua trajetória. A esperança, segundo Spinoza (2011, p. 143), “é uma alegria instável, surgida da idéia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida”. Assim sendo, a *Ética* dos afetos em Spinoza (2011) designa que a alegria “é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior” (p. 141) e que a tristeza “é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor” (p. 141). Para o autor, as afecções do corpo e as ideais das afecções na mente não são representações cognitivas fragmentadas, portanto, são “modificações da vida do corpo” e “significações psíquicas” dessa vida corporal que se

movimentam afetando e sendo afetadas por outros corpos e, dessa forma, produzem afetos. Paula foi afetada e deixava-se afetar pelas histórias de amor que viveu. Suas narrativas representam um caldeirão, um caleidoscópio, um emaranhando de sentimentos fundidos, transitórios, porém marcados pela intensidade. E, no final de sua história com Ricardo, ela destaca a saudade – o último sentimento cartografado em seus diários – que Spinoza (2011, p. 148) define da seguinte maneira:

A saudade é o desejo, ou seja, o apetite por desfrutar de uma coisa, intensificado pela recordação desta coisa e, ao mesmo tempo, refreado pela recordação de outras coisas, as quais excluem a existência da coisa apetecida.

A saudade é o sentimento que Paula possui sobre o momento de sua vida que passou na Barraca da Amizade, conforme me revelou na entrevista realizada. No nosso último encontro, já morando na república, ela me falou que sente saudades da boa convivência com os outros jovens, com os profissionais e da rotina diária de quando era uma “adolescente da Barraca”. Atualmente, ela tem um novo namorado que mora com ela na república. Os dois trabalhavam juntos – em dezembro de 2011 – na cozinha de uma pizzaria, e a jovem me disse que estava feliz. A última notícia que recebi de Paula foi que ela e sua inseparável amiga Renata foram para São Paulo em um circuito onde o sexo, e não mais o amor, pautaria futuras linhas de um diário íntimo e pessoal.

4.3. Escritos biográficos e narrativas amorosas: tecendo fios de sentimentos.

Os escritos de Paula possuem uma marca que denota um hibridismo de sentimentos e emoções. Ela é uma jovem travesti, que viveu sua infância e adolescência em instituições de abrigamento, conheceu a vida nas ruas envolvendo-se com drogas e apegando-se ao comércio sexual como uma atividade de

sobrevivência. Paula estudou, escreve e fala bem, navega na internet e conhece algumas palavras em inglês e em francês. Seu texto e seu discurso destacam amorosidades por pessoas, lugares, tempos e situações, em um entrelaçamento de sentimentos de alegria e tristeza. Cartografar suas dores e felicidades ocasionadas pela intensidade que dava às histórias de amor vividas na Barraca da Amizade evidencia sentidos que destinava às suas experiências de vida contextualizadas pela sua condição sexual e juvenil. Paula pulsa desejos e sentimentos que são híbridos. Suas linhas enunciam de forma intensa, descontínua e contraditória os caminhos de sua trajetória.

Em seus escritos, ela destaca três relacionamentos afetivos e sexuais que possuem sensações reluzentes capazes de serem (re)significados como: o “amor perdido”, o “amor desilusão” e o “grande amor”. No curso dessas três histórias, a narradora descreve momentos em que esteve na companhia de um homem mais velho do que ela, o francês Pierre, indicando uma relação marcada pela troca de favores sexuais: Pierre dava presentes e dinheiro para Paula passar tardes de sábado ao lado dele. Nesses momentos, a jovem descreve que eles passeavam em *shoppings*, iam ao cinema, jantavam em restaurantes e Paula dormia a noite de sábado na casa dele. Em seus relatos sobre esses momentos, ela aponta existir, frequentemente, o desejo de voltar logo para a Barraca e, dessa forma, encontrar com o namorado da época.

Os diários ainda sublinham visitas que a jovem costumava fazer à casa de sua mãe, especialmente para entregar a ela algum dinheiro e encontrar os irmãos mais novos, pelos quais Paula demonstra preocupação, e desejava que eles não tivessem o mesmo destino que ela e os irmãos mais velhos tiveram: a vida nas ruas e nos abrigos. As últimas linhas relatam os sentimentos por Ricardo, especialmente as dores causadas pela separação e pelo fim do relacionamento dos dois. A Paula que encontrei em dezembro de 2011 estava apaixonada pelo novo namorado e feliz com a nova relação, diferente da jovem angustiada e chorosa que entrevistei em junho de 2010. Quando ela entregou-me seus diários, eu perguntei se a nova história era registrada em um outro caderno e ela me disse que não precisa, pois o amor deles era registrado no cotidiano, a toda hora, sem um lugar específico, como revela a sua narrativa:

Camila: Paula, você me falou que com o Ricardo tinha um “ninho de amor”, como é que você definiria hoje esse seu lugar de encontro com o Eduardo?

Paula: Eu acho que assim, a gente não tem um encontro. Não tem esse canto certo. Tem esse quarto aqui, mas eu não digo que esse quarto é nosso ninho de amor, entendeu. Eu acho que o nosso amor, ele é progressivamente, toda hora a gente tem amor. Não tem só um lugar, toda hora a gente demonstra amor, porque eu acho que o amor, o amor não é sexo. O amor não é você ir lá penetrar e pronto, acabou-se. Eu acho que o amor não é isso. O amor que eu sinto por ele, e ele sente por mim, todo santo dia, toda hora está sendo demonstrado, é com favor, é com uma desculpa, é com uma conversa, é com um beijo. Ele não tem vergonha de mim. Já fomos para praia um monte de vezes. Ele conhece a minha família, entendeu. Isso é o amor que ele demonstra que sente por mim. Já tentamos várias vezes de se separar, mas não se separa, porque, porque a gente conversa, a gente vê o que está errando, a gente olha pro erro, e tenta consertar. Tenta, entendeu, tirar aquela coisa ruim que está atrapalhando nossa sobrevivência. O nosso amor é como se toda hora ele tá sendo. Se ele acordar agora ele dizer: bom dia fia, me dá um abraço, me dá um beijo, é amor, eu me sinto amada desse jeito¹⁰¹.

Embalada pelos afetos de Paula e seguindo o roteiro que uma cartógrafa de sentimentos deve seguir, conforme as orientações de Suely Rolnik (2006), procurei, através das narrativas amorosas dessa jovem, entender os processos subjetivos que orientam a sua condição juvenil. Dessa maneira, percebi como suas teias sentimentais são delineadas por afetividades que (re)desenham sua trajetória de vida, portanto, quis acessar “um mundo que se cria para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 2006, p. 23). Os diários de Paula hoje são “fragmentos de um discurso amoroso”, logo, são pedaços de si, cuja lembrança é a demarcação sentimental, portanto, a “reminiscência feliz e/ou dolorosa de um objeto, de um gesto, de uma cena, ligados ao ser amado, e marcada pela inclusão do imperfeito na gramática do discurso amoroso” (1981, p. 140), como Roland Barthes assinala em sua obra.

¹⁰¹ Entrevista realizada com Paula em 24 de dezembro de 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jovens com experiência de moradia de rua são narradores de histórias e trajetórias que desenham uma paisagem afetiva peculiar da cidade. Seus percursos, conforme sinalizo em passagens recorrentes desse estudo, são demarcados por ambivalências e ambiguidades. Para muitos, a percepção de que eles tecem fios de afetividade e amorosidade por si só representa uma contradição. De modo geral, a compreensão desse grupo social costuma acontecer a partir de trajetórias marcadas pelas situações de violência nas quais estão inseridos. Afasto-me da centralidade da violência pura ao narrar modos de vida nas ruas, apenas faço a opção analítica de situá-los a partir da tessitura de laços de afetividades que, a meu ver, produz possibilidades de fixação à rua e sinalizam expressões de culturas juvenis que demarcam as experiências contemporâneas de sociabilidades desses grupos sociais, especialmente com relação às trajetórias afetivas e sexuais.

Minha intenção ao tecer as considerações finais será construída a partir de uma provocação reflexiva que desponta como uma abertura para desdobramentos analíticos sobre os modos de vida de jovens moradores de rua. A aproximação com uma experiência etnográfica que meu percurso em campo aponta, a partir do que classifiquei como uma observação vivencial, enuncia indícios de que o entendimento da construção da subjetividade desse grupo social acontece através de uma rotina de observação cotidiana factível de intercalar a narrativa dos interlocutores com o da pesquisadora. Para o entendimento da forma como esses indivíduos expressam-se afetivamente, movimento-me por meio de “narrativa das narrativas” dos jovens com experiência de moradia de rua, conduzidas pela observação de suas performances, gestos e comportamentos.

Nesse sentido, opto em retomar algumas questões que conduziram esse estudo na perspectiva de consolidar reflexões que apontem o entendimento de um fenômeno social que não deve ser considerado como um signo da vida moderna. Irene Rizzini (2007) destaca que desde o desembarcar em terras brasileiras da tripulação de viajantes originários da Europa e da África no século XVI, muitas crianças aportaram desacompanhadas de seus familiares, especialmente em virtude

de condições insalubres e conflituosas que provocaram o falecimento de parte da tripulação pertencente às classes populares que chegava ao Brasil em tempos de colonização. Portanto, muitas crianças passaram a perambular e circular sozinhas, o que, conseqüentemente, ocasionou grupos de “pedintes” e moradores nas ruas e de crianças que foram acolhidas pelas instituições que, desde aquela época, possuíam cunho religioso. No decorrer dos tempos, a pobreza era considerada como uma justificativa para o fato de existir um número ampliado de indivíduos moradores de rua, porém, nos dias atuais, devemos considerar que as desigualdades apresentam-se como um dos motivos desencadeadores desse fenômeno social, porém é o supremo, tendo em vista a complexidade da construção da subjetividade dos indivíduos que designam os sentidos de suas trajetórias de vida.

O cotidiano nas comunidades mais pobres das cidades brasileiras é delineado, nos dias atuais, por conflitos em virtude do comércio de drogas e de armas (SÁ, 2011). Por conseguinte, um número expressivo de crianças e jovens envolve-se nessas atividades, o que ocasiona conflitos entre comunidades rivais, assim como entre os integrantes de um mesmo grupo criminoso. Não raro, observa-se nos discursos de jovens moradores de rua que eles são ameaçados (inclusive de morte) nas suas comunidades de origem e isso impossibilita seus retornos a esses lugares, assim como a convivência com seus familiares. Além dos conflitos comunitários, os jovens também destacam os conflitos familiares como situações que tornam o cotidiano tenso para parte deles, sendo assim, a rua passa a representar um refúgio, uma referência de uma rotina menos conturbada do que aquela em que eles estavam acostumados a viver. É importante destacar, também, que apesar dos conflitos com integrantes de suas famílias (que oscilam entre desavenças com padrastos, irmãos mais velhos e com suas mães), os jovens que compõem o universo analítico dessa pesquisa destacam que no centro de seus círculos de afetos, conforme também se encontra assinalado no estudo de Machado Pais (2012) sobre a sexualidade e afetos juvenis, suas mães despontam como a principal referência afetiva.

Além das formas de repulsão ocasionadas por conflitos familiares e comunitários, que fazem com que os jovens estabeleçam a rua como uma referência de moradia, o entendimento da complexidade desse fenômeno social se dá através

da compreensão da esfera subjetiva que passa a apontar a constituição de laços de fixação à vida nas ruas. Percebo que a permanência nas esferas públicas, apesar da rua também ser reconhecida por eles como um lugar de violência, produtora de um cotidiano degradante, ameaçador e hostil, intercorre a partir da constituição de redes afetivas estabelecidas com pessoas, lugares e instituições que proporcionam estratégias de sobrevivência e permanência na rua. Nesse sentido, reafirmo a designação de que a rua é um lugar de encontro de afetos. Conforme assinala Le Breton (2009), as emoções podem ser compreendidas como modos de afiliação a uma determinada comunidade social. Para o autor, cada emoção sentida oferece diversas possibilidades de interpretação sobre o que sentem os indivíduos e o que percebem com relação à atitude dos outros sobre eles. Nesse sentido, esse grupo de jovens define-se como “moradores de rua” ou como os que “vivem nas ruas”, portanto, esses termos são os mais recorrentes utilizados nas narrativas desses jovens ao designarem suas identidades.

A rua possui uma paisagem de sentimentos que consolida formas de construção de significados às trajetórias de vida dos jovens. Esses circulam seus corpos em percursos não estabelecidos por trajetos com começo, meio e fim, mas sim através da experiência que o ato de movimentar-se desencadeia. Contudo, esse grupo juvenil nomadiza o fluxo da vida cotidiana, suas etiquetas e emoções em um movimento desordenado que produz uma temporalidade desalinhada, resultante de experiências singulares e transgressoras que invertem padrões normatizados e normatizadores da vida social. O nomadismo desses jovens também está traduzido em suas vivências afetivas e sexuais, em virtude de adotarem práticas e percepções alinhadas às diversidades e pluralidades de compreensão das experiências relativas à sexualidade e às afetividades nos dias atuais. Todavia, essas dimensões imbricadas designam modos de vida, assim como indicam formas de fixação e sobrevivência, prescrevendo os espaços públicos como lugares de experimentação da vida íntima.

Em decorrência do signo de intimidade proferido ao mundo da rua, portanto, da formação de elementos do campo da subjetividade para o direcionamento de seus trajetos pela cidade, é importante considerar que muitos jovens circulam pelas ruas porque escolheram ou desejaram vincular suas trajetórias

de vida a essa experiência. A condição juvenil na contemporaneidade é demarcada por contingências que desalinham cursos aparentemente regulares devido ao mundo (des)governado por incertezas (PAIS, 2006b) que destinam aos jovens (re) o desafio de elaboração de sentidos atribuídos às suas trajetórias de vida. Jovens que vivem nas ruas recriam mundos a partir de rupturas, efemeridades, consolidações e desejos traduzidos por um sentido próprio, porém transgressor..

Todavia, a vinculação às esferas públicas acontece a partir de um emaranhado de emoções em trânsito que pode estabelecer movimentos de circulação entre os mundos da rua e os mundos da casa. Ressalta-se que, para o público infanto-juvenil morador de rua, são maiores as possibilidades de acesso a serviços em instituições de atendimento do que para o público adulto. Cientes desse fato, crianças e jovens com experiências de moradia de rua agregam às suas trajetórias “entradas” e “saídas” da rua que acontecem de forma frequente em seus roteiros cotidianos. Não podemos dizer que são indivíduos sem vínculos familiares e comunitários, mas sim que possuem conflitos que provocam a convivência esporádica e instável nesses lugares. Nesse sentido, percebo como é complexa a mensuração desse grupo social a partir de enumerações quantitativas, tendo em vista que a maioria encontra-se na rua e fora dela como uma característica que demarca a sua condição nômade.

A circulação como uma marca de suas trajetórias de vida não anula suas vinculações afetivas e sentimentais, pois essas ligações são reveladas em seus discursos e observadas na forma como interagem com as pessoas e os lugares. No entanto, deve-se compreender as vinculações a partir de suas intensidades e da construção de significados que elas conservam na vida cotidiana dos jovens que vivem nas ruas, pois, ao se desvincularem de experiências e situações anteriores, orquestradas no mundo da casa, eles vinculam-se a novas referências que possibilitam modos de permanência a rua. Portanto, essas conexões apresentam-se a partir da dinâmica peculiar dos lugares onde se encontra fixado esse grupo juvenil, que pode apresentar formas ora mais solidas ora mais fluidas, mas que existem e dão sentido às suas trajetórias de vida.

Minha percepção sobre as circunstâncias que denotam um contingente expressivo, porém imensurável, de jovens com experiência de moradia de rua, se

deu, como foi explícito nas páginas anteriores, através da constituição de seus discursos amorosos e de suas trajetórias afetivas a partir de suas experiências de vida nas ruas. Observei que, no decorrer de seus percursos marcados por um onirismo, que pode ser considerado como uma reinvenção da (cruel) realidade na qual estão inseridos, as experiências amorosas, além de estarem constituídas como relações que fixam os jovens a determinados lugares e situações, também representam a elaboração de um imaginário menos drástico, injusto e perverso sobre suas condições de vida. Nesse sentido, a constituição de teias de afetividades e vinculações amorosas engendradas por eles possibilita uma fuga da realidade ao mesmo tempo em que elabora referências afetivas designadas a partir da constituição de redes de acolhimento e pertencimento nas quais eles percebem-se vinculados.

Sobre a forma como atribuem significados às emoções desencadeadas em suas trajetórias amorosas, os jovens que vivem nas ruas sinalizam questões que dialogam com elementos demarcadores dos relacionamentos afetivos e sexuais na contemporaneidade. Amores são vividos de formas “fluidas”, “contingentes”, “erotizadas” e “romantizadas”, nem mais nem menos excêntricas do que as experiências vivenciadas por indivíduos que não moram nas ruas. Em diversas situações, observei que o “amor romântico” situa-se como o ideal de amor a ser experimentado pelos jovens e, diante disso, destaquei as histórias nas quais esse tipo específico de configuração amorosa foi ressaltado nos discursos e nos comportamentos observados em campo. O amor veste-se de um signo impulsionador das relações sociais que estabelece códigos de comunicação (LUHMANN, 1991) mediadores e manipuladores de significados comuns aos indivíduos envolvidos em uma relação amorosa. Sendo assim, apaixonar-se ou namorar alguém que também estabelece a rua como uma referência de moradia torna, desse modo, a permanência nesses lugares mais atraente e interessante do que ficar longe dela.

Nesse sentido, entendo que os afetos de rua são emblemáticos dos modos de filiação e vinculação às ruas, outorgando significados que recorrentemente são imperceptíveis aos olhares estrangeiros, indiferentes e desatentos, que muitas pessoas destinam a esses lugares e às pessoas que

referenciam a rua de forma afetiva. No emaranhado das teias de emoções no qual fixo o meu olhar ao observar os modos de vida juvenis na rua, admito que o exercício do distanciamento, ofício inerente à condição de analista da vida social, portou-se, ao longo de minha trajetória em campo, como o meu maior desafio. Sou assumidamente afetada por suas histórias de vida, em virtude de demarcar que o sentido da produção dessa investigação científica deve ultrapassar a contemplação acadêmica. Dessa forma, confirmo o compromisso político desse trabalho, destinado aos jovens, na perspectiva de possibilitar outras formas de enxergá-los e entender seus modos de vida, assim como aos profissionais que cotidianamente deparam-se com a complexidade e a singularidade de culturas juvenis que desafiam os sentidos da vida social.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 24 no. 70, junho/2009.

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de Rua**: cartografia dos saberes e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens**: novos mapas de afetos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001.

AQUINO, Jânia Perla. **Príncipes e Castelos de Areia**: um estudo da performance nos grandes roubos. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2010.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

_____. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

ARIÈS, Phillipe. **A história social da criança e da família**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ARIÈS, Philipe; BEJIN, Andre (orgs). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brsiliense, 1987.

AS RUAS de Casablanca. Direção: Nabil Ayouch. Produção: Jean Cottin. Marrocos/França/Bélgica: PlayArte, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

_____; BARREIRA, Irllys. **A juventude e suas expressões plurais**. Fortaleza, Edições UFC, 2009.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. 3ª ed. Lisboa: Edições Antígona, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Confiança e Medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **O Narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Editora Marco Zero, 1983.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Compreender. In: _____. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Escrito com o olho – anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e idéias. In: MARTINS, J. de S; ECKERT, C. e NOVAES, S. C.(Orgs.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2005.

BURSZTYN, Marcel (org). **No meio da rua: nômades, excluídos, viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, Helen; BRANCO, Pedro Paulo. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Porto Alegre: Intitudo Cidadania, 2005.

CALDEIRA. Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São. Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CARRANO, Paulo. **Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COHEN, A K. A delinqüência como subcultura. In: **Sociologia da Juventude III**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CORDEIRO, Denise. **Juventude nas sombras**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2009.

COSTA, Eduardo Antônio de Pontes; COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Nem criadores, nem criaturas: éramos todos devires na produção de diferentes saberes. **Psicologia e Sociedade**, vol.20, n.1 Porto Alegre, Jan./Apr. 2008.

COSTA, Sérgio. **Amores Fáceis**: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos Estudos**, 73, novembro 2005.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **A casa e a rua**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAWSEY, John. C. Victor Turner e a antropologia da experiência. **Revista Cadernos de Campo**, USP, São Paulo, 13 (14), 2005.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Lógica do Sentido** 4ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **História do Amor no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no ocidente (1300 – 1800)**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência**. São Paulo, Annablume; Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

_____. **Itinerários de Corpos Juvenis**. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. (org.) **Os sete sentimentos capitais: exploração sexual comercial de crianças e adolescentes**. São Paulo: Annablume, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, Marcel (org). **No meio da rua: nômades, excluídos, viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

FEIXA, Carles. Antropologia de las edades. In: PRAT, Joan; MARTINEZ, Angel (orgs). **Ensayos de Antropologia Cultural**. Homenaje a Claudio Esteva-Fabregat. Barcelona: Ariel, 1996.

FERRARA, Lucrecia. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: EDUSP, 1993.

FERREIRA, Victor Sérgio. **Marcas que demarcam: tatuagem, body piercing e culturas juvenis**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins *et. al.* Repúblicas Estudantis: “a forma mais autêntica de viver o jeito universitário”. In: _____ *et. al.* **Olhares sobre o Norte do Ceará: A contribuição das Ciências Sociais**. 1ª ed. Sobral: Edições Universitárias, 2012, v. 1, p. 13-33.

FORACCHI, Marialice. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: EDUSP, 1972.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. 19ª ed. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANGELLA, Simone N. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua de São Paulo**. São Paulo: Anablume, FAPESP: 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O saber local**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Rocco, 1999.

GOLDANI, Ana Maria. **Família e pobreza no Brasil metropolitano: um balanço dos anos 1980**. São Paulo: Unicamp, 1995.

GOMES, Romeu. **O corpo na rua e o corpo da rua**. São Paulo: Unimarco Editora, 1996.

GRACIANI, Maria Estela S. **Pedagogia social de rua**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. **Leituras do corpo**. São Paulo: Annablume, 2003.

GREGORI, Maria Filomena. **Viração: experiências de meninos de rua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. de Maria Célia dos Santos Raposo. 7ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

GOLDEMBERG, Mirian. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, n.1. v.1, Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora: 1999.

_____. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.** Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

HELLER, Agnes; FEHÉR, Ferene. **A condição política pós-moderna.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

KHEL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA Giselle C; PEREIRA Rodrigo da C. (orgs). **Direito de Família e Psicanálise: rumo a uma nova epistemologia.** Rio de Janeiro: Imago, 2003.

KOWARICK, Lúcio. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. **Novos Estudos**, n. 63, julho 2000.

LABAN, Rudolf. **O domínio do movimento.** São Paulo: Summus, 1978.

LAPASSADE, Georges. “Os rebeldes sem causa”. In: **Sociologia da Juventude III.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração.** A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEVI; SCHMITT. **História dos Jovens I.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

_____. **Adeus ao corpo.** Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 17 no. 49, junho/2002.

_____. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Revista Tempo Social**, São Paulo, USP, abril/2003.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Revista Tempo Social**, São Paulo, USP, Vol. 17, n. 2, novembro de 2005.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La Juventud es Más que una Palabra" In: MARGULIS, Mario (org.). **La Juventud es Más que una Palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARINHO, Camila Holanda. **Jovens Viúvas**: o universo interdito da violência urbana juvenil. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

_____. Desvendando as histórias familiares: o sentido da família e seu lugar na rede de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. In: DIOGENES, Glória. (org.) **Os sete sentimentos capitais**: exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. Marcas do tempo: relatos sobre a morte e o luto para jovens viúvas da violência. In: BARREIRA, Irllys; BARREIRA, César. **A juventude e suas expressões plurais**. Fortaleza, Edições UFC, 2009.

_____. Redes afetivas e culturas juvenis: perambulações de uma pesquisadora. In: BARREIRA, César (org). **Violência e Conflitos Sociais**: trajetórias de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2010.

MARQUES, Ana Cláudia; BROGNOLI, Felipe F.; VILLELA, Jorge Luís Mattar. **Andarilhos e Cangaceiros**: a Arte de Produzir Território em Movimento. 1ª ed. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MEUNIER, Jacques. **Os moleques de Bogotá**. Rio de Janeiro: Difel / Difusão, 1978.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

_____. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOLNAR, Ferenc. **Os meninos da Rua Paulo**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1952.

MONTAGNE, Michel. Da amizade. *In: Os pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1972.

MORAES, Aparecida Fonseca. O corpo prostituído nas práticas discursivas de organização dos direitos humanos. *In: GOLDENBERG, Mirian (org.) Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MURATA, Elza Kioto Nakayama Nenoki. **Em busca da casa perdida**: as vozes e imaginário de meninos de rua. São Paulo: Annablume, 2005.

NASCIMENTO, Elimar. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. *In: BURSZTYN, Marcel (org.) No meio da rua*: nômades, excluídos, viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos *genderizados* sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Estudos Femininos**, Florianópolis, 15(3): set-dez/ 2007.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. *In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.) Culturas jovens*: novos mapas de afetos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Sociedade e infância no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. 2ª. ed. Brasília: Paralelo; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003.

_____. **Ganchos, tachos e biscates**. Porto: Âmbar, 2005.

_____. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Porto: AMBAR, 2006a.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. *In*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens**: novos mapas de afetos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006b.

_____. **Vivências sexuais**: modos e diversidade. 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR492ede2664249_1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.

_____. **Sexualidade e Afectos Juvenis**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Reservados e invisíveis**: o *ethos* íntimo das parcerias homoeróticas. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC; Campinas: Pontes, 2007.

PELÚCIO, Larissa. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 8, volume 15(1): 123-154, 2004.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente de juventude nas Ciências Sociais. Ponto Urbe. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, ano 1, v. 1, 2007.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **O lugar do tempo**: experiência e tradição em Walter Benjamin. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

PULCHERIO, Gilda *et. al.* Crack - da pedra ao tratamento. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, 54 (3): 337-343, jul.-set. 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. **Amor e Justiça**. Lisboa: Edições 70, 2010.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras: 2008.

RIZZINI, Irene. **Vida nas ruas** - crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis? Rio de Janeiro: ED. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SÁ, Leonardo. Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico. In: FILHO, Manoel Mendonça, NOBRE, Maria Teresa. **Política e Afetividade**: narrativas e trajetórias de pesquisa. Salvador/São Cristovão: EDUFBA/EDUFS, 2009.

_____. A condição de 'bichão da favela' e a busca por 'consideração': Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, V. 4, n. 2, ABR/MAI/JUN, 2011, pp. 339-355.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editores: 2008.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione (org.). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos** – filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Hélio; MILITO, Cláudia. **Vozes do meio fio**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

_____. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.32, p.171-188, jul/dez, 2009.

SILVA, Enid Rocha Andrade da. (Coord.) **O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil**. Brasília: IPEA/CONANDA, 2004.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade violenta no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, vol.19, n.1, p 53-84, jan/jun. 2004.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Fragmentos sobre o amor e outros textos**. Tradução Maria José Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2004.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SPOSITO, Marília. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

STENDHAL. **Do Amor**. São Paulo: Martins Fontes: 1993.

TELLES, Vera. **A cidade nas fronteiras o legal e do ilegal**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

TORRES, Anália. Amor e Ciências Sociais. **Revista Travessias**, Edição 4/5, Instituto de Ciências Sociais (ICS), Julho de 2004.

TOSTA, Tânia Ludmila Dias. Memórias das ruas, memórias da exclusão. *In*: BURSZTYN, Marcel (org). **No meio da rua: nômades, excluídos, viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

XAVIER, Natália Pinheiro. **Entre consensos e dissensos – a tessitura do atendimento a crianças e adolescentes em situação de moradia nas ruas de Fortaleza**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Subjetividade e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.

WAIZBORT, Leopoldo (org.) **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WALTY, Ivete. **Corpus Rasurado**: exclusão e resistência na narrativa urbana. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; Autêntica, 2005.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.32, p.157-170, jul/dez, 2009.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **Integração Perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.